

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

JOSÉ IVAN DE OLIVEIRA FILHO

**OS PRIMÓRDIOS DO BOLSONARISMO:
A UTOPIA REGRESSIVA DOS REDPILLS**

**FORTALEZA
2024**

JOSÉ IVAN DE OLIVEIRA FILHO

OS PRIMÓRDIOS DO BOLSONARISMO:
A UTOPIA REGRESSIVA DOS REDPILLS

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Sociologia.
Orientador: Prof. Dr. César Barreira

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- O47p Oliveira Filho, José Ivan.
Os primórdios do bolsonarismo : a utopia regressiva dos redpills / José Ivan Oliveira Filho. – 2024.
261 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2024.
Orientação: Prof. Dr. César Barreira.
1. bolsonarismo. 2. cultura política. 3. antropologia política. 4. extrema-direita. I. Título.
CDD 301
-

JOSÉ IVAN DE OLIVEIRA FILHO

OS PRIMÓRDIOS DO BOLSONARISMO:
A UTOPIA REGRESSIVA DOS REDPILLS

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. César Barreira

Aprovada em 10/06/2024:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. César Barreira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Valmir Lopes de Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Fabio Gentile
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Francisco Horácio da Silva Frota
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Martonio Mont'Alverne Barreto Lima
Universidade de Fortaleza (Unifor)

Prof. Dr. Geovani Jacó de Freitas
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Luiz Fábio Silva Paiva
Universidade Federal do Ceará

Para Bárbara Abril,
por me mostrar em vida o que é utopia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor César Barreira por esses anos de orientação. De tudo que foi possível aprender durante esse período, hoje vejo como o mais importante reconhecer que somos pesquisadores em tempo integral. Isso não significa pedantismo ou chatice, pelo contrário. César é sempre sociólogo porque está sempre atento: ouvindo, vendo e percebendo. Nunca deixei de me impressionar com a facilidade de como as pessoas começam a falar com César sobre suas vidas ou opiniões. Pesquisar é uma prática que só se aprende fazendo. Incorporar esse aprendizado e torná-lo um *habitus* é um valor inestimável. Obrigado, professor.

Agradeço aos professores Horácio Frota e Martonio Barreto Lima por aceitarem participar da banca avaliadora. Estou ansioso pela leitura e críticas desse mundo do avesso aqui exposto. Agradeço aos professores Valmir Lopes e Fabio Gentile que tanto me auxiliaram no exame de qualificação e poderão avaliar as evoluções e falhas deste trabalho mais amadurecido.

Durante esse percurso, toda a minha formação se deu pelo Departamento de Ciências Sociais da UFC. Minha casa. Agradeço a todos os professores, técnicos e trabalhadores desse prédio que, apesar de não ter sido concebido para ter aulas e laboratórios, foi o espaço de toda minha vida acadêmica. Agradeço especialmente aos professores Leonardo Sá, pelas conversas em corredores que me fazia ler as referências ao chegar em casa; ao professor Luiz Fábio, responsável pelo grupo de estudos ainda em minha graduação que mudou minha forma de pensar; ao professor André Haguette, por ter reclamado que eu não riscava meus livros; à professora Simone Simões (*in memoriam*), que dizia que eu devia ter sido antropólogo, e provavelmente estava certa; à professora Irllys Barreira pela vastidão e profundidade teórica, além da capacidade de criticar com elegância; à professora Alba Carvalho, que um dia citou *Tabacaria* em sala de aula enquanto falava de Karl Marx; ao professor Valmir Lopes, que foi meu primeiro contato da vida com alguém das ciências sociais.

Agradeço aos meus colegas de turma de doutorado, “a turma avançada”, a turma que foi abalada pela covid-19. Conseguimos, estamos conseguindo. Agradeço ao amigo Antonio Sabino, olha só onde chegamos com famílias vindas do interior, não é? Agradeço ao amigo Adolfo Hindenburg (*in memoriam*), sinto sua falta, meu amigo e me emociono ao lembrar de você. Adolfo conversava sobre Olavo comigo anos antes de eu pesquisar sobre o “professor”.

Dizia que o velho era maluco e mal-caráter, mas tinha uma cabeça impressionante. Concordo com Adolfo e esta tese tenta mostrar um pouco que você estava certo. Agradeço ao amigo Franklin Augusto que conheci graças à pesquisa sobre bolsonarismo, que foi a melhor coisa de ter entrado neste esgoto, você não faz ideia do quanto nossas conversas contribuíram para este texto.

Agradeço à Bárbara Abril, meu amor. Não há mundo possível, do avesso ou do desavesso, em que essa tese teria sido escrita se não fosse por você ser minha companheira. Inseguro se seria possível organizar de forma minimamente possível um texto sobre todas as confusões e dilemas aos quais me debati, foi por você que sentar, escrever, ler e pensar fazia sentido. Quando já estava certo o meu abandono do mundo acadêmico, você me pegou pela mão e me trouxe para essa vida que agora é nossa. A vida acadêmica é boa com você. Quando olho pra você, eu penso que valeu a pena ter insistido. Obrigado por me fazer voltar a ter esperança e utopia.

Agradeço à minha mãe por todo o apoio, de todas as formas, que me deu. Minha mãe me via desanimado com o trabalho acadêmico e fazia questão de elogiar minhas capacidades e meus pequenos “feitos” escolares, reforçando que eu era sim “inteligente”. Eu fiquei com vergonha na hora. Hoje eu vejo o quanto isso foi importante. Agradeço aos meus irmãos Gabriel e Daniel, que primeiro me atentaram para uma questão muito mais profunda do que se debatia inicialmente.

Agradeço a Silvia Fernanda que me mimava como se eu fosse filho. A comida sergipana é a melhor do mundo.

Agradeço ao professor Mukaila Saliu, que me ensinou, pelo corpo, que é preciso ter paciência e constância para ser forte. O boxe é para a vida.

Agradeço ao CNPq, que me permitiu ser “estudante profissional” e possibilitou a minha sobrevivência durante a pandemia.

“Você sabe o que é frustração?
Máquina de fazer vilão.”
Jesus Chorou - Racionais MC's

“De todos os animais selvagens,
o homem jovem é o mais difícil de domar.”
Platão em *A República*

RESUMO

Em 2018, Jair Bolsonaro consagrou-se vencedor do pleito para presidente de maneira imprevista, contando com apoio de uma base sólida e engajada. Abaixo do radar de "estudiosos, imprensa e partidos", formou-se em fóruns e páginas da internet uma nova cultura política aqui chamada de "redpill". Galvanizada pelas ideias do escritor e polemista Olavo de Carvalho e pelas "mitadas" de Jair Bolsonaro, a redpill é uma forma de ver o mundo como decadente e opressor, colocando-se como vítima do "progressismo", "modernismo" e "feminismo". Reagindo ao que é percebido como violência, a redpill se utiliza do humor "troll" na busca do choque e em pequenas células de formação intelectual num resgate da "alta cultura" perdida.

Este trabalho discute as condições de possibilidade de surgimento de uma juventude de direita e realiza um trabalho de imersão nos códigos e valores de um "mundo do avesso" criado pela redpill na tentativa de superação do "choque" e do "espanto" que ele pode causar a quem está fora de seus códigos. Os trabalhos sobre "bolsonarismo" tendem a priorizar seus aspectos negativos, tais como de ódio e repulsa ao diferente. Buscaremos abordar os aspectos positivos que foram capazes de alçar à presidência da república um candidato do "baixo clero".

Durante os anos 2013-2018 surgiu uma utopia regressiva em garotos que depositavam em Bolsonaro suas esperanças e expectativas de futuro melhor, alimentados pelo ressentimento militar acerca da memória sobre a ditadura de 1964. Esta pesquisa aborda a construção de mundo próprio de significados que possibilitou a vitória de Bolsonaro em 2018, no que chamamos aqui de "primórdios do bolsonarismo", a cultura redpill.

Palavras-chave: juventude, bolsonarismo, olavismo, extrema-direita, cultura política

ABSTRACT

In 2018, Jair Bolsonaro won the presidential election in an unexpected way, with the support of a solid and committed base. Under the radar of "academics, the press and politicians," a new political culture has emerged in forums and websites, here called "redpill." Galvanized by the ideas of the writer and polemicist Olavo de Carvalho and the "mitadas" of Jair Bolsonaro, redpill is a way of seeing the world as decadent and oppressive, positioning itself as a victim of "progressivism", "modernism" and "feminism". In response to what is perceived as violence, redpill uses "troll" humor in the search for shock and in small cells of intellectual formation in the rescue of lost "high culture".

This paper discusses the conditions of possibility for the emergence of a right-wing youth, immersing itself in the codes and values of an "upside-down world" created by redpill in an attempt to overcome the "shock" and "astonishment" it can cause to those outside its codes. Works on "Bolsonarism" tend to prioritize its negative aspects, such as hatred and rejection of what is different. We will try to address the positive aspects that were able to elevate a candidate from the "low clergy" to the presidency of the republic.

Between 2013 and 2018, a regressive utopia emerged in the boys who placed their hopes and expectations for a better future in Bolsonaro, fueled by military resentment against the memory of the 1964 dictatorship. This research looks at the construction of their own world of meaning that made Bolsonaro's victory in 2018 possible, in what we call here the "beginnings of Bolsonarism", the Redpill culture.

Keywords: youth, bolsonarism, olavism, extreme right, political culture

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E FIGURAS

Figura 1 – Rolezinho de Bolsonaro em Fortaleza	20
Figura 2 – Manual de ação do Gabinete do Ódio	85
Figura 3 – “Antes e depois da federal”.....	141
Figura 4 – Morgenstern e Olavo.....	165
Figura 5 – Jovens na escola de Ensino Profissional de Aquiraz em 2016.....	213
Figura 6 – Canais recomendados por Bolsonaro.....	219
Figura 7 – Bolsonaro “falando verdades” em 2014.....	228
Figura 8 – A primeira Bolsonarista.....	234
Figura 9 – A feminista contra a mulher religiosa.....	235
Figura 10 – O mapa da atuação virtual.....	236
Figura 11 – Loen ajudando um seguidor.....	237
Figura 12 – Bolsonaro solitário.....	239
Figura 13 – Capa de “O Mito”.....	241
Figura 14 – Frases fortes de Brasileirinhos.....	243

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	PERCURSO, DIFICULDADES E PARTICULARIDADES	51
2.1	Percurso	51
2.1.1	<i>Contexto de surgimento da pesquisa</i>	57
2.1.2	<i>O longo ano de 2018</i>	59
2.1.3	<i>O resultado imprevisto e o início do governo</i>	62
2.1.4	<i>Disposição antropológica e a pandemia</i>	68
2.2	Dificuldades	70
2.2.1	<i>Ambiente hostil</i>	72
2.2.2	<i>Volume de dados e o desafio da escrita</i>	74
2.2.3	<i>Pesquisa em contexto virtual</i>	80
2.3	Particularidades e lacunas	87
2.3.1	<i>Lacunas e falhas</i>	91
3	O RETORNO DO RECALCADO	94
3.1	De terroristas para heróis	94
3.1.1	<i>Proposta</i>	96
3.2	O caminho do esquecimento	97
3.3	A memória militante	102
3.3.1	<i>O retorno do aspecto militar da ditadura</i>	106
3.4	Os humilhados serão exaltados	113
3.4.1	<i>A luta é pela recuperação dos jovens</i>	114
3.4.2	<i>O livro de cabeceira</i>	118
3.5	Doutrina de segurança nacional	126
3.5.1	<i>A política como estratégia militar</i>	129
3.5.2	<i>A guerra psicológica dos militares</i>	131
3.6	Nuances da Ditadura Militar	134
4	“OLAVO TEM RAZÃO”	140
4.1	Orgulho de ser de direita	147
4.2	De liberais para olavistas	153
4.2.1	<i>O ano de 2013 segundo o olavismo</i>	157

4.3	Olavo e Sua Pedagogia	165
4.4	Alta Cultura	174
4.4.1	<i>A toca do urso</i>	176
4.4.2	<i>Autodidatismo e autoconfiança</i>	179
4.5	A síntese entre olavismo e bolsonarismo	182
5	COMO FOI POSSÍVEL?	187
5.1	Juventudes Radicalizadas	187
5.1.1	<i>Estudantes contra a ditadura militar</i>	187
5.1.2	<i>Um lugar no mundo</i>	194
5.2	Um futuro pior	201
5.2.1	<i>Uma crise interna ao liberalismo</i>	202
5.2.2	<i>O fim da esperança</i>	206
5.3	Um movimento global	209
6	REDPILL: A UTOPIA REGRESSIVA DOS PRIMÓRDIOS DO BOLSONARISMO	213
6.1	Os primórdios	213
6.2	Decadentismo	221
6.2.1	<i>“Impossível tankar o Bostil”</i>	224
6.3	O centro das atenções	226
6.3.1	<i>“Está com medo, petista safada? É a nova era”</i>	234
6.3.2	<i>O Bunker</i>	236
6.4	Vitimização e ressentimento	238
6.5	A forma final da redpill	243
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	245
	REFERÊNCIAS	252
	APÊNDICE A - PRINCIPAIS FONTES DIRETAS	261

1. INTRODUÇÃO

A cena começa com diversos gritos indiscerníveis, até que um se destaca: “ele apoia os assassinos da ditadura!”. Seguem diversos xingamentos, algumas tentativas de apaziguar a situação pedindo calma. “Ele está fazendo apologia a discurso de ódio!”, grita duas vezes um rapaz apontando o dedo para um homem de meia idade, grisalho, com uma camisa amarela. Nessa camisa há uma foto de Bolsonaro com a faixa presidencial, ao fundo a bandeira do Brasil e embaixo os dizeres “Eu Apoio!”. O cinegrafista, gravando com celular na mão, aproxima-se do homem de meia idade (o alvo dos gritos) e pergunta: “ei, cara, o que é que está acontecendo aí?”. O homem de amarelo responde: “eu vim com a camisa de Jair Bolsonaro...”.

Uma mulher o interrompe e fala para a câmara, defendendo-o: “ele estava calado, calado!”, outra completa a defesa: “ele não estava fazendo nada!”. Ao fundo, as pessoas gritam em uníssono: “Fascistas, fascistas, não passarão! Fascistas, fascistas, não passarão!”. O homem de meia idade ri, achando graça da situação. Notando seu riso, outro sujeito lhe fala apontando o dedo: “isso pode ser uma piada muito engraçada para você, mas pra gente isso não é uma piada, é uma agressão tão grande o que esse cara [aponta para a camisa] faz”. Recomeça o bate-boca e mais gritaria. O homem de meia idade se justifica para a multidão revoltada: “eu uso a camisa dele porque eu sou a favor da família, da pátria e da propriedade privada, sou a favor de Jair Bolsonaro”. Vaias¹.

No vídeo descrito acima é possível ler alguns comentários de usuários do *YouTube*. O primeiro deles, aquele que possui mais curtidas (sinais de concordância), é de luadevolta7287: “Depois acusam Bolsonaro de discurso de ódio”. Outro usuário, Pires3861, comentou: “Vocês podem ver que a maioria dos agressores, são 24 e 44” (sic)². Guilhermeaugusto5100 escreveu: “Parece um bando de animal, irracional”.

Esse acontecimento se desenrolou no dia 9 de maio de 2016, no Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará. O jornal O Povo noticiou o acontecido na

¹ O vídeo que foi descrito acima se chama “Estudante é hostilizado por alunos de esquerda na UFC por vestir camisa do Bolsonaro” e pode ser acessado pelo YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=z1NqR1KKHDo>. Outro momento de destaque é mais adiante, quando o homem de amarelo, que se chama Jorge Fontenele, interage com policiais na entrada da universidade.

² São referências pejorativas para homens e mulheres homossexuais, respectivamente.

matéria “Presença de estudante vestindo camisa de Bolsonaro gera tumulto na UFC”³. A Reitoria da Universidade, alguns dias depois, divulgou uma nota:

O conflito entre alunos do Curso de Letras e apoiadores de um estudante seguidor de um deputado federal denotou grave deterioração do clima que caracteriza a Universidade, um espaço plural e democrático, que respeita a diversidade de ideias e opiniões e que incentiva a convivência respeitosa entre todos os integrantes de sua comunidade [...] Diante disso, a Reitoria apela para a reinstauração do bom senso e da convivência pacífica entre os que adotam ideologias e comportamentos diferentes. Esperamos que se preserve o respeito mútuo, **mesmo quando uma das partes manifesta condenável acolhida a ideias e personagens sabidamente aversos aos nossos valores democráticos e a conquistas institucionais, como o repúdio à prática da tortura.** [grifos nossos]⁴

No destaque da Nota da Reitoria há uma mensagem controversa: devemos mesmo respeitar a “diversidade de ideias” e a “convivência pacífica” quando essas ideias são aversas a “nossos valores democráticos e conquistas institucionais”? É possível “repeito mútuo” quando um dos lados defende a prática da tortura? Perguntando de forma mais direta: devemos conviver pacificamente na universidade com alguém que defenda abertamente Jair Bolsonaro? Não é a proposta tentar responder a esse dilema entre “tolerar ou não o intolerante” que tanto se tem feito nos últimos anos sobre o que se tem chamado “discurso de ódio” ou o ressurgimento da “extrema direita”. O que instiga é precisamente essa inquietação, a controvérsia gerada pelo “mundo do avesso”⁵ representado por um estudante no Centro de Humanidades com a camisa de Bolsonaro. O avesso e o aversivo. Jorge Fontenele com a camisa do Bolsonaro no Centro de Humanidades é um corpo estranho. O que fazer com sua presença? Voltemos ao acontecimento do dia 9 de maio de 2016.

Na reportagem do Barra Pesada “Estudante da UFC é expulso por usar camisa com Bolsonaro”⁶ é possível ver novos ângulos do ocorrido. Em um dos momentos, Jorge Fontenele aparece no centro, cercado por estudantes que lhe mandam ir embora, ao passo que é protegido por seguranças privados contratados pela universidade. Em outro, Jorge está

³ A matéria pode ser conferida em: <https://www20.opovo.com.br/app/fortaleza/2016/05/09/noticiafortaleza,3611823/homem-vestindo-camisa-de-bolsonaro-gera-tumulto-na-ufc.shtml>

⁴ A nota “Pela convivência pacífica; contra ingerências e provocações” se encontra em: <https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2016/8257-nota-da-reitoria-pela-convivencia-pacifica-contra-ingerencias-e-provocacoes>

⁵ Aqui me inspiro no livro homônimo de Letícia Cesarino (2022).

⁶ “URGENTE! Bolsonarista universitário agredido pela esquerda ao usar camisa do Bolsonaro na UFC” em: <https://www.youtube.com/watch?v=mM1Fuasf7JM>. O vídeo foi hospedado por um seguidor de Bolsonaro e, como no outro, destaca a “esquerda” como a agressora no título.

parado de braços cruzados enquanto alguns alunos vão na sua direção pedir sua saída da universidade. Na reportagem, a jornalista entrevista Jorge Fontenele em frente à delegacia em que ele foi registrar o boletim de ocorrência, ainda trajado com sua camisa amarela com a fotografia de Bolsonaro. Seu relato do que aconteceu traz elementos interessantes:

Hoje eu fui à universidade... faço um curso de Letras-Italiano na Universidade Federal do Ceará. Estava sentado, tomando um café, conversando com amigos, quando membros, que estão compondo a chapa que vai concorrer agora ao CA [Centro Acadêmico], pois os mesmos, ao me verem com a camisa do Bolsonaro, começaram a me chamar de “babaca”, que eu faço alusão ao crime por vestir uma camisa que leva uma foto do deputado federal Jair Bolsonaro. Eu permaneci em silêncio total, várias pessoas viram, testemunhas. Quando começaram a me agredir, eu peguei meu celular para filmar a agressão que eu estava sofrendo, eles pararam. E, devido a isso, começaram a angariar muitas pessoas, chamando muitas pessoas, para formar um bloco grande e partir para cima de mim, com todo tipo de acusação e injúrias. Injúrias gravíssimas ao meu respeito por eu estar utilizando uma camisa do Jair Bolsonaro, quando eu já vi diversas vezes pessoas com camisas do Che Guevara, que, no paredão da morte, ele fuzilou 700 pessoas quando na maioria eram homossexuais. E eu sou contra qualquer tipo de agressão contra homossexual, contra negro, tenho vários amigos negros, vários amigos homossexuais [...] E eu estar sofrendo isso agora por uma simples posição política? E eu não posso esconder, ou ficar em cima do muro, diante de uma posição política que eu tenho. E eu acredito que qualquer decisão política no país [...] deve ser respeitada, independente se é de direita ou se é de esquerda. E eu tenho que ficar oprimido, guardado, não posso usar essa camisa por medo de ser agredido, medo de ser ultrajado. Eu acho isso um insulto gravíssimo. [...] Esses mesmos movimentos [feminista, LGBT] buscam aceitação, buscam respeito, e eles me ultrajaram. [...] tenho todo o direito de estar com a camisa que eu quisesse vestir, fosse do Jair Bolsonaro, fosse do Che Guevara, fosse do Marighella. [...] Eu sei como os grupos que não concordam com os grupos que tem um posicionamento de esquerda são oprimidos: os evangélicos, os que se declaram de direita, os que defendem um partido político ou defendem um candidato que vai contra a ideologia deles. [...] Eles têm que respeitar a minoria que está lá dentro. Eles lutam tanto pelos direitos da minoria, hoje eles são a maioria dentro da universidade. Nós somos a minoria: os evangélicos, os católicos, os que têm uma posição que diverge [...] Nós não podemos ficar acuados. Eu fiquei durante 2 horas sendo achincalhado, humilhado, em nenhum momento eu disse um palavrão, em nenhum momento eu agi com violência nem verbal e nem física. [...] Eles disseram que não aceitam minha presença dentro da universidade.

O homem com a camisa de Bolsonaro responsabilizou o movimento estudantil pela organização do acontecimento, o que o torna uma ação orquestrada. Frisou que permaneceu parado, sem responder às agressões, ou seja, foi uma vítima. É inocente. Usou do argumento conhecido no mundo invertido como “duplo padrão” ou “hipocrisia da esquerda”: ora, se vocês usam camisa de Che Guevara e Marighella (que são equivalentes a Adolf Hitler), problema algum há em usar uma camisa de Bolsonaro, que nunca matou ninguém, dizem. O mesmo “duplo padrão” têm os movimentos sociais ao buscarem aceitação e respeito, mas na realidade ultrajam um homem apenas pela sua visão política, afirma seu discurso. Queremos nada mais que um tratamento igualitário ao que vocês recebem e liberdade que possuem,

defendem. “Respeito para nós, violência para vocês”, seria a tal hipocrisia da esquerda. O homem discursa pela tolerância entre os diferentes e que não pode “ficar oprimido, guardado” pelos seus pensamentos. Nós, de direita, somos a minoria oprimida no espaço da universidade, disse Jorge Fontenele. No mundo do avesso, o aversivo e violento é o Centro de Humanidades e a minoria oprimida e perseguida são os que não seguem a “cartilha esquerdista” (evangélicos, católicos, conservadores etc).

A fala de Jorge Fontenele nos aproxima quando pede tolerância, respeito ao diferente, cuidado com as minorias, convívio e diversidade no espaço universitário. Está em sintonia com a Nota da Reitoria. Porém, sua fala nos afasta porque a defesa de Jair Bolsonaro não é “uma simples posição política”. Por exemplo, o Projeto de Lei 5358/2016, autoria do deputado Eduardo Bolsonaro, propõe criminalizar apologia ao comunismo. A universidade idealizada por Bolsonaro e por seus apoiadores não é de estudantes andando com camisetas de Che, Marighella e Bolsonaro livremente pelo campus, dialogando e interagindo sobre suas visões políticas democraticamente. Para eles, o estudante com camiseta de Che Guevara deveria ser criminalizado. A razão da criminalização é porque os estudantes são violentos, são a favor de tiranias sangrentas, como de Cuba e URSS. A prova desse *autoritarismo hegemônico*, que assim é percebido por Jorge, foi o que fizeram com ele no Centro de Humanidades. A utopia do homem com a camiseta do Bolsonaro é uma universidade onde não existem pessoas que concordam com “comunistas assassinos”, pois essas pessoas são perigosas.

Jorge sabia que incomodaria com a camiseta: há menos de um mês havia ocorrido a votação de Bolsonaro pelo prosseguimento do impeachment no qual exaltava o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra⁷, figura representativa da repressão da ditadura militar. Não poderia calcular o evento que iria ocorrer, mas sabia que chamaria atenção. Atrairia olhares e comentários. Sabia que iria afetar seus colegas. Seu discurso é esquisito (ao ser ouvido *de fora*) quando classifica as lutas feministas e antirracistas como opressoras. Na cena que se desenrolou, o oprimido era Jorge. Quem se sentia ameaçado em sua existência, sendo resistência, era ele. O pólo agressor-vítima, opressor-oprimido está invertido.

O acontecimento (com sua representação nas gravações) é, por si mesmo, desconfortável. É desagradável assistir a situação de uma pessoa isolada sendo achincalhada por um grupo. Parece injusto e desperta em quem assiste empatia pela sua condição, provoca um sentimento de proteção. Jorge não xinga os outros alunos, nem faz falas beligerantes. Ele

⁷ Mais adiante, no capítulo 2, falaremos mais detalhadamente de Ustra e a memória militar.

não parece querer brigar. O enquadramento da imagem, de um homem sozinho cercado de pessoas sendo alvo de xingamentos, é violento. Parece um linchamento. Observando de maneira afastada das vicissitudes da situação, a universidade pode parecer excludente e preconceituosa com quem *pensa diferente*. Ninguém mereceria passar por isso só por não ser igual a todo o resto. Os estudantes parecem irados, uma turba violenta, “irracionais”, diria o comentário do vídeo. Diversas vezes partem para cima de Jorge como se fossem agredi-lo fisicamente. É justo receber tanto (o que parece com) *ódio* assim apenas por usar a camisa de um político? Talvez faça sentido Jorge, e tantas outras pessoas, enxergarem a situação como um evento violento e ele mesmo como a vítima. Parece uma situação distópica e totalitária um aluno sofrendo tanta violência por uma camisa num ambiente universitário. Isso tudo por uma camisa?

O discurso citado acima é estranho, incoerente e inquietante para quem não está no seu mundo. Usa palavras, ideias e conceitos conhecidos, mas de maneira invertida. “O Inquietante” de Freud (2010 [1919]) é aquela “coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar” (Ibidem, pos. 3934) que retorna. Seria aquilo que deveria ter ficado ocultado e esquecido por ter sido superado, mas reapareceu. Também traduzido como “o estranho”, o inquietante freudiano são aquelas crenças que imaginávamos obsoletas, mas ressurgem de maneira imprevista e atualizada. O que se pensava ter sido esquecido, mas não foi.

Reacionarismos, punitivismos, racismos, populismo de direita, pânico moral, machismos, autoritarismo etc. são familiares em nossa cultura política, encontramos ao longo da nossa história e na vida privada. Porém, imaginou-se que eram ideias que estavam “controladas”, como crenças residuais e atávicas restritas. “Isso” jamais chegaria ao centro do poder da República ou estaria estampado num estudante do Centro de Humanidades.

Um sentimento presente nas pessoas de direita neste período de ascensão (estamos em 2016) era de esperança e sonho: enfim alguém que me motiva a ir para a rua, a votar, a fazer campanha com meu próprio dinheiro. Bolsonaro representa, para essas pessoas, a liberação das amarras ideológicas tirânicas de esquerda. Como no linguajar empresarial, Bolsonaro era o candidato para “vestir a camisa”. Para aqueles estudantes que pediam para Jorge Fontenele se retirar da universidade aos gritos, Bolsonaro era repulsivo e inquietante, não deveria existir, não podia “retornar”, deveria voltar para o esgoto político. O deputado Bolsonaro se tornar presidente, para Jorge, era uma utopia.

Grande foi a repercussão do episódio. Jair Bolsonaro foi às suas redes sociais em forma de vídeo prestar apoio ao estudante. O ex-presidente disse: “obviamente fiquei muito chateado com o que aconteceu [com você], a intolerância por parte dessas pessoas que pregam o ódio de verdade. Até pelo o que eles estudam eles deviam buscar o diálogo contigo [...] no diálogo, e não na agressão, na cusparada”⁸. “O ódio de verdade” faz a esquerda, diz Bolsonaro, não aquele ódio “de mentira” que a “narrativa de esquerda” diz que ele pratica. Bolsonaro não prega ódio e nem violência, só não liga para a “ditadura do politicamente correto”. “Deviam buscar o diálogo” porque somos um movimento político como qualquer outro, tão válido quanto “vocês”. Logo estudantes preguem o linchamento público contra outro estudante? É assim que a esquerda funciona, pregando o ódio e a violência sob uma máscara de diversidade e respeito, dizem.

Pude acompanhar nas redes sociais a comoção que o caso despertou em apoiadores de Bolsonaro em Fortaleza, que se organizaram para um um protesto na universidade em apoio a Bolsonaro e a Jorge Fontenele, no que foi chamado pela mídia na época de “Rolezinho de Bolsonaro”. No dia 13 de maio, dia conhecido pela grande movimentação por conta das celebrações de Nossa Senhora de Fátima, a Avenida 13 de Maio foi palco de uma batalha campal simbólica. A avenida é situada ao lado do Centro de Humanidades da UFC. Em cada lado da via ficou um grupo, separados com apoio da polícia, que lutavam por gritos de guerra pelo espaço da universidade.

Contra Bolsonaro há mais mulheres, mais negros, diversidade de roupas e posturas corporais. São estudantes que normalmente se encontram ao caminhar pelo Centro de Humanidades. Do outro lado, do avesso, a cor predominante é o preto e o branco das camisas. A grande maioria são homens (as poucas mulheres que estão presentes parecem acompanhar seus namorados). Apesar de alguns homens com mais idade, a grande maioria são jovens. Destaco um *frame* da gravação que o jornal O Povo fez da disputa:

⁸ Em “Bolsonaro grava vídeo em apoio a estudante hostilizado na UFC”: <https://www.youtube.com/watch?v=vylG0Q3s8w> . A referência a “cusparada” de Jair Bolsonaro é à situação da votação pelo prosseguimento do processo de impeachment na qual o deputado Jean Wyllys teria cuspidido em Bolsonaro. No mundo do avesso, isso significa que a esquerda sabe que perderia no debate racional para a direita e apela para agressão.

Figura 1 - Rolezinho de Bolsonaro em Fortaleza



Fonte: Vídeo do Youtube⁹

Eles cantam o hino nacional em postura. Parecem treinados e organizados, ou querem parecer que são. É possível ver alguns com camisa verde e amarela, mas ela não havia ainda sido adotada totalmente. A maioria veste o rosto em preto e branco do “mito” nas estampas da camisa¹⁰. Enquanto se grita de um lado “fascistas!”, são os bolsonaristas que pedem “sem violência”, numa emulação dos protestos de Junho de 2013, apontando para o lado da universidade a culpa de disseminação de ódio e violência. Ao fim, com a dispersão do combate, os bolsonaristas saem rindo. O evento foi um sucesso e, na palavra de um dos bolsonaristas que pude acompanhar à época, “causou o terror na esquerdalha” dentro do território “inimigo” (a universidade).

Tamanho êxito do Rolezinho de Bolsonaro proporcionou um novo evento, agora no dia 31 de maio¹¹. Dessa vez pude presenciar a batalha campal simbólica, ainda não como pesquisador, mas como curioso. Era a primeira vez que via pessoalmente bolsonaristas, até então eles se restringiam ao espaço digital. Foi a primeira vez que vi que eram jovens, muitos

⁹ “Protestos contra e a favor de Bolsonaro no entorno da UFC em Fortaleza” em <https://www.youtube.com/watch?v=N3LJ55bEfcz>. Indico ao leitor que veja o vídeo pela imensidão de nuances.

¹⁰ Em alusão a uma imagem de Vito Corleone do filme *O Poderoso Chefão* (1972) de Francis Ford Coppola. Tentei por diversas vezes saber quem criou essa versão curiosa de Bolsonaro como um mafioso, mas nunca consegui. Suponho que tenha sido algum usuário comum antes de 2014. Por muito tempo essa foi a estética de quem seguia Bolsonaro, capa de diversas páginas em redes sociais em referência ao “mito”. Ela predominou até a aproximação das eleições, principalmente nos homens jovens que são o centro desta pesquisa.

¹¹ “Bate-boca e tensão entre os manifestantes marcam o Rolêzinho do Bolsonaro em Fortaleza” em: <https://www.youtube.com/watch?v=OMIFagwxyno>

homens. Estavam animados, pareciam felizes e, surpreendentemente, pareciam *peessoas normais*.

O evento anterior havia causado um grande burburinho na universidade e havia receios de conflitos mais agudos neste novo Rolezinho. Dessa vez eles foram mais preparados ainda, com faixas e megafones. Nas camisas, observa-se o movimento “Endireita Fortaleza”, grupo formado por Guilherme Julian em 2015, que teria surgido como “apartidário e contra o PT”, até se tornar principal braço de mobilização política de Bolsonaro em Fortaleza, como a vereadora Priscila Costa (PL). Mais uma vez os bolsonarista alegam que ficaram parados, apenas existindo como alguém de direita no espaço universitário, até que “esquerdistas” vieram para o bate-boca. Um homem jovem, ao chegar perto de uma mulher anti-bolsonarista, faz sinal com as mãos no nariz como se ela estivesse com mau cheiro, remetendo ao esteriótipo da mulher feminista. Repito, a grande maioria “do-lado-de-lá” eram homens¹².

O objetivo desta tese é investigar como foi possível que esse Inquietante, que tanto causa desconforto e incômodo, tenha retornado. Não apenas emergiu do esquecimento, como ressurgiu atualizado e poderoso: inserido nas novas plataformas digitais, preparado retoricamente para o combate ideológico e capilarizado em diversos segmentos sociais, capaz de mobilizar organicamente diferentes sujeitos. A hipótese aqui investigada é que esse retorno se tornou possível quando o ressentimento militar e o olavismo foram apropriados e potencializados por um público jovem em canais alternativos de interação e trocas simbólicas nos primórdios do bolsonarismo.

Jorge tinha um discurso articulado sobre hegemonia de esquerda na universidade, colocando-se como perseguido e oprimido. Bolsonaro investiu na comunicação digital e na atenção ao seu eleitor anos antes do pleito de 2018, mobilizando milhares de pessoas em aeroportos, em comícios informais e nas redes sociais, além de investir no lugar de “vítima do sistema”. Comandante Winston Lima (2020) e Emílio Kerber em seu vídeo-livro diário sabiam que tinham um valioso material em seus registros em tempo real nos bastidores do poder, chegando a ironizar o trabalho da jornalista profissional Thais Oyama (Ibidem: 140) sobre o governo, pois ela não fazia ideia do que escrevia em comparação a si mesmos,

¹² O Centro de Humanidades da UFC retornou como palco em 21 de setembro de 2016 com a visita de Eduardo Bolsonaro ao campus. O deputado posa em frente a uma faixa com “Fora Temer”, usando o mesmo “duplo padrão”: “Fora Temer pode, Bolsonaro não pode”. Fala do Escola sem Partido como uma proposta democrática contra a hegemonia da esquerda e a “doutrinação ideológica”. Mostra pichações como mais exemplos da tal “doutrinação”. Chama o governo Dilma Rousseff como o verdadeiro fascismo, pois esteve em Israel e sabe o que é nazismo. Ao seu lado, jovens com a mesma camisa de Bolsonaro “poderoso chefe”. “Eduardo Bolsonaro visita a UFC” em: <https://www.youtube.com/watch?v=nYNXhm7LH5I>

demonstrando o fracasso da mídia tradicional e a emergência de uma nova maneira de trocas informacionais.

O argumento desta tese é que se formou de maneira subterrânea uma cultura jovem e masculina que será chamada de “redpill”¹³. Essa cultura própria forjou o que se chamou posteriormente de “bolsonarismo” e a expansão de uma extrema-direita populista e reacionária. Foram os “redpills” os pioneiros em acreditar que Jair Bolsonaro poderia ser Presidente da República, foram os visionários em verem no “caricato” deputado do baixo clero de origem militar uma revolução política. Eles formam o que é chamado aqui de *primórdios do bolsonarismo*.

Com a centralidade das plataformas digitais e da economia da atenção na atualidade, há uma hipervalorização de pesquisas quantitativas e métodos que se utilizam de tecnologias de processamento de dados massivos, numa expectativa de que assim seria possível encontrar e decifrar as complexas interações humanas no meio digital. Esta pesquisa optou por um método “tradicional” de fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais: todos os dias se observava os grupos, as postagens, os vídeos, as opiniões, as caixas de comentários. Somada a isso, durante o cotidiano, atenção às conversas, às interações, numa postura de pesquisa em tempo integral. Procurou-se entender as dinâmicas internas, as lógicas, o sentido das palavras usando anotações e cadernos de campo. Em Apêndice A estão descritas as principais fontes de consulta ao longo dos anos desta pesquisa.

Com o passar dos anos, sobretudo com a judicialização e as medidas de controle das plataformas com a crise sanitária de covid-19, os grupos pesquisados se tornaram mais herméticos e codificados, além de excluírem seus materiais que poderiam ser alvo de investigação. Nesse sentido, essa pesquisa é um registro do bolsonarismo que não pode ser mais encontrado, uma memória. Diversos vídeos, podcasts, postagens etc. foram excluídos e esses sujeitos não falam mais publicamente sobre esses conteúdos. Encontraram formas de driblar a vigilância policial e algorítmica com códigos internos e criação de grupos restritos ou simplesmente abandonaram a cultura redpill.

Nossas fontes serão uma observação das dinâmicas internas de vários grupos de jovens bolsonaristas, principalmente em três aspectos: olavistas, saudosistas da ditadura militar e reacionarismo político. Dentre muitos outros, os principais espaços investigados são a “Turminha do Loen” atuante no *Twitter*, o canal do *YouTube* Brasileirinhos, a página e

¹³ Termo em inglês para “pílula vermelha”, que se tornou metáfora para crenças poderosas e ocultas do mundo. Será melhor desenvolvido logo a frente.

podcast do Senso Incomum e o canal de estudos coletivos chamado Olá Bocós. A rede de produções de Olavo de Carvalho, que incluem cursos, páginas pessoais, redes sociais, canais do YouTube e livros, também são uma fonte central para esta pesquisa. Serão trazidos vídeos, postagens, trechos de podcasts e discussões na busca do que Alfred Schütz (2018: 71) chama de **sentido**: “*determinado direcionamento do olhar a uma vivência própria*”. Como esses sujeitos veem a si mesmo e o mundo, numa abordagem fenomenológica.

Algumas dessas fontes foram documentadas e registradas nesta pesquisa, porém muitas outras foram deletadas, ficando apenas a memória delas e suas anotações particulares do pesquisador. Do ponto de vista metodológico, buscar-se-á embasar os argumentos com fontes que ainda podem ser acessadas atualmente, porém a maioria dos *insights* e valiosas fontes são hoje impossíveis de se encontrar. Essa característica da pesquisa é, ao mesmo tempo, um obstáculo metodológico de legitimidade dos dados e seu valor enquanto registro de sociabilidades perdidas.

Mesmo que tenha muito se modificado ao longo dos anos subsequentes, é central compreender como foi o nascimento do bolsonarismo nesses espaços para a compreensão do fenômeno como um todo. Bolsonaro se tornou presidente porque foi adotado pela juventude masculina na internet antes de ser viável para outros segmentos sociais. Surgida nos meios ultraliberais da internet e nos debates minoritários na universidade, munidos pela retórica de Olavo de Carvalho e nas “mitadas” de Bolsonaro, os “redpillados” radicalizaram-se politicamente principalmente durante as manifestações de 2013, o conturbado ano de 2014 e a chamada “polarização” dos anos 2015 e 2016. Diante da insuficiência das posições tradicionais disponíveis para suas questões, formaram uma nova visão de mundo reacionária.

Ao longo da ascensão de Bolsonaro ocorreu a adesão massiva de empresários, evangélicos, agentes do agronegócio, profissionais de segurança pública, atores do mercado financeiro, dentre outros segmentos, que tornaram sua base de apoio mais multifacetada. A cultura “redpill” presente em sua origem foi escanteada nas análises sobre o “bolsonarismo” em favor desses novos atores. Para o entendimento do que se chama “bolsonarismo”, é fundamental adentrar neste mundo criado pelos “redpillados” que estiveram com o ex-militar quando ninguém mais acreditava em sua vitória. Nesta tese será defendido que compreender o mundo “redpill” é fundamental tanto para o sucesso do bolsonarismo como movimento político de massa como para aspectos centrais de sua retórica: a vitimização, o ressentimento, o humor depreciativo, a busca pela desestabilização do outro e na disposição a lutar numa

guerra simbólica (a guerra cultural) contra um inimigo ameaçador e violento, como uma resistência.

Para a compreensão do processo de emergência da cultura “redpill” é preciso elaborar como foi o encerramento do regime militar iniciado em 1964 e a memória ressentida com os “sucessivos ataques”¹⁴, preparando seu retorno ao poder político no papel de técnicos, honestos, capazes e monopolizadores dos anseios nacionais, sendo o elemento de ordenação social e de “salvação” quando da pátria quando não se acha mais solução. Além disso, da tutoria intelectual realizada por Olavo de Carvalho com uma vastidão de alunos, alimentados por materiais de aulas, áudios, livros e postagens rápidas em plataformas preparando para uma guerra moral contra toda a classe pensante brasileira (o imbecil coletivo) pós-1960.

Operou-se uma união imprevista entre olavismo e saudosismo da ditadura de 1964 com jogos de videogame, vídeos de *YouTube*, produção de memes, piadas, músicas e livros inovadores que viabilizaram Jair Bolsonaro como o candidato depositário de esperanças e expectativas positivas, difundido e debatido nos mais diversos meios digitais. Bolsonaro se tornou candidato que representava o futuro, galvanizado pelo engajamento de jovens na internet. Foram os “redpill” que conceberam Bolsonaro como perseguido, incompreendido e elemento de desestabilização do sistema. Ser de direita foi positivado como contestatório, corajoso, potente, engraçado, viril e emancipatório graças à cultura “redpill”. Foram os redpills que transformaram o deputado com seis mandatos em “renovação” de uma realidade apodrecida.

O SENTIDO DAS PALAVRAS

Nas diversas análises sobre bolsonarismo é comum se deparar com a leitura de que não existe um fio condutor entre as diversas facetas do fenômeno, como na leitura de Rodrigo Nunes (2022: pos. 214):

Minha tese, em resumo, é que o bolsonarismo é uma convergência real de diferentes tendências na sociedade brasileira, com potencial para se consolidar como uma força de primeira grandeza por um bom tempo; mas o arranjo de forças políticas que o exprime não é nem coerente nem necessariamente estável.

Essa linha interpretativa encara o fenômeno como incapaz de ser compreendido como um todo. As interpretações se dedicam, portanto, às diversas forças que compõem o bolsonarismo

¹⁴ “A minha geração é marcada pelos sucessivos ataques que nossa instituição recebeu, de forma covarde, de forma não coerente com os fatos que ocorreram no período de 64-85 e isso marcou a geração” disse o general Hamilton Mourão em setembro de 2017. Para a análise do seu discurso, conferir o artigo de José Roberto Martins Filho “A eloquência do general” em: <https://diplomatie.org.br/a-eloquencia-do-general/>

num frankenstein de diversas tendências presentes na sociedade que convergem para o sucesso de Bolsonaro. Essa disposição para o problema o enxerga como amorfo.

Não é a pretensão desta pesquisa realizar a grande síntese de todas as análises fragmentadas ou encontrar a causa última que explique tudo. O que se busca aqui é tornar esse mundo invertido mais cognoscível, que ele se torne para o leitor menos caótico e desordenado. Para isso, foi retomado o bolsonarismo nos seus primórdios e nos seus primeiros adeptos, quando ainda eram vistos como uma força minoritária num movimento maior de “nova direita”. Esse é o mundo da redpill.

Contudo, as palavras que foram usadas acima não estão claras e nem transparentes. Talvez o leitor tenha ficado confuso sobre o que se quer dizer aqui. Antes de prosseguir com a investigação, faz-se necessário o desenvolvimento de uma espécie de glossário do que se quer dizer e quais são as chaves de análise para esse objetivo de tornar esse mundo do avesso algo que faça sentido para quem está de fora.

Redpill significa literalmente “pílula vermelha”. Redpill é entendida nesta pesquisa como a cultura dos redpillados, os jovens que foram os criadores do bolsonarismo como uma forma de militância que extrapola a esfera política, tornando-se uma forma de existência. Sua principal característica é ser uma oposição ao mundo “normal” e ao conhecimento “estabelecido”. Redpill é uma escolha pelo conhecimento verdadeiro e doloroso, um sacrifício pela verdadeira verdade. Redpill encontrou na internet um ambiente propício para seu desenvolvimento, ao enxergar o ambiente virtual em oposição ao ambiente “real”, que neste caso é o ambiente da mentira e da enganação.

Redpill também pode ser usada como adjetivo, no sentido de que uma ideia é redpill ou redpillada. O critério de veracidade, o que torna uma ideia redpillada, isto é, uma ideia que merece ser levada em consideração e reconhecida, é que essa ideia seja escondida, mascarada e que seja de difícil acesso. Outro fator para um pensamento ser redpill é que ele seja minoritário e contra-corrente, em oposição ao estabelecido. A redpill tem como princípio ser contra-hegemônica. A redpill tem que ser desconfortável para a elite e ser capaz de uma descrença generalizada em todo saber constituído. Ela não é para todo mundo, apenas para os escolhidos. Tomar a redpill transforma o sujeito em um ser revoltado contra um sistema corrompido.

Essa metáfora surge do filme *Matrix* (1999) dirigido pelas irmãs Wachowski¹⁵. O filme se passa num futuro distópico em que os seres humanos vivem numa realidade simulada (cujo nome é Matrix, mundo semelhante ao nosso contemporâneo) criada por máquinas inteligentes que, no mundo real, exploram os corpos humanos como fonte de energia. Os humanos são mantidos hibernados e inseridos nessa realidade fabricada por dispositivos cranianos, alheios à realidade. A trama se inicia quando a personagem principal, Neo, percebe que está inserida numa revolta de alguns humanos que conseguiram se libertar da Matrix contra as máquinas. Esses humanos libertos são capazes de transitar entre os dois mundos (o simulado e o real). Neo é colocado num dilema por Morpheus, um desses humanos que estão em rebelião contra as máquinas:

Esta é a sua última chance. Então você não será capaz de recuar. Se você tomar a pílula azul, fim da história: você vai acordar em sua cama e acreditar no que quiser. Se você pegar a vermelha, estará no país das maravilhas e eu mostrarei a você até onde vai a toca do coelho. Lembre-se de que a única coisa que ofereço é a verdade, nada mais.

Ele é colocado na obrigação de decidir entre tomar a *bluepill* (pílula azul), continuando sua vida medíocre de trabalhador de escritório sem saber a *toda* verdade do mundo, e a *redpill* (pílula vermelha), descobrindo que o mundo em que estava vivendo é uma ilusão produzida por máquinas. Ele deve escolher entre verdades dolorosas (pílula vermelha) ou ignorância abençoada (pílula azul). Tomar a *redpill* é um caminho sem volta, uma passagem para um outro mundo totalmente novo. Em outra metáfora central, tomar a *redpill* é entrar na **toca do coelho**, referência ao livro *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carrol, e descobrir um outro mundo totalmente novo. Toca do coelho significa adentrar num outro mundo cheio de mistérios e surpresas. A toca do coelho é um convite para cada vez mais aprofundar nos conhecimentos *redpill*, ser cada vez mais radical epositor ao mundo estabelecido.

Os “redpillados” – aqueles que tomaram a pílula vermelha – acreditam que estão fora do controle da Catedral [sinônimo de “sistema”] e, por isso, enxergam a “realidade”, entendem aquilo que todos os outros não conseguem compreender. Cria-se, portanto, uma realidade paralela particular. Essa crença em imaginar-se sabedor de algo que ninguém mais consegue compreender e/ou ver atua como um vetor no processo de radicalização se, por exemplo, essa “realidade redpillada” solicitar que se aniquile avanços civilizatórios. Se o redpillado tem a sua “verdade” própria, regras e normas sociais não lhes serão relevantes ou merecerão respeito. (Prado, 2021: pos. 3859)

¹⁵ Curiosamente, as diretoras são mulheres transsexuais.

Anos depois, redpill passou a significar pensamentos misóginos, de aberta repulsa por mulheres, numa torção semântica curiosa e frutífera para nossa investigação. Isso ocorreu primeiramente com o documentário *The Red Pill* de 2016, dirigido por Cassie Jaye. No documentário, a diretora se coloca como uma feminista que procurava retratar o movimento misógino, mas que acaba por se converter pela causa de homens que se sentem (e de fato “são”) oprimidos pelo serviço militar obrigatório, leis de amparo a mulheres em litígios por bens em divórcios e diversas outras situação em que os homens são as *vítimas*. Atualmente existe um nicho de mercado digital chamado “conteúdo redpill” que é basicamente misógino.

Atualmente “red pill” se refere a esse tipo de conteúdo nas redes sociais que “desmascara” a chamada *farsa feminista do patriarcado* (cf. Weselovski da Silva e Hennigen, 2024). Nesta tese se retoma o seu sentido primeiro, anterior a essa virada masculinista, como aqueles que despertam para uma visão de mundo oposta ao que todo mundo acredita. Redpill é aqui entendida como uma cultura que valoriza o autodidatismo, a procura independente, uma repulsa por conhecimento estabelecidos, sobretudo nas classes sociais estabelecidas. Redpill é uma posição de desconfiança diante de consensos e de peritos. Desde seu princípio havia o embate com o feminismo, no entanto não se reduzia a isso como se tornou nos últimos anos.

Outras pílulas foram criadas, sendo a mais importante delas a “blackpill”, a pílula preta, que significa um individualismo radical, abandono de qualquer possibilidade de mudança coletiva, restando apenas o treino físico, a religião e o estudo. A blackpill foi utilizada pelos redpillados com as decepções que tiveram com o governo Bolsonaro e sua incapacidade de sobrepujar o “sistema”. Bolsonaro se provou incapaz de operar as mudanças radicais que os redpills almejavam. Não mais bolsonaristas, como aqueles que invadiram a praça dos três poderes no dia 8 de janeiro de 2023, os redpills atuam politicamente de outras maneiras, não mais expressando publicamente a defesa de Bolsonaro, mas mantendo o repúdio profundo à “esquerda”, ao “mundo moderno” e ao “progressismo”.

Bolsonarismo neste trabalho não é apenas uma forma de designação de eleitores de Bolsonaro ou seus seguidores e defensores, e sim um “estilo de vida” no sentido de Pierre Bourdieu (2001). Os redpills se distanciaram do bolsonarismo ao longo dos anos, é preciso reiterar, por vezes sendo críticos e satíricos com seus atuais defensores¹⁶. Portanto, essa

¹⁶ É comum nos redpills a imagem do bolsonarista como o “tiozinho” (senhor de idade) enrolado na bandeira do Brasil rezando para Bolsonaro. São aqueles que foram acampar em frente aos quartéis pedindo intervenção militar no fim de 2022. O bolsonarista para o redpill, depois do resultado das eleições de 2022, é alguém manipulado e idiotizado, por vezes uma vítima das mentiras de Bolsonaro. De certa forma, o redpill sente

pesquisa não é sobre o *bolsonarismo* precisamente, pois esse fenômeno se desdobrou de maneira a se afastar dessa cultura tipicamente jovem que é a redpill. Esta pesquisa é sobre a redpill. No entanto, a redpill e o bolsonarismo compartilham de uma mesma origem e mutuamente se explicam: a compreensão da redpill elucida o bolsonarismo e vice-versa.

Como bolsonarismo é aqui entendido? Conjunto de ideias, valores e práticas associadas a Jair Bolsonaro, a palavra “bolsonarismo” abarca uma vasta gama de entendimentos, geralmente se referindo a forma de pensar e agir de pessoas *bolsonaristas*, que são aquelas que estão dispostas a “brigar” pelo Bolsonaro, no sentido de defesa ativa pelo que o capitão da reserva representa, sobretudo em oposição a seus inimigos. Comumente associado com autoritarismo, disputa, briga e intransigência, bolsonarismo neste trabalho tem outros elementos por vezes deixado de lado:

A personalidade pública de Bolsonaro é mais ambígua. Tosca e violenta, certamente, mas também com um lado juvenil e jocoso, capaz de um humor grosseiro e até autodepreciativo, muito distante da atitude carrancuda de Trump, com quem agora é frequentemente comparado. (Anderson, 2020: pos. 2924)

Esse “humor grosseiro” e satírico foi fundamental para o seu sucesso com os jovens redpill aqui pesquisados pela sua característica de desestabilização do outro, por diversas vezes de humilhação. O humor bolsonarista é o **troll**, personalidade importante nas interações virtuais, como o sujeito que se busca o caos, a desordem, o choque e a vulnerabilidade do outro:

A dupla comunicação, e o fato de que é o troll quem decide quando está brincando e quando está falando sério, são a base de sua técnica para introduzir ideias “polêmicas” e “controversas” no debate público de maneira irônica, humorística ou com certo distanciamento crítico, mantendo sempre a dúvida sobre quanto daquilo é brincadeira e quanto é para valer. (Nunes, 2022: pos. 818)

O bolsonarismo procura a eliminação do outro não de maneira direta e violenta como no fascismo histórico (cf. Finchelstein, 2019), e sim sua humilhação moral. A trollagem e o humor troll foi a primeira afinidade entre Bolsonaro e os jovens nos primórdios do bolsonarismo, nas chamadas “mitadas” e na personagem “bolsonaro zueiro”. Bolsonaro como alguém com respostas na ponta da língua, comumente associado com a marca “tramontina”, de facas, como alguém que faz “cortes rápidos”. Seus “cortes eram acompanhados de risadas.

condescendência pelo bolsonarista, que é criminalizado pelo STF e faz doações via *pix* para o ex-presidente, porque enxerga nele uma boa intenção de melhorar o país. O redpill avalia com pesar o que aconteceu com o bolsonarismo.

O paroxismo desse humor troll foi a caricatura criada pelo humorista Márvio Lúcio, o “Carioca” do extinto programa *Pânico na TV!*, em 2017, num quadro chamado “Mitadas do Bolsonabo”. Convido o leitor a assistir um de seus episódios¹⁷. O quadro é resumidamente o humorista caracterizado de Bolsonaro cercado de homens musculosos de preto com as camisas “mito! mito! mito!” e uma bandinha militar. A ideia do quadro é Bolsonabo responder a perguntas de populares com “mitadas” misóginas e de cunho sexual. Uma dessas perguntas é: “Na sua opinião, o senhor acha que a mulher tem que ser boa de cama?” e Bolsonabo responde: “Claro!, tem que ser boa de cama, mesa e banho!”. Toca a música “turn down for what” e aplausos, risadas e gritos de “mito, mito, mito”. Bolsonabo sempre tem uma resposta na ponta da língua para não ficar “por baixo”, deixando o outro sem ação.

A trollagem é ambígua, atuando numa zona cinzenta entre “brincadeira” e “seriedade”. A postura troll permite que uma ofensa a mulheres seja minimizada apenas como “piada” e uma queixa contra esse tipo de humor seja taxada de “chatice”, “mimimi”¹⁸ e como “hoje qualquer coisa ofende”. Uma crítica a falas que ataquem direitos humanos, minorias e grupos vulneráveis é vista como um “exagero”, aumentando a tolerância para humilhações e ofensas. Além de aumentar a tolerância para a humilhação do outro, o humor troll atua como uma proteção contra críticas no sentido de não poder ser responsabilizado porque “era só uma brincadeira”.

Trolls procuram gerar respostas emocionais negativas nos seus alvos e zombam daqueles que, ao serem assediados, reclamam do comportamento abusivo. Em suas argumentações, justificam dizendo que “internet não é vida real”, que o alvo está se vitimizandando e que se trata de liberdade de expressão. Os *vaporwares*¹⁹ bolsonaristas criaram a expressão “aguenta a pilha”, que utilizavam, junto a imagens do palhaço, quando os alvos protestavam contra o abuso. (Prado, 2021: pos. 2974)

O objetivo central do troll não é fazer o outro rir, e sim humilhá-lo ou deixá-lo paralisado pelo choque. Nas palavras de Albert Hirschman (2019: 169): “uma atitude cética, zombeteira, para com os esforços e prováveis realizações dos progressistas é um componente essencial e altamente eficaz da posição conservadora moderna”, restado aos progressistas, os

¹⁷ “ELA CHAMOU O BOLSONABO PRA SAÍREM JUNTOS! | Mitadas do Bolsonabo” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=89S74kBf52Y>. Consuelo Dieguez (2022: pos. 3254) também destaca a personagem Bolsonabo: “No oitavo episódio do quadro, uma mulher pergunta ao personagem Bolsonabo: “Se você fosse eleito, colocaria uma mulher no seu ministério?”. Ao que ele responde: ‘Claro que colocaria. Quem você acha que vai limpar aquela parada lá?’”.

¹⁸ Onomatopeia para choro, significando que por “qualquer coisinha” uma pessoa esquerdista se ofende e começa a se colocar no lugar de vítima.

¹⁹ Movimento dos redpills que se apropriaram de uma estética importada de fóruns estrangeiros de humor troll. É uma radicalização da intencionalidade de chocar o outro.

inimigos da redpill, apenas a posição de “indignação moral”. Com a trollagem, Bolsonaro e os redpill conseguem perpetuar ideias reacionárias e violentas sob um manto de “é só brincadeira” e resguardados de qualquer crítica, pois a pessoa que critica é que assume o lugar de agressão e ofensa. O ofendido é, numa reversão, colocado como agressor.

A humilhação moral buscada pelo troll faz com que quanto mais o outro fique ofendido, mais isso atue como combustível para a trollagem. Um demonstrativo disso é o uso de imagens e “piadas” com o assassinato da vereadora Marielle Franco em 2018. Considerado pelos redpills como um “exagero” e uma “beatificação” de alguém que não era nada demais, Marielle é alvo de diversas trollagens com o objetivo de deixar aquele que “não entende a piada” paralisado pelo absurdo de um caso chocante virar chacota. Marielle nunca deixou de ser um dos “alvos” das trollagens desde 2018, geralmente se referindo a ela como “peneira” (referência a furos de balas) ou ilustrações de caveira com seu característico cabelo. Marielle é como uma “carta” que os redpills usam quando querem ofender profundamente alguém de esquerda.

Num complexo jogo de espelhos, criticar alguma manifestação racista, por exemplo, toma o lugar de ato violento com o outro que “não fez nada de mais”. A zona cinzenta da trollagem é fundamental na afinidade entre bolsonarismo e redpill. A misoginia passa a ser apenas uma piada. Instaura-se uma oposição entre aqueles que são bem humorados e aqueles que são chatos, que pra tudo é “mimimi”. A acusação de Bolsonaro ser uma pessoa que “odeia mulheres” por conta de seus comentários, protegido pelo seu humor troll, torna-se um drama superdimensionado com a intencionalidade de atacar sua imagem:

O público das redes bolsonaristas não via problema em certos comportamentos, considerados por eles “brincadeiras inocentes”, molecagem sem consequência. Acusavam a esquerda de não ter senso de humor, ser professoral e copiar valores de fora para impô-los aos brasileiros. (Dieguez, 2022: pos. 2169)

Ao fim, Bolsonaro que é a verdadeira vítima: atacado e taxado de misógino só porque fez uma brincadeira que não faz mal a ninguém. São só piadas que todo mundo conta em sua intimidade, coisas que “todo mundo pensa”. Ele que tem que ser protegido dessas pessoas que tudo que ele fala veem como um “problema” e uma “questão”. Bolsonaro representa desde sua ascensão uma **resistência** contra essa “chatices” do mundo do “politicamente correto” que se sente ofendido com tudo. Essa afinidade com os redpillados pela sua capacidade de “chocar” nunca cessou, sendo possivelmente o maior vínculo entre a redpill e o bolsonarismo que persistiu após as decepções.

Além da capacidade de chocar o outro de maneira “inocente”, o bolsonarismo é tratado nesta pesquisa como o desdobramento de um longo processo interno às Forças Armadas de retorno para o debate político e de conquista de prestígio social. Bolsonaro conseguiu finalmente operar um objetivo desde a abertura política dos anos 1970: a conquista de uma juventude anticomunista e entusiasta do regime de 1964 disposta a travar uma guerra de baixa intensidade, uma guerra psicológica defensiva contra um inimigo interno. De dentro das Forças Armadas se forjou a concepção de que o Brasil está sob uma infiltração comunista que se utiliza do “politicamente correto” e dos programas de TV para inculcar valores alheios à nossa cultura tradicional. Na proposta de tornar o mundo do avesso mais inteligível, a compreensão do ressentimento militar é fundamental.

O bolsonarismo é fruto de um processo interno das Forças Armadas de contra-ofensiva ao que é considerado intervenção interna de valores estrangeiros. Munidos de concepções acerca de Antonio Gramsci e da atuação de partidos de esquerda desde a redemocratização, a Comissão Nacional da Verdade (CNV) foi a “gota d’água” para os militares se colocarem como “salvadores da pátria” e “ordenadores” dos conflitos sociais e políticos. Os redpills associaram Bolsonaro e sua formação militar com um governo técnico, não-ideológico e, fundamental, “capaz de botar o terror na esquerdalha”. A esquerda tem medo dos militares, o que causa fascinação para os redpills.

Perry Anderson (2020: pos. 3330) acredita que Bolsonaro emergiu num vácuo do poder, na ausência de PT e PSDB na disputa eleitoral. Anderson (Ibidem: pos. 3065) defende que “não há infraestrutura organizacional abaixo dele [Bolsonaro]”. No entanto, logo depois, o autor discorre sobre a presença dos militares brasileiros no Haiti (Ibidem: pos. 3490) e a futura intervenção na segurança pública no Rio de Janeiro em 2018 como uma marcha de retorno dos militares ao lugar de “salvadores da ordem institucional”. Foi na experiência da MINUSTAH que os militares se recolocaram na posição de gestores de crises políticas, aqueles que são chamados quando ninguém mais consegue resolver.

A retomada da memória militar sobre o fim da ditadura é relevante para visualizar o fenômeno bolsonarismo como gestado durante muitos anos, tanto nos círculos militares quanto nos alunos de Olavo de Carvalho. Portanto, a discordância com Perry Anderson nesta pesquisa se refere à questão de Bolsonaro não surgir aleatoriamente como preenchimento do vácuo surgido na crise política decorrente da Lava Jato. Bolsonaro como uma possibilidade cuidadosamente preparada por militares e olavistas durante as décadas anteriores. Há,

portanto, uma coerência interna ao bolsonarismo que se encontra nesses seus dois pilares (militar e olavista) que se tornou poderosa ao conquistar a juventude.

Adorno (2015) em seus estudos sobre a propaganda fascistas traz alguns elementos para elucidar o que se entende aqui por bolsonarismo. A propaganda fascista nesse estudo é caracterizada como personalizada: fala de si e da audiência como “lobos solitários” contra um inimigo poderoso e articulado. Os líderes fascistas representados na propaganda são “simultaneamente tanto homens pequenos e modestos quanto líderes de grande calibre” (Ibidem: 138-9). Dessa mesma maneira se enxerga o bolsonarismo, como pessoas comuns que foram libertadas pelas novas plataformas digitais. Pessoas que organicamente foram se informando por seus celulares, descobrindo a verdade, e contestando o *status quo* sob o último líder *realmente* popular desde os anos 1970.

O líder fascista é um estrangeiro no poder, conhecedores dos “obscuros mistérios” da elite, mas que rejeitaram participar dessa “sujeira”. A linguagem é da fofoca (Ibidem: 140), aquela que conta os segredos dos poderosos. Bolsonaro e suas décadas no Congresso sem se envolver com escândalos de corrupção, Trump bilionário membro da elite sem se render aos valores corrompidos de Hollywood. Ambos estavam lá, mas não foram contaminados. São vacinados contra as tentações da elite, o que os qualifica para lutar contra essa mesma elite. Por conhecerem o “pântano” do poder, são gabaritados para enfrentá-lo. A fofoca também é importante para a deslegitimação do adversário, ao retomar aspectos de sua vida pessoal como demonstrativo de falha de caráter.

Outra ideia que ajuda na compreensão do bolsonarismo é de que o “agitador fascista é usualmente um exímio vendedor de seus próprios defeitos psicológicos” (Ibidem: 144). Os defeitos de Bolsonaro no bolsonarismo são revertidos como qualidades: “Sua incompetência gerencial emerge como garantia de autenticidade, revelando a proximidade do líder com o eleitor simples também inexperto das coisas políticas” (Lynch, 2022: 18). Suas entrevistas desastrosas, suas falas oficiais constrangedoras, suas medidas sanitárias na contramão de todos os outros países e diversos outros “defeitos” são invertidos como qualidades e virtudes de um governante verdadeiro.

O bolsonarismo foi concebido para dar errado como governo. O seu fracasso é seu sucesso. Apesar de não ser fascista, ele compartilha com o fascismo histórico a entropia: “O fascismo é completamente entrópico. Mais do que qualquer outra ideologia, o fascismo está condenado ao declínio e a prejudicar sua própria viabilidade política. A entropia conduz à

destruição da razão” (Finchelstein, 2019: pos. 1313). Essa é a posição de João Cezar de Castro Rocha (2021), na qual o bolsonarismo é incapaz de administrar a realidade brasileira pela sua necessidade permanente de mobilizar sua base numa guerra cultural contra inimigos internos.

O **populismo** é conceitualizado por Finchelstein como uma via eleitoral para o fascismo derrotado na II Guerra concebida na Argentina de Perón. Populismo, portanto, é outro importante conceito na elucidação do bolsonarismo.

O populismo tinha uma dupla legitimidade baseada em eleições mas também nas ruas, “dentro e fora de” instituições e processos eleitorais: “O populismo clássico alargou o sufrágio. Os populistas radicais da época dedicavam-se a campanhas políticas permanentes.” [...] o populismo pode reforçar a participação política ao mesmo tempo em que demoniza membros da oposição. (Finchelstein, 2019: pos. 2894)

O populismo se vê como a radicalização da democracia através da devolução do poder ao povo (Ibidem: pos. 2932). Para os líderes populistas, “os inimigos do povo representam o antipovo - isto é, aqueles que ao não reconhecer a natureza unitária e delegativa do líder e do movimento não são verdadeiros membros da nação” (Ibidem: pos. 4104). A parte se torna o todo, a fração conservadora/reacionária se torna o povo inteiro. O antipovo é o “vagabundo”, o “petista”, o “artista da lei rouanet” etc. O bolsonarismo aqui entendido fratura a sociedade brasileiro em povo e antipovo, sem no entanto pregar a eliminação física dos inimigos do povo: por vezes os inimigos do povo têm seu poder inflacionado para engajar a militância bolsonarista numa guerra. Os populistas precisam de seus inimigos para manter seu “povo” engajado (Ibidem: pos. 5536).

A legitimidade do movimento populista é seu sucesso eleitoral, que atua como salvo-conduto para medidas autoritárias. Mesmo quando derrotado, essa derrota é capitalizada como sinal de ameaça aos detentores do poder, em mais um movimento de inverter fracasso em virtude: “Até mesmo a possibilidade de uma derrota eleitoral deve ser atribuída a uma conspiração antidemocrática mais ampla das elites da mídia para ‘manipular’ o sistema e suprimir a vontade do povo, personificada na candidatura do líder populista” (Ibidem: pos. 4712). Isso ocorreu na campanha de desconfiança das urnas eletrônicas: o povo é bolsonarista e isso legitima o governo populista, sendo qualquer resultado diferente da vitória uma fraude.

Há uma insinuação e uma insistência numa “iminência de catástrofes” (Adorno, 2015: 152), de uma ruína e destruição total a qualquer momento. O Brasil pode se tornar uma Venezuela, a Nova Ordem Mundial vai instaurar o governo global totalitário, a pandemia foi

um projeto do *Great Reset* de dominação global: a inflação do poder dos inimigos resgata o sentimento de ação imediata em defesa da própria existência. O bolsonarismo é uma forma de militância política urgente, que precisa correr contra o tempo para agir, senão pode ser destruído pelos inimigos. Ele precisa proteger seu corpo, seus valores, sua família, seus bens, sua existência. Todos os dias são recheados de acontecimentos que atestam a catástrofe iminente. O bolsonarista é um sujeito em estado de alerta permanente.

Os ensaios de psicologia social de Adorno ajudam na compreensão de líder fascista ser ao mesmo tempo super-homem e uma pessoa mediana, o “pequeno grande homem”: “uma pessoa que sugere tanto onipotência quanto a ideia de que é apenas mais um do povo [...] não maculado por riqueza material ou espiritual. [...] A imagem do líder satisfaz o duplo desejo do seguidor em se submeter à autoridade e ser, ele mesmo a autoridade” (Ibidem: 172). Bolsonaro, é preciso enfatizar, não é centralizador, nem coordenador do movimento. Atua por meio de um tipo de liderança populista que deve ser protegida e defendida, na lógica do lugar de vítima. Não emula a liderança do séc XX como intocável, onipotente e acima das massas.

Bolsonaro fez um sacrifício ao se tornar presidente do Brasil, ao preço de sua saúde física e mental. Sua grandeza está em resistir a todos esses ataques na defesa do cidadão comum. Seu brilho não está na inteligência ou astúcia, e sim na capacidade de resistir. Resiste às tentações de corrupção, de dinheiro, de poder. Sua capacidade de resistir aos ataques da mídia, mídia essa que o ataca porque deixou de receber dinheiro público. O seu reconhecimento como liderança ocorre porque ele não foi pelo caminho mais fácil de falar o que todo mundo gostava de ouvir. Os exemplos são inúmeros.

A virtude de Bolsonaro para o bolsonarista é que ele não deixou de ser quem ele é, sendo essa a crítica dos redpills (*ele deixou de ser quem ele era*). Para esta pesquisa, os redpills viram em Bolsonaro uma possibilidade de não se render ao “politicamente correto”, às facilidades do “mundo moderno”, sendo esse um fator determinante no engajamento em sua candidatura anos antes de 2018. O garoto redpill no seu processo de radicalização política, quando começou a conhecer as ideias de Olavo de Carvalho e compartilhar os memes de Bolsonaro e suas mitadas, não se via como um extremista, ou um “fascista” ou um “direitista”. Ele se via como alguém que não era os seus colegas mais “populares”.

A estratégia de vitimização do Bolsonaro gera uma identificação do redpillado com ele nos seu aspecto de “só estava fazendo uma piada” e mesmo assim “todo mundo me ataca”. Bolsonaro é um guardião e um protetor. O redpill se sentiu acuado pelos novíssimos

movimentos por diversidade e o bolsonarismo é por ele percebido como uma **resistência** a essas lutas, uma posituação de ser “opressor”, “grosso”, “tosco” e “homem”. O bolsonarismo e o olavismo são para o redpill uma resposta a essa percepção de ofensa recebida, uma reação para o seu ressentimento no sentido de Kehl (2020): eu não era um radical, tornei-me por culpa de vocês.

Por fim, para deixarmos claro o que entendemos por bolsonarismo, Christian Lynch (2022: 14) assim define populismo: “*um estilo de fazer política típico de ambientes democráticos ou de massa, praticado por uma liderança carismática, que reivindica a representação de uma maioria contra o restante da sociedade*”, uma “maioria autêntica” na imagem do “gigante silencioso” não representado no *establishment*. O autor utiliza então o conceito de reacionarismo, que busca regenerar “uma ordem perdida por meio de uma aceleração da ruptura com a ordem vigente” (Ibidem: 21). Para Lynch, o bolsonarismo é uma revolução conservadora, portanto reacionária, e uma utopia regressiva, cujo “o núcleo de radicais reacionários é formado essencialmente por rapazes destituídos de experiência política e administrativa pretérita”. O autor define, portanto, bolsonarismo como um **populismo reacionário**, definição essa usada nesta pesquisa.

Em resumo, o **bolsonarismo** é aqui usado como um movimento populista e reacionário que compartilha características do fascismo histórico em sua forma de fazer propaganda e em sua entropia. Mais que uma ideologia política, o bolsonarismo se tornou um estilo de vida. Destacamos dois aspectos do bolsonarismo que estão em afinidade profunda com a redpill: o humor troll e o lugar de autêntica vítima. Perseguido por ser honesto e atacado por ser bem-humorado, Bolsonaro tem sua liderança legitimada pelo seu sacrifício pelo bem do verdadeiro povo. Ser de extrema direita como uma resistência, uma defesa e uma reação de resgate.

Outras palavras que precisam ser clarificadas são **direita**, **extrema-direita** e **conservadorismo**. Por **direita** se entende aqui a definição consagrada por Bobbio (2011) como a crença de que as pessoas não são iguais, sendo por vezes estimulado e benéfico as diferenças sociais e econômicas. Por **extrema-direita** entendemos o aprofundamento dessa lógica direitista de que as pessoas não são iguais numa visão de que existe uma **ordenação natural do mundo** que a esquerda ou os progressistas insistem em modificar, sendo

necessário portanto uma luta contra as tentativas de mudança dessa ordem natural, uma **reação**²⁰.

Neste trabalho a distinção entre direita e extrema-direita se dá pela defesa de alguns valores da modernidade e do Iluminismo pela direita, tais como tolerância religiosa e direitos humanos. Enquanto, por outro lado, para a extrema-direita a luta pela ordem natural é contra a modernidade, contra a intelectualidade e contra os princípios do liberalismo. Para a extrema-direita, o mundo e o humano estão em **decadência** em direção a um cataclisma, sendo as lutas progressistas e esquerdistas uma tentativa forçada e violenta de mudança da natureza. Bolsonaroistas, olavistas e redpill se dizem de direita quando querem transparecer moderação, mas são de extrema-direita no sentido aqui usado.

Conservadorismo é uma ideologia política que foi positivada nos últimos anos com as crises da democracia representativa e da economia neoliberal (Brown, 2019). O conservador se define como alguém prudente, afeito às tradições e com respeito pelos antepassados. Também buscam criar um campo de atuação à direita diferenciado do liberalismo por defender que o mais importante são os valores e a nacionalidade em vez do livre mercado. Diversos autores galgaram espaço na defesa da “prudência” conservadora, tais como João Pereira Coutinho (2018) e Roger Scruton (2018), de grande sucesso editorial. O conservador como aquele que prega a familiaridade pelo conhecimento adquirido, que resolve o problema ao invés de se lamentar, isto é, uma pessoa prática. O conservador vê a si mesmo com alguém destituído de ideologia. Além disso, o conservadorismo possui afinidade com o bolsonarismo e a redpill por se considerar como um movimento minoritário e excluído do debate acadêmico consagrado por não defender pautas “politicamente corretas”.

Conservadorismo tornou-se sinônimo de afeição por arte, literatura, cinema e músicas antigas, resistente às modas passageiras que não persistem no tempo, modas que logo serão esquecidas. Essa positivação do conservadorismo opera uma classificação do esquerdista como alguém que se interessa apenas por modismos intelectuais e “narrativas passageiras”, sem buscar uma verdade profunda. Para Oakeshott (2020: 92), num livro de louvação ao conservadorismo, fala de dois tipos de indivíduos produzidos pela modernidade: o empreendedor e o homem massa, que é o “resíduo” da dissolução dos laços comunais. O homem empreendedor é o resultado positivo da modernidade, aquele capaz de construir sua própria história pelo seu trabalho e ação. O “homem massa”, por outro lado, é aquele que

²⁰ A guerra reacionária contra as mudanças da ordem natural são movidas pelo que Hirschman (2019) chama de **retórica da intransigência**. Essa tese é fundamental para este trabalho e será desenvolvida à frente.

deve ser combatido, simbolizado pela esquerda, como alguém diluído pela consciência coletiva da vida urbana moderna.

Para os redpill, o conservadorismo está associado com conhecer a verdade em vez das “narrativas” progressistas que só se interessam pela mudança, pela novidade e pela aceitação do grupo. O esquerdista, para o redpill, é alguém que tem medo de criticar as opiniões gerais por retaliação e abandono, como o “homem massa” de Oakeshott. O bolsonarismo não é um movimento conservador, no entanto ele busca se alimentar desse processo de positivação do conservadorismo, outorgando para si esses valores que seriam do conservadorismo. Além disso, o bolsonarismo possui afinidade em seu aspecto de “resistência minoritária” contra a opinião hegemônica, que seria a esquerdista.

Mundo do avesso é a ruptura simbólica operada naqueles que entram na **toca do coelho** da redpill. Além da inspiração em Cesarino (2022a), mundo do avesso, ou invertido, é baseado na retomada da definição do jovem Marx de ideologia por Paul Ricoeur (2015: pos. 216): “O paradigma de uma imagem invertida da realidade é fundamental para esse primeiro conceito de ideologia: a primeira função da ideologia é a produção de uma imagem invertida”. Uma das características fundamentais do mundo do avesso que foi inventado nos últimos anos é ser intransponível para seus inimigos e para os estrangeiros. Ele só faz sentido para quem está dentro dele.

Cesarino (2022a) analisa esse mundo de modo cibernético, interessada na crise do sistema de peritos e na criação de uma nova epistemologia mediada pelas plataformas digitais, bases para o populismo digital e as pseudo-ciências conspiratórias. Nesta pesquisa o mundo do avesso é estudado como uma visão de mundo em constante movimento de distanciamento do “mundo estabelecido”, o “nosso mundo”, que para eles mesmo é o mundo invertido. Não há discordância da abordagem de Cesarino (Idem), sendo fundamental para esta pesquisa, mas o problema aqui é estudado por outro ângulo, pelo fenomenológico e compreensivo em vez do cibernético.

Estar no mundo do avesso é classificar o outro como ideológico. Ideologia é uma categoria acusatória, nunca o sujeito diz de si mesmo que está sendo ideológico. Ideologia refere-se a uma inversão da realidade real. É sempre o outro que está envolto num mundo ficcional. Para o olavista e os redpill, inspirados pelo esoterismo, vivemos no *Kali Yuga*, a idade das trevas que René Guénon (2021) se apropriou do hinduísmo, caracterizado pela inversão de todos os valores e o iminente cataclisma do sistema. O mundo moderno é uma

inversão (Sedgwick, 2020: 61) no qual o bonito é transformado em feio (arte sacra), o mau é modificado em bom (bandidos são protegidos pela mídia) e o certo é tachado de errado (ser heterossexual). Os exemplos mais usados são na arte e na arquitetura, sintomas da decadência do mundo moderno. Não se faz mais beleza como na arte clássica: mais rebuscada, sofisticada, uma arte que não é qualquer um que pode fazer, ao contrário da arte contemporânea que são apenas “coisas aleatórias com uma história bonita inventada”. A música também é bastante utilizada para demonstrar a ruína do mundo moderno, classificando o que hoje faz sucesso como um lixo cultural. O moderno é sinônimo de decadência, numa visão que Sedgwick (Idem) chama de **decadentista**.

O redpill, o olavista e o bolsonarista veem a si mesmo como realizadores de uma “contrainvenção” (Wagner, 2012: 173) que resiste a essa inversão dos valores. O belo voltar a ser belo, o errado voltar a ser errado. Nessa visão de si mesmo como salvadores, os militares e a guerra contra o inimigo interno são concordantes. O retorno dos militares para o poder é consertar o erro da ditadura, o qual foi não ter se atentado o suficiente para a guerra cultural e a dominação esquerdista na mídia e nas universidades. A inversão operada pela esquerda e suas ferramentas, como politicamente correto, arruína a sociedade e desagraja as pessoas.

O mundo do avesso vive num sistema retroalimentado com o “outro lado”. O mais comum é agir em sinal negativo: se a Globo elogia, é ruim; se a Folha de S. Paulo defende, é errado; se a ONU divulgar alguma medida, é a Nova Ordem Mundial querendo mais poder. Outras vezes o sistema é retroalimentado indo além do que o outro argumenta, operando um exagero. Um exemplo disso é a interpretação do que ocorreu em 2016 com a presidente Dilma Rousseff: a leitura de que houve um golpe parlamentar tem, no mundo avesso, uma interpretação de que sim, estávamos numa iminente revolução comunista e houve sim uma reação necessária, uma contra-revolução próxima à de 1964. A contrainvenção da inversão pode, portanto, ser antagônica ou ampliada, sempre no sentido de se distanciar do *outro lado*.

Para elucidarmos o **olavismo** vamos recorrer a um de seus ex-alunos, hoje rompido, Ricardo Almeida ao apresentar o *professor*: “Olavo de Carvalho caracteriza-se por desenvolver uma filosofia da consciência, a qual reforça o primado da consciência individual contra doutrinas que tencionam suprimi-la” (*in*: Carvalho e Dugin, 2012: pos. 224). Em outras palavras, a filosofia de Olavo é, para ela mesma, um fortalecimento do indivíduo contra as doutrinas que tentam subjugar-lo. Nesta introdução, Ricardo Almeida diz que Olavo é capaz de ler as mentes dos seus leitores:

A filosofia do Prof. Olavo de Carvalho [...] revela-se a elaboração progressiva de uma linguagem mais próxima da experiência, capaz de traduzi-la com o máximo de fidedignidade possível, inclusive conservando as ambigüidades oriundas das tensões que a própria realidade patenteia. Vem daí a sensação, compartilhada por muitos dos seus leitores, de que o autor soube *dizer* exatamente o que cada um pensava, mas não conseguia *expressar*” (Ibidem: pos 261).

O olavismo é como um poder simbólico que se exerce sobre um *habitus* predisposto a senti-lo (Bourdieu, 1996: 39). O olavismo tem esse poder de colocar em palavras o que seus leitores pensam, mas não são capazes ainda de elaborar. Para Bourdieu, o ritual, assim como no olavismo, tem eficácia pela crença preexistente, pois prega-se apenas aos convertidos (Ibidem: 105). Não interessa a discordância daqueles que não são olavista, pois isso denota incapacidade de incompreensão ou apenas mal-caratismo. *Olavo tem razão*²¹ e sua capacidade de prever o futuro, de fazer acontecer o futuro que se anuncia para seus seguidores. Ainda na linha de Bourdieu, o olavismo é um ato de magia social que deu certo: Olavo foi capaz de estruturar a percepção, agindo sobre a representação do real (Ibidem: 99).

Além de criar a representação do real, o olavismo é uma tentativa de fomentar, em seus termos, um “ambiente cultural” e uma “alta cultura”. Esse traço do olavismo é fundamental na coesão do grupo que vê a si mesmo como aqueles responsáveis pelo resgate da alta cultura perdida no país, na mesma linha do decadentismo e do reacionarismo. O olavismo tem seu “corpo de intérpretes”, os seus alunos consagrados, aqui chamados de **sacerdotes**, como proteção às leituras vulgares, exorcizando a impureza e demarcando a linha justa entre o sagrado e o profano (Ibidem: 172). Como um corpo instável, o olavismo com seus intérpretes tenta manter a verdadeira opinião do “professor”, sobretudo nos assuntos mais delicados.

Se para que “a linguagem de importância do filósofo seja recebida tal como ele reivindica que o seja, é preciso que sejam dadas as condições sociais que fazem com que ele possa obter que se lhe conceda a importância que ele atribui a si mesmo” (Ibidem: 60), como foi possível Olavo criar uma rede de alunos que o chamam de mestre? Pelo efeito de teoria, que “ao contribuir para impor uma maneira mais ou menos autorizada de ver o mundo social, contribui para fazer a realidade desse mundo” (Ibidem: 82), Olavo previu o futuro da própria realidade criada em suas aulas. Numa transcrição de uma das aulas do Curso Online de Filosofia (COF), Olavo diz

²¹ Grito popularizado nas manifestações de 2013, deu título a um documentário com entrevistas com o “professor” e com importante participação de seguidores de Olavo de Carvalho. O documentário foi lançado em 2023 pelo diretor Mauro Ventura, ferrenho olavista.

Não devemos tentar fazer algo que seja compreendido pelo presente meio acadêmico, mas fazer coisas que só serão realmente compreendidas por pessoas como nós, que existirão no futuro. Podemos intervir pontualmente no debate atual, para denunciar certas pessoas, mas a preocupação fundamental é criar um outro debate acima deste, que irá se sobrepor ao atual e, pelo seu peso, fará este ceder (apud Cunha, 2019: 167)

Portanto, para o olavismo, o projeto não é de dar respostas, e sim de produzir os mecanismos de criar as perguntas feitas ao mundo pelos seus alunos. O propósito é criar uma casta e “controlar a angústia típica de quem vive a incerteza existencial” (Ibidem: 174) da modernidade tardia no que Giddens (2002) chama de “insegurança ontológica”. O olavismo operou o que Bourdieu chama de “subversão herética”, conseguiu “mudar o mundo social modificando a representação desse mundo que contribui para sua realidade” (Bourdieu, 1996: 118). Olavo de Carvalho pode mudar o mundo agindo como o profeta de Weber (2014: 303), como aquele que retorna um significado perdido e que só tem a si mesmo como fiador.

Não interessado em ganho financeiro, nem cargos políticos e muito menos aceitação na academia, a representação de Olavo de Carvalho de si mesmo, e absorvida pelos seus alunos, é de um portador da verdade, tal como um profeta em tempos de crise. O olavismo é a exaltação do “procure você mesmo”, do autodidatismo, dos estudos paralelos e individuais. Ao mesmo tempo, é uma formação que promete o contato com o elevado, com o que há de melhor realizado pela inteligência humana em filosofia e arte. Olavo, enfim, foi capaz de realizar a “Pedagogia da Autonomia” (Freire, 2011): pegar a experiência do mundo e transformar em palavra em milhares de alunos sobretudo jovens e principalmente homens pela internet. Mais do que conteúdos, Olavo ensinou uma forma de pensar.

Olavo de Carvalho é aqui entendido não como guru, astrólogo, filósofo ou professor. Inclusive analisar Olavo por esse caminho é cair na sua teia argumentativa, reforçando-o. Ele é aqui compreendido como um tutor: a formação de seus alunos é voltada para a vida deles como um todo. Não só educar em filosofia, política, história do Brasil ou em artes, e sim para o trabalho, para os relacionamentos, para métodos de estudo e de projeto de vida. Ser aluno de Olavo, na fala de seus alunos, é uma mudança incontornável na vida, mesmo naqueles que romperam com o mestre. Uma das características de um olavista, marcante para quem está de fora, é sua autoestima: a confiança de saber mais que o outro.

O olavismo não se restringe aos seus alunos. Desde que foi aos EUA em 2005, Olavo criou uma maneira própria de comunicação e contato com seus alunos, valorizando a internet, a produção de conteúdos de áudio (programa *True Outspcak*), de vídeo e atuação constante

nas redes sociais. Em diversos momentos, Olavo diz que criou uma persona para atrair alunos, que misturaria coisas elevadas com coisas chulas, “Alborghetti com Aristóteles” dizia ele. As piadas, o humor, são fundamentais para o olavismo. Diversos são os alunos que dizem que a “virada” para o olavismo foi alguma tirada do *professor*, como a que deu para o músico Tony Bellotto ao dizer que “não se discute com roqueiro”. Olavo é popular não apenas pelas suas ideias, mas pela sua estética e postura, extremamente copiadas por diversos alunos e admiradores.

A atividade do olavismo positivou o “ser de direita” como algo elevado. Deu as ferramentas para uma diversidade de jovens, sobretudo homens, *resistirem* ao que é sentido por eles como uma dominação no campo intelectual pela esquerda. O aluno, admirador ou apenas seguidor de Olavo sente-se confiante de que possui um conhecimento sofisticado do mundo e de si mesmo muito mais poderoso do que se faz “inteligência” (universidades e mídias). O olavismo diagnostica o mundo como decadente, reconhece a impossibilidade de *consertá-lo* no curto prazo e propõe como única saída o estudo, o autoconhecimento e o contato com o universal via estudos autodidatas. “Filosofia da consciência” é uma maneira olavista de falar em “desenvolvimento pessoal”.

Juventude e masculinidade são outras palavras que precisam ser melhor descritas. **Juventude** é uma fase de transição, permeada de heterogeneidade e vulnerabilidades específicas, fundamentais na construção de cidadania e participação política (Novaes e Vannuchi, 2007). Mais que uma marcação de idade, juventude é aqui compreendida como uma cultura de transição, na qual novas tecnologias e maneiras de interagir e se comunicar se distanciam das formas anteriores de relação social. Este trabalho aborda juventudes diferentes, tais como a primeira geração de olavistas na internet dos anos 2000, a juventude antipetista surgida após 2013 e a juventude profundamente reacionária e bolsonarista na eleição de 2018. No esforço de compreender essas juventudes, serão retomadas outras juventudes “radicais”. Em comum a essas juventudes há uma busca de seu lugar no mundo (Elias, 1997) em contraposição às gerações anteriores. Portanto, o **conflito geracional** é a marca do conceito de juventude aqui usado.

Masculinidade é aqui usado como uma categoria nativa. Mais do que adentrar nos debates dos estudos de gênero e uma gama de estudos sobre “machosfera”, este trabalho procura realizar uma exposição de como é visto o “ser homem” na cultura redpill, alicerçada pelo olavismo e pelo bolsonarismo. Portanto, masculinidade é um ponto de chegada em vez

de um ponto de partida. Não era o propósito inicial da pesquisa abordar o gênero, mas durante a investigação se tornou uma temática incontornável.

Se o objetivo principal desta pesquisa é de compreensão da cultura redpill, isso só é possível pelo entendimento de como é pensado masculinidade para esses sujeitos: o homem como vítima e a mulher moderna como causa. A masculinidade, ou melhor, a busca da masculinidade perdida e o enfrentamento da “mulher moderna” se mostrou como o fio condutor entre todos os elementos levantados até então: o bolsonarismo, o ressentimento militar, o populismo reacionário, o conservadorismo, o olavismo, o conflito geracional. O caráter masculino nunca foi abandonado na redpill. A chave para a porta do mundo do avesso neste trabalho é a forma que os redpill veem a masculinidade.

O PROBLEMA E A PESQUISA

Este trabalho foi desenvolvido ao longo de um extenso período, atravessando diferentes contextos. No ano de 2014, na época dos estágios finais da minha graduação em Ciências Sociais, enquanto escrevia a monografia de conclusão de curso sobre testemunhos de estudantes perseguidos pela ditadura militar, ainda sem conceber uma pesquisa sobre jovens de direita, deparei-me com jovens saudosos da ditadura militar na internet. Foi então que começou uma curiosidade que depois se tornaria uma pesquisa sistemática a partir de 2018.

O objetivo desta Introdução é apresentar os principais recortes e questões que permeiam este trabalho. Apresentar ao leitor quais são os principais interesses de pesquisa. O problema é complexo, multifacetado e construído no “calor do momento”. É preciso expor ao leitor as escolhas que foram tomadas na diversidade de possibilidades para abordar o seguinte problema: como foi possível a invenção²² de um mundo próprio, o qual é chamado de “cultura redpill”, com suas regras internas, lógicas específicas e estrutura de sentidos, permeado por ideias conservadoras, fascistas, autoritárias, reacionárias, conspiratórias e tradicionalistas nos últimos anos precisamente em homens jovens que projetaram em Jair Bolsonaro a realização de seus sonhos? Além serem abordadas as condições de possibilidade de emergência dessa utopia por jovens de direita, é preciso descrever e adentrar neste mundo na tentativa de produzir um mapa desse território “estranho”.

Serão, portanto, duas linhas de investigação. A **primeira linha** abordará o processo de emergência de uma "juventude de direita". Os fatores facilitadores para uma radicalização

²² Aqui nos inspiramos em Roy Wagner (2012).

política serão resumidos em dois pontos principais. O primeiro fator diz respeito às mudanças estruturais nas perspectivas de um futuro menos promissor do que o vivenciado pelos pais, alimentando um profundo sentimento de frustração e insegurança. Isso cria um contexto propício para uma utopia regressiva, buscando o retorno de um passado idealizado, especialmente por aqueles marcados pela transitoriedade, como os jovens. Além disso, as lutas do campo feminista e as mudanças na forma de se relacionar, sentidas pelos homens como ameaças e violências, traduzidas como uma necessidade de “se defender” e “se preparar” para o relacionamento. Os homens seriam as *verdadeiras* vítimas, esquecidos por direitos sociais e ações afirmativas. Além de esquecidos, os homens seriam penalizados pela sua condição, perdendo espaço e representação social.

O segundo fator facilitador diz respeito à construção coletiva da memória da ditadura militar, na qual houve movimento institucional e social pelo esquecimento tanto do apoio popular quanto das motivações e limitações políticas daqueles que enfrentaram o regime. Um revanchismo militar pela derrota no campo da memória, alimentando um sentimento de guerra contra o “revisionismo de esquerda”. Antes de tudo, Bolsonaro é um oficial da reserva do Exército Brasileiro. Um revisionismo do revisionismo, tal como uma inversão da inversão, uma nostalgia da época em que o Brasil era visto como potência, os “anos dourados” do “milagre”. Diagnosticada a derrota simbólica sobre o que teria sido o “governo militar”, desde os anos 1980 há um esforço de conquistar uma juventude entusiasta do regime, missão alcançada com Bolsonaro nas redes sociais e Olavo de Carvalho com seus cursos.

Além do revanchismo, o estreitamento das formas de se combater o regime ditatorial realizado, de maneira não-intencional, pelo campo oposicionista ao regime durante a luta dos familiares de Desaparecidos Políticos e Anistiados favoreceu um desmerecimento de outras lutas políticas além daquela que se consagrou na memória sobre a ditadura (os “heróis da resistência” e da luta armada). Isso possibilitou o florescimento de visões políticas aversivas à geração dos anos 1960 e 1970, tida como vitoriosa, hegemônica e responsável pelos governos petistas de 2003-2016. Combater a elite e o *establishment* se tornou lutar contra os falsos “heróis da resistência” contrários à ditadura militar. Contra os defensores do comunismo e da corrupção generalizada dos governos petistas. O petismo como establishment e Olavo de Carvalho como contestador e revolucionário:

na percepção da emergente juventude de direita, na década de 1990, o establishment cultural era dominado pela esquerda, assim como, a partir de 2002, o establishment político foi dominado pela conquista da presidência pelo PT. As sucessivas vitórias, legítimas e democráticas, do PT nas eleições presidenciais converteram aquela

percepção em retrato fiel da realidade. Nesse *espaço de experiência*, delimitado pela hegemonia cultural (e agora também política) da esquerda, a esperança de transformação residia na projeção de um *horizonte de expectativas* no qual aquela hegemonia seria abertamente contestada e, se possível, superada. Em tal contexto, compreende-se que a atuação de Olavo de Carvalho fosse vista como revolucionária (Rocha, 2021: pos. 2317)

Em resumo, nessa linha sobre a formação de uma juventude de direita, nossa abordagem será, *grosso modo*, sociológica.

A **segunda linha** de investigação é compreensiva, fenomenológica e etnográfica, adentrando na rede de significados do que consideramos uma utopia. Durante o esforço de pesquisa, foi percebida a necessidade de realizar uma tradução dessa visão de mundo que, nas leituras e análises, parecia completamente incompreendida. A perspectiva dos nossos interlocutores, que escrevem seus próprios livros e produzem suas próprias explicações e interpretações, desempenha um papel crucial na elaboração do mapa de significados que elaboramos: “nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas” (Geertz, 1978: 19). Ainda na esteira de Clifford Geertz (2014), a metáfora sobre conseguir rir das piadas dos nativos e entender as nuances de suas piscadelas. Para o observador externo, o léxico do mundo do avesso parece uma caixa-preta e ele é propositadamente pensado para ser assim. Nossa intenção é desfazer os estereótipos e clichês ao mesmo tempo em que mantemos uma postura crítica, equilibrando os afetos de simpatia e aversão com os habitantes desse mundo.

Um dos traços característicos do mundo “redpill” é seu acolhimento com quem estiver disposto a adentrá-lo, mobilizando afetos de solidariedade e pertencimento conjuntamente com a oposição aguda com quem está fora dele. Como é formulado em oposição, é preciso assimilar como o “outro”, nesse caso a “esquerda”, é identificado: aquilo que não sou e nem quero ser e luto pela sua eliminação ou aquilo que sou verdadeiramente (a esquerda diz se importar com os mais pobres, mas *nós* que genuinamente nos preocupamos com eles e eles, da esquerda, que são elitistas). Como um sinal invertido ou aprofundado da esquerda, ser de direita está em relação indissociável com o que é considerado ser de “esquerda”, mas do avesso. A utopia é construída a partir da interpretação do presente, do governo do PT e sua aliança com a elite política e econômica, numa situação vista como uma distopia totalitária (já estamos sob uma ditadura). Essa segunda linha será, portanto, antropológica e fenomenológica.

Ao longo dos anos ocorreram modificações, deslizamentos, adaptações e muitos confrontos em ambos vetores, tanto de Bolsonaro em direção aos “redpillados”²³ quanto no sentido oposto. É uma relação dinâmica de contínuos atritos e acomodações entre Bolsonaro e sua base jovem. Essa relação será mais analisada à frente. É difícil para quem está de fora a compreensão do sistema circular formado entre Bolsonaro e os jovens redpill, que são principalmente olavistas, pois não há uma linearidade. Bolsonaro não é uma liderança que tem uma massa obediente na mão, muitas vezes se aproximando do oposto disso, como se fosse um líder que tenta agradar a qualquer custo, como se estivesse em submissão.

Os “redpillados”, por seu turno, mesmo quando críticos ao ex-presidente, não rejeitam absolutamente Bolsonaro. Ele jamais cessou de ser um dos assuntos principais de seus debates e, em momentos cruciais, como nas eleições de 2022, os jovens de direita²⁴ estiveram como um todo ao lado do candidato derrotado. O jovem “redpill” após o Governo de Bolsonaro vê o ex-capitão como um fraco, um frouxo e um incapaz, mas ele preservou uma de suas virtudes mais importantes, que é central nesta pesquisa: a capacidade de irritar a esquerda e desestabilizar o mundo dominante. Essa capacidade foi capaz de manter uma união entre Bolsonaro e “redpillados”.

Apesar do enfoque ser a emergência da cultura “redpill” e seus códigos, dedicaremos atenção também ao “bolsonarismo” e à “direita” no sentido mais amplo e nas suas outras manifestações. Durante seu governo, os apoiadores de Bolsonaro passaram a ser cada vez mais pessoas de idade avançada e com maior presença de mulheres, além de outros matizes, como os empresários e *coachings* de investimento, ocorrendo uma alteração do que foi nos anos 2013 a 2018.

No entanto, há uma permanência da forma de pensar e das estruturas cognitivas que se prolongam, apesar de serem outros sujeitos. Seus desdobramentos atuais auxiliam no entendimento de como o movimento foi constituído, pois algumas tendências se tornaram

²³ Por “redpillados” procuramos indicar principalmente os jovens de direita que se inspiram em Olavo de Carvalho e nostálgicos com a ditadura militar. Jovens liberais e do Movimento Brasil Livre (MBL) são parte importante do que se chamava “nova direita” e das mudanças políticas profundas que ocorreram nos anos 2010, como no *impeachment* de 2016, sendo objeto de diversas pesquisas. No entanto eles foram engolidos e digeridos pelo olavismo e sua expressão bolsonarista, satirizados pelos “redpills”, como buscaremos demonstrar no capítulo 5.

²⁴ Os “redpillados” não abriram mão de votar em Bolsonaro, tal como o mentor Olavo de Carvalho. Olavo, apesar de crítico ao governo, defendeu Bolsonaro frente a uma “terceira via”. Nos momentos de maiores decepções, os redpills cogitaram o voto nulo (o que foi motivo de debates e rompimentos, como falaremos adiante). Os jovens liberais tentaram se dissociar, procurar alguma outra alternativa como Sergio Moro, mas, ao fim, também votaram maciçamente em Bolsonaro.

mais depuradas (como a proximidade com pseudociências). Há uma multiplicidade de outros tipos de agrupamentos que, apesar de não propriamente de redpills, compartilham visões de mundo e alimentam o cosmos da direita como um todo, como conspiracionistas e os defensores da intervenção militar. Eles também são parte relevante dessa pesquisa e se relacionam com o seu propósito. Também será discutido os caminhos possíveis do movimento da direita, que está muito diferente do que era no seu período de ascensão.

O desafio desta pesquisa é tornar o que se convencionou chamar de *nova direita*, formada a partir dos anos 2000, algo razoável, algo que faça sentido e que seja passível de compreensão, sem apelar para causalidades que idiotizam seus seguidores ou uma explicação reducionista. Em outras palavras, uma tentativa de responder sobre o sucesso de Jair Bolsonaro que não recorra a causas ou irracionistas ou deterministas, remetendo às suas primeiras manifestações como um candidato de jovens homens com memes na internet.

Como superar o “espanto” que as falas de Bolsonaro e seus apoiadores provocam em quem não pertence a esse mundo? O primeiro passo é reconhecer que são sujeitos que participam dessa rede de pensamento. São pessoas em seus celulares, nos almoços de família, em seus grupos de *WhatsApp* e *Facebook*, nas conversas de bar, colegas de curso e participantes de *chats* de jogos *online*²⁵. Não são menos inteligentes, com menos acesso à informação, ou pessoas “ruins”. Nestes anos de interlocução com esses sujeitos, foi uma constante constatação de que são pessoas comuns, próximas a nós. São colegas de trabalho, familiares, amigos e (por que não?) intelectuais. Essa pesquisa tem sido um longo processo de superação do *choque* que pode causar ouvir alguém emaranhado pela forma de pensar bolsonarista, olavista, conservadora, conspiracionista etc.

O espanto e o choque causado por Bolsonaro, fator determinante para seu sucesso nos redpills, que lhe alçou ao poder, paralisa a capacidade de análise social do problema para quem está de fora. O presidente não é uma figura alienígena que surgiu por geração espontânea. É fundamental enxergar Jair Bolsonaro como um ponto conectado a uma longa teia ramificada de causas e efeitos. Algo que instiga este trabalho é a superação do sentimento de “inacreditável”, demonstrando que esse sentimento é central para a sustentação desta forma de pensar em si mesma.

Enquanto o bolsonarismo puder escandalizar, seu considerável apoio popular permanecerá opaco e inconcebível, deixando sua compreensão impossível. Como

²⁵ Uma piada que circulou logo após o resultado da eleição foi “conseguimos eleger um presidente falando de nossos celulares Motorola [celular barato] de tela quebrada enquanto sentados no vaso sanitário”.

procuraremos demonstrar, o “fenômeno Bolsonaro” é sustentado por essa impossibilidade de diálogo e de trocas simbólicas, fraturando o tecido social em grupos incapazes de dialogar e conceber os outros, numa oposição crescente em ambos os sentidos. Dito de forma mais direta, a retórica de Bolsonaro não é apenas que bolsonaristas odeiem cada vez mais a esquerda, é a esquerda odiar cada vez mais os bolsonaristas também, formando um sistema retroalimentado de cisão social no que Gregory Bateson (1986) chamou de cismogênese.

São três momentos analíticos que guiarão esta pesquisa: 1) a criação de um ambiente propício para ideias reacionárias e conservadoras com grande sucesso entre a juventude, associando esquerda com *establishment*, sobretudo na internet, na década dos anos 2000 até as manifestações de 2013, com destaque para autores do campo do pensamento liberal, para a mídia tradicional fomentando o que se conhece como antipetismo e para *think tanks* liberais; 2) a ascensão do pensamento olavista como aprofundamento da crítica liberal, tornando Olavo hegemônico no campo da direita crescente após as manifestações de 2013, atingindo seu ápice no ano da vitória bolsonarista de 2018, alcançando uma afinidade eletiva entre reacionarismo, militarismo, revoltas antissistema, anticorrupção e o surgimento de uma utopia regressiva personificada em Jair Bolsonaro a que chamamos de “redpill”; 3) por fim, de 2019 em diante, com início do governo, ocorreu uma frustração do campo “redpillado” em particular e o abandono da juventude em geral do projeto de uma república tutelada por militares empregado por Bolsonaro, juventude essa que passa a se dedicar aos treinos físicos, estudos particulares sobre política, relacionamentos e ganho financeiro próprio.

Este trabalho se debruça principalmente sobre uma união imprevista de três universos ocorrida no nosso segundo recorte temporal, entre os anos 2013-2018, que já se encontra desfeita. Como num enlace borromeano no qual os três círculos estão interligados e a remoção de qualquer um deles desfaz essa união, logo nos primeiros meses do governo de Jair Bolsonaro as bases que o alçaram a presidente da República foram desfazendo esse nó. Encerrado seu mandato (no qual metade dele transcorreu sob uma pandemia), o público que declara apoio ao presidente em manifestações de rua, nas mídias tradicionais e nas redes sociais se transformou. Analisar e descrever a história desse enlace já desfeito que tornou possível a vitória de Bolsonaro e superar a perplexidade de seu sucesso. Dentro do núcleo de apoio de Bolsonaro formado por três círculos, a vitória vinha sendo preparada há anos, com intenso engajamento e com confiança no triunfo.

É comum em textos sobre o apoio popular do presidente eleito em 2018 se apontar dois aspectos aqui acentuados: suas origens militares, derivada sobretudo da recém ditadura de 1964, e o papel do escritor Olavo de Carvalho com suas ideias conservadoras, reacionárias e anticomunistas. Contudo, esquece-se os sujeitos que operaram essa união. Aqueles que realizaram esse encontro entre a busca por *ordem social perdida*, retratada pelo saudosismo do autoritarismo militar e a utopia regressiva de um país forte e potente da ditadura, com as ideias de um escritor caleidoscópico como Olavo de Carvalho, que oscila entre artes, filosofia, autoajuda, ciências sociais, palavrões, frases de efeito, postagens no *Facebook* e vídeos no *YouTube*. Quem são aqueles que estavam no Rolezinho de 2016 que trouxemos acima?

Analisando as pesquisas de intenção de voto de Jair Bolsonaro à presidência, observa-se um peso relativo maior dos votos das duas faixas mais jovens, dos 16-24 e dos 25-34 anos. Na pesquisa Datafolha de dezembro de 2016 para voto estimulado, por exemplo, as intenções de voto totais do candidato somavam 9%, enquanto que a primeira faixa mais jovem pontuava 13% e a segunda, 11%. Essa sobrerrepresentação do voto dos mais jovens se mantém até agosto de 2018, quando as intenções de voto vão para 19%, sendo a primeira faixa responsável por 24% e a segunda 23%. Daí em diante a composição do seu voto torna-se mais equânime entre as outras faixas de idade em decorrência de sua ampla divulgação midiática. Hoje, Bolsonaro deixou de ser o representante da juventude, obtendo maior apoio relativo em faixas etárias mais velhas. Contudo, é possível afirmar que, no início de sua campanha presidencial²⁶, a juventude ocupou centralidade.

Uma juventude que cresceu vendo uma política de acordos de bastidores, em que figuras políticas adversárias se acertam sempre em um grande e único condomínio de poder, não tem modelos em que basear uma posição própria, a não ser o da rejeição em bloco da política. Quem nasceu da década de 1990 em diante, por exemplo, não assistiu a qualquer polarização política real, mas somente a polarizações postizas, de objetivos estritamente eleitorais. (Nobre, 2013: pos. 139)

Ainda mais acentuada é a disparidade de gênero, que se mantém elevada até o fim do primeiro turno. Em dezembro de 2016, diante dos 9% de intenções de votos gerais em Bolsonaro, ele tinha 13% da votação masculina. Em agosto de 2018 eram 27% de voto masculino diante dos 19% totais. Na última pesquisa do primeiro turno, 42% do voto masculino contra 35% total. Analisando dados da pesquisa IBOPE até setembro de 2018,

²⁶ Momento fundante é a ida de Jair Bolsonaro à AMAN em novembro de 2014 na qual ele se lança como candidato à presidência e é aplaudido e ovacionado como “líder”. A centralidade disso será retomada a frente

Oswaldo Amaral²⁷ argumenta que o fator gênero (ser homem) ampliava até 2,5 vezes a chance de voto em Bolsonaro. Essa característica masculina no apoio a Bolsonaro sempre se manteve. Ser homem é o núcleo duro de sua base, de forma mais aguda ainda na internet:

Em abril de 2018, somando seguidores de Instagram, Facebook, Twitter e YouTube, Jair Bolsonaro falava diretamente com quase 8 milhões de usuários nas redes sociais [...] Mas o número cru de seguidores não mostrava quem de fato estava sendo alcançado pelas publicações do “Mito”, compartilhadas a perder de vista. Era necessário decupar os dados.

Assim, a agência [de Marcos Carvalho] detectou que, naquele mês, 90% das menções a Bolsonaro nas redes vinham de homens. (Dieguez, 2022: pos 2335)

Portanto, entrelaçado com a tradição brasileira da participação de militares na vida política e a produção prolífica de Olavo de Carvalho e de seus alunos e seguidores, nosso terceiro elo é de homens jovens que se politizaram, ou melhor, *radicalizaram-se*, durante as décadas dos anos 2000 e 2010, chamados de redpills. Nossa tese é de que esses homens jovens que se “endireitaram” são fundamentais para entender o sucesso de tais disposições reacionárias, foram eles o núcleo irradiador da candidatura do capitão reformado.

O MAPA

No capítulo 1 será descrito o contexto da problemática sobre as “novas direitas” no início desta pesquisa. Será remontado alguns trabalhos antes e depois das eleições de 2018, que marcam uma inflexão na reflexão acerca da ascensão de pensamentos de direita e extrema-direita no Brasil. Depois será falado sobre as escolhas metodológicas e os princípios epistemológicos que norteiam essa pesquisa. Faz-se importante a descrição das dificuldades, percalços, sobretudo com a decorrência da pandemia e as mudanças internas aos grupos redpills e olavistas por conta da judicialização de suas formas próprias de militância. Por fim, o capítulo 1 é uma reflexão sobre como é fazer pesquisa de uma campo disperso, críptico e inacessível para quem está de fora.

No capítulo 2 discute-se sobre como as lutas no campo da memória acerca da ditadura militar são relevantes na compreensão da afinidade ocorrida entre jovens homens, bolsonarismo e olavismo. A memória ressentida dos militares coloca-se como vítima das elites revanchistas ao mesmo tempo que se veem como os verdadeiros patriotas capazes de resgatar um Brasil potente e ordeiro. Demonstrativo dessa visão de si mesmo encontra-se nos livros de Ustra destinados aos jovens do Brasil. Essa autoimagem que os militares têm de si

²⁷“Quem são os bolsonaristas convictos, segundo o Ibope” disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/18/opinion/1537287943_517482.html

fomentou uma utopia regressiva em jovens homens, que depositaram em Jair Bolsonaro suas esperanças.

No capítulo 3 adentra-se no mundo do olavismo e seus sacerdotes. Pensador multifacetado, Olavo empregou uma pedagogia com seus alunos capaz de lhes fazer sentir dotados de grandes conhecimentos e habilidades intelectuais. Não apenas um intérprete do mundo, Olavo criou um mundo particular para seus alunos, preparando-os para uma guerra cultural e a restauração do mundo frente ao decadentismo e a inversão dos valores, numa luta pela formação de um ambiente de “alta cultura”.

No capítulo 4 há um intervalo com discussões teóricas acerca das condições de possibilidade de uma juventude radical, retomando reflexões sobre os estudantes que lutaram contra a ditadura brasileira de 1964. A partir de Norbert Elias, os jovens radicais que ingressaram nas fileiras nazistas na República de Weimar e os jovens marxistas do anos 1960 na República de Bonn também são parte importante para a reflexão. Debate-se o neoliberalismo como absorvido pela juventude redpill e o movimento de extrema-direita com interconexões internacionais, utilizando-se principalmente da internet.

No capítulo 5 a redpill é apresentada como uma radicalização da juventude frente ao esgarçamento social das últimas décadas de neoliberalismo. Partindo do humor troll e da busca por atenção, os jovens formularam uma forma de elaborar o ressentimento e a sensação de vitimização e exclusão dos processos sociais, seu próprio lugar no mundo, na criação de um mundo futuro de um passado que nunca existiu. Por fim, serão descritos as três principais atuações da redpill atualmente, que são os estudos particulares (autodidatismo), conteúdos para internet (o humor troll) e a síntese final entre bolsonarismo, olavismo e juventude contida no canal Brasileirinhos..

Nas Considerações Finais apresenta-se uma breve reflexão sobre utopia e uma discussão sobre o que se popularizou de “polarização política” e suas consequências na vida das pessoas. Também serão discutidas as lacunas e o que não foi possível seguir adiante na pesquisa.

2. PERCURSO, DIFICULDADES E PARTICULARIDADES

Este capítulo se destina a relatar a jornada desta pesquisa, os desafios enfrentados ao longo do caminho e algumas das particularidades de tratar deste problema. Apresentará uma visão panorâmica do que será desenvolvido nos capítulos subsequentes. Além disso, serão discutidas as dificuldades decorrentes de investigar um objeto hostil e aversivo, codificado e disperso. É importante revisitar os métodos adotados, assim como exame do estado da arte das interpretações feitas sobre o fenômeno denominado "bolsonarismo" e suas ramificações. Por fim, serão apontadas as lacunas ainda não elucidadas, as quais podem servir de base para futuras pesquisas.

2.1 PERCURSO

Antes do relato propriamente sobre a história desta pesquisa, será falado sobre dois aspectos fundamentais para o estabelecimento da Comissão Nacional da Verdade e, conseqüentemente, desta pesquisa. São eles as manifestações iniciadas em junho de 2013, que se estenderam para os anos subsequentes, e, anteriormente, o Programa Nacional de Direitos Humanos - III de 2009.

Angela Alonso (2023), em seu livro *Treze*, propõe investigar as *Jornadas de Junho*²⁸ como um ponto de chegada em vez de um ponto de partida. Para isso, retomou o que chama de “zonas de conflito” abertas pelos governos Lula (2002-2010) que iriam ser exploradas em 2013. São três zonas descritas pela autora: os debates sobre redistribuição e políticas sociais, os embates acerca da moral e do comportamento e, por fim, a questão da violência pública e a repressão policial. Essas zonas de conflito foram mobilizadas por três frentes de oposição ao petismo, sendo duas à esquerda e uma à direita: os neossocialistas e autonomistas à esquerda do petismo e os patriotas à direita. Essas tensões passaram anos em “fervura” até explodir nas manifestações de junho de 2013. Alonso destrincha os três ângulos desses atritos, sendo para fins desta pesquisa importante o que depois se consagrou como “vitorioso” e ganhador do “espólio” de 2013, o campo dos patriotas à direita.

As primeiras idas de liberais e da direita em geral às ruas foi na luta por menos impostos em 2005 com o “Impostômetro”, que marcava o quanto se pagava de tributos, numa

²⁸ Olavo tem sua própria leitura sobre as chamadas Jornadas em “Análise da atual situação política brasileira” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CRENnVnRWTQ>, o qual falaremos adiante. Interessante notar que para cada momento histórico há a produção da própria interpretação. Mais que conteúdos, Olavo produziu uma forma de pensar usada para diversas situações.

tradição do pensamento liberal brasileiro. Lutar por menos impostos seria uma causa patriótica desde Tiradentes, um ato de *resistência* (Ibidem: pos 357-65). Os manifestantes eram herdeiros sobretudo das “boas famílias”, profissionais liberais e empresários.

No ano seguinte, após o “escândalo do mensalão”, a direita adentrava na pauta de moralizadora. Foi em 2006 que surgiu o Movimento Endireita Brasil (MEB), criado por Ricardo Salles, futuro ministro de Bolsonaro. O MEB defendia menos impostos, era anticorrupção, antiaborto, antidrogas e defendia a pena de morte (Ibidem: pos. 598). Também de 2006 é o Movimento Cívico pelo Direito dos Brasileiros - Movimento Cansei²⁹, sob liderança de empresários paulistas, destacadamente o publicitário e futuro governador João Dória.

É na mobilização contra a corrupção que a direita aprendeu a usar as redes sociais com compartilhamentos e *hashtags*. Nos anos 2000 as contestações à direita se concentravam nos grandes centros urbanos e conectam principalmente classes médias e altas. Nesse período, o campo patriota estava voltado para a corrupção e o “peso” do Estado, apelando para a cobrança menor de impostos e menos intervenção estatal na economia. As políticas sociais eram associadas com clientelismo e culpadas pelos altos impostos e o “inchaço” do Estado, sendo alvo preferencial de ataque, sobretudo o Bolsa Família, apelidado de “bolsa esmola”.

A década de 2000 seria de aprendizado de como organizar e estruturar uma manifestação pelo campo patriota, emulando o *Tea Party*³⁰ estadunidense. Numa tradição brasileira que remonta a UDN do período democrático de 1945-1964, eram sobretudo moralizadores usando a pauta anticorrupção e a diminuição do Estado. Contudo, no fim de 2009, os patriotas teriam novas pautas e razões para protestar e ir às ruas.

O Programa Nacional de Direitos Humanos – III (PNDH-3)³¹ foi anunciado em dezembro de 2009 contendo seis eixos orientadores principais e vinte e cinco diretrizes a partir da revisão dos dois Programas anteriores do governo FHC. Ele é fruto da 11ª Conferência Nacional dos Direitos Humanos e a sua proposta é de tornar a agenda dos

²⁹ Olavo costumava fazer piada com esse movimento, dizendo que o movimento de direita nem tinha começado e já estavam cansados. Os movimentos de direita não-olavistas e moralizantes eram desprezados.

³⁰ Movimento ultradireitista apoiador de Donald Trump que, dentre diversas pautas, defende a liberdade individual, Estado mínimo e porte de armas numa estrutura descentralizada de organização muito atuante na internet e fóruns alternativos.

³¹ Secretaria Especial dos Direitos Humanos (2010).

direitos humanos política de Estado, ampliando o diálogo do poder público com a sociedade civil. Toda a concepção do PNDH-3 é participativa, fruto de diversas assembleias por todo o país numa construção coletiva.

Desde seu anúncio foi contestada pela ala direitista do Congresso, que forçou diversos recuos nas propostas iniciais. O decreto Lei nº 8.243/14, por exemplo, que deriva do primeiro eixo do PNDH-3 sobre a interação entre o Estado e a sociedade, causou reações contrárias por ter sido considerado a instauração de uma “ditadura bolivariana no Brasil”, pois criaria maior diálogo com os movimentos sociais – taxados pelos conservadores como reduto do “esquerdismo”. Outro eixo polêmico é sobre a desmilitarização da polícia, considerada pelos opositores como “afrouxamento” do combate ao crime e desencadeador de uma anomia. O Programa também propôs mecanismos mais ágeis de demarcação de terras indígenas e políticas de reforma agrária. O sexto eixo do PNDH-3 é o do direito à memória e à verdade na investigação dos casos de violação de direitos humanos perpetradas por agentes públicos durante a ditadura, e também pelo direito à divulgação de documentos dos órgãos de segurança do período da ditadura militar³².

O PNDH-3 causou desgasto ao mesmo tempo com religiosos, proprietários de terra, militares e imprensa (Alonso, 2023: pos. 747). Comprou briga com muita gente. Foram surpreendentes as reações que o Programa obteve, “mais conservadoras e simplórias, justamente do tipo que se suspeitava superado” (Adorno, 2010: 6). Em comparação aos dois Programas anteriores, há mais continuidades do que inovações. Qual seria a razão para reações tão enérgicas? Uma novidade do PNDH-3 era sua maior extensão e detalhamento, com linguagem mais direta e propostas objetivas. Mesmo assim, isso seria o suficiente para tamanha reação? Pois o Programa em suas ideias gerais era bastante semelhante aos seus antecessores.

Adorno (Ibidem: 18) propõe que a razão para tamanha polêmica seria “a introdução do tema memória e verdade” ausentes nos Programas 1 e 2. Ou seja, o sexto eixo que instaura a Comissão da Verdade e *Justiça*³³. Uma Comissão da Verdade seria “ir longe demais” numa

³² “O Brasil ainda processa com dificuldades o resgate da memória e da verdade sobre o que ocorreu com as vítimas atingidas pela repressão política durante o regime de 1964. A impossibilidade de acesso a todas as informações oficiais impede que familiares de mortos e desaparecidos possam conhecer os fatos relacionados aos crimes praticados e não permite à sociedade elaborar seus próprios conceitos sobre aquele período.” (Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2010: 207) Sendo necessário, portanto, uma política pública pela verdade e pela memória das vítimas para desenvolver uma cultura dos Direitos Humanos.

³³ O “Justiça” foi abandonado numa manobra política para não abrir possibilidades de responsabilização criminal.

política de Direitos Humanos. Nas palavras de do General Villas-Bôas³⁴, uma “facada nas costas”. Haveria com o PNDH-3 alguma materialidade para o campo patriota difundir o pânico de uma iminente revolução comunista no Brasil: desmoralização das Forças Armadas, controle da imprensa, aborto, perseguição política, expropriação de terras. O Brasil em breve se tornaria uma Cuba ou Venezuela.

O pânico alardeado pelo PNDH-3 reuniu o campo que estava disperso da direita entre liberais, moralistas, olavistas e saudosos do regime militar. Os liberais e moralistas pela diminuição do Estado corrupto e ineficiente, que sugava as energias produtivas do país, além das políticas de diversidade sexual e direitos reprodutivos. Os olavistas com a denúncia do Foro de São Paulo e seus planos de instaurar o bolivarianismo em toda a América Latina. Por fim, os militares e seus saudosistas, traídos pelos governos petistas e pela “falsificação” da memória sobre o regime. Essas forças viram no PNDH-3 uma ameaça.

Flávio Quintela e Bene Barbosa (2015) dedicam a parte final de seu livro para o PNDH-3, chamado de “um plano ditatorial travestido de justiça” (Ibidem: 145), o que demonstra como foi a recepção no campo da direita do Programa. O PNDH-3 é considerado pelos autores como uma porta de entrada “na mente de um esquerdista” (Ibidem: 154), pois tudo pode ser encontrado lá: MST, aborto, cotas raciais, defesa da prostituição, financiamento público de campanha, crianças mudarem de sexo (na época não se falava ainda em “ideologia de gênero”), Lei da Palmada (“fim da autonomia sobre a educação dos filhos” (Ibidem: 150)), menoridade penal, federalização das polícias, controle sobre a mídia, Comissão da Verdade (“que institucionaliza a demonização dos militares e a santificação dos terroristas de esquerda” (Ibidem: 154) e, enfim, a união do PT com o PSDB no projeto comum de Estado Bolivariano. É preciso destacar que esse livro de 2015 é considerado um “best seller”.

É importante destacar o completo desconhecimento, por parte da mídia e das esquerdas, do campo patriótico atuante nas ruas naquele ano de 2013 (Alonso, 2023: pos 3700). Este grupo, categorizado pela autora como “gente esquisita” ou “cidadão comum” (muitas vezes referido como “leitor da Veja” ou “coxinha”), era incomum nas manifestações, sendo frequentemente rotulado como alienado, despolitizado ou ignorante. Essa “gente esquisita” resgatou o estilo de manifestação dos Caras Pintadas do movimento Fora Collor, adotando as cores verde-amarela e entoando o Hino Nacional. Progressivamente, esse grupo ganhou destaque nas manifestações, repudiando bandeiras partidárias e de sindicatos. O

³⁴ Em Castro (Org., 2021: 179).

"coxinha", conforme denominado, passou a ser retratado pela mídia como o "manifestante pacífico", em contraste com os chamados "vândalos" dos campos neossocialistas e autonomistas, que adotavam estratégias disruptivas, como os *black bloc*.

O governo Dilma acreditava que as manifestações eram resultado das mudanças estruturais de suas políticas sociais. Nas palavras de Lula, “demos o pão para o povo e ele agora quer a manteiga”. A ideia era que, ao fornecer cidadania, a população demandava mais participação e direitos ainda, expressando isso nas ruas. Outro equívoco foi a suposição de que o Movimento Passe Livre (MPL) seria a liderança das manifestações, quando os próprios sabiam ter perdido o controle dos protestos. Além disso, antes de junho já havia uma série de manifestações contestatórias e religiosas, demonstrando que a rua já estava ocupada. Dilma recebeu o MPL no Planalto, mas não estabeleceu diálogo efetivo com os movimentos anticorrupção. A visão

canônica na esquerda de que movimentos sociais apenas existe do seu lado da cerca política predominou entre estudiosos, imprensa e partidos. Tudo o mais foi visto na chave da despolitização e do antipartidarismo. [...] Os movimentos do campo patriota não foram reconhecidos como atores políticos e não subiram, por isso, à estatura de interlocutores legítimos (Ibidem: pos 4479)

Não se reconhecia que a participação de “gente esquisita” nas manifestações era fruto de um longo período de gestação de um campo à direita dos governos petistas. A demora em se perceber sua força está no cerne do espanto com a vitória de Bolsonaro. Pouco tempo depois, em 2015, as ruas foram preenchidas por pessoas de verde e amarelo, “ordeiros” e “pacíficos”, aplaudindo policiais e tirando *selfies* com forças de segurança.

Em 2016, enquanto estudantes secundaristas feministas, LGBT’s e de esquerda ocupavam as escolas contra a guinada à direita da política nacional, os meninos ficaram em casa jogando *online* com seus amigos, assistindo vídeos de *Youtube*, descobrindo a política e as respostas para os problemas sociais nos memes do MBL (Movimento Brasil Livre), nas “mitadas” de Bolsonaro e nas previsões e profetizações do professor Olavo de Carvalho: “Em 2017, era raro conhecer um menino que não fosse admirador do candidato [Bolsonaro]. O político se tornou um fenômeno, um símbolo totêmico de identificação juvenil masculina” (Pinheiro-Machado e Scalco *in* Solano, 2018: 56). Esses jovens estavam tomando a redpill.

Em síntese, abaixo do radar de “estudiosos, imprensa e partidos” uma cultura política alternativa se desenvolveu independente e paralelamente. Essa cultura publicou seus próprios vídeos e livros, criou seus próprios sites e uma maneira específica de pensar e ver o mundo. Produziu seus próprios grupos de socialização na internet, o que proporcionou uma rede de

novos contatos e trocas de mensagens com uma nova forma de pensar, diferente de “tudo isso que está aí”. Apropriou-se da forma patriótica de se manifestar, valorizando a ida para a rua e a produção de protestos com camisas amarelas e bandeiras nacionais. Soube capitalizar e se utilizar das novas mídias sociais ao atrair crianças, idosos, famílias de maneira orgânica para “manifestações pacíficas”, “sem violência”, em feriados e domingos para não atrapalhar o trânsito. Num espectro amplo, desde pessoas de classe média que queriam ir à Disney por um preço menor até aqueles que defendem intervenção militar, a rua foi ocupada por “gente esquisita”.

Nessa nova ocupação de “gente esquisita” estavam jovens, quase sempre do gênero masculino, que levavam cartazes com “Olavo tem razão” e “Menos Marx, Mais Mises”. Alguns, ainda poucos, trajavam a camisa preta com o rosto de Bolsonaro “Poderoso Chefão” e entoaram gritos contra o “politicamente correto”, o “mimimi” e a “choradeira da esquerda”. Assistiam a vídeos do canal Nando Moura, de Danilo Gentili e viam os *Hangouts* de Lobão. Curtiam no *Facebook* as mitadas das páginas Bolsonaro Zueiro e compartilhavam o vídeo em que Bolsonaro deixava Maria do Rosário em “choque” ao dizer que não lhe estupraria porque ela não merecia, rindo de seu “o que é isso? o que é isso?”. A mulher que ri ao fundo da cena é chamada pelos redpills como a “primeira bolsonarista”.

Os redpills, aqueles que primeiro foram bolsonaristas, estavam nas manifestações de junho de 2013. Estiveram nos protestos pelo impeachment de 2015 e os seguintes. Eram tachados, junto com os intervencionistas, de prejudiciais ao movimento “maior” do antipetismo. Eram “radicais”. Munidos da retórica de Olavo de Carvalho, empoderados pela certeza de estar lutando por algo mais importante do que a retirada do petismo da presidência, os redpillados, de dentro do movimento “patriota”, foram os herdeiros das *Jornadas de Junho*.

Os redpills assimilaram as formas de ação descentralizadas e disruptivas dos movimentos de esquerda autonomista, relegaram para si as pautas de segurança pública e crise econômica e, por fim, a bandeira do Brasil e o verdadeiro patriotismo, representado pelo Brasil de Médiçi. Os redpills, de dentro dos diversos grupos patriotas nas ruas, mudaram o movimento em direção ao olavismo e uma utopia regressiva, possibilitando a Bolsonaro ser eleito. Em outras palavras, não foi Bolsonaro que caminhou em direção aos movimentos pró-impeachment e “patrióticos” desse período pós-2013, e sim o movimento antipetista que se direcionou ao Bolsonaro graças aos redpills e sua militância nas redes digitais. Não era

apenas uma reação moralista e lavajatista do antipetismo, mas o começo do resgate do Brasil potência destruído pela Constituição de 1988.

2.1.1. Contexto de surgimento da pesquisa

A ideia de pesquisar o que naquela época se chamava “nova direita” veio durante o final da dissertação de mestrado, em 2017. Naquele momento, os estudos sobre esse problema estavam concentrados nas bancadas conservadoras no Congresso³⁵, sobretudo a evangélica, às pautas de segurança pública com a eleição maciça de agentes de segurança pública e o ativismo judicial, sobretudo a Ação Penal 470 do chamado “escândalo do mensalão”. Outro tema candente desse período era dos direitos reprodutivos, com temáticas de gênero, sexualidade e comportamento. Formou-se um consenso acadêmico de que a sociedade brasileira estava polarizada³⁶, com a rua ocupada de manifestações contrárias, na divisão entre “coxinhas” e “mortadelas”.

A discussão estava voltada ao entendimento de como foi possível o impeachment, também chamado de golpe parlamentar, que depôs Dilma Rousseff em 2016. Há diversos trabalhos que pretendiam entender a presença da classe média e, com destaque, para uma juventude que estava no centro da mobilização pela deposição de Rousseff em movimentos pela internet. No entanto, as discussões se concentravam nos aspectos liberais, pró-mercado, anticorrupção, do uso das redes sociais e de uma elite revoltada contra a ascensão de uma dita “nova classe média”. Desde 2014 eu tinha contato com uma parcela da direita que estava nas ruas durante os conturbados anos de 2015-2017, mas que vinha sendo gestada desde muito antes. Os jovens que me despertavam curiosidade não queriam apenas pagar menos impostos e políticos menos corruptos. Seus anseios eram *radicais*. Havia muito mais a se investigar.

Uma camada de politização se desenvolveu subterraneamente e lateralmente a esses movimentos. Reiterando, essa parcela era incômoda até mesmo para os movimentos que encabeçavam as manifestações pelo impeachment. O “bolsonarismo” era inconveniente, pois colocava no movimento “a camisa que a esquerda quer que a gente use, de autoritários e

³⁵ Destaco o grupo de estudos da PUCRS sobre conservadorismo com Rafael Machado Madeira e Marcos Paulo Quadros. Quadros escreveu um importante artigo sobre a formação de um campo de discussão conservadora desde os mais inseridos na mídia, como Reinaldo Azevedo, Luiz Felipe Pondé, Lobão, até as camadas mais profundas, como a Radiovox e o Mídia Sem Máscara de Olavo de Carvalho.

³⁶ Por exemplo, o artigo “Uma sociedade polarizada?” de Pablo Ortellado, Esther Solano e Márcio Moretto de 2016 na coletânea “Por que gritamos golpe?” organizada por Ivana Jinkings, Kim Doria e Murilo Cleto.

filhotes da ditadura”. Havia leitores de Olavo nas ruas e também aqueles que clamavam por Intervenção Constitucional pelo uso do Artigo 142, um verniz legalista para pedir golpe militar. Outra presença era as bandeiras do Brasil imperial. Porém, tentava-se taxar esses inconvenientes como uma “minoría radical” por prejudicar o movimento publicamente.

Submeti no final de 2017 um projeto de pesquisa de doutorado sobre a juventude de direita que se adensava não apenas nos aspectos econômicos, mas também de revisionismo histórico e de uma vontade de “voltar ao passado”: ansiava por uma mudança radical para o passado. O artigo de Pereira (2015) sobre as lutas pelos verbetes sobre ditadura militar na *Wikipédia* havia me sinalizado que algo estranho estava acontecendo na internet e nos espaços de socialização da juventude. Outro alerta havia sido a recepção de um vídeo bastante popular do *YouTube* do canal Nostalgia sobre a Ditadura Militar³⁷.

Outro incentivo havia sido a leitura de *Os Alemães* de Elias (1997), no qual o autor traça um paralelo entre a juventude da República de Weimar que alimentaria as fileiras nazistas e a juventude marxista dos anos 1960 da República de Bonn. Essa leitura instigou uma tentativa de fazer o mesmo entre a juventude que havia sido ouvida na Comissão da Verdade, os estudantes que queriam revolucionar o mundo em 1960, e os jovens dos anos 2010 que idolatram um deputado militar de retórica autoritária e reacionária. Desenvolvemos mais a frente esse paralelo.

Na época em que o projeto de doutorado foi encaminhado, não se imaginava que Bolsonaro poderia vencer o pleito de 2018, mesmo que fosse perceptível a força de seu engajamento. Nas suas redes sociais, era frequente nos comentários pessoas se oferecerem para fazer campanha para Bolsonaro em suas cidades, “de graça”. Embora fosse estabelecido pelo senso comum que a “máquina” iria impedir o candidato excêntrico, era inegável o poder digital que Bolsonaro possuía. O autor desta pesquisa mesmo desacreditava dessa possibilidade de vitória, apesar de não menosprezar a capacidade de mobilizar que o “mito” possuía.

³⁷ “Regime/Ditadura Militar - Nostalgia HISTÓRIA” de 25 de maio de 2016 disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CRbZwM7fjYM> . O canal Nostalgia estava com projetos de lançar minidocumentários com temas históricos, embasados em professores e pesquisadores. O vídeo apenas apresenta o que seria o senso comum acadêmico sobre o regime, no entanto sofreu acusações de manipulação e “doutrinação”. A pressão de seu público, na gigante maioria de jovens e garotos, foi tão intensa que o canal mudou o título acrescentando “regime”, antes era apenas “ditadura militar”, e editou um trecho para comentar sobre os “atentatos terroristas” da oposição.

Em resumo, essa pesquisa nasceu do um incômodo decorrente das leituras que menosprezam a força da base jovem radical que Bolsonaro e Olavo de Carvalho desenvolviam há alguns anos. A atenção estava sobretudo nos principais agentes do impeachment, tais como os movimentos que convocaram para manifestações e as bancadas temáticas da câmara. Naquele momento, fim de 2017, Olavo de Carvalho e seus alunos eram vistos como forças auxiliares, paralelas, algo parecido com os integralistas dos anos 1930 para Getúlio Vargas. Bolsonaro farejava brechas para capitalizar em cima da situação³⁸ de impeachment, mas não era o protagonista, muito menos especulado como o líder do movimento. Instigada pela problemática geracional advinda da pesquisa de mestrado, o ponto de partida seria as condições de possibilidade de uma geração jovem de direita, que estava em oposição radical aos crescentes movimentos por diversidade, antirracistas e por direito de minorias que conquistavam relevante espaço.

2.1.2. O longo ano de 2018

O início desta pesquisa foi um ano bastante turbulento. Por conta disso, o ano de 2018 chegou a receber uma biografia do jornalista Mário Magalhães (2019) chamada *Sobre lutas e lágrimas*. Foram muitos acontecimentos: a Intervenção Militar no Rio de Janeiro, o assassinato de Marielle Franco, a prisão do ex-presidente Lula, a greve de caminhoneiros, o fracasso na Copa do Mundo de Futebol na Rússia, a campanha presidencial, a facada de Jair Bolsonaro, o resultado inesperado do pleito, o uso de redes sociais para campanha, “ninguém solta a mão de ninguém”. Para esta pesquisa, foi o ano de preparação da pesquisa que se iniciava.

As principais linhas de pesquisa foram delineadas neste momento. A leitura de Mark Lilla (2018) deu início aos estudos sobre o pensamento reacionário ou tradicionalista, uma corrente à qual Olavo de Carvalho está associado, marcando o início das análises das produções internas da própria direita olavista. As leituras das obras de Maud Chirio (2012) e Lucia Grinberg (2009) proporcionaram o desenvolvimento das ideias sobre as especificidades do regime militar e sua interação com a sociedade civil, assim como os estudos relacionados à Doutrina de Segurança Nacional, que constituem a base para o próximo capítulo. Dessa

³⁸ Há uma foto do momento em que o MBL entrega a Eduardo Cunha, então presidente da Câmara dos Deputados, o pedido de impeachment. Na foto, Bolsonaro e seu filho Eduardo conseguem um lugar de centralidade no enquadramento, posando com o dedo em riste como se fizesse parte do movimento. Depois o MBL classificou o evento como um oportunismo de Bolsonaro, que não havia participado da feitura do pedido.

forma, esses momentos iniciais representaram o início da investigação sobre o olavismo e o militarismo, temas dos próximos capítulos.

A coletânea organizada por Esther Solano (2018) *O Ódio como Política* foi consagrada como fundante para os estudos da direita e marco desta pesquisa como entrada na discussão que se fazia sobre o problema. Trata-se do neoliberalismo, guerras culturais, projeto Escola sem Partido, retorno dos militares para a política, dentre outros temas. O problema da “extrema-direita” é abordado de maneira abrangente, o que permitiu que esta pesquisa encontrasse referências importantes, tais como as pesquisadoras Rosana Pinheiro-Machado e Camila Rocha. Permanece ainda hoje um livro relevante para o entendimento do bolsonarismo. Jair Bolsonaro, apesar de ser a referência para a capa com o dedo apontado como arma, não ocupa a centralidade dos textos. Era visto como improvável herdeiro de 2013, apenas um paroxismo, um extremista. Ele seria apenas mais um resquício da ditadura, como mais um dos diversos produtos de um movimento maior chamado “novas direitas”.

Esther Solano, no entanto, estava em 2018 interessada especificamente em seguidores de Jair Bolsonaro. Suas pesquisas foram as primeiras a se esforçar pela compreensão do que eles pensavam e acreditavam. Em outro texto, posterior ao resultado das eleições, a autora remonta o seu contato com os bolsonaristas:

A metodologia usava entrevistas em profundidade, com duração de uma a duas horas, em que os entrevistados explicavam livremente seu voto em Bolsonaro e podiam desenvolver sem limite de tempo seus argumentos sobre questões políticas, sociais e morais. Meu intuito era avaliar se os fatores que já tínhamos captado nos protestos pró-impeachment tinham evoluído no sentido de configurar o campo político bolsonarista. Começava a ficar claro para mim, já em 2017, que muitos dos presentes nos protestos anti-PT de 2015 e 2016, em sua maioria votantes do PSDB, estavam mudando sua opção eleitoral, em favor de Bolsonaro, esvaziando assim o campo tucano. Os elementos antissistema, antipartidarismo, antipetismo e antiesquerdismo seriam, de acordo com minhas pesquisas, fatores essenciais para a vitória do próximo presidente brasileiro, elementos esses que já estavam germinando no contexto do impeachment. (*in* Abranches et al, 2019: pos 4342).

A autora enfatiza o aspecto de Bolsonaro ser “alguém diferente” do sistema corrupto para os seus interlocutores. Uma de suas entrevistadas disse que votava em Bolsonaro como “desabafo”. Havia uma minimização das falas misóginas e intolerantes como “brincadeira” ou exagero da mídia, uma consequência dele ser sincero demais, tornando o que seria um problema (as falas polêmicas) algo vantajoso (autenticidade). O bolsonarismo seria para a autora a junção de neoliberalismo, neoconservadorismo e populismo. Esther Solano ouviu o que eles tinham para dizer, atentou para o bolsonarismo como um movimento social com raízes profundas. Bolsonaro e suas falas ecoavam nas pessoas, fazia sentido para elas.

Solano analisa a adesão popular a Bolsonaro como a convergência de diversas forças de direita, como dissemos acima, que podem ser resumidas em seus personagens: Paulo Guedes (neoliberalismo), Damares Alves (neoconservadorismo), Sergio Moro (anticorrupção) e militares (anticomunismo, nós contra eles, “sem vies ideológico”). Ao início do governo, essas quatro forças começaram a entrar em conflito, ameaçando a continuidade do mandato presidencial³⁹. O argumento de Esther Solano é de que Bolsonaro foi aquele que melhor soube responder às demandas daqueles que foram às ruas em 2015-2017 inflados pela Lava Jato e as crises política e econômica. Um resultado do processo iniciado em 2013.

Logo no início de *O Ódio como Política* a organizadora cita a fala de um jovem bolsonarista durante seus estudos em grupos focais: “Professora, vocês da academia estudam tanto e parece que ainda não entenderam muitas coisas. Tratam a gente como se fôssemos todos burros. Não somos. Deveriam escutar mais, porque vocês não sabem de tudo” (2018: 13). Esse trecho é citado em alguns trabalhos posteriores por outros pesquisadores pela sua profundidade. As pesquisas de Esther Solano foram fundamentais para o entendimento da passagem do impeachment para o bolsonarismo e sua adesão popular pela escuta do que esses sujeitos tinham a dizer. Porém, há uma lacuna. A falta em suas pesquisas é o impacto de Olavo de Carvalho, sobretudo na juventude, com sua estrutura própria de pensamento.

Único artigo que cita Olavo de Carvalho é “O *boom* das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância?” de Camila Rocha, no qual ele é retratado como “pioneiro”:

As novas direitas começaram a se organizar sem maiores recursos bem antes da reeleição de Dilma, entre o final do primeiro governo Lula e o início do segundo. Naquela época, surgiram na internet fóruns de discussão, blogs, sites e comunidades (principalmente na extinta rede social Orkut e, posteriormente, no Facebook) em que se discutiam temas relacionados ao livre-mercado, à defesa de valores cristãos e à conjuntura política nacional e internacional. Um pioneiro nesse movimento foi o jornalista e escritor Olavo de Carvalho, que, após a polêmica causada pela publicação de livros em que criticava intelectuais e acadêmicos de esquerda, resolveu apostar na divulgação de suas ideias na internet. Para tanto, criou um blog pessoal em 1998, depois um site coletivo em 2002, o *Mídia Sem Máscara*, e, em 2006, um programa de rádio, o *TrueOutspeak*, por meio do site *BlogTalkRadio*, que era acompanhado pelos membros das comunidades do Orkut fundadas em homenagem e por simpatizantes de ideias de direita espalhados pelo país. (in Solano, 2018: 48)

³⁹ Cf. “Socióloga vê racha no governo Bolsonaro e teme alternativa mais autoritária” disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/25/sociologa-ve-bolsonaro-fragilizado-e-teme-alternativa-mais-autoritaria>

Existe resistência por parte dos pesquisadores em dar relevância para Olavo de Carvalho⁴⁰. Ele só seria um pouco mais atentamente estudado após indicar diretamente ministros do primeiro escalão do governo, mesmo que essa leitura ocorresse de forma estereotipada na figura de “guru” ou “astrólogo”. Foi nesse primeiro ano de pesquisa, antes do pleito, que iniciei as leituras de Olavo e suas outras produções⁴¹.

Outro desenvolvimento desse período inicial de pesquisa eram continuidades do que havia sido desenvolvido durante a dissertação de mestrado⁴² em duas perspectivas. A primeira delas se refere ao aprofundamento dos estudos sobre a ditadura militar, seu funcionamento interno, a forma como os militares são forjados na caserna e como eles, internamente, interpretam a guerra perdida no campo da memória. A outra perspectiva se referia a juventude, classes médias e radicalização política, debate que será trazido no capítulo 4.

2.1.3. O resultado imprevisto e o início do governo

Quando Bolsonaro foi eleito em 28 de outubro de 2018, com quase 58 milhões de votos, sua vitória e seu apoio popular foram vistos como um enigma envolto em mistério. A pergunta “*como é possível alguém que defende tortura, ditadura, misoginia, racismos e os maiores absurdos tenha tido tanto sucesso?*” tornou-se lugar comum em parte da academia, da mídia e do debate público⁴³. Mais inquietante ainda: o presidente não apenas defende essas ideias e valores, mas as defende de forma aberta e clara, sem constrangimento ou vergonha. E mesmo assim ele permanece contando com o apoio considerável da população.

Faltando poucos meses para pleito de 2018, imaginava-se que ele seria preterido por conta dos poucos recursos de campanha, da pequena fatia de horário de televisão e da falta de coligações partidárias, o que o impediria de ir aos rincões do país – além, claro, de suas

⁴⁰ Uma das poucas matérias mais sérias sobre Olavo é de 2016, da BBC, a qual indico a leitura: “Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias” disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>.

⁴¹ Olavo sempre valorizou suas aulas orais, defendendo que reduzir “filosofia” ao texto escrito é uma deformação moderna que buscou transformar o ato de filosofar uma profissão. Os alunos são instigados a transformarem suas centenas de aulas em transcrições, sendo essa a verdadeira “obra” do professor.

⁴² Cf. Oliveira Filho (2017)

⁴³ Essa pergunta é feita apenas por *fração* da população, isto é, não por ela toda. Por quem está *dentro* do grupo que faz essa questão, que está fora do mundo do avesso, ela parece geral e incontornável. Já para os que estão no cosmos bolsonarista, *o outro lado*, essa dúvida, por diversos motivos, não existe. Para cada ângulo há um universo completo de perguntas e respostas estabelecido, incapaz de conceber outras perspectivas possíveis.

crenças e falas classificadas como *absurdas*, indefensáveis. Se não fosse o sistema político a derrotá-lo, acreditava-se que a população *acordaria* e não aceitaria embarcar numa aventura de eleger uma figura tão “insólita” (para a perspectiva de quem estava de fora do mundo do avesso que sustentou a candidatura do capitão reformado, repita-se). Passados quase seis anos de sua vitória, ainda se encontra análises que apontam para um “fenômeno extraordinário”, algo que jamais ocorreria novamente, comumente buscando explicações rápidas tais como o episódio da “facada” de 6 setembro de 2018, o uso de disparos de *fake News* por aplicativos de mensagens ou o papel das igrejas evangélicas na condução de seus obedientes fiéis.

Logo após o resultado definitivo do pleito de 2018, 22 importantes intelectuais se reuniram para publicarem o livro “Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje” (Abranches et al., 2019) escrito no calor do momento. Oriundos em sua maioria da USP e de variadas formações, os autores⁴⁴ são uma fotografia do impacto na inteligência brasileira do desfecho eleitoral e quais foram os primeiros esforços explicativos e analíticos do “fenômeno Bolsonaro”. Há uma pergunta que permeia o livro. Como fez Daniel Aarão Reis (Ibidem: 263), “O que fizemos para chegar a esse ponto?”, e Heloisa Starling (Ibidem: 342), “Como foi que chegamos aqui?”, entre outros autores, muitos são os momentos em que se percebe a surpresa e o espanto pela ascensão de um candidato que representava o que havia mais à direita no pleito. Ou seja, foi um resultado imprevisto. Como disse Esther Solano (2018: 13): “o campo progressista assistiu perplexo, atrapalhado e inativo à reorganização e ao fortalecimento político das direitas”.

Essa reunião de 22 textos nos interessa como representação de algumas explicações que se difundiram pela mídia e pelo debate público. A primeira delas é o chamado “eleitor evangélico”, que ocupa um lugar de “outro” e “estranho” que teria votado em peso no Bolsonaro, o que ajudaria a entender o sucesso do ex-capitão. Ora como parte de um projeto de dominação da política arquitetado pela bancada evangélica e seus pastores, ora como novos atores sociais atraídos pelo “pânico moral” e pelo neoconservadorismo, os evangélicos seriam como uma “massa de manobra” que foi esquecida pelas esquerdas e capturada por Bolsonaro. Outra explicação era o uso das redes sociais e os disparos de *fake News* via aplicativos de conversa, enviados de forma automatizada, sobretudo depois da denúncia da

⁴⁴ André Singer, Gustavo Venturi, Angela Alonso, Angela de Castro Gomes, Boris Fausto, Carlos Melo, Celso Rocha de Barros, Christian Dunker, Conrado Hübner Mendes, Daniel Aarão Reis, Esther Solano, Heloisa Starling, João Moreira Salles, José Arthur Giannotti, Matias Spektor, Monica de Bolle, Paula Louzano e Gabriela Moriconi, Petrônio Domingues, Renan Quinalha, Ronaldo de Almeida, Ronaldo Lemos, Ruy Fausto e Sérgio Abranches.

jornalista Patrícia Campos Mello (2020). Numa das ficções da coletânea de 22 textos, elaborada por Ronaldo Lemos (*in* Abranches et al., 2019: 191) os disparos de *fake News* atuam como um vírus: “Esses grupos [bolsonaristas] que inicialmente se valem de robôs e propaganda computacional vão então conseguindo infectar pessoas reais, que aprendem a ‘falar a língua’ da narrativa forjada por eles”.

Com o início do governo houve uma mudança na relação de Bolsonaro e os jovens radicalizados, os redpills, no qual o governo assume o papel de frustração e decepção. Tornou-se consenso entre as interpretações da época que havia dois núcleos no governo, um técnico representado pelos militares e um ideológico, que era formado pelos seguidores de Olavo de Carvalho. Um trabalho que expressa essa visão de “dois núcleos”, visão essa muito divulgada em jornais, é de Thaís Oyama (2020).

Oyama deixa transparecer um anseio pela preponderância do lado “técnico” do governo, que seria melhor para o país se ele se sobrepusesse ao “ideológico”. Conforme essa perspectiva, o governo Bolsonaro era “atrapalhado” pelas influências dos filhos e do ex-astrólogo, que paralisaram o governo composto de excelentes quadros, tais como Paulo Guedes e Sérgio Moro, soluções para os dois maiores problemas, a economia e a violência respectivamente. Por vezes, era atrapalhado pelo próprio presidente em alguns momentos parecia numa “mesa de bar” (*Ibidem*: pos 1947) a falar impropérios. Ou seja, para uma parcela considerável da mídia tradicional e de analistas de momento, o governo falhava porque ainda estava em ritmo de campanha ao invés de administrar o país. O problema do governo era de comunicação e postura, pois tinha “tudo para dar certo”.

Essa visão é oposta à que será defendida aqui por dois motivos. O primeiro é que é falsa a dicotomia entre olavismo e militares. Suas diferenças são de modos, não de princípios. Eduardo Costa Pinto (*in*: Martins Filho (Org.), 2021: 239) fala em diferença apenas de “forma-tática”, mas em concordância profunda sobre marxismo cultural, Doutrina de “Guerra Revolucionária” e paleoconservadorismo. Militares preferem operações de baixa intensidade, usando artifícios como a dualidade mau policial/bom policial (militar golpista/militar legalista) e o jogo duplo entre informação interna e informação externa. Inclusive os militares se outorgaram a posição prestigiosa de “moderar” o ex-presidente, quando é sabido a sintonia entre Bolsonaro, militares e Olavo de Carvalho nos principais temas (Amazônia, China, infiltração comunista no Estado etc.). Olavo e seus alunos preferem a diferença radical e

explícita: com comunista não se conversa, apenas se humilha. Os militares concordam com isso para “dentro”, mas para “fora” se passa uma postura republicana.

O segundo motivo é que as críticas que Bolsonaro recebia de seus eleitores não se dirigiam aos seus arroubos autoritários ou conspiratórios, pelo contrário. A crítica de seus apoiadores era justamente pela falta de radicalismo, pela ausência de mudança profunda do “sistema”, por ele não ter tido a “coragem” que teve dos tempos de deputado de “encarar tudo e todos”⁴⁵. A decepção com Jair Bolsonaro era por ele não ser *tão* Bolsonaro assim depois de ter assumido a presidência. As pessoas apoiavam Bolsonaro não por desconhecimento de suas crenças e agendas. Paulatinamente os redpills se distanciaram de Bolsonaro, apelidado de “frouxonaro”.

No ano de 2019 em diante ocorreu um esforço coletivo da academia de entendimento do que se expressou nas urnas, na tentativa de superar o choque do resultado das eleições. É importante revisar a história da problematização do bolsonarismo naquele momento em que se iniciava seu governo, trabalho que foi realizado em dois livros coletivos lançados ao longo do ano de 2019.

Esther Solano e Camila Rocha (2019) organizaram “As Direitas nas Redes e Nas Ruas” com forte presença de reflexões sobre as Jornadas de Junho e a ocupação pelas novas direitas nas ruas. O antipetismo e o combate à corrupção como as forças motrizes das direitas, como auxílio da mídia tradicional que galvanizou esses movimentos com suas coberturas espetaculares da Operação Lava Jato. Como na coletânea “Por que gritamos golpe?”, a preocupação ainda se refere ao impeachment de 2016 e uma tentativa de conexão entre antipetismo, conservadorismo moral, neoliberalismo e revolta das elites, num fio condutor de 2013 a 2018. Os agentes mais importantes da direita são MBL, Vem pra Rua, Revoltados On-line, Rodrigo Constantino, Reinaldo Azevedo, Rachel Sheherazade, Marcos Feliciano e, no mesmo bojo, Olavo e Bolsonaro.

Rosana Pinheiro-Machado e Adriano de Freixo (2019) organizaram outro livro coletivo, “Brasil em transe”. Os autores apresentam os alicerces de seus argumentos para o colapso da democracia brasileira: esgotamento do modelo de conciliação do lulismo,

⁴⁵ A antropóloga Isabela Kalil, em meados de 2019, comenta sobre isso na entrevista “Parte dos eleitores arrependidos de Bolsonaro quer mais radicalismo” disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/07/22/parte-dos-eleitores-arrependidos-de-bolsonaro-quer-mais-radicalismo.ghtml>. O *youtuber* Nando Moura, agente fundamental na junção entre olavismo, Bolsonaro e juventude masculina, que foi convidado de honra na posse de 1 de janeiro de 2019, *decepcionou-se* com Bolsonaro após sua indicação de Augusto Aras para a Procuradoria-Geral da União por ser um nome *do sistema*, com supostas vinculações petistas.

eleitorado dividido e polarizado depois de 2014, isolamento de Dilma como autoridade, Operação Lava Jato e seu apoio midiático, politização do judiciário e politização das Forças Armadas. Portanto, “o bolsonarismo é aqui entendido como um fenômeno político que transcende a própria figura de Jair Bolsonaro” (Ibidem: 19). Esse fenômeno, no geral, é visto como uma reação das elites pelos governos petistas terem ido “longe demais” nos ganhos sociais e políticas afirmativas. Distante de suas bases sociais e numa cidadania minimalista, apenas econômica e pelo consumo, as ruas foram ocupadas pela direita ultraconservadora e ultraliberal. De maneira geral, o livro é um resumo dos vícios interpretativos do período de 2016-2018, no entendimento do impeachment e da ascensão da direita nas ruas e nos debates públicos.

Rosana Pinheiro-Machado publicou individualmente seu livro “Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual” no final de 2019. A autora realizou durante anos pesquisas em periferias, o que lhe permitiu acompanhar as expectativas nascidas nos governos petistas e as futuras frustrações, sintetizadas no seu livro posterior “From Hope to Hate” (*Da esperança ao ódio*, em tradução livre). De formação antropológica, Rosana Pinheiro-Machado fornece elementos que serão importantes para esta pesquisa, pois sua análise “foca as pessoas comuns, os sujeitos de classes populares que tiveram suas vidas impactadas de maneira profunda pela crise multidimensional brasileira e que foram seduzidos pela mensagem bolsonarista” (Pinheiro-Machado, 2019: 12). Há um empenho em tornar menos estranho aqueles que votaram em Bolsonaro e, principalmente, dotar seus eleitores de proximidade. Enfim, o bolsonarista aparece neste estudo como uma “pessoa comum”.

Dois processos ocorreram nos protestos de 2013. A criação dos “filhos rebeldes”: os sujeitos pobres beneficiados por políticas sociais, principalmente pela entrada na universidade, que foram recusados pelos governos petistas como “ingratos” ao protestarem contra a corrupção e ineficiência dos serviços públicos. Por seu turno, esses “filhos rebeldes” reagiram com forte sentimento antipetista e de defesa do mérito individual. O outro processo foi dos chamados “órfãos da governabilidade”: “ascensão de uma geração jovem que não conheceu o passado petista e que cresceu em uma era em que o PT simbolizava ordem, *establishment*, governo de coalizão” (Ibidem: 31)⁴⁶. Esses jovens não saíram às ruas em defesa do governo Dilma Rousseff.

⁴⁶ Essa geração que cresceu tendo como única referência de governo o PT é um dos principais argumentos para João Cezar de Castro Rocha (2021: pos 2096), associando esquerda, sistema e elite.

A autora se deteve sobre a greve dos caminhoneiros de 2018, que se tornou muito maior que o preço do combustível. Não se falava de Lula, antipetismo ou mesmo de greve (pois greve é coisa de *vagabundo*, o nome era *paralisação*). A unanimidade era a antipolítica: eles pediam intervenção militar para “sanar a roubalheira” e pôr ordem na casa (Ibidem: 55). Ou seja, a demanda principal era por “lei e ordem”. Pinheiro-Machado chama de “revoltas ambíguas”, que são caracterizadas pela descentralização e uso das redes sociais, essa tentativa de “encontrar formas de canalizar a indignação e a descrença em relação à democracia representativa” (Ibidem: 61). A dicotomia esquerda e direita não daria conta dessas revoltas, pois elas podem pender tanto para um lado como para o outro, como no caso dos jovens que praticaram os “rolezinhos” em shoppings, que se tornaram tanto consumidores de rap contestatório de esquerda quanto bolsonaristas.

Pinheiro-Machado preencheu a lacuna dos estudos até o momento ao reconhecer que ocorria no Brasil uma disputa por “novos regimes de verdade sobre a humanidade e sobre o planeta” (Ibidem: 80). Acrescenta: “a nova direita se coloca como protetora dos interesses do povo no momento em que associa conhecimento humanista com *establishment*, elites intelectuais e poder” (Ibidem: 83). A esquerda defende a globalização, os direitos humanos e os valores burgueses do Iluminismo, enquanto os conservadores respeitam a cultura local, a identidade regional e são contrários à imigração.

A antropóloga atentou ainda para a “crise do macho”: “o senso de privilégio perdido e o senso de vitimização” (Ibidem: 92). Os homens se sentem humilhados e desonrados, sendo um dos traços das novas direitas a misoginia. Uma geração de mulheres cada vez mais politizadas e feministas com uma forte reação adversa masculina (Ibidem: 166). Como o rapaz que fez o sinal de “fedor” para uma mulher no embate que citamos no início da Introdução, feminismo se associou com pouca higiene, sujeira, comunismo, corrupção e petismo.

Há um problema para os vícios analíticos que situam Bolsonaro como o candidato da revolta das elites. Em agosto de 2018 a periferia estava contagiada pelo bolsonarismo: “Na época, muitos eleitores mencionaram que era a primeira vez que amavam a política, que se sentiam genuinamente parte de uma campanha” (Ibidem: 121). Por fé e por amor, os eleitores se engajaram de graça. No entanto, o foco da autora ainda é nos sentimentos regressivos como o ódio, sobretudo na categoria acusatória de “vagabundo”, e a demanda de militarização e punitivismo nas camadas populares. Buscamos nesta pesquisa enfatizar também os aspectos

positivos de esperança. O ódio fez as pessoas conhecerem Bolsonaro, a esperança, por seu turno, elas permanecerem.

Por fim, a autora diferencia o espectro bolsonarista em três tipos ideais. O primeiro são os ricos com capital educacional com oportunidade de legitimar preconceitos contra a “gentalha”. O segundo são os pobres de baixa educação desiludidos com a política corrupta, os quais participam de igrejas e têm um forte sentimento familiar. O terceiro seriam os precarizados, um espectro entre indignados e fascistas, representados por trabalhadores de aplicativos, o “motorista de Uber”.

O trabalho de Pinheiro-Machado causou uma mudança de direção na pesquisa. Até o momento ela estava concentrada no que foi chamado na Introdução de “linha sociológica”. O interesse estava voltado, além dos aspectos geracionais e de classe média da juventude que se radicaliza como dissemos acima, para a categoria de profeta de Max Weber (2014) como aquele que quer retomar um significado perdido. Os efeitos de teoria, campo político e economia das trocas simbólicas de Pierre Bourdieu (1996 e 2011). O conceito de ideologia elaborado por Boudon (1989). No esforço de entender Olavo e seu séquito também se acrescentam os trabalhos de Albert Hirschman (2019) sobre a retórica reacionária, além de outros trabalhos que abordaremos no capítulo 3. “Amanhã vai ser maior” impactou com seus insights, o que modificou a disposição para a pesquisa para uma “linha antropológica” ou hermenêutica que, no entanto, foi interrompida pela pandemia de covid-19 em 2020.

No entanto, a autora sintetizou assim sua pesquisa: “O bolsonarismo é, antes de tudo, um discurso raso que se propaga no vácuo para responder a profundos e diversos ressentimentos” (Pinheiro-Machado, 2019: 149). Sim, o bolsonarismo responde a diversos ressentimentos profundos, mas está longe de ser raso e “sortudo” de estar no lugar certo na hora certa para ser puxado pelo “vácuo”. O objetivo aqui é demonstrar isso.

2.1.4. Disposição antropológica e a pandemia

É preciso revisar a situação em que se encontrava a pesquisa no momento de emergência da pandemia de covid-19 em março de 2020. Sistemáticamente a pesquisa havia iniciado no início de 2018, com o ingresso no doutorado. Até o momento o meu contato com a “nova direita” se dava de maneira desarticulada de um projeto de escrita de um trabalho acadêmico. Portanto, o fenômeno aqui pesquisado, a afinidade eletiva entre olavismo, bolsonarismo e juventude, encontrava-se no seu ápice quando a pesquisa se iniciou.

A pesquisa operou em continuidade com a dissertação pelos estudos de militares e a cultura política brasileira, além de estudo sobre engajamento estudantil em movimentos políticos. O projeto era aprofundar o estudo sociológico com o entendimento da direita como um “sistema de pensamento”, realizando uma sociologia do conhecimento ou sociologia das crenças. Havia a proposta de acompanhar grupos atuantes de maneira próxima, mas havia receios pela resistência do campo olavista à universidade e à atividade de pesquisa acadêmica. Portanto, o projeto de pesquisa se constituiu como um estudo sobre a mentalidade olavista e bolsonarista e seu sucesso em homens jovens, e como isso era traduzido em organização de agrupamentos de educação, socialização, formação e política.

No entanto, as melhores leituras que se encontrava sobre o fenômeno advinham de antropólogas (Rosana Pinheiro-Machado e Isabela Kalil). Por outro lado, os estudos de conjuntura e de outras áreas das ciências sociais continham descompassos com o que se observava no contato mais próximo com o “bolsolavismo⁴⁷”, como se dizia. No início de 2020, encerrado o período de disciplinas e de leituras teóricas do doutorado, havia a proposta de uma pesquisa mais próxima de uma etnografia, com ida a grupos de estudos, reuniões políticas e espaços de socialização, como o Café Patriota em Fortaleza. Porém, a urgência da pandemia impossibilitou esse caminho.

Durante os anos de 2020 em diante adentrei em grupos de WhatsApp, Telegram e Discord. Pude acompanhar perfis no Twitter e conhecer alguns círculos que desenvolviam sua dinâmica própria, tais como a “turminha do Loen” e os “olavetes”. Buscou-se uma pesquisa próxima de uma etnografia no sentido de se adotar um caderno de campo e coleta de materiais, sobretudo prints e memes, como aquilo que condensa diversos sentidos. O professor João Cezar Rocha (2021) empregou o termo **etnografia textual** nas suas pesquisas sobre o *Orvil* e Olavo de Carvalho. Esse método é interessante porque a leitura de Olavo é próxima ao contato com uma cultura distante.

Na mesma época pude conhecer os trabalhos da antropóloga Letícia Cesarino, que inicialmente se referiam a grupos de *WhatsApp* bolsonaristas e desenvolveram-se em estudos batesonianos sobre ciências alternativas, grupos conspiratórios e populismo digital. Cesarino publicou diversos artigos, participou de entrevistas e, enfim, publicou seu livro em 2022. Em linhas gerais, os estudos de Cesarino apontaram para outro caminho compreensivo do fenômeno que é aqui estudado. Referenciada em Isabelle Stengers, Ilya Prigogine e Thomas

⁴⁷ O termo “bolsolavista” foi usado quando queria se referir ao aspecto mais “ideológico” de Bolsonaro. Não o usamos aqui porque não existe bolsonarismo sem olavismo, apesar de existir olavismo sem bolsonarismo..

Kuhn, a antropóloga adapta lógicas das ciências de sistemas instáveis e de mudança de paradigma científico para o contexto de populismo digital, na qual se contesta a o “sistema de peritos”, numa nova epistemologia chamada “eu-pistemologia”. Os novos campos de conhecimento não procuram galgar posições dentro do sistema estabelecido, e sim implodi-lo para dar lugar a um absolutamente novo. Outra referência importante a partir dos estudos de Letícia Cesarino serão Louis Dumont e Victor Turner. A principal contribuição de Cesarino e suas referências é estabelecer o populismo digital de direita bolsonarista como uma antiestrutura desestabilizadora do sistema social, semelhante a uma ruptura paradigmática das ciências, impulsionada pelas plataformas digitais algorítmicas.

Outro antropólogo que se tornou central nesta pesquisa foi Piero Leirner (2020) e seus estudos sobre militares e guerra híbrida. Era um mistério para mim a capacidade que Bolsonaro tinha para “reverter a narrativa” e capitalizar em cima das situações críticas. A enxurrada de informação e a permanente sensação de uma bomba a explodir a cada momento fez sentido a partir de seus estudos. Em síntese, a tese de Leirner é de que os militares operam uma guerra psicológica, gestada internamente há muitas décadas, que visa a confusão, o desnorteamento e o lugar de “pacificadores”. Militares estabeleceram em suas escolas que operava-se no Brasil uma guerra psicológica engendrada por movimentos sociais, organismos internacionais e partidos políticos da esquerda latino-americana com interesses de desestabilização interna e perpetuação no poder do petismo justificando, portanto, uma contra-ofensiva também em termos de guerra psicológica e retomada de militares para o debate político numa tática de “caos controlado”.

A impossibilidade de trabalho de campo presencial decorrente da pandemia tornou a disposição antropológica de adentrar no mundo dos redpills um trabalho hermenêutico em suas produções por diversos meios, sobretudo na internet, o seu principal canal de interação e contato, como falaremos no ponto 1.2.3. A descrição desse mundo será o conteúdo do capítulo 4.

2.2. DIFICULDADES

“O *homo academicus* gosta do acabado” (Bourdieu, 2011: 19). O que se espera academicamente de um trabalho é que ele venha corrigido, preenchido de anotações e referências bibliográficas. Que contenha as partes que se espera de um texto, a teoria mobilizada e a metodologia utilizada. Ao final, obviamente, espera-se que ele traga respostas e explicações para as perguntas investigadas. Porém, essa expectativa pelo “pronto” mascara

o processo de elaboração de um trabalho sociológico. O que Bourdieu argumenta é que (como ocorre com os quadros “incompletos” de Manet, belíssimos porque ainda não capturados pela exigência “acabada” da Academia) a demanda pelo trabalho finalizado esconde a riqueza do processo de transformação de um problema social em um problema sociológico. As lacunas e as dúvidas são valiosas em um trabalho.

Na Sociologia Reflexiva de Bourdieu é fundamental realizar a “sociologia do sociólogo” para neutralizar a tendência de naturalização dos problemas colocados. Sem a história da forma que se construíram os problemas, o trabalho sociológico acaba por ser mais uma confirmação da *doxa*, do saber estabelecido e das classificações dominantes. O espanto de me deparar com uma juventude assumidamente conservadora e autoritária ocorre pela expectativa, principalmente trabalhando com a geração de estudantes das décadas de 1960 e 1970, de que a juventude seja progressista e contestatória da ordem estabelecida.

O duplo movimento que Bourdieu propõe é nem recair num amadorismo, renegando a tradição sociológica e tentar partir de um ponto zero, e nem reproduzir os “clichês” acadêmicos para obter aceitação dos pares (Ibidem: 44-5). O pesquisador tem que estar ambientado na produção sociológica e, ao mesmo tempo, ser capaz de criticá-la. Nessa perspectiva, ao me deparar com posicionamentos tão diferentes dos meus, não posso insistir numa posição de “denúncia” ou recusa absoluta, e também não posso me seduzir ou relativizar posições que impactam danosamente na vida social. Fazer pesquisa é estar a todo instante correndo o risco de naturalizar problemáticas ou formas de análise de modo não consciente. A melhor saída para isso é o *rigor* e a história. Rigor é não apelar para ineditismos e um discurso impressionista como se estivéssemos diante de algo completamente inesperado.

No Brasil tivemos os camisas verdes integralistas (Gonçalves e Caldeira Neto, 2020), o Comando de Caça aos Comunistas (CCC) e a Sociedade Brasileira da Tradição, Família e Propriedade (TFP) com seus leões em fundo vermelho. Todos esses com militância jovem, aguerrida, masculina, atuante nos grandes centros urbanos. Antes de Olavo de Carvalho, no Brasil escreveu Gustavo Corção (1896-1978), com colunas de grande sucesso em jornais de circulação nacional, como O Estado de S. Paulo e O Globo, defendendo a verdadeira fé católica contra “modernismos”, atacando traidores e infiltrados comunistas, lutando contra o divórcio civil, estimulando mais censura e mais expurgos políticos por parte dos militares nos anos 1960 e 1970 (cf. Paula, 2015). Bolsonaro não é o primeiro a propalar punitivismo populista: em 1994, o militar Newton Cruz já havia se candidatado ao governo do Rio de

Janeiro dizendo em rede nacional de televisão que resolveria o problema da segurança pública em três meses com prisão, fuga ou morte de traficantes, colocando o Exército na rua.

A forma de pensar a metodologia como processo de socialização de dificuldades encontra consonância com o pensamento de Bourdieu (1989: 18): “nada é mais universal e universalizável do que as dificuldades. Cada um achará uma certa consolação no facto de descobrir que grande número das dificuldades imputadas em especial à sua falta de habilidade ou à sua incompetência, são universalmente partilhadas”. Nesta pesquisa foram enfrentadas três dificuldades: o ambiente hostil, a imensidão de dados e seu desafio da escrita e a volatilidade de pesquisas em contexto virtual.

2.2.1. Ambiente hostil

Algo aparentemente banal sobre esta pesquisa são as reações das pessoas ao saberem qual é a temática por ela abordada. Algumas alteram suas expressão facial para comiseração, compadecendo do pesquisador que tem que lidar com uma temática “dolorosa”. Algo como uma penitência pessoal ter que diariamente conviver com pessoas de direita, olavistas, misóginas e bolsonaristas. Um colega disse que deveria usar roupas de proteção para não me contaminar pelo ambiente radioativo. Outro colega disse que eu parecia “mergulhar num esgoto” quando compartilhava algum achado de pesquisa ou uma nova questão. Outra reação comum é de curiosidade, de querer finalmente saber qual seria a explicação para uma coisa tão “absurda” como Bolsonaro. A reação mais comum, no entanto, é apressar-se para entregar as respostas, pois, assim como o bolsonarismo e seu sucesso em jovens e na população em geral é impactante, ele também produz suas respostas prontas e rápidas na mesma velocidade: todos, de alguma maneira, têm a explicação para as questões.

Durante a pesquisa não havia esse sentimento de estar realizando uma atividade dolorosa. A maior parte do tempo o incômodo se dava principalmente pelo cansaço, porque uma das características mais importantes desse mundo do avesso é a imensidão de materiais. Seja pela emulação do “professor” Olavo que diariamente produziu textos, postagens e vídeos, seja pela dinâmica das plataformas que exigem do “produtor de conteúdo” produção maciça para manter seu público engajado, a sensação constante como pesquisador era de estar em débito com os materiais, faltando algum dado ou numa lista interminável de materiais para analisar.

Uma característica que pode surpreender é que os redpills, olavistas e algumas frações bolsonaristas na realidade são bastante receptivos. Ocorreu um episódio que ilustra

isso. Num dos grupos de leitores de Olavo comentei que achei interessante a indicação do livro “A Horas dos Ruminantes” publicado em 1966 por José J. Veiga, comentado em uma aula sobre literatura brasileira, que havia gostado bastante. Imediatamente um seguidor de Olavo se dispôs a me mostrar outros livros que Olavo já havia indicado, que suas listas são excelentes e que o papel da literatura na abertura do imaginário e na formação intelectual é central. Perguntou inclusive o que eu estava lendo e compartilhou sua leitura de Dostoievski. Acompanhar as notícias sobre o governo e as repercussões era a parte mais cansativa. Por outro lado, a interação com essas pessoas, não como se poderia supor, era de certa maneira amigável. Havia, na realidade, bastante sedução para que eu “me tornasse” um redpill ou olavista.

César Barreira (1998: 24-5), ao trabalhar com os crimes por encomenda, descreve as estratégias de seus interlocutores de justificarem suas ações como ocorridas no campo da honra, da vingança e da justiça, e não como um “crime de pistolagem”. Há nas entrevistas de Barreira o aspecto de “sedução” e da “artimanha” de trazer o entrevistador para o “seu lado”, sobretudo quando ainda não havia sido condenado por homicídio. Para isso, o pesquisador precisa de uma “postura crítica e um questionamento constante” (Ibidem: 28). Tal como Barreira (ibidem: 20), que “tinha absoluta clareza de que a natureza do objeto estudado situava o pesquisador, ainda mais atento, às implicações das vinculações versão/verdade”, é necessário “comparar e relativizar as múltiplas verdades”.

Não adentrei no mundo redpill como um policial ou juiz, apontando equívocos e procurando evidências de crime. Não fui também como um apologista da causa. Houve vários momentos de sedução do interlocutor para que eu entrasse no grupo, fizesse parte. Eu me apresentava num lugar de neutralidade, de quem ainda estava conhecendo e iniciando as leituras. Nunca me apresentei como pesquisador. Minha maior estratégia era me apresentar como leigo e como se estivesse aprendendo algo novo. Há um espírito de irmandade presente, de uma união que pode ser chamada de “sentimento de resistência”.

No entanto, olhando em perspectiva, a experiência de proximidade com o mundo do avesso foi danosa. Alguns traços de personalidade são relativamente comuns, tais como uma paranoia com qualquer conhecimento fora da chave olavista, estimulando um isolamento de qualquer outra fonte de informação. Tornar-se um redpill é optar por um caminho de isolamento, preenchido apenas com outros olavistas e afins. Lidar com a faceta mais bolsonarista desses jovens era estar em contato com um humor e uma visão de mundo

profundamente preconceituosa e restritiva. As mulheres são “putas”, os nordestinos são “preguiçosos” e os estados brasileiros com mais pessoas pretas, a Bahia e o Rio de Janeiro, o “câncer do país”.

A hostilidade do campo não era deles comigo, afinal sou um homem branco numa postura de querer aprender e conhecer. A hostilidade era sentida no vetor pesquisador para interlocutores. Um exemplo foi o contato com Flavio Morgenstern, que será contado no capítulo 3, o qual proporcionou um profundo desprezo e desgosto pela sua pessoa, apesar de permanecer como uma das principais fontes desta pesquisa. Passados tantos anos de proximidade com o mundo do avesso e encerrada esta pesquisa, há um sentimento de alívio de sair da toca do coelho.

2.2.2. Volume de dados e o desafio da escrita

“Tenho muita – demasiada – experiência de campo e descobri há muito tempo que a batalha decisiva não se trava no campo, mas depois da volta” (Evans-Pritchard, 2004: 245). Um outro momento desta pesquisa se deu com a escrita e organização dos dados. Após anos acompanhando esses atores em suas redes e adentrando seus sentidos, era hora de escrever um texto acadêmico e sistemático. Esse era um novo desafio. Marilyn Strathern (2017) desenvolve essa ideia. Define o momento em que o antropólogo volta para sua casa e escreve seu trabalho como um novo campo: “descobre o pesquisador, a escrita só funciona se ela for uma recriação imaginativa de alguns dos efeitos da própria pesquisa de campo” (Ibidem: pos 4559). Durante a pesquisa nos deparamos com dados que não sabemos muito bem como serão trabalhados ou mesmo se serão utilizados. Continua a autora:

O exercício da pesquisa de campo é, portanto, antecipatório, na medida em que é aberto ao que virá depois. No meio-tempo, o aspirante a etnógrafo reúne material cujo uso não pode ser previsto, fatos e questões coletados com pouco conhecimento de suas conexões. O resultado é um “campo” de informação ao qual é possível retornar, do ponto de vista intelectual, para fazer novas perguntas sobre desenvolvimentos posteriores cuja trajetória de início não era evidente [...] Ao mesmo tempo, contudo, saber que não é possível saber de modo completo o que será pertinente às reorganizações posteriores do material exigidas no processo de escrita pode ter um efeito próprio, como o de criar uma expectativa de surpresa; busca-se o que é mais refratário, as pequenas revelações. A expectativa de surpresa reaparece no texto etnográfico como um tipo diferente de revelação. (Ibidem: pos 4703-13)

Uma dificuldade definidora desta pesquisa é a imensidão de dados. Não faltam “grandes acontecimentos” a serem descritos, aulas a serem analisadas, memes ou postagens misóginas para exemplificar a correlação entre política e machismo no mundo redpill. A impressão é que poderia ter sido escolhidos centenas de outros momentos como emblemáticos

do que estamos querendo demonstrar, ao mesmo tempo em que não se sabe ao certo qual seria aquele que “melhor” representaria. Dos grandes acontecimentos até aqueles mais refratários, como diz Strathern, a escrita desta pesquisa sofre da questão do que selecionar para o leitor.

A imensidão de dados é um desafio. Sempre há no noticiário algum novo embate entre bolsonaristas e o juiz Alexandre de Moraes, um novo mandado de prisão contra algum aluno de Olavo, ou um novo podcast de algum ex-aluno de Olavo abordando cinema e “cultura woke”⁴⁸, assim como não faltaram acontecimentos que poderiam elucidar algum dos pontos tratados aqui. Um novo vídeo, uma nova aula de Olavo, uma nova coleção de livros. Sempre havia a percepção de que aquilo poderia estar no trabalho, que isso traria uma discussão interessante academicamente, uma contribuição para o argumento. A riqueza infinita dos memes e a produção descentralizada da internet, em que cada um é ao mesmo tempo produtor e consumidor, torna as possibilidades de piadas, torções analíticas, tiradas, debates etc., infinitas.

É um desafio ainda não superado: como organizar anotações, fichamentos e organizar um problema com várias cabeças. Se objetivamente essa pesquisa transcorreu com jovens que se reconheceram como “de direita” pelo contato com Olavo de Carvalho e viram em Bolsonaro seu candidato ideal, ela também é uma pesquisa sobre militares e política, sobre pensamento conservador, sobre as mudanças de socialização com a internet plataformizada e o “realismo capitalista” (cf. Mark Fisher, 2020) de pensar num futuro pior que o presente. Uma saída desse engodo é a imaginação sociológica e o artesanato intelectual.

Wright Mill, ao falar da “Promessa” da Sociologia, é mais otimista do que Bourdieu. Seguindo sua linha de raciocínio, é a *imaginação sociológica* a melhor postura para se investigar o fenômeno de um conservadorismo crescente na juventude, mais sofisticada que a ciência tradicional e a literatura. Melhor do que métodos restritos e teorias teóricas, a imaginação sociológica permite relacionar e articular dados estatísticos sobre os apoiadores de Bolsonaro e seus valores com a vasta bibliografia que vem sendo publicada no Brasil, sustentando esses pensamentos. A imaginação sociológica permite ao mesmo tempo pesquisar discursos elaborados em livros, em postagens na internet e propagandas políticas. Buscar articular o sinal de arma com as mãos de Bolsonaro com a crise de segurança pública por que passa o Brasil. A promessa da sociologia é poder analisar esses fenômenos complexos e

⁴⁸ Termo importado da direita alternativa dos Estados Unidos que supõe uma tentativa orquestrada de grandes conglomerados de mídia a introduzir forçosamente uma agenda de diversidade com interesses velados de “destruir” a cultura ocidental. “Hoje em dia todo filme tem que ter um negro, um gay, uma lésbica, uma gorda, que coisa chata e forçada”, dizem.

multifacetados, rompendo as três tendências: estruturalista, funcionalista e empiricista (Wright Mills, 1965: 30). Dessa forma, um meme difundido na internet pode ser elemento capaz de auxiliar na compreensão de um novo extremismo de direita.

Para Bourdieu, a construção do objeto é o momento fundamental para a pesquisa: é quando se elabora as questões, as ferramentas e os caminhos de investigação. Uma construção que reproduz o senso comum ou o senso comum douto é um fracasso sociológico. Portanto, o que para mim e para meus pares é um problema social (a ascensão do pensamento autoritário e reacionário em camadas jovens e masculinas) precisa ser reelaborado numa história da juventude e do que é ser jovem e na gênese do pensamento conservador e autoritário no país. É nesse trabalho artesanal que se enquadra esta pesquisa, buscando desnaturalizar as formas de pensamento que me são “instantâneas”, ou seja, naturalizadas – tal como reduzir a heterogeneidade do apoio a Bolsonaro lhe chamando de fascista.

Em Wright Mills é possível ousar enquanto pesquisador. Movimentar diferentes fontes e métodos. Os dois autores se aproximam no ecletismo de fontes e problemáticas, contudo Bourdieu assume uma postura mais desconfiada dos limites do sociólogo de “apreender” os fenômenos sociais, enquanto Wright Mills nos dá mais esperança no fazer sociológico, abrindo espaço para a criatividade. A todo instante o sociólogo para Bourdieu deve estar atento para o universo de armadilhas, enquanto para Wright Mills o sociólogo se assemelha mais a um artífice, que trabalha em sua oficina com as mãos, utilizando-se de diversas fontes, técnicas, ferramentas e inventividade.

A imaginação sociológica consistiria “na capacidade de passar de uma perspectiva pontual a outra mais abrangente e estabelecer uma visão da sociedade em sua totalidade: as articulações possíveis entre biografia e história” (Barreira, 2017: 21). A imaginação sociológica possibilita ao pesquisador compreender o cenário histórico mais amplo de inscrição dos acontecimentos e seu significado para a vida íntima e carreira exterior de inúmeros indivíduos. É a postura de ligar fatores aparentemente desconexos. Como articular a longa história de autoritarismo no Brasil com jovens que postam *memes* na internet? Como articular o pensamento conservador, contrário a pautas identitárias e direitos sociais, com uma profunda crise de masculinidade que se sente ameaçada e acuada?

O problema que queremos propor para investigação é acerca de uma geração que perdeu a esperança em soluções coletivas. Livrando-se de explicações rápida e fáceis, tais como uma arquitetura das elites ou um fascismo inerente aos humanos, apenas o pensamento

relacional, usado de maneira criativa, pode ajudar a entender a eleição de um deputado sem apoio partidário, sem grandes fortunas para campanha, sem apoio das grandes indústrias midiáticas e sem uma oratória atraente. De maneira sintética, a pergunta é: como foi possível uma juventude reacionária? Para isso buscaremos a formação de uma rede, não homogênea, de entendimento, que abarque o uso de mídias, produção de livros, crise das esquerdas, capitalismo pós-materialista, masculinidades e outras problemáticas.

A escrita proposta por Italo Calvino (1990) é contrária à ideia da crueza e do peso. A leveza seria esse “salto alto e imprevisto”, semelhante ao ângulo imprevisto proposto por Bourdieu, que faz do poeta e do escritor capazes de ver algo antes tido como esgotado como refeito: “fazer da linguagem um elemento sem peso, flutuando sobre as coisas como uma nuvem, ou melhor, como uma tênue pulverulência, ou melhor ainda, como um campo de impulsos magnéticos” (Ibidem: pos 258). Ao contrário do que possa parecer, a leveza “está associada à precisão e à determinação, nunca ao que é vago ou aleatório”. Uma “gravidade sem peso”, uma “busca da leveza como reação ao peso de viver”. É a leveza que será buscada nesta escrita.

A leveza deste trabalho será analisar violências de outro modo que não seja pela condenação ou pelo julgamento moral. Que o bolsonarismo é repulsivo, isso é sabido. Mas que pessoas existem por detrás do ódio expelido? Quais sentimentos existem em alguém defensor de ideias reacionárias? Retirar o peso do bolsonarismo é um desafio, pois há riscos concretos envolvidos, mas apenas dessa forma é possível dar um “salto” analítico. Por exemplo, nesses homens que defendem virilidade há uma forte insegurança com seu lugar no mundo e nos seus relacionamentos. No episódio em que Bolsonaro foi esfaqueado em Juiz de Fora, houve expressões de verdadeiro amor ao candidato. Como é o amor dos bolsonaristas?

Outra proposta de Calvino é pela exatidão, que não significa peso. A precisão é o uso de imagens visuais nítidas, sem recorrer à linguagem clichê e ao senso comum douto. O “flagelo linguístico” é falar coisas sem nada dizer e ir a lugar nenhum. Uma linguagem precisa é aquela capaz de “colher a sensação mais sutil com olhos, ouvido e mãos prontos e seguros” (Ibidem: pos. 934). No Café Patriota, aqui em Fortaleza, o cappuccino era servido com chocolate em pó no formato do mapa do Brasil colônia, marcado pelo Tratado de Tordesilhas, com a data 1822 embaixo. A escolha desse passado para ser exaltado é carregada de sentidos. A exatidão é a capacidade de captar as nuances, tal como o antropólogo que entende as piscadelas das quais falamos.

Seria um duplo movimento, do cristal e do fogo, na linguagem da exatidão: “De um lado, a redução dos acontecimentos contingentes a esquemas abstratos que permitissem o cálculo e a demonstração de teoremas; do outro, o esforço das palavras para dar conta, com a maior precisão possível, do aspecto sensível das coisas” (Ibidem: pos. 1133). Abstração e descrições sensíveis, teoria e empiria juntas. A proposta da escrita é de uma linguagem próxima, clara e precisa no que se quer dizer.

A teoria, em Becker (2007), deve ser pragmática: os conceitos são experiências condensadas, sumarizadas, que são úteis para o entendimento do mundo social. Eles não existem para exibição intelectual ou exercício mental. Os “truques” de Becker não são para facilitar, e sim para sair do conforto (Ibidem: 24), pois eles relembram a todo instante que a pesquisa é uma prática, muitas vezes cansativa, e não um deleite intelectual. Mostrando a “cozinha das Ciências Sociais”, Becker nos revela que na pesquisa muitas vezes teoria demais atrapalha, impede a observação empírica e enviesada o pesquisador. Nesse sentido, toda uma bagagem de pensamento conservador e fascista pode me impedir de compreender o fenômeno do bolsonarismo em sua particularidade, sobretudo no contexto atual de conectividade pela internet.

O lugar de que parte o pesquisador e a interferência da subjetividade na objetividade científica estão no cerne das discussões metodológicas. A proposta de Becker (1994: 20) de “ao invés de insistir em procedimentos mecânicos que minimizam o julgamento humano, podemos tentar tornar as bases destes julgamentos tão explícitas quanto possível”. É inevitável não ser afetado por um campo tão permeado de implicações morais e políticas. Em vez de observar a distância dos redpills, a proposta foi de um mergulho na toca do coelho de seu mundo.

Apesar de procurar uma “imparcialidade”, ao longo da pesquisa haverá tensionamentos em que, conscientes ou não, o lugar do pesquisador ficará exposto. Por vezes haverá uma atitude crítica com os interlocutores e os valores ali apresentados, atitude essa que só é possível pelo distanciamento do pensamento conservador, do qual não faço parte. Em outros momentos a empatia e a compreensão se farão visíveis, pois somos humanos trabalhando *com* humanos. Como pesquisador, tento deixar claro para o leitor, buscando minimizar a reprodução não-reflexiva de minha subjetividade.

Há predominância de pesquisas qualitativas no Brasil. Uma razão é não existir uma produção pública de dados, o que exigiria ainda do pesquisador a produção bruta de dados

estatísticos, algo custoso e demorado. A pesquisa qualitativa se preocupa com o contexto. Seus dados colhidos são em forma de palavras ou imagens, e não de números. São dados qualitativos porque são ricos em pormenores descritivos relativos a pessoas, locais e conversas. Buscam respeitar sua riqueza. Uma pesquisa reflexiva. Para Minayo (1994: 21-22), trabalhar com “[...] o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes; o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Valorizar o processo em vez do produto final.

Há uma tendência em abordar a problemática da ascensão do bolsonarismo de maneira quantitativa, como se seus segredos estivesse ali, em modelos matemáticos. Dados massivos, comportamentos em rede, contabilização de *hashtags*. A imensidão de dados produzidos pela sociedade em rede guardaria as explicações para fenômenos opacos como a ascensão da extrema direita globalmente, reunindo vários computadores calculando de maneira mais eficiente que humanos. Ronaldo Lemos (*in* Abranches et al., 2019: 198) defende que os esforços sobre o “problema Bolsonaro” sejam de pesquisas quantitativas. Empoli (2019) descreve a importância que as ciências exatas têm nos processos eleitorais contemporâneos, sintetizados na fala do diretor da campanha em favor do *Brexit*, Dominic Cummings: “Se você quer fazer progresso em política, meu conselho é contratar físicos, e não experts ou comunicadores” (*apud* Empoli, 2019: pos. 1775).

Essa pesquisa se contrapõe a isso. De certa maneira, é uma demonstração da importância das pesquisas qualitativas, como na antropologia interpretativa de Geertz (1989: 19) e a “construção das construções de outras pessoas”. Mesmo que seja permeada pelo universo da internet mediada por algoritmos, aqui há uma tentativa de pesquisa qualitativa como se fazia antes dos computadores, talvez correndo o risco de ser uma defesa romântica de um método que se acredita não ter sido superado.

Sennett (2021: 57) discorre sobre os padrões conflitantes entre o “correto” do artesão e o “prático” do profissional, o embate entre o fazer bem e o conseguir acabar o trabalho:

Desse modo, seguindo a medida absoluta de qualidade, o escritor volta obsessivamente a cada vírgula, até que o ritmo de uma sentença fique bom, e o carpinteiro entalha as peças de uma junta macho-fêmea até que as duas estejam rigidamente encaixadas, sem necessidade de parafusos. Seguindo a medida de funcionalidade [prático], o escritor entregará o texto no prazo, estejam ou não todas as vírgulas no lugar, já que o que é escrito precisa ser lido [...] a questão é concluir o trabalho para que a peça possa ser usada. Para o absolutista que há em todo artífice, cada imperfeição é um fracasso; para o profissional, a obsessão com a perfeição pode ser a receita do fracasso.

O artesanato intelectual é, ao mesmo tempo, o esmero com este texto e com a feita da pesquisa e o obstáculo para seu encerramento diante da impossibilidade de ter alcançado o acabamento pretendido. A imensidão de materiais tornou necessário um cuidado com a organização de leituras, dos fichamentos e a elaboração de uma estrutura. Nunca faltou algo para ser estudado, investigado, lido ou pensado. Por diversos momentos, como na concepção marxiana “a anatomia do homem explica a anatomia do macaco”, eventos e desdobramentos posteriores elucidaram objetos de análise anteriores. Por exemplo, quando Bolsonaro se tornou ferrenho defensor do “tratamento precoce” para a covid-19, pude compreender a afeição que havia em redpills por teorias conspiratórias tais como o homem nunca foi a lua ou *QAnon*.

De certa maneira, esta busca pelo tratamento artesanal foi um obstáculo para a pesquisa que se via em muitas frentes diversas, tais como, por exemplo, a crise militar de 1977 entre Sylvio Frota e Ernesto Geisel e a teoria das 12 camadas da personalidade de Olavo de Carvalho, sem contar o vídeo novo do canal Brasileirinhos no YouTube. Essa pesquisa sofreu a obrigatoriedade institucional de ser encerrada, rompendo com essa procura do acabamento artesanal impossível. As pessoas que são pesquisadas neste trabalho continuam suas vidas, os alunos de Olavo continuam suas produções e Bolsonaro tem hoje uma relação completamente diversa da que tinha durante os anos 2013-2018.

2.2.3. Pesquisa em contexto virtual

Antes mesmo de ser uma pesquisa propriamente, este trabalho era uma inquietação emanando do ambiente virtual. Era na internet que se deparava com o revisionismo da ditadura e exaltação de um deputado caricato que gostava de falar grosserias para jornalistas, sobretudo mulheres. A transformação de uma inquietação e uma curiosidade em pesquisa institucional acompanhava uma proposta de inserção em grupos de estudos, espaços de socialização e interação direta com os jovens de direita. No entanto, a internet permanecia como um espaço fundamental de pesquisa, pois o ambiente virtual permite não só o encontro com outros interessados em estudos *alternativos* e *contra-hegemônicos*, como há uma maior *tolerância* para temas sensíveis. Em outras palavras, na internet se falava o que não se podia falar presencialmente.

A pesquisa seria, enfim, uma interface entre os grupos de jovens de direita presencialmente e virtualmente. Havia uma questão de como as redes de sociabilidade virtuais

se traduziriam em ações práticas de educação e política, tal como na primeira manifestação que pude acompanhar presencialmente em 2016, o Rolezinho do Bolsonaro. Porém dois eventos mudaram drasticamente os caminhos desta pesquisa: a judicialização da militância bolsonarista e a pandemia de covid-19.

Em 14 de março de 2019 a Suprema Corte editou a Portaria GP nº 69 da autoria do ministro Dias Toffoli, instaurando o Inquérito 4.781, conhecido como “Inquérito das *Fake News*”:

CONSIDERANDO a existência de notícias fraudulentas (*fake News*), denúncias caluniosas, ameaças e infrações revestida de *animus calumniandi*, *diffamandi* e *injuriandi*, que atingem a honorabilidade e a segurança do Supremo Tribunal Federal, de seus membros e familiares,
RESOLVE, nos termos do art. 43 [possibilidade de instauração de inquéritos se vier a ocorrer infração penal na sede ou dependências do Tribunal, envolvendo autoridade ou pessoa sujeita à sua jurisdição] e seguintes do Regimento Interno, instaurar um inquérito para apuração dos fatos e infrações correspondentes, em todos sua dimensão,
Designo para a condução do feito eminente Ministro Alexandre de Moraes

O primeiro alvo do Inquérito foi a Revista *Crusoe*, em 15 de abril, sobre uma matéria que vinculava um ministro do Supremo com esquemas de corrupção. Quase seis meses depois, o Congresso Nacional instaurou a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito⁴⁹ com o fim de abordar *fake News*, com a seguinte proposta de investigar:

os ataques cibernéticos que atentam contra a democracia e o debate público; a utilização e perfis falsos para influenciar os resultados das eleições 2018; a prática de cyberbullying sobre os usuários mais vulneráveis da rede de computadores, bem como sobre agentes públicos; e o aliciamento e orientação de crianças para o cometimento de crimes de ódio e suicídio

Em 20 de abril de 2020, por requisição do Procurador-Geral da República, foi instaurado um novo inquérito, de nº 4.828 com o propósito de apurar “fatos em tese delituosos envolvendo a organização de atos contra a democracia”, o que lhe deveu o codinome “Inquérito dos Atos Antidemocráticos”. O presidente da investigação é o ministro Alexandre de Moraes. Em 27 de maio de 2020 foram cumpridos 29 mandados de busca e apreensão na residência de jornalistas, blogueiros, *youtubers*, assessores parlamentares e empresários no inquérito 4.781

Entre os alvos estão o presidente nacional do PTB, o ex-deputado Roberto Jefferson, empresários como Luciano Hang, das Lojas Havan, a ativista bolsonarista Sarah Winter, o blogueiro Allan dos Santos, do site Terça Livre, e o humorista Rey Bianchi. Todos eles se manifestaram em suas redes sociais repudiando as buscas em seus endereços. O empresário Edgard Corona, da rede de academias Smart Fit, e investidor Oscar Fakhouri também são alvo. Os demais nomes são Winston

⁴⁹ O relatório final da CPMI se encontra em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2292&tp=4>

Rodrigues Lima (capitão da reserva e ativista bolsonarista) [autor do livro *O Mito* citado na Introdução], Paulo Gonçalves Bezerra (empresário), Bernardo Küster (youtuber), Enzo Leonardo Suzi (youtuber), Rafael Moreno (blogueiro), Rodrigo Barbosa Ribeiro (assessor parlamentar), Edson Pires Salomão (assessor parlamentar), Eduardo Fabres Portella e Marcelo Stachin.⁵⁰

Essa foi a primeira ação em conjunto de busca e apreensão, seguida por diversas outras nos anos seguintes em ambos os inquéritos. Em junho de 2020, dez dos onze ministros chancelaram os procedimentos praticados nos inquéritos 4.781 e 4.828. Desde então se tem investigado a associação de militância bolsonarista com financiamentos e organizações de comunicação em esquemas de disseminação de notícias fraudulentas de maneiras automatizadas (com o uso de robôs, os *bots*) e com o uso de dinheiro público. Além das buscas e apreensões, os Inquéritos ordenaram o bloqueio e o cancelamento das contas vinculadas às pessoas investigadas.

Bernardo Pires Küster, aluno de Olavo de Carvalho e diretor do documentário “Eles estão no meio de nós” (2022), cujo tema é a “infiltração comunista” na Igreja Católica, teve suas contas apagadas e seus aparelhos eletrônicos levados pela Polícia Federal. Ele foi um dos primeiros youtubers olavistas a conquistar um grande público sobretudo nas temáticas da descriminalização do aborto e na vinda da filósofa Judith Butler ao Brasil em 2017, quando fez um vídeo “destruindo” a pensadora⁵¹. Após a ação da PF, ele publicou um vídeo em que narrou o ocorrido:

parece que querem criminalizar as próprias redes sociais [...] eles pegam, nas redes sociais, aquilo que você compartilha, as pessoas que você segue, as hashtags que você incentiva por afinidade de ideias, que é a dinâmica normal das redes sociais, quem você concorda, quem você critica - fazem disso uma coisa de associação criminosa [...] Na cabeça de muita gente maluca, idiota por aí, é impossível haver uma ação e uma afinidade e um inventivo de ideias simplesmente por uma questão moral. Eles acham que pedir impeachment do ministro do Supremo, levantar hashtags, criticar, etc., tem que ser uma coisa orquestrada e paga, não pode ser uma coisa interior, moral, uma questão de afinidades. Pra eles, isso é o crime supremo [...] a própria lógica das redes, para eles, parece que é uma associação criminosa. Subentender que curtir, compartilhar, seguir, incentivar, comentar é crime, então criminalizem as redes sociais de vez (sic)(*apud* Piovezan (org.), 2020)

Küster fez essa fala em um vídeo que já foi apagado. Ele e outros bolsonaristas, notadamente Allan dos Santos do portal Terça Livre, adotaram a postura de enfrentamento. Passaram a chamar Alexandre de Moraes de ditador e se consideram presos políticos. A cada

⁵⁰ “Em ação contra fake news, PF cumpre mandados em cinco estados e DF” em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2020-05/em-acao-contrafake-news-pf-cumprmandados-em-cinco-estados-e-no-df>

⁵¹ No vídeo, que também foi excluído, Küster ostenta seu livro grifado e marcado de *Problemas de Gênero*, enfatizando sua leitura e sua aptidão para “destruir” a ideologia de gênero.

nova rodada de buscas e apreensões, mais perfis e canais eram apagados. Houve, portanto, um duplo movimento diante da judicialização: a estratégia de vitimização e as ações de maneira encobertas, criptografadas e afastadas dos meios mais expostos. Esse duplo movimento é fundamental para esta pesquisa.

A citação de Bernardo Küster advém de uma coletânea de artigos lançada em 2020 intitulada “Inquérito do fim do mundo” pela editora “Educação, Direito e Alta Cultura”, que pode ser classificado como exemplar da estratégia de vitimização. A obra seria de “natureza técnica” com profissionais da área jurídica e afins sobre “o apagar das luzes do Direito Brasileiro”, mas na realidade é uma obra política de enfrentamento às medidas de investigação operadas pelo STF. Nos seus artigos, os Inquéritos seriam uma forma de perseguir os seguidores de Bolsonaro e combater, sobretudo, os valores

o foco das investigações ficaria limitado a esse grupo de pessoas, que não concorda com a corrupção que tomou conta do país, que se coloca contra a derrubada de valores essenciais da família brasileira, que não aceita o vilipêndio do Cristianismo, que defende a vida, contra posturas abortistas, que busca a governabilidade de um presidente eleito com 57,7 milhões de votos. (*in Piovezan (org.), 2020: 98*)

Estaria ocorrendo uma perseguição a cidadão comuns por críticas e piadas (Ibidem: 44). Um desespero dos poderosos diante da “tomada de consciência” do povo que não é mais enganado pela mídia tradicional, graças às redes sociais (Ibidem: 115). O esquema de poder instaurado pela Constituição “neomarxista” (Ibidem: 84) de 1988 estava sendo abalado pela rebeldia do povo que acordou, causando essa reação autoritária.

A coletânea é permeada de metáforas com a obra *O Processo* de Franz Kafka, 1984 de George Orwell e alusões ao nazifascismo e ao stalinismo. O cenário é catastrófico num Inquérito chamado de “inquisitorial” em que o mesmo indivíduo é vítima, investigado e juiz. Os inquéritos são “*propaganda* contra os críticos do *establishment* jurídico [...] um verdadeiro instrumento de guerra cultural pelo poder, na destruição dos críticos pela técnica do assassinato de reputações” (Ibidem: 63). Num dos poucos momentos de esperança diante dessa distopia totalitária liderada por Alexandre de Moraes, o único caminho seria o cultivo de valores morais individuais (Ibidem: 200), pois as soluções coletivas estavam todas cerceadas pelo Supremo. Não à toa, a capa do livro é uma bomba atômica em explosão, com dois apêndices em formato de balanças (A Justiça) também em explosão⁵².

⁵² As capas dos livros se tornaram centrais no mundo invertido na esteira do sucesso editorial de “O Mínimo...” de Olavo.

A estratégia de vitimização foi operacionalizada desde sempre pelo movimento bolsonarista. Ela está no cerne do raciocínio olavista de hegemonia esquerdista no campo intelectual e é também presente em homens jovens que se sentem deslocados dos novíssimos movimentos políticos e culturais da diversidade. Um dos fenômenos destacados por Daniele Giglioli de nossos tempos é o “rancor vitimário dos vencedores” contra a “esquerda”, a “elite”, os “intelectuais”, como se eles fossem os representantes das causas perdidas. Diante de uma vítima, só resta o respeito pela sua dor num ato de submissão

A história vitimária é sempre respeitável, injunge atenção, disciplina os ouvintes, rejeita a priori a seleção entre quem é mais ou menos capaz. No melhor dos casos chantagem não intencional, nos piores desprezível, na parte melhor ambígua, e a qual de todo jeito é impossível escapar: provar para crer. Só resta escutar compungido, ou ter de lidar com o sentimento de culpa e a reprovação universal. (Giglioli, 2016: pos. 1012)

Daniele Giglioli (Ibidem: pos. 213) em *Crítica da Vítima* diz que “o líder que se comporta como vítima propõe um implícito e às vezes explícito pacto afetivo, uma identificação através da potente alavanca do ressentimento. É o expediente de qualquer populismo”. O lugar de vítima nunca foi abandonado pelo bolsonarismo, sendo na realidade potencializado ao longo dos anos. O que mudou foi a proporção dos agressores, cada vez maiores: era o politicamente correto e o feminismo, depois a grande mídia e o *establishment* político, passou para o Supremo, a *big pharma* etc. Apoiar Bolsonaro se transforma no ato de resistência numa distopia totalitária.

Essa acentuação do lugar de vítima mudou a maneira do campo bolsonarista atuar. Houve uma fuga de redes sociais mais expostas, como o *Twitter*, para redes mais criptografadas, como o *Telegram*. Algumas pessoas abandonaram a militância bolsonaristas e outras levaram isso como uma piada, como o caso de Loen, personagem central desta pesquisa, que adotou o número de perfis apagados a cada conta - neste momento de escrita ele está na conta número 27.

Houve trocas de ferramentas de segurança virtual, como o uso de VPN (Rede Privada Virtual, em inglês), tecnologia que permite que seu endereço online permaneça desconhecido para provedores de internet e, futuramente, para a polícia. Black-dog, personagem anônimo e produtor de diversos conteúdos olavistas, divulgou o “Manual da Guerrilha Virtual - Manual do G.D.O.⁵³” com diversas tática de manter a atuação virtual sem

⁵³ Sigla para Gabinete do Ódio, termo que começou a ser ventilado pela ex-deputada Joice Hasselmann em meados de 2019 diante de seu rompimento com Bolsonaro. A ex-deputada denunciava grupo de assessores que lideravam milícias virtuais com propósito de difamar, caluniar, assediar e divulgar notícias falsas nas redes sociais. O grupo seria coordenado pelo filho Carlos Bolsonaro. “GDO” virou uma piada entre os grupos aqui

risco. Além do Manual, destaco a estética chamada de “vaporwave”, a referência central a Olavo e uma piada com o sinal de “Ok”, que seria um sinal racista, mas foi reapropriado como piada “troll”:

Figura 2: Manual de ação do Gabinete do Ódio



Fonte: Arquivo próprio

Portanto, em decorrência desses novos espaços e formas de ocupação, a proposta do trabalho é explorar as comunidades virtuais utilizadas pelos redpills em particular e os bolsonaristas em geral, sendo em sua maioria ambientes virtuais. Para Umberto Eco, organizar uma bibliografia significa buscar aquilo cuja existência ainda se ignora (Eco, 1989: 42). Trabalhar com as relações virtuais é estar à mercê do desaparecimento da informação, é organizar o que se perde no ciberespaço⁵⁴. Em decorrência do embate recente do ministro Alexandre de Moraes com Elon Musk, muitas das informações contidas nesta tese foram perdidas, deixando-nos apenas com as fichas catalográficas, uma salvaguarda fundamental tal como previsto por Eco no processo de construção do levantamento bibliográfico.

Uma pesquisa etnográfica, apesar de ser desenvolvida também no seu âmbito virtual, explora o lado fenomenológico e não se limita apenas em realizar uma análise do conteúdo

pesquisados, pois não eram assessores e nem recebiam dinheiro para atuarem virtualmente. Eles adotaram como se de fato o fossem como sátira, demonstrando que a mídia, o Congresso e o Judiciário haviam inventado o Gabinete do Ódio.

⁵⁴ O termo "ciberespaço" foi introduzido pelo escritor William Gibson em "Neuromancer", um romance de ficção científica. Seu sentido mais específico em relação às novas tecnologias é creditado a Pierre Lévy, que o define como "o novo meio de comunicação originado da interconexão global dos computadores. Não se limita apenas à infraestrutura física da comunicação digital, mas abrange também o vasto oceano de informações que ela contém, juntamente com os usuários que navegam e alimentam esse universo" (Lévy, 1999: 17).

exposto na internet pelos redpills. Segundo Malinowski (1978), a essência do método etnográfico está em apreender o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida, sua visão de mundo. Muitas vezes, a internet acaba sendo vista como um não-lugar:

A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a 'lugares de memória', ocupam aí um lugar circunscrito e específico (Augé, 1994: 73)

Devido à falta de espacialidade, o online é associado com o não existente. Com a judicialização da maneira de militar bolsonarista e olavista, o apagamento de conteúdos e perfis, e cada vez mais o uso de métodos de fuga, a pesquisa se tornou mais sobre os sentidos. Compreendemos que tudo que se manifesta online contribui para a construção individual e representações virtuais. Na modernidade tardia, a web é um espaço onde o "outro" modela sua identidade e verdade. Nesse amplo cenário digital, as fronteiras entre real e virtual se dissolvem, permitindo que cada um explore sua individualidade de forma inédita e plural.

Uma vantagem evidenciada por Kozinets (2002) na pesquisa em ambientes virtuais, em comparação com métodos como grupos focais e entrevistas pessoais, é a não invasão, pois o pesquisador pode observar seu objeto como se fosse por uma janela, justamente a partir de declarações já disponíveis online, não há interferência na realidade do sujeito. De acordo com Rocha, Barros e Pereira (2005), isso permite que se investigue a realidade por dentro de um grupo no ambiente virtual, gerando conhecimento científico a partir da interpretação do pesquisador acerca do ponto de vista dos investigados. A hostilidade em geral dos sujeitos aqui pesquisados tornou essa ferramenta de pesquisa em ambientes virtuais fundamental.

Dito isso, é imperativo situar a intencionalidade subjacente a esta pesquisa. Diversas abordagens metodológicas presentes na "netnografia" ou "etnografia virtual" como forma de estudo do comportamento em ambientes digitais fundamentam-se em metodologias consolidadas, tais como a Webometria, a Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso, visando à obtenção de resultados robustos. Nessa pesquisa importa ressaltar que o cerne reside na compreensão dos conteúdos presentes nessas comunidades digitais como uma pesquisa qualitativa.

Há uma metáfora para a metodologia que aqui é utilizada. O resultado previsto aqui assemelha-se a um exercício educacional em um contexto museológico, no qual se busca mediar a relação entre o objeto e o observador, dado que a completa apreensão dessas comunidades de redpills muitas vezes se mostra inalcançável. Para aqueles externos a esses

grupos, os elementos culturais, como memes, imagens e textos, correm o risco de serem simplificados a algo meramente repulsivo ou que transgride direitos humanos. Neste contexto, a abordagem não se pauta na compaixão desdenhosa de "coitados, desprovidos de voz e incompreendidos pela sociedade". Pelo contrário, a função é reconhecer que tais espaços virtuais desempenham um papel significativo na vida das pessoas, influenciando ativamente as agendas políticas, enquanto as disposições políticas reacionárias promovidas por eles muitas vezes se dissimulam sob uma aparência esteticamente camuflada.

2.3 PARTICULARIDADES E LACUNAS

A forma de circulação das ideias foi modificada nos últimos anos. É amplamente debatido, inclusive neste trabalho, as condições propícias das plataformas digitais de criar “bolhas”, radicalização e fratura social. É plenamente possível um usuário de internet nunca ter se deparado com um conteúdo redpill ou, se o tiver, não possuir as ferramentas cognitivas para reconhecer que aquilo se trata de um conteúdo reacionário e intolerante.

O pessimismo com relação às novas governanças algorítmicas é um debate que precisa ser feito na academia e no debate público em geral. Os mecanismos de personalização do conteúdo reforçam as crenças preexistentes num sistema retroalimentado, no qual as *boas* fontes são aquelas que concordam com o consumidor e qualquer discordância é sinal de manipulação ou farsa. A possibilidade do diferente e do outro é reduzida a uma ameaça. Num mundo no qual a principal moeda é a atenção do consumidor, as ideias estimuladas e produzidas são aquelas que causem conforto e familiaridade, afinal, a meta é deixar o consumidor a maior quantidade de tempo preso a seu conteúdo estimulando sua satisfação.

O outro nessa lógica da atenção aparece sempre com a rubrica de “atenção!”, “olha essa última”, “você não vai acreditar no que aconteceu!”. Não apenas se estimula a criação de bolhas pela semelhança, como nos conteúdos de exaltação a Bolsonaro, mas também a acentuação das diferenças na constante produção de caricaturas do outro. O aplicativo de um bolsonarista é recheado de conteúdos sobre o PT, Lula e a esquerda, mas sempre com um *aviso* de que existe mais um novo motivo para o consumidor (bolsonarista) do conteúdo se tornar mais antipetista e antiesquerdista ainda. O bolsonarista sabe o que acontece do outro lado, inclusive procura por isso, porém com o propósito de aumentar o seu antiesquerdismo. Os produtores de conteúdo bolsonaristas sabem bem dessa dinâmica, pois um novo acontecimento “inacreditável” de Lula, por exemplo, é sinal de maiores visualizações, é

comemorado, retorna como mais engajamento. O mundo do avesso tem contato constante com o *outro lado*, mas mediado pela repulsa e pela ojeriza.

No entanto, as plataformas possibilitaram esta pesquisa. Paula (2015) descreve as conexões de Gustavo Corção com a nova direita francesa nos anos 1960 por cartas e livros que demoravam meses para chegar. Atualmente, por outro lado, é possível acompanhar o debate das ideias em tempo real, enquanto as próprias concepções são formadas. Se para os movimentos extremistas de direita isso foi muito bem aproveitado, esta pesquisa tem muito a agradecer também ao esforço coletivo de investigação sobre o que aconteceu com o Brasil nos últimos anos. Diversos dos autores que são aqui mobilizados foram conhecidos por meios alternativos à tradição acadêmica.

Letícia Cesarino é atuante no Twitter e participante de diversos podcasts. Um dia, compartilhando suas leituras e reflexões, *twittou* sobre o livro de Albert O. Hirschman e o quanto estava lhe auxiliando nas pesquisas. O contato com a “cozinha” de sua pesquisa levou a procurar sobre o autor e Hirschman tornou-se um dos mais importantes teóricos desta tese. O primeiro contato com Leirner foi no podcast Roteirices do jornalista Carlos Alberto Júnior, o que auxiliou na conexão entre militarismo e olavismo, relação que estava confusa para esta pesquisa. Fabricio Pontin, professor e filósofo, foi a referência que deu o insight de Olavo operar uma pedagogia freireana com seus alunos, isso num podcast enquanto falava dessa associação de maneira jocosa. Cristiano Botafogo e Pedro Dalto realizam um trabalho imensurável com o podcast Medo e Delírio em Brasília, que compila as notícias com bom humor e inserções satíricas. Medo e Delírio em Brasília logo se tornou a principal fonte de informação e atualização sobre as ações de Bolsonaro e o papel dos militares no governo. Referências fundamentais para a conexão entre militarismo e olavismo foram encontradas por aulas na internet, como os professores Eduardo Costa Pinto e João Cezar de Castro Rocha. Foi escutando um episódio do podcast ViraCasacas com Victor Marques que os estudos sobre tradicionalismo foram impulsionados.

O código acadêmico pressiona por referências bibliográficas, artigos científicos selecionados por pares, teses e dissertações. Porém, ao fim desta tese, é possível dizer que os melhores achados e insights foram em conversas informais e em materiais não-convencionais. Foi então que fez sentido a força da redpill e a alavancagem de Bolsonaro como presidente por essa nova forma de relação. Além de fazer a crítica necessária às plataformas, que lucram com os afetos primários das pessoas (necessidade de atenção, ódio etc.), talvez seja necessário

aprender o que elas podem proporcionar de proveitoso. Assim como o fez um deputado com 8 segundos de televisão em 2018.

No dia 17 de junho de 2020 ocorreu um episódio curioso que ilustra o que se quer dizer. O deputado Hélio Bolsonaro, apelidado de “Hélio Negão”, postou em seu *twitter* a frase “It’s time!”. Logo depois, Filipe G. Martins postou o mesmo. Então foi a vez de um importante jornalista do cosmos da extrema-direita internacional postar “It’s time!” e depois outro do Reino Unido com as bandeiras de Brasil, Índia, Israel, Estados Unidos, Reino Unido, Hungria. Ora, foi uma comoção. Começou a se produzir a crença de que estava se articulando uma movimentação internacional para alguma mudança política de grandes proporções. Um golpe, uma prisão, algum anúncio importante. Disseminou-se rapidamente, naqueles usuários da madrugada, que estava pronto algum acontecimento.

É preciso entender o contexto: era o momento de crescimento da pandemia, de conflitos sobre como enfrentar a crise sanitária e sem perspectiva de imunizantes no curto prazo. Os conflitos de Bolsonaro com a mídia e as instituições estavam cada vez mais agudos, com o ex-presidente insistindo em não haver isolamento social e advogando pelo uso do tratamento precoce, sem ceder e nem negociar, apostando no conflito.

Diversos usuários, nesse dia, ficaram acordados até de manhã na expectativa do que iria acontecer. O resultado? Nenhum. Foi um mal-entendido. Milhares de pessoas criaram a expectativa de algo grande por conta das mensagens cifras e da produção dessa esperança. Algumas postagens na situação alcançaram mais de 10 mil *likes*. Foi um evento tão importante para essas pessoas que se criou uma camisa com estampa “It’s time! 17/06/2020 Eu fui!” com as fotos de Hélio Bolsonaro e Filipe G. Martins. É uma piada interna constantemente lembrada, o “It’s time”. Para quem não esteve no *twitter* naquela madrugada ou que não tenha participação nesse mundo do avesso, não se tem ideia do que aconteceu. As postagens originais foram apagadas, muitos dos perfis também foram apagados. Só sabe disso que esteve lá.

Além de formar bolhas e mundos inacessíveis, as plataformas digitais são voláteis. Um perfil pode ser bloqueado, deletado, o usuário pode optar por excluir todas as suas postagens. Metodologicamente se escolheu nesta pesquisa o recurso de anotações, registrar o dia-a-dia dessas pessoas. Salvar vídeos é inviável pelo tamanho de espaço de armazenamento necessário. Prints são úteis para ilustrar, mas, do ponto de vista de legitimidade do dado, é facilmente possível manipular um print. Recortes de conteúdos sem as respectivas postagens é

inútil. Por sorte, Olavo de Carvalho não apaga seus materiais, todos estão disponíveis, tanto aulas como suas reuniões virtuais, que, curiosamente, Olavo já praticava muitos anos antes de ser o “normal” com a pandemia.

Portanto, o que esta pesquisa traz de valioso academicamente é o uso de pesquisa qualitativa para um problema normalmente pensado como macroprocesso social. Há um exercício de humildade metodológica de optar por um trabalho mais próximo da pesquisa empírica, da proximidade, pois os sentidos criados estão tão distantes que não haveria outra forma de compreender minimamente o fenômeno que não seja ouvindo, lendo e prestando atenção.

A forma ideal deste trabalho ser lido é acompanhado de pesquisas em páginas de busca sobre os eventos aqui narrados. Se o leitor puder acessar os vídeos, postagens e materiais citados, a pesquisa dá um salto de sentido. Mesmo com as “descrições densas” inspiradas em Geertz dos conteúdos, o acesso do leitor aos vídeos e fontes citadas aqui permitiria ao leitor um contato mais próximo com o mundo do avesso, serviria como aproximação. Este trabalho tem um aspecto de “curadoria” dos caminhos de acesso a essa rede de significados enigmáticos. Assistir a um vídeo do canal Brasileirinhos, como exemplo, é um desafio pela enxurrada de referências e piadas internas, sendo este trabalho uma forma de “tradução” desses códigos para leitor. Portanto, é indicado ao leitor que entre em contato direto com as fontes.

Essa humildade metodológica é acompanhada de uma atenção às novas formas das ideias circularem. A dinâmica desses espaços exige do pesquisador sobretudo tempo para acompanhar os deslizamentos que estão em movimento contínuo. É um labirinto de sentidos. Uma das personagens e uma fonte importante desta pesquisa se chama “Leitadas do Loen”, citado nos dois Inquéritos e na CPMI das Fake News.

Ora, o “Leitadas” é um perfil anônimo de um seguidor do Loen. Seu nome advém de um quadro no qual Loen classificava mulheres se seriam ou não qualificadas para serem “leitadas”⁵⁵. Um dos seguidores do Loen, achando o quadro engraçado, começou a perguntar aleatoriamente para algumas mulheres: “Deixa o Loen te leitar?” e compartilhar as reações delas com outros da turminha, num humor tipicamente troll e misógino. Isso fez tanto sucesso dentro da “Turminha do Loen” que ele criou um perfil próprio, chamado “Deixa o Loen te deitar?”, e foi ganhando relevância própria, adquirindo uma identidade separada do Loen,

⁵⁵ Referência para sexo.

principalmente pelos seus interesses em teorias conspiratórias. Ele construiu sua própria fama. Leitadas foi um dos mais ferrenhos defensores do “tratamento precoce”, no uso da hidroxicloroquina para covid-19, sendo apelidado de “Dr. Leitadas” (pelos seus conhecimentos de pesquisador autodidata em medicina, virologia e farmacologia). Constar “Deixa o Loen te leitar?” num documento oficial do STF (nos Inquéritos), do parlamento (CPMI) e do Ministério Público é um dos feitos celebrados pelos redpills.

Esse exemplo ilustra a dificuldade de entender que “Deixa o Loen te leitar?” é um anônimo, também conhecido por Leitadas, que não é o Loen, porém é intimamente conectado a ele, na “Turminha do Loen”. Eles galgaram tanta relevância no debate nacional que Leitadas foi um dos atores centrais para mudanças na Secretaria de Comunicação do Governo Federal, na saída do general Santos Cruz. Ou seja, um perfil anônimo chamado Leitadas possuiu trânsito na cúpula federal. De fora, isso pode parecer distópico e inacreditável. Guimarães (2020) descreve essa dinâmica interna da “Turminha do Loen”, mapeando os principais perfis e postagens. Adendo: a “Turminha do Loen” leu o trabalho de Guimarães e achou engraçado, regozijou-se ter virado tema de pesquisa na UnB. Fez piada com ter deixado o pesquisador em “choque” e com “medo”. Uma das perguntas que se faz nesta pesquisa é como seria a “Turminha do Loen” lendo este trabalho.

2.3.1. Lacunas e falhas

Durante o ano de 2020 e a crise sanitária, buscou-se acompanhar os atores da redpill em outras plataformas, como o *Telegram*. Aplicativo de mensagem de origem russa e sem moderação de conteúdo, foi um impacto enquanto pesquisador a facilidade e velocidade de se encontrar conteúdos neonazistas, racistas, violentos, pornográficos etc. Imaginava-se que era um exagero associar bolsonarismo com nazismo e antissemitismo, porém estava enganado. Neste momento foi tomada uma opção de não enveredar para essas associações com grupos neonazistas e neofascistas brasileiros que, destacadamente, tiveram aumento nos últimos anos com o bolsonarismo.

A antropóloga Adriana Dias, pesquisadora de grupos de extrema-direita, apontou um crescimento de células neonazistas em todo o Brasil, tendo descoberto inclusive uma troca de emails entre grupos neonazistas e Bolsonaro em 2004 em seus arquivos⁵⁶. Essa relação não foi

⁵⁶ “Pesquisadora encontra carta de Bolsonaro publicada em sites neonazistas em 2004” disponível em: <https://www.intercept.com.br/2021/07/28/carta-bolsonaro-neonazismo/>

aprofundada nesta pesquisa, optando-se pelo enfoque no debate reacionário do olavismo e do militarismo. Porém, esse contato com grupos assumidamente neofascistas e neonazistas sinalizou que era uma possibilidade de pesquisa, algo que precisa ser esclarecido.

O Olavo descreve a si mesmo como aquele que trouxe o debate da direita novamente ao Brasil desde os anos 1960. Esta pesquisa corre o risco de tomar o valor de face de si mesmo de Olavo como verdade ao não investigar as ações de direita dos anos 1970 em diante, que nunca foram encerradas. É possível que a importância de Olavo de Carvalho esteja superdimensionada. É uma questão interna do pesquisador desta pesquisa se não houve um engano na reprodução de si mesmo que o *professor* faz como o solitário que rompeu toda a hegemonia de esquerda.

Havia uma intencionalidade de realizar mais pesquisas presenciais com olavista e bolsonaristas e isso pode ser destacado como uma lacuna deste trabalho. Conversas informais ocorreram, além de ida a manifestações e encontros, mas do ponto de vista metodológico essa pesquisa se restringiu a um observador numa distância segura. Um estrangeiro de Simmel que está dentro, mas não pertence ao lugar.

Uma falha que demorou a ser percebida é que acompanhar a dinâmica entrópica e caótica da redpill e do bolsonarismo foi um desperdício de tempo e disposição de pesquisa. As falas, as polêmicas, as picuinhas e as fofocas em sua grande maioria das vezes são apenas para manter os agentes agitados e energizados, pouco importando o conteúdo. Esta pesquisa perdeu muito tempo se dedicando a essas minúcias que se mostraram irrelevantes. Um caso de atenção desperdiçada foi para o “Pavão Misterioso”, perfil falso criado no *twitter* se passando pelo *hacker* dos celulares de Sérgio Moro e do Ministério Público. Era tudo uma grande mentira para deslocar a atenção das relações escusas entre os ex-juiz e os procuradores. Do ponto de vista desta pesquisa, o dado mais interessante foi que pouco importou para os bolsonaristas, os redpills e os olavista que tudo aquilo era mentira (circulou até um documento falso de pagamento em rublo, moeda russa, para o jornalista Glenn Greenwald): no dia seguinte já existia outro assunto e outra trincheira para se batalhar. Não importa a veracidade, o importante é a guerra maior contra o inimigo.

Por fim, tentou-se no artesanato da pesquisa valorizar a clareza e precisão das palavras, no entanto, talvez, o resultado não tenha sido obtido. São muitos tipos em jogo (bolsonaristas, jovens, redpills, liberais, olavistas etc.), muitas formas de pensar e agir distintas numa malha complexa de atuação. O texto acabou sendo recheado de aspas, itálicos

e citações indiretas para tentar trazer essas maneiras de ver o mundo ou criar o próprio mundo, como o mundo do avesso. Isso para o leitor pode ser confuso, sem saber muito bem do que se está falando. Essa pesquisa talvez precise de uma melhor sistematização do que se quer dizer ou demonstrar. Em poucas palavras, falar sobre a criação de uma juventude reacionária nos anos 2010 no Brasil e sua maneira própria de ver e agir no mundo.

3. O RETORNO DO RECALCADO

Como era viver no começo dos anos 1970 no Brasil? No artigo “O Samba do Desassossego” da Revista Piauí⁵⁷, o subtítulo escolhido pelo jornalista Leonardo Lichote foi: “A história de *Roendo as Unhas*, a canção noiada de Paulinho da Viola que atravessou a ditadura e chega aos 50 anos como síntese de beleza e agonia”. 1973, o ano de lançamento da música, assim foi descrito no artigo: “o ar que se respirava no Brasil tinha o peso dos anos de chumbo da repressão da ditadura militar”. Era o governo Médici.

No entanto, esse paralelo entre a música e a ditadura não é reforçado pelo compositor em suas declarações para o jornalista. O disco *Nervos de Aço*, no qual está a música *Roendo as Unhas*, desde sua capa é permeado pela tristeza e pela dor de Paulinho da Viola. O álbum foi criado após a separação conjugal do músico, e outras músicas do trabalho reforçam esse aspecto como *Não Quero Mais Amar a Ninguém*. Seus arranjos viriam da escuta de artistas de jazz estadunidenses como Thelonious Monk, Duke Ellington e Miles Davis, que lhe fascinaram pelas variações e intervenções. Sua inspiração não era o pavor da repressão bater à sua porta como insinua o jornalista, era o sofrimento do desamor.

O jornalista insiste sobre *Roendo as Unhas* ser uma composição que retrata o momento horrível pelo qual passava o Brasil em 1973. Educadamente, Paulinho da Viola responde que o “medo da repressão” talvez tenha influenciado de forma inconsciente, pelo contexto da época, mas sua intenção era falar de seu desquite. Que havia o “peso dos anos de chumbo da repressão da ditadura militar” em 1973 não é a questão. No entanto, há uma expectativa do entrevistador que se fale de 1973 como anos de repressão e tensão política. Houve um processo de tornar a imagem do ano de 1973 relacionada com um “peso”. Como foi essa consagração da memória dos “anos de chumbo”?

3.1. DE TERRORISTAS PARA HEROIS

As lutas dos grupos de direitos humanos, perseguidos políticos e dos desaparecidos sempre foi para coletivizar sua memória, contribuir para reduzir o isolamento que as memórias das vítimas do arbítrio possuem com a população em geral. A mídia era censurada na divulgação das denúncias das vítimas da ditadura e houve uma corrida contra o tempo para guardar documentos e um movimento de escrita de livros das memórias sobre o regime. Até a Anistia de 1979, a luta do Estado ditatorial era contra “terroristas” e subversivos de alta

⁵⁷ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-samba-do-desassossego/>

periculosidade. Houve uma transformação da figura dos “terroristas” em “perseguidos da ditadura”.

Se para as vítimas do Estado autoritário eram os “anos de chumbo”, para uma parte considerável da população vivíamos os “anos dourados”. O Brasil era tricampeão mundial de futebol, campeão da Fórmula-1 com Emerson Fittipaldi. Até mesmo no xadrez o Brasil tinha um jogador que disputava contra os melhores do mundo, o Henrique Mecking, o Mequinho, um ídolo nacional. O país se industrializou aceleradamente nos anos do “milagre”. Para muitos brasileiros foram os anos do primeiro carro, da primeira geladeira, da casa própria e da televisão a cores.

Como no artigo “Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar” de Maria Hermínia Tavares de Almeida e Luiz Weis (*in*: Schwarcz (org.), 1998), ser oposição ao regime nos anos do “milagre” era viver uma dualidade: os anos de maior repressão e perseguição política foram os mesmo de maior popularidade que um militar teve enquanto ocupava a presidência (Médici) da ditadura. Eram anos, para uma significativa parcela distante dos conflitos políticos, de otimismo popular com o país, com o futuro e com a nação que finalmente conquistou seu lugar de protagonismo mundial.

Foi necessário um longo processo de consolidação da memória do começo dos anos 1970 como de “anos de chumbo” e de arbítrio político. O objetivo inicial deste capítulo é elaborar como foi o processo de estabelecimento da memória em que se associa o governo de Emílio Garrastazu Médici com torturas e com o ápice do terrorismo de Estado. Essa é uma construção mnemônica após a Lei de Anistia de 1979 alicerçada por dois lados opostos: das vítimas do regime e da própria cúpula do governo militar que conduzia a distensão. O registro do período Médici como torturador, autoritário e ditatorial se tornou consagrada, o *cânone* da historiografia e do pensamento sobre o período. Porém, no subterrâneo, nunca cessou a reprodução de uma memória que exalta esses “anos do milagre”.

Foi recalcado o apoio que o regime tinha de parte considerável da população. A tese defendida aqui é de que a eleição de Jair Bolsonaro foi um retorno à memória do Brasil do início dos anos 1970 que havia sido reprimida e escanteada, porém de maneira atualizada como jovem e contestatória. Um Brasil seguro, potente, poderoso e ordeiro como contestação do Brasil entregue à corrupção dos anos 1990 em diante. Um Brasil enfim patriota. Nesse sentido, busca discutir com os estudos sobre a base popular da ditadura militar, tais como o de

Janaína Cordeiro (2015), *A Ditadura em tempos de Milagre*, e Lucia Grinberg (2009), *Partido Político ou Bode Expiatório*.

3.1.1. Proposta

Durante a pesquisa sobre a memória dos estudantes que *lutaram contra a ditadura*, tomou-se conhecimento de grupos entusiastas do regime militar e, principalmente, ocorreu uma surpresa pela acentuada presença de jovens homens nesses grupos revisionistas. Destacavam-se nesses grupos os apoiadores de um então caricato deputado: Jair Bolsonaro. Foram esses jovens na internet que apelidaram Bolsonaro de *Mito*. O deputado era capaz de mobilizar uma quantidade impactante de internautas, que se concretizava em apoiadores por onde ele andava, o que rendia vídeos e fotos para divulgação da popularidade. O sentimento de nostalgia dos anos 1970 era notável e central para aqueles que faziam, nas suas palavras, “campanha de graça para o capitão”. Ele era a esperança de retorno do Brasil dos tempos do “milagre”.

O ponto de partida é que a dicotomia entre “resistência” e “colaboração” é uma elaboração posterior, iniciado em meados dos anos 1980, que de maneira involuntária permitiu que Bolsonaro fosse eleito, com expressivo apoio popular orgânico, alimentado por uma memória ressentida e injustiçada. Os militares e os seus entusiastas diagnosticaram sua derrota no campo da memória⁵⁸, atuando para a produção de uma inversão no polo “resistência democrática” contra a “colaboração com o regime” consagrada após a Anistia. Nesta contrainvenção, os militares protegiam o Brasil da sanha totalitária do comunismo e, por outro lado, os comunistas continuavam na Nova República na sua luta pelo poder por outras vias. Os militares reatualizaram a versão de serem os salvadores da pátria e injustiçados pela memória coletiva.

Houve uma consolidação do que Martins Filho (2002) chama de “memória militante” como uma produção mnemônica necessária para a luta pelo reconhecimento dos arbítrios do regime e suas vítimas, sobretudo por parte de familiares. Contudo, essa memória colocava a ditadura como algo descolado da sociedade brasileira e de nossa cultura política, como pairando acima da população de forma violenta e ditatorial. O produto da consolidação da “memória militante” é uma representação binária entre vítimas e algozes necessária para as lutas por reconhecimento, mas redutora das complexidades envolvidas na ditadura.

⁵⁸ O caso exemplar do *cânone* da memória que se consolidou é o *Brasil: Nunca Mais*, publicado em 1985.

A memória ressentida do regime e a forma como os militares e seus entusiastas se sentem injustiçados pela sociedade brasileira têm produzido uma memória de violência. Para essa memória ressentida, a ditadura realizou apenas o que foi pedido pela sociedade que ela realizasse e que as “eventuais vítimas” do regime foram um mal necessário para a proteção nacional, inclusive sendo um número muito pequeno. É preciso um retorno mais longo aos livros de Carlos Alberto Brilhante Ustra, o “meu herói” para o vice-presidente Hamilton Mourão, que formaria no mundo do avesso o *cânone* dessa memória ressentida. Essa memória ressentida possui uma afinidade eletiva com os redpill.

O desafio é propor uma nova memória do regime que se desloque dessas posições estáticas e binárias. Construir uma nova memória sobre a ditadura é necessária para a consolidação do regime democrático que nos últimos anos tem sofrido constantes abalos. A imposição institucional da elite política e do governo militar pelo esquecimento da ditadura foi implodida definitivamente com a Comissão Nacional da Verdade, o que resultou num retorno do recalcado dos “anos do milagre” e do “Brasil Potência” que Bolsonaro prometeu retomar para seus seguidores, sobretudo os seus primeiros admirados, os redpills.

3.2 O CAMINHO DO ESQUECIMENTO

Há um longo caminho até chegarmos ao reconhecimento por parte do Estado brasileiro de suas violações de direitos humanos provocadas por agentes públicos durante o período autoritário mais recente. Permeado de avanços, recuos e muitas negociações e acomodações, no dia 10 de dezembro de 2014 foi divulgado o Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade (CNV). Menos de quatro anos depois, Jair Bolsonaro, oficial da reserva do Exército Brasileiro, era eleito presidente exaltando o regime militar por maioria expressiva de brasileiros.

Os primeiros passos para o término da ditadura não foram uma conquista das forças opositoras ao regime, e sim uma decisão de gabinete do próprio governo ditatorial. Na realidade, a fraqueza da oposição contribuiu para a política de “distensão lenta, gradual e segura” (Motta, 2021: pos. 3156). A cúpula militar julgou que era o momento de conduzir a “transição” a partir do governo de Ernesto Geisel, iniciado em 1974. A proposta era de uma transição “negociada pelo alto” com o objetivo de, nas palavras dos militares que conduziam a abertura, “pacificação”, evitando possíveis “revanchismos”.

A esquerda armada havia sido massacrada tanto nas cidades como na Guerrilha do Araguaia. Nas eleições de 1970, para a Câmara e o Senado, o MDB havia sido um fiasco e se

cogitou extinguir o partido. Na economia, durante o governo de Emílio Médici, o país passava pelo “Milagre” e o clima era de entusiasmo. A “Revolução Gloriosa” foi um sucesso. Era o ideal para sair do governo de modo “lento, gradual e seguro”. Ou, no jargão militar, de um “recoo organizado das forças”.

O general Ernesto Geisel assume com a proposta de conduzir o processo de abertura política e administrar o que naquele momento mais preocupava o governo: os próprios órgãos de repressão que ele sustentava, que eram a oposição interna do próprio regime à abertura. Por outro lado, a esquerda abandonava em grande parte a opção pelo enfrentamento direto armado e passava a atuar por meio de denúncias públicas e pelo fim das forças de repressão política. Nesse momento, a oposição moderada (setores da Igreja Católica, imprensa, MDB, PCB e outras) passa a exercer pressão significativa e ocupar a linha de frente da “resistência democrática”. Externamente, o Regime se distanciava do apoio estadunidense, que se distanciava das ditaduras latino-americanas. Simbólico desse novo momento foram as candidaturas de Ulysses Guimarães e Barbosa Lima Sobrinho à presidência contra Ernesto Geisel em 1974, que, apesar de não ser ameaçado em sua vitória, recebeu a mensagem de que havia oposição ativa.

Geisel assumiu num ambiente propício para a condução a partir do alto da abertura política, porém as condições de otimismo generalizado iniciavam seu declínio em 1974. O crescimento econômico desacelerou e se iniciou a escalada da inflação e do endividamento público. O ambiente externo tampouco ajudava, com a crise do petróleo de 1973. Além disso, nas eleições para o Congresso em novembro de 1974, o MDB obteve expressiva votação, elegendo 16 dos 22 senadores, retomando 161 cadeiras na Câmara e ganhando em número de votos em estados importantes (São Paulo, Guanabara, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e no próprio Ceará, dentre outros). Esse resultado se deu principalmente pela reorganização da esquerda na “resistência democrática”, abrindo mão da campanha pelo voto nulo e da luta armada contra a ditadura. Era o primeiro abalo dentro da “legalidade” que a ditadura sofria desde 1968.

A rachadura na dominação dos militares sobre o governo levou ao governo de Geisel oscilar entre apoiar medidas repressivas e avançar na abertura política. Se de um lado a ditadura executou os assassinatos de antigos militantes do PCB na “Chacina da Lapa” e a morte do jornalista e professor Vladimir Herzog, por outro ela reconheceu a independência de

Angola, retomou relações diplomáticas com a China e passava a tomar decisões distanciadas dos EUA e mais próximas da Europa e demais países do globo.

Estava difícil lidar com a “linha dura” e a “oposição democrática” ao mesmo tempo: em 1977, o ministro Sylvio Frota acusou Geisel de trair os ideais da “Revolução de 1964” e de ser o próprio presidente um comunista. O governo de Geisel permitiu, segundo Frota (2006), que comunistas livremente participassem da imprensa e do próprio Estado, além de boicotar e reduzir a força dos órgãos de segurança, gerando uma grave crise interna. Sylvio Frota acabou sendo afastado do cargo de ministro do Exército⁵⁹. Nesse mesmo ano, 1977, com receio de que se repetisse o desastre das eleições de 1974, o congresso é arbitrariamente fechado e é sancionado o “Pacote de Abril”⁶⁰, que visava sobretudo a manutenção da maioria governista no Senado com a criação dos “senadores biônicos”, o fim da propaganda partidária (o regime diagnosticou a derrota de 1974 como resultado de manipulações publicitárias) e mais medidas de exceção.

O processo de abertura política que resultou na Lei de Anistia de 1979, portanto, foi conduzido pelo regime militar que, apesar do domínio sobre a condução do processo, já não possuía o controle absoluto das pressões políticas (internas e externas) e sociais. A opção pelo *esquecimento* oficializado pela Anistia é resultado de um governo que sofria crescente resistência em seu interior pelos órgãos de repressão e informação acerca da abertura. A Anistia, mais do que um movimento de pacificação, destinava-se principalmente na garantia de impunidade dos seus próprios agentes. Além dos problemas internos, havia a oposição que se aglutinava na “resistência democrática” liderada pela parcela mais moderada, que pela via política alcançava cada vez mais apoiadores e simpatizantes.

O Brasil em março de 1979, quando assumiu o general João Baptista Figueiredo a presidência da república, vivia uma situação incomum. Uma espécie de limbo que se estendeu até a Constituinte de 1988. No ano anterior, os atos institucionais e outras ferramentas arbitrárias haviam sido revogados, principalmente o mais marcante deles, o AI-5, mas a Constituição Federal ainda era a de 1967, notadamente autoritária e centralizadora no Poder

⁵⁹ Esse episódio é narrado com detalhes no livro do próprio Sylvio Frota (2006), *Ideais Traídos*, escrito entre 1978 e 1981 e publicado postumamente apenas em 2006 pelo seu filho. Retomaremos em breve sua autobiografia.

⁶⁰ “Com esse pacote de medidas autoritárias a ditadura garantiu o controle sobre o sistema político, mas violentou as suas próprias regras e a vontade popular. Para quem tinha dúvidas, mais uma vez ficava claro que se tratava de uma ditadura sob controle da corporação militar” (Motta, 2021: pos 3363)

Executivo. Ou seja, como fala Daniel Aarão Reis (2014: 125), “já não havia ditadura, mas ainda não existia uma democracia”.

Assessorado pelo general Golbery de Couto e Silva e disposto a prosseguir com a distensão iniciada lentamente por Ernesto Geisel, os dois principais objetivos do governo Figueiredo eram a Anistia, para “pacificar” o país, e a Reforma Partidária, que permitiria a abertura política. Contudo, a tensão interna com os órgãos de segurança e as pressões que a oposição democrática exercia com greves e mobilizações sociais, que contavam cada vez mais com apoio popular, somados à ausência de ferramentas legais de exceção, fragilizaram o regime que tentava se mostrar propenso ao diálogo e à democracia, mas não conseguia deixar o poder de outro modo que não o seu, ou seja, autoritariamente.

Em junho de 1979 o governo Figueiredo considerou que o país estava pronto para a anistia e sinalizou para o Congresso formar uma *Comissão Mista* que votasse o projeto enviado pelo governo. Grande foi o debate sobre o projeto, tendo enfim vencido a proposta da presidência por apertada margem (206 votos contra 201). O resultado foi recebido ao mesmo tempo com entusiasmo e frustração pelos anistiados, que sabiam que a lei era problemática, mas acreditavam que era a “anistia possível” diante das circunstâncias. Era tempo de aceitar a *derrota* para o ressurgimento das lutas populares, a anistia como uma etapa inicial e uma decisão pragmática. Para os agentes da ditadura, não havia sido a decisão ideal por anistiar “terroristas”, mas sua tranquilidade e impunidade estavam asseguradas.

Para o governo civil-militar, interessava acalmar os ânimos da oposição libertando os presos e perseguidos por motivos estritamente políticos, como nos casos de demissões de cargos públicos e impedimentos de matrícula pelo Decreto 477, ao mesmo tempo em que se propunha manter em cárcere os condenados por “crimes de sangue” (envolvimento em ações armadas, como expropriações, sequestros, ações de guerrilha ou justicamentos), os “terroristas”, para não incomodar os órgãos de repressão. Esses agentes de segurança tinham do governo a garantia de não sofrer qualquer constrangimento investigativo sob a argumentação de “crimes conexos”. A ditadura “autoanistiou” os seus agentes antes mesmo deles serem condenados. Qualquer tentativa oposta a essa “autoanistia” era taxada de “revanchismo” e maléfica para a pacificação nacional.

O debate instaurado pela Lei de Anistia levou a três “(re)construções históricas, verdadeiros *deslocamentos de sentido* que se fixaram como verdades irrefutáveis, correspondentes a processos históricos *objetivos* e não a versões apropriadas por seus autores”

(Reis Filho, 2014: 133). Esse debate foi um momento de elaboração coletiva daquilo que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido sobre o passado autoritário.

O **primeiro** deslocamento foi conduzido pelos partidários da anistia ampla, geral e irrestrita e se refere à ressignificação da esquerda *revolucionária* para uma *resistência democrática*. A revolução como uma mudança radical contra a exploração capitalista, com a instauração de uma ditadura do proletariado, foi esquecida para dar lugar a uma luta contra um Estado autoritário, que passava a significar luta por democracia. A luta armada foi um resultado das ações arbitrárias da ditadura, que impediram qualquer manifestação política, ao invés de uma postura revolucionária como tomada de consciência de seus atores. Ou seja, a luta armada foi reativa e defensiva. Como nas palavras de Apolônio de Carvalho, um mito para a esquerda, a luta das organizações contra a ditadura foi um “protesto armado” (*in* Gorender, 2014: 290). Esse *deslocamento de sentido* foi o que permitiu a reconstrução da imagem do revolucionário em herói da democracia.

O **segundo** deslocamento se deu no interior das forças de *direita*, que se alinharam ao discurso dos órgãos de repressão e da chamada “linha dura” que nunca acatou a abertura. Essa memória justifica o policiamento político pela existência de uma *guerra revolucionária* que ameaçava o Brasil. Havia no país organizações armadas, que contavam com infiltrados de Cuba, China ou União Soviética, que deflagraram uma guerra. Como era uma guerra que estava em jogo a soberania nacional, o uso de ferramentas “sujas” como tortura e execuções era aceitável. “Guerra é guerra”. Aqui o esquecimento se dá com a completa assimetria entre as forças nacionais e as organizações armadas e seus apoiadores. A desigualdade entre recursos, investimentos e pessoal é de tal ordem que é absurdo pensar que haveria uma guerra em curso. O objetivo era uma “anistia recíproca” para os dois lados da “guerra”, que foi concretizado na concepção de “crimes conexos”. Só perdendo os “dois demônios” se alcançaria a pacificação nacional. Deriva dessa ressignificação a versão histórica de que o Golpe de 1964 e a polícia política salvaram o país de uma revolução comunista iminente. É essa memória que retorna com Jair Bolsonaro.

O **terceiro** deslocamento operado pela Anistia se deu de maneira mais abrangente, sobretudo na classe política e na mídia tradicional. A ditadura que havia sido aclamada nas

Marchas da Família com Deus pela Liberdade⁶¹, apoiada pela mídia⁶², reapareceu como um *corpo estranho* (ibidem: 135) e antigos apoiadores (Ulysses Guimarães votou em Castelo Branco em 1964) reapareceram como defensores da democracia desde sempre. O regime se viu completamente isolado socialmente, foi esquecido todo o apoio popular, midiático e político que havia sustentado o governo durante os mais de 15 anos que se prolongavam. Se o objetivo da distensão arquitetada por Golbery era a saída estratégica no momento correto, após a derrota do “inimigo”, em 1979 a impressão coletiva era que o governo militar era o doente convalescente que se mantinha vivo a duras penas.

Esse terceiro deslocamento se consolidou na historiografia oficial e na memória como a ditadura sendo resultado exclusivamente dos militares, sem penetração e apoio social. Conseqüentemente, para o fim da ditadura bastava retirar os militares que estavam no poder. A marcação temporal do regime entre 1964 e 1985, tão enraizada na história oficial, deriva desse deslocamento de sentido: como se a presidência de José Sarney rompesse com o passado, quando Sarney foi um dos mais íntimos colaboradores civis da ditadura militar, líder do governo no Congresso pelo partido ARENA. Portanto, para esse deslocamento de memória, o ideal é que se esqueça da ditadura. Com efeito, foi ela que se consagrou vencedora ao fim da disputa, anistiando os “dois demônios” e não estabelecendo uma política de transição de memória, verdade e justiça. A ditadura foi encerrada em 1985 e não se fala mais nisso.

3.3. A MEMÓRIA MILITANTE

Logo em agosto de 1979 iniciava o *Projeto Brasil: Nunca Mais* (BNM), numa reunião ecumênica da Arquidiocese de São Paulo com Dom Paulo Evaristo Arns, o rabino Henry Sobel, o pastor presbiteriano Jaime Wright e mais de 30 pesquisadores envolvidos. Debruçados sobre mais de 700 processos completos do Superior Tribunal Militar e outros tantos incompletos, o BNM buscou nos documentos produzidos pela própria ditadura os registros de crimes cometidos em dependências governamentais para realizar pioneiramente a denúncia das violações de direitos humanos. Foram seis anos de trabalhos, nos quais se

⁶¹ Um dado por vezes esquecido é que as Marchas **continuaram** a ocorrer, com grande adesão popular, depois do golpe de 64.

⁶² O jornalista Mário Magalhães reuniu capas de jornais e revistas da época. cf. “19 capas de jornais e revistas: em 1964, a imprensa disse sim ao golpe” disponível em: <https://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2014/03/31/19-capas-de-jornais-e-revistas-em-1964-a-imprensa-disse-sim-ao-golpe/>

produziu o Projeto A, detalhado e com mais de 5 mil páginas e, posteriormente, a síntese em livro publicada pela Editora Vozes, que já se encontra em sua 41ª edição. Esse formato publicado pela Editora Vozes é amplamente difundido.

O BNM foi a primeira tentativa de analisar o passado recente de forma sistemática, procurando as origens do golpe de 1964, um estudo das organizações de esquerda e da estrutura repressiva. É possível dizer que a versão do BNM é o *cânone* sobre a memória da ditadura, que gradativamente se consolidou, sobretudo com a associação direta na memória coletiva entre ditadura e tortura. As descrições das sevícias praticadas pelos agentes do regime, com sua imagem difícil de suportar e causadora de indignação, impactam até hoje.

Quando foi divulgado em 1985, o BNM causou fúria no interior das Forças Armadas: “o então ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, [...] mandou o CIE [Centro de Inteligência do Exército] preparar um livro-resposta” (Figueiredo, 2015: 82). O BNM foi tratado como uma ofensa à honra das Forças Armadas. Iniciava o *Projeto Orvil*. No *Orvil*, o CIE mapeou as organizações armadas e registrou suas ações, muitas vezes inflacionando a força militar dos grupos revolucionários. Como em *A Verdade Sufocada*, sustenta que havia diversos grupos armados anteriores a 1964 que se desenvolveram após a “revolução gloriosa” com o objetivo de tomar o poder e instalar uma *ditadura do proletariado*, financiados pelo bloco comunista internacional. As medidas repressivas e a polícia política estavam justificadas.

Teixeira (2013: 64) revela o documento “Apreciação” de 1984 sobre o Orvil no qual se projetava produção de materiais para o grande público visando rebater a “versão esquerdista”, incluindo até mesmo histórias em quadrinhos sobre o regime para o público jovem. Foram três anos de trabalho com uma equipe de três oficiais e seis subalternos que compilou os arquivos do CIE. Nomeado oficialmente de *As Tentativas de Tomada do Poder*, ele nunca deixou de circular secretamente entre os saudosistas da ditadura, para finalmente vir a público em 2007 e hoje ser facilmente encontrado na internet, na íntegra. O *Orvil* e os livros de Carlos Alberto Brilhante Ustra são centrais para a elaboração da memória militar e da direita sobre o regime.

Figueiredo (2009) conta em seu livro as disputas no apagar das luzes da ditadura com a descoberta dos militares ligados à repressão política do Projeto *Brasil: Nunca Mais*. O *Orvil* foi escrito às pressas em resposta “desmascarando a farsa” do BNM. Sua publicação foi impedida pelo então ministro do Exército Leônidas Pires Gonçalves pela “pacificação do

país”. Essa recusa do ministro Gonçalves relegou ao *Orvil* uma circulação escondida e restrita entre militares e simpatizantes. Um livro secreto e proibido, que auxiliava na sua representação como livro “poderoso”. Apenas na década dos anos 2000 que se começou a divulgar partes do “livro secreto”. Lucas Figueiredo conta em *Olho por Olho* como esse trabalho do CIE permaneceu circulando por oficiais militares de forma subterrânea, alimentando a memória ressentida. O “Orvil - Tentativas de tomada do poder” é a versão oficial dos órgãos de segurança sobre a luta armada.

Como a iniciativa oficial da elite política era pelo *esquecimento* da ditadura, foram atores particulares que investiram na luta por qual memória coletiva seria elaborada acerca do regime. Começava a luta entre a memória militante e a memória ressentida. Durante a década de 1980, os conflitos sobre o passado se desenrolaram longe do Estado, que agia como se nada estivesse acontecendo. Enquanto isso, familiares, apoiadores e entidades de direitos humanos investigam por si próprios o destino de *desaparecidos políticos*, sem qualquer apoio institucional e legal. Apenas nos anos 1990 se inicia o lento processo de *institucionalização* da memória das vítimas da ditadura, com a criação da Comissão de Representação Externa de Busca dos Desaparecidos Políticos da Câmara Federal por iniciativa do deputado Nilmário Miranda (Barreira e Gonçalves, 2010: 74).

Os trabalhos de três anos da Comissão de Busca, da Comissão de Familiares e do grupo “Tortura: nunca mais” produziram um dossiê que foi entregue para o então Ministro da Justiça Maurício Corrêa, do recém-empossado Itamar Franco, em 1993. Maurício Corrêa surpreendeu ao propor uma comissão formada pelas três forças com o objetivo de esclarecer os casos de desaparecidos políticos: “Foi o primeiro gesto do Executivo no sentido de instar as Forças Armadas a abrir seus arquivos sigilosos” (Figueiredo, 2015: 57). Como é examinado por esse trabalho de Lucas Figueiredo, o relatório das três Forças de 1993 foi descaradamente falso, limitando-se ao que se divulgava na imprensa ou no que era de conhecimento comum, contradizendo informações internas que os militares sabidamente possuíam, como mostravam o próprio *Orvil* e os microfilmes do CENIMAR (órgão de informação e repressão da Marinha) que vieram a público em 2011⁶³, como no caso da Aeronáutica ao falar de Stuart Edgar Angel Jones:

No final da década de 1960, Stuart fora um dos muitos jovens que trocaram a universidade pela luta armada. [...] Aos 26 anos de idade, foi preso por agentes do

⁶³ Nesse relatório de 1993, por exemplo, 14 mortes ocorridas nos órgãos policiais foram informadas como suicídios, dentre outras várias farsas desmascaradas pelos próprios arquivos dos órgãos de repressão. As palavras que Figueiredo usa para descrever o “relatório” das forças em 1993 são **desfaçatez** e **embuste**.

serviço secreto da Aeronáutica e levado para o *Paraíso*, como era conhecida a sede do Cisa [órgão de repressão da Aeronáutica] no Rio de Janeiro, que funcionava dentro da Base Aérea do Galeão. Em 1993, a Aeronáutica se pronunciou da seguinte forma sobre o caso: “Há cerca de 20 anos a imprensa vem publicando que, 71/72, Stuart foi morto na Base Aérea do Galeão, ‘arrastado por toda a Base, amarrado a um Jeep, com a boca no cano de escapamento’”. [...] No relatório enviado ao Ministério da Justiça em 1993, ao descrever o caso, a Aeronáutica tentou desqualificar a fonte da informação sobre o destino de Stuart, o também guerrilheiro Alex Polari, que presenciara os martírios ocorridos no Paraíso: “Essa versão [do episódio que culminou com a morte de Stuart] teria sido baseada em declarações de ALEX POLARI DE ALVERGA – Militante da VPR, participante em cerca de 20 assaltos à mão armada e no sequestro de 2 embaixadores e que, quando anistiado, estava condenado a duas prisões perpétuas e mais de 60 anos de prisão, nos processo em que já havia sido julgado”.

Sobre o desaparecimento de Stuart, a Aeronáutica foi lacônica: “Neste órgão, não há dados a respeito da prisão e suposta morte de STUART EDGAR ANGEL JONES”. (Ibidem: 59-60)

Ou seja, o primeiro movimento do Executivo brasileiro de revelar a verdade e reconstruir a memória sobre as mortes causadas por agentes da ditadura demonstrou o total descaso dos militares de cooperarem com o direito dos familiares e amigos de saberem o que acontecera aos *desaparecidos*. Foi a partir desse episódio que os militares instauraram o discurso de que os documentos haviam sido todos perdidos e que, portanto, não tinham como cooperar com as investigações, o que é sabidamente falso. Nesse evento fica clara a discrepância das Forças Armadas entre “dentro” e “fora”, a mudança do que se diz “para fora”, o mundos dos civis, para o que é dito “para dentro”, o mundo militar: o relatório “para fora” dizia que apenas platitudes, o discurso “para dentro”, como é o caso do Orvil, sabia sim as condições da morte de Stuart Jones.

Esses atos reparadores iniciados nos anos 1990 do Estado foram importantes para a mudança da imagem “terrorista” e “criminosa” para a de “vítima” dos anistiados, deslocamento esse que se iniciava no final da década de 70. Porém, a aquisição do *status* de vítima ocorreu novamente como se fosse parte de um interesse particular do anistiado, cabendo ao Estado apenas acatar ou não o pedido. Os avanços da legislação se apresentavam como conquistas de uma parcela interessada da população, que estava em oposição aos interesses das parcelas conservadoras. Os direitos dos anistiados pareciam apenas do interesse deles, e não da democracia brasileira.

Da outra parte envolvida no confronto político da ditadura, que cabe aos militares e civis que estiveram a serviço da repressão política, os atos reparadores ou recebiam forte oposição ou total omissão de cooperação. Os avanços só foram conquistados a custas de muitas concessões, tais como jamais responsabilizar agentes individualmente do Estado por

violações de direitos humanos e não ter acesso a documentos dos órgãos policiais e de informação (SNI, CIE, Cisa, DOI-Codi, PF, DOPS e CENIMAR). O resultado desse arranjo são memórias individualizadas para cada processo de reparação e uma reação que considera a luta pela memória e a verdade como “revanchismo” por parte de entusiastas da ditadura.

3.3.1. O retorno do aspecto militar da ditadura

Os anos 1980 e 1990 foram de luta contra o esquecimento, sobretudo das vítimas e familiares do regime. Essa luta obteve relativas conquistas, sacramentadas com a Comissão de Anistia criada pela Lei 10.559/2002. Obtidos esses resultados com as lutas, houve nos trabalhos acadêmicos dos anos 2000 em diante um esforço de trazer a designação de ditadura *civil-militar* numa tentativa de considerar a participação da sociedade brasileira no regime.

Essa proposta enfatiza principalmente a participação da elite brasileira no governo militar: o apoio de empresários, de grande parte da mídia, de políticos e de intelectuais. Alguns trabalhos utilizam ditadura “empresarial-militar”, enfatizando a participação das elites econômicas. Essa correção foi uma maneira de corrigir o equívoco de pensar a ditadura como responsabilidade dos militares e somente deles. No contexto de investigação das violências perpetradas pelo regime, era também necessário atribuir culpabilização às parcelas que sustentaram o regime.

Maud Chirio no prefácio à nova edição do trabalho *O Palácio e a Caserna* de João Roberto Martins Filho (2020 [1995]) retoma essa discussão sobre se chamamos de “ditadura militar” ou “ditadura civil-militar”. Para a autora, o trabalho de Martins Filho “explora como a instituição militar brasileira, munida de suas tradições, sua cultura política, sua relação com o Estado, sua inserção em certas redes internacionais, configurou um regime autoritário de traços bastante peculiares” (Ibidem: pos 195). Houve inegável apoio popular ao regime, porém o governo se estruturou e operou como uma **burocracia militar**. Não podemos esquecer a dinâmica própria de um governo controlado por militares, o que será fundamental para nosso objetivo da maneira que foi articulada a memória do regime. A ditadura ser **militar** possibilita a compreensão das memórias em disputa.

A ênfase nos estudos sobre as bases civis do regime militar remete ao trabalho clássico de Dreifuss (1981) e as intrincadas relações dos militares golpistas com as organizações civis IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais), Ca.M.De (Campanha da

Mulher Pela Democracia) e IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática)⁶⁴, dentre outras. As bases civis e ideológicas do regime militar são importantes contribuições para a discussão, no entanto os estudos dos aspectos propriamente militares foram relegados a segundo plano, o que tornou a ação política recente dos militares algo “inesperado”. A vitória de Bolsonaro e a presença massiva de militares no governo impulsionou o retorno a estudos acerca dos militares e a política. Nisso é fundamental o trabalho de Chirio (2012), inspirada nos trabalhos de Martins Filho, no qual a autora argumenta que o regime transplantou para o governo a forma militar hierárquica de ativa participação política, mas apenas nas altas patentes com dois princípios norteadores: o moralismo anticivilista e o nacionalismo excludente (Ibidem: 236-7).

Moralismo anticivilista é a condenação do mundo civil como corrupto, egoísta, interessado apenas no ganho pessoal. O mundo civil é fraco ideologicamente, de caráter duvidoso e maleável. Apenas a rígida e disciplinada formação militar é genuinamente patriótica e interessada no bem comum. Isso se relaciona com o **nacionalismo excludente**, no qual o inimigo, isto é, aquele que não é adepto ao regime militar, é um inimigo vendido e traidor da pátria, um agente de perturbação interna. Se os militares são os detentores do verdadeiro patriotismo, os opositores e críticos ao regime militar e aos militares enquanto corporação são o “anti-povo”, são um inimigo interno. Bolsonaro é o retorno desses dois valores centrais da ditadura militar numa roupagem reacionária.

Na etnografia de Celso Castro (2021) sobre a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), onde se preparam todos os oficiais do Exército, o antropólogo descreve esse sentimento:

Os militares se sentem parte de um “mundo” ou “meio” militar superior ao “mundo” ou “meio” civil, dos “paisanos”: representam-se como mais organizados, mais bem preparados, mais dedicados à coletividade, mais patriotas.

Porém devemos desnaturalizar a própria ideia de que de fato existem “civis”, ou um “mundo/meio civil” — visão comum não apenas aos militares, mas também assumida por muitos pesquisadores que os estudam. O “civil” é uma invenção dos militares. Não sou “civil”, a não ser quando estou diante de militares e quando sou assim classificado por eles. (Ibidem: pos. 124)

O militar é formado para se enxergar como guerreiro e civilizador (Ibidem: pos. 2879) da sociedade brasileira. Ao falar da etnografia e como foi a inserção em campo, Castro relata: “Em muitos momentos da pesquisa, ficou evidente que alguns de meus nativos se

⁶⁴ Nas organizações que alicerçaram o Golpe de 64 era comum o uso da palavra “democracia” e seus derivados, como também foi o caso da ADEP (Ação Democrática Popular). Curiosamente, na preparação do golpe, “democrático” era ser defensor da intervenção militar. O sentido das palavras mais uma vez se faz importante.

sentiam numa posição intelectual, social ou moral superior à minha” (Ibidem: pos. 3337). Há uma entrevista do general Heleno que faz particularmente muito sucesso no cosmos bolsonarista no qual ele compara as universidades públicas, todas pichadas e com lixo espalhados, com as escolas militares, limpas e bem cuidadas⁶⁵.

Celso Castro diz que só foi possível fazer a pesquisa porque faz parte da “família militar” (seu pai era oficial do Exército), uma organização endógena que abarca os militares e seus familiares que são amigos entre si. O general Tomás Paiva, nomeado Comandante do Exército pelo presidente Lula, deu declarações no dia 18 de janeiro de 2023 sobre o resultado “indesejado” das eleições (a derrota de Bolsonaro) e disse: “Todos nós somos da bolha fardada, da bolha militarista, da bolha de direita, conservadora. A maioria de nós é dessa bolha, raramente um de nós frequenta outra bolha”⁶⁶. Celso Castro, organizado da biografia do general Villas Bôas, destaca que foi apenas aos 49 anos que o general foi interagir sistematicamente com civis, tendo até então se limitado ao ambiente militar (escolas, familiares, academias militares)⁶⁷.

Mais adiante, o antropólogo relata que “a principal preocupação era saber se eu falava bem ou mal do Exército, se eu era ‘amigo’ ou ‘inimigo’. Em parte, isso reflete a sensação de que a instituição era frequentemente hostilizada na mídia e no mundo acadêmico”. (Ibidem: pos. 200). Mais uma vez reforçando o lugar de vítima da memória consagrada dos militantes de esquerda. Há uma preocupação no mundo militar se a pessoa é daquelas que “fala bem” ou “fala mal”, sobretudo nas universidades e mídias. Uma crítica, dentro do sistema hierárquico e disciplinar do mundo militar, é interpretada como uma afronta e uma desonra.

José Murilo de Carvalho (2019) discute uma “república tutelada” brasileira. A autoimagem dos militares os coloca como autores da República e os únicos capazes de unir um país continental com profundas diferenças locais. Pairando acima dos interesses políticos

⁶⁵ “General Heleno mandando a real sobre as Universidades Federais. Só verdades” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nxqc4TRdenY>. Esse vídeo está hospedado no canal oficial de Carlos Bolsonaro.

⁶⁶ “General do Exército admite vitória ‘indesejada’ de Lula e risco de ‘falhas’, mas nega fraude” disponível em: <https://www.oliberal.com/politica/general-do-exercito-admite-vitoria-indesejada-de-lula-e-risco-de-falhas-mas-nega-fraude-1.650906>

⁶⁷ “Isolamento marca geração de militares que chegou ao poder com Bolsonaro, diz pesquisador” disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/isolamento-marca-geracao-de-militares-que-chegou-ao-poder-com-bolsonaro-diz-pesquisador.shtml>

e econômicos particulares, os militares se colocam no lugar daqueles responsáveis pela coesão nacional e pela verdadeira nacionalidade. O maior exemplo desse lugar foi a imposição militar do Artigo 142 da Constituição, no qual as Forças Armadas são acionadas como árbitras e pacificadoras em situações de conflitos entre os três poderes, ocupando uma espécie de “quarto poder moderador”⁶⁸.

No livreto escrito por João Quartim de Moraes, Wilma Peres Costa e Eliézer Rizzo de Oliveira, *A Tutela Militar* de 1987, a discussão perpassa justamente sobre a possibilidade de manutenção do lugar *interventor* das Forças Armadas. Anterior à Constituição de 1988, esses trabalhos são interessantes por demonstrarem o perigo da vitória da tese de Leônidas Pires Gonçalves de que a democracia brasileira ressurgiu graças à ação militar na defesa da posse de Sarney. Numa falsa “volta aos quartéis”, os militares conseguiram manter uma “condição de *corporação autônoma* dentro do Estado”.

Numa sofisticada contrainvenção, os militares veem a si mesmos como garantidores constitucionais da democracia, mesmo que o governo ditatorial anterior tenha sido justamente *militar*. Ernesto Geisel, que para a memória militar é majoritariamente tratado como o “general democrata” (Chirio, 2012: 172) falou em “democracia relativa” ao defender as medidas autoritárias de 1977, pois o Brasil precisava de “uma democracia adaptada aos atrasos e imperfeições do Brasil” (Ibidem: 173).

Na memória que se consagrou sobre o regime, é lugar comum classificar o governo de Castelo Branco como “liberal” e o regime paulatinamente se tornando autoritário, militar e mais fechado, atingindo seu ápice nos anos de Médici. Contra isso, Martins Filho (2020: pos 1877) escreve: “a tese do liberalismo castelista parece apresentar-se aqui como a aceitação acrítica da auto-imagem eficazmente elaborada pelos intelectuais castelistas”. Ora, foi no governo castelista que se promulgou a Constituição de 1967 que institucionalizou a ditadura com a Lei de Segurança Nacional, a Lei de Imprensa e a centralização militar com a criação do Alto Comando das Forças Armadas. O compromisso de Castelo Branco com a democracia e seu lugar de “vítima” da linha dura é **retórica** e uma produção interna dos próprios militares.

O argumento central de Martins Filho é da dinâmica de “união na desunião” dos militares. As cisões internas eram mais por espaços no governo e por mais participação em

⁶⁸ General Mourão já falou sobre esse papel de “poder moderador” e também o jurista Ives Gandra Martins, conhecido entusiasta do regime e também autor de diversas palestras na Escola Superior de Guerra. É comum em manifestações que pedem “Intervenção” (uma maneira de pedir golpe) cartazes remetendo ao artigo 142.

vez de discordâncias relevantes. É falsa a dicotomia “linha dura” contra “Escola Superior de Guerra/Liberais”, havendo diversas divergências internas que se tornaram secundárias diante de qualquer tentativa de retorno ao poder para os civis: “a presença de divisões dentro do campo militar é secundária em relação à reiterada união dessas forças na defesa da ‘Revolução de 1964’ e no ataque a qualquer tentativa de rearticulação autônoma do campo ‘político’” (Ibidem: pos. 2558). Costa e Silva assumiu o poder com promessas de maior diálogo e medidas liberais, numa promessa de mudar as tendências autoritárias de Castelo (ele, sim, o “duro” para a época), o que demonstra ser uma produção *a posteriori* Castelo ser “liberal”.

Os militares não discordam em momentos estratégicos, agindo em bloco quando estão ameaçados. Os militares deixavam as diferenças de lado e uniram-se contra a retomada civil do Estado. A tal “linha dura” era mais um pedido de participação no governo, cada vez mais centralizado nos generais palacianos, do que uma profunda mudança ideológica. No fundo, todos queriam a manutenção do estado militarizado e medidas autoritárias contra a oposição civil. Isso ficou claro com as manifestações populares de 1968:

a eclosão das manifestações antiditatoriais, ao invés de lançar elementos de desunião e cizânia no campo militar, iria atuar como fator adicional de unificação das Forças Armadas, colocando em suspenso as agudas tensões que se anunciavam no campo da luta sucessória. A situação militar teria se caracterizado, assim, por uma espécie de “unidade de crise” diante da ofensiva das forças anti-regime naquele primeiro semestre de 1968. Dois processos evidenciam essa tendência: por um lado, a uníssona reação castrense diante do ímpeto das manifestações estudantis; por outro, a unanimidade da opinião militar quanto à necessidade de impedir qualquer rearticulação dos políticos punidos. (Ibidem: pos. 3019)

Nesse sentido, a demarcação da memória sobre a repressão ser responsabilidade do governo Médici é uma produção interna dos próprios militares que conseguiu se estabelecer em outros espaços de memória. Geisel não era um democrata, seus objetivos eram sobretudo de estabilização e institucionalização da “revolução”. Tampouco Castelo Branco foi um liberal. Se os militares avaliam que “perderam” a luta no campo da memória para a “esquerda”, no aspecto de diferenciar militares “democratas” e “linha dura” eles obtiveram sucesso. O militar “legalista”, sobretudo na farsa de governos liberalizantes que sofriam pressões internas por mais autoritarismo, é um produto militar.

Não foi por razão da “linha dura” que o regime tomava medidas de fechamento, e sim para manter os civis longe do *palácio*. Em outras palavras, a crise de 1977 com Sylvio Frota não foi sobre ser mais ou menos democrático, mas sim sobre permitir mais ou menos a

participação de civis no poder: para Frota, Geisel estava entregando cedo demais o poder para os civis antes de a “revolução” ter sido completada, infiltrando comunistas no Estado.

Os militares enxergam a si mesmos como superiores aos civis e isso ficou claro no conflito que se desdobrou no AI-5: “na visão militar, o comportamento dos políticos durante o caso Moreira Alves apenas confirmava a superioridade moral das Forças Armadas, cujas qualidades essenciais de ‘desprendimento’ e ‘patriotismo’ ressaltavam face ao ‘egoísmo’ dos políticos” (Ibidem: pos. 3713). O civil para o regime era um “inconfidente em potencial” sempre disposto a desafiar a “Revolução” (Ibidem).

A “Revolução” era contra dois “antinacionalistas”: os políticos sem ideais, civis complacentes e corruptos, e os comunistas (Chirio, 2012: 83). O inimigo interno não era somente o comunista, agente externo com ideias estrangeiras, mas também o civil com pouco espírito patriótico e corrupto, ao contrário da disciplina e hierarquia dos militares. Há dentro dos meios militares uma ojeriza aos políticos e seus conchavos, numa associação direta entre comunismo, corrupção, elite política e *degeneração moral*. Esse é o elo do ressentimento militar com os redpill, no diagnóstico que a sociedade brasileira está apodrecida e os militares são os salvadores, não só apenas pela ordem, mas sobretudo na moral.

Essa falsa dicotomia interna das Forças Armadas gerou uma situação emblemática descrita por Janaina Cordeiro (2015) logo no início de seu livro *A Ditadura em Tempos de Milagre*: o enterro de Médici em outubro de 1985. Esquecido e relegado ao silêncio, Médici foi colocado no lugar de bode expiatório da repressão e morreu amargurado com isso. Sentia-se traído por Geisel e Golbery terem lhe responsabilizado pelos “excessos”. Seu enterro foi discreto, com a presença de poucas autoridades e sem destaque público. Sintomático do sentimento de “traição” que sofreu Médici, o enviado do governo federal de Figueiredo foi expulso do velório aos gritos de “canalha!” pelo filho de Médici.

Os militares foram vitoriosos na guerra da memória ao plantar que a repressão foi um traço especificamente da Junta Militar com o AI-5 e de Médici. Os militares conseguiram jogar a culpa em medidas autoritárias em “pressões internas” dos “duros”. Isso é falso. Cria-se com isso uma situação em que o problema autoritário, criado pelos próprios militares, é capitalizado como virtude dos militares por “sanarem” chamada linha dura. Os militares exigem crédito por não terem deixado os próprios militares não serem mais ditatoriais, assim como depois se colocaram como garantidores da Nova República por terem eles mesmo

aberto mão do poder. Não faltaram, portanto, medidas autoritárias em Castelo Branco, Geisel e Figueiredo. A diferença foi que a oposição civil havia mudado.

Em síntese, a memória sobre a ditadura foi uma complexa construção coletiva composta por vertentes múltiplas contraditórias. Se por um lado foi alcançado sucesso com o registro mnemônico sobre as arbitrariedades do regime com a denúncia das torturas e mortes com a memória das vítimas, as graves violações de direitos humanos e finalmente o reconhecimento oficial com o relatório da Comissão Nacional da Verdade, por outro lado foi esquecido o consenso popular acerca do regime e a dinâmica de burocracia militar da ditadura.

Houve um **pacto ditatorial** entre militares e sociedade que foi esquecido tanto à esquerda quanto à direita. Pela esquerda, foi esquecido para enfatizar a “luta pela democracia”, a luta pela liberdade da ditadura, a ousadia de pegar em armas e protestar contra o autoritarismo: foi preciso criar um “mito da sociedade resistente” contra o regime (Cordeiro, 2015: 329). Pela direita, o pacto foi esquecido para que ocorresse a “pacificação nacional”: houve excessos, mas foram necessários diante da situação de guerra; a revolução conseguiu proteger o país da ameaça externa (comunismo) e devolveu aos civis o poder de forma ordeira, “vamos deixar esse passado para lá”.

Elaborou-se que a sociedade brasileira era vítima dos militares em vez de parte integrante do que foi a ditadura. Os “porões do regime” conseguiram ser expostos, mas como se fosse obra de alienígenas. É uma visão de “pão e circo” da ditadura, do “povo” sendo enganado pela propaganda ditatorial enquanto se sevia nos porões. A população ou estava ameaçada pelas armas ou seduzida pela propaganda (Ibidem: 330). Ou seja, é desresponsabilizar a sociedade brasileira pelo autoritarismo e a aceitação da ditadura.

O esquecimento do pacto ditatorial tem diversas consequências. Duas serão enfatizadas. A primeira delas é o esquecimento do reacionarismo brasileiro e da participação militar e autoritária na vida pública como “salvadores”. Como a ditadura foi registrada como abusiva com a sociedade brasileira, seja na manipulação, seja na perseguição, imaginou-se que jamais voltaríamos a apoiar o governo autoritário liderado por militares. A segunda consequência foi uma memória “traída” e “ressentida” dos militares e seus entusiastas. A população brasileira não tem dado os louros merecidos pelo regime, inclusive essa memória se queixa dos militares terem aceitado essa derrota no “campo cultural”. Essa memória veio à tona nos últimos anos com o olavismo e bolsonarismo, atualizada pelos redpills.

3.4. OS HUMILHADOS SERÃO EXALTADOS

Memória esquecida pela imprensa e pelos livros, uma memória proibida. Para o bolsonarismo, alimentado por Ustra, Olavo e Orvil (o livro proibido), haveria uma dominação esquerdista da história oficial que os impede de divulgar as razões de ser dos órgãos de segurança e do “movimento militar”. Aqueles que foram “terroristas” no passado hoje estão na cúpula do poder, como foi a própria presidente Dilma. A História brasileira seria um caso inédito de monopólio da versão dos “perdedores”.

Replicam nas redes sociais argumentações de que nunca houve ditadura, porque havia eleições e sucessão de poder. Não houve um golpe, porque foi o Congresso que declarou vaga a presidência em 2 de abril de 1964. Argumentos que são os mesmos de Brilhante Ustra e do *Orvil*. Também divulgam as ações da esquerda armada, sobretudo a morte do soldado Mário Kozel Filho, vitimado numa ação da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) em 1968. Para eles, esses acontecimentos são escondidos pelas forças comunistas que dominam o país. Curiosamente, defensores da versão pró-militar se queixam, semelhantemente às entidades de Direitos Humanos e aos anistiados políticos, do *esquecimento*.

A população brasileira foi enganada. A *revolução* foi traída pelos dirigentes militares que aceitaram sair da disputa da memória com os comunistas infiltrados nos jornais e universidades. Sylvio Frota havia avisado o que iria acontecer com o “socialismo” de Geisel. Olavo de Carvalho em diversos momentos criticou os militares por terem aberto mão da “guerra cultural”, achando que dizimar a luta armada seria o suficiente para a pacificação do país. Os militares avaliam que ganharam a guerra contra a esquerda armada, mas que perderam a guerra pela “verdadeira” versão do passado. Para inverter essa derrota, portanto, o foco deve ser a juventude, a nova geração que vai resgatar a verdade do “governo militar” na guerra contra a “quarta tentativa de tomada do poder”⁶⁹.

⁶⁹ Tese central do *Orvil*, em que após a derrota da luta armada os comunistas se organizaram numa nova estratégia inspirada em Gramsci no apelidado “marxismo cultural”. Não mais violenta, a revolução deveria primeiro ocorrer nas “mentes” e, portanto, o esforço revolucionário se detém sobre a “cultura”. O General de Brigada Sérgio Augusto De Avellar Coutinho, intelectual orgânico do Exército, presente no *Orvil*, escreveu um livro chamado *A Revolução Gramscista no Ocidente* no qual se debruça sobre a obra do pensador italiano e expõe sua interpretação. Pela forma que circulam as ideias nos meios militares, o livro de Avellar Coutinho pode ser considerado a base de pensamento de toda corporação. O livro pode ser baixado gratuitamente no *site* da Biblioteca do Exército.

3.4.1. A luta é pela recuperação dos jovens

A derrota da memória é um problema que só pode ser consertado nas próximas gerações. À juventude é que se dirigem as novas ações de resgate da memória *verdadeira* da ditadura.

Este livro é dedicado aos jovens de meu País.
Dedico-o aos jovens porque eles são o futuro, o novo Brasil. Dedico-o aos jovens, porque eles são puros de espírito e de intenções. E os vejo, muitas vezes, explorados em sua pureza. No negro período da Guerrilha Revolucionária que sofrememos em nosso País, eles foram usados, manipulados em seus sentimentos. Fizeram-lhe a cabeça e puseram-lhes uma arma na mão. E os jogaram numa violência inútil. (Ustra, 1987: pos 33)

Essa é a dedicatória do livro *Rompendo o Silêncio* de Carlos Alberto Brilhante Ustra, de 1987. Escrito no calor do momento e em tom de ofensa pessoal⁷⁰, o livro obteve repercussão e diversas matérias jornalísticas à época. Ustra se considera “caluniado” e “achincalhado” pelas denúncias de torturas realizadas pela deputada Bete Mendes em 1986, o que lhe motivou a enfim dizer a “verdade”.

Além do revisionismo histórico comum ao meio militar, encontrado no Orvil, o livro é uma discussão sobre a juventude que foi “seduzida” por militantes profissionais e ocupou as fileiras de organizações clandestinas. Também é sobre um experimento operado por Ustra e seus comandados de “recuperação” de jovens. Bete Mendes foi mais uma dessas jovens aliciadas. Há dois capítulos nos quais Ustra se alonga sobre a participação da juventude.

Em “Como o jovem era usado”, o coronel cita o que seria um documento descrevendo as medidas de recrutamento de jovens. Esse documento teria sido obtido conversando com uma militante profissional da ALN. É descrito um mecanismo sofisticado de aliciamento de jovens utilizado em escolas e universidades com o objetivo dos jovens concluírem a ineficiência do regime capitalista e se tornarem “fanáticos” (Ustra, 1987: pos. 1347). Esse “método” citado por Ustra é um processo de lavagem cerebral⁷¹ a ponto de o jovem estar disposto a morrer pela causa, resistindo à prisão (Ibidem: pos. 1355), o que justificaria tantas mortes “em conflito com a polícia”.

No outro capítulo, chamado “Os Jovens e a Subversão”, Ustra narra seu primeiro dia como comandante do DOI. Nesse primeiro dia, o coronel conversou “amigavelmente” (Ibidem: pos. 3141) com oito rapazes e cinco moças militantes da VAR-Palmares que tinham

⁷⁰ “Jamais pensei em escrever um livro. Não tenho pretensões de ser um escritor. Talvez, o meu livro esteja cheio de imperfeições e de erros primários. Para mim, entretanto, o mais importante é o seu conteúdo e as mensagens que pretendo transmitir, além de mostrar que fui vítima de uma farsa.” (Ustra, 2003: pos. 52)

⁷¹ A concepção de “lavagem cerebral” é fundamental para o olavismo.

sido presos. Uma dessas moças, muito jovem, era atriz da novela Beto Rockfeller transmitida pela TV Globo. De codinome Rosa, Bete Mendes estava presa no DOI com menos de 21 anos.

Todos esses treze jovens já pertenciam a uma Organização Subversivo-Terrorista. Usavam codinomes. Alguns foram presos vivendo em “aparelhos”. Tinham participado de pequenas ações. Já estavam sendo doutrinados para a execução de assaltos e futuramente seriam doutrinados para justiçamentos ou seqüestros. De acordo com a lei, estavam implicados com a subversão e deveriam, por isso, ser julgados. Entretanto, sentia que eles ali estavam porque foram aliciados, principalmente onde estudavam. O jovem estudante, pelo seu temperamento, pela vontade de contestar, pela ânsia de renovar, é um campo fértil para receber uma doutrinação política. Sempre me perguntava por que isto acontecia. (Ibidem: pos. 3156)

Então o livro passa a narrar como Ustra se outorgou o lugar de salvador desses jovens, impedindo que seguissem o trâmite legal para o DOPS e posterior julgamento. Realizou um “intenso trabalho no sentido de que retornassem à família e à sociedade” (Ibidem: 3164), chamado por ele de “trabalho de recuperação”.

A primeira medida foi deixá-los isolados para sentirem saudades da família que eles estavam prestes a abandonar pela entrada na luta armada. A medida seguinte era oficiais do Exército, alguns com Curso de Psicologia, realizassem entrevistas com esses jovens discutindo “problemas brasileiros”, “subversão”, “terrorismo”, indicando livros e artigos para “induzi-los a uma profunda meditação e a olhar vida sob um outro ângulo” (Ibidem: 3172). Ao conversar com os pais apreensivos dos jovens presos, Ustra disse: “- Os senhores devem dar graças a Deus por termos prendido os seus filhos agora, na fase em que se encontravam. Vamos devolvê-los aos senhores, após mostrar-lhes uma outra concepção de vida e de liberdade, longe da subversão” (Ibidem: 3178)⁷².

Logo em seguida, Ustra cita uma carta recebida de um pai de uma dessas jovens presas sob seu comando do DOI. A carta é um longo agradecimento e louvor ao regime militar. Destaca-se um trecho sobre a mudança moral e profunda operada em uma dessas moças pelo “trabalho de recuperação” do DOI. A moça fez a trajetória ideal de jovem pouco feminina para uma mulher vaidosa, noiva e defensora do regime a ponto de se engajar no “Projeto Rondon” (política do regime para conquistar a juventude frente à intensa oposição ao regime nos meios estudantis). A leitura é emblemática dos valores que estavam sendo “resgatados” pelos agentes da repressão e justifica a longa citação:

⁷² Esses jovens participaram ainda de uma entrevista na TV Tupi, em 19 de outubro de 1970, para “alertar, orientar e esclarecer os pais a respeito dos métodos usados pelo terror para recrutar jovens” (Ibidem: 3180). Esses programas de TV foram muito usados pela ditadura com os que se chamavam à época de “arrepêndidos”.

A menina inflamada, de cabelos descuidados, sem pintura, que se negava a ir à manicure, que só usava “blue-jeans”, que recusava roupas novas e um novo sapato, foi substituída por uma moça, madura, adulta, tranqüila, de cabelos cuidados e unhas pintadas, embora sem exagero; que briga com a costureira quando o vestido não sai direito, que é exigente na escolha do modelo do sapato novo, que voltou ao antigo namorado e pretende ficar noiva nos próximos meses. [...] Como ela entendeu finalmente o espírito da luta pelo nosso mar de 200 milhas; a guerra pelo nosso café solúvel; a batalha dos fretes marítimos; a necessidade da ocupação a curto prazo dos nossos grandes espaços vazios através de projetos grandiosos tal como a Transamazônica; o valor do incrível progresso de nossas telecomunicações; a inadiável urgência da alfabetização em massa; a necessidade de dar agora prioridade à formação de técnicos, para ocorrer às exigências da expansão da indústria e racionalizar a agricultura.

O grande fator responsável por essa gradativa, porém firme revisão de idéias verificada nos últimos doze meses deve-se, indubitavelmente, à série de leituras orientadas pelo Tenente-Coronel Ary Rodolpho Carracho Horne, na 5a. Secção do 2.º Exército em São Paulo, que se propôs — e conseguiu — mostrar à minha filha “o outro lado do Governo”.

Hoje, minha filha está espontaneamente disposta e preparada para engajar-se no “Projeto Rondon”, a fim de conhecer de perto a verdadeira e dramática dimensão dos problemas de nossa infra-estrutura social e juntar-se definitivamente aos esforços do Governo na busca de soluções. (Ibidem: 3235~)

Katya Mitsuko Zuquim Braghini escreveu sua tese *Juventude e Pensamento Conservador* sobre a Revista da Editora do Brasil S/A, um “periódico educacional que não escondia a sua tomada de posição, em defesa de um estado autoritário, militarizado, que se dizia grande defensor da ordem” (2015: 9). A Revista era distribuída gratuitamente para professores em todo país, recebendo amparo financeiro estatal para isso. Era a Editora do Brasil que elaborava os livros didáticos de Educação Moral e Cívica e Estudos de Problemas Brasileiros. Como disse Braghini (2015: 76), na Revista se fazia uma tradução da Doutrina de Segurança Nacional para o mundo civil. De um lado havia comunistas, organizações subversivas e terrorismo em *guerra* com o outro lado, o da Revista. Esse outro lado, oposto ao subversivo, era preenchido com valores de civismo, solidarismo e comunidade.

Nos anos 1960, para as publicações conservadoras, os jovens foram considerados numa “zona de perigo” por conta da “politização” e participação “antinatural” em protestos. A juventude passa a ser uma “questão” e esse “perigo” só aumenta ao longo dos anos 1960. Os jovens estariam perdendo tempo com suas “ambições políticas dentro da universidade” (Ibidem: 106). As entidades estudantis deveriam ser fechadas⁷³, porque o *jovem* não está maduro o suficiente para assuntos políticos, seu papel é estudar. Os “jovens”, numa categoria monolítica, estavam sendo seduzidos pela *subversão*:

⁷³ Houve CPI da UNE em 1965 numa suspeita de financiamento do “comunismo internacional” e de “doutrinação” de uma minoria preparada para “adestrar” uma maioria inocente (ibidem: 120). O mesmo se repetiu recentemente.

o marxismo, “disfarçado de ciência”, dava “respostas às suas dúvidas”, conferindo-lhes “sentido absoluto para a vida”, pois trazia “um apelo emocional” que os fazia se imaginar comprometidos “com uma causa”: a de “salvação da humanidade” [...] tornava-se compreensível que esses mesmo jovens se convertessem em “neófitos do credo messiânico”, levados pela “força demoníaca do mito” [...] O jovem era compreendido como o resultado de uma conturbação espiritual. (Ibidem: 129 [entre aspas a autora usa trechos da própria Revista])

Dois eram os responsáveis pela *sedução* da juventude pela subversão: o estudante profissional, que não estuda e vive de “doutrinar”, e o professor omissos, fraco, desqualificado e indiferente (Ibidem: 164). Era preciso “purificar a juventude” e produzir um “novo jovem”: laborioso, dócil e tranquilo. A estratégia era separar os mais velhos dos mais novos e canalizar a “energia” da juventude para diversas atividades distantes da mobilização política: educação física e disciplinas de civismo.

Após a repressão violenta aos movimentos estudantis e cerceamento absoluto de qualquer organização estudantil com o Decreto 477 (o “AI-5 das universidades”), a Revista nos anos 1970 abandona a discussão sobre a politização da juventude e abraça o moralismo sobre drogas, liberdade sexual, linguagem vulgar, valorização da família, da religião e do estudo confessional. Braghini frisa que não era apenas a “guerra psicológica” que preocupava a Revista: também havia muito dinheiro nos contratos públicos de livros didáticos fornecidos para as escolas.

Sinteticamente, os intelectuais conservadores e reacionários produziram uma explicação para a ebulição política de 1968 pautada pelo elemento externo e do estudante profissional. “Militar” numa organização de esquerda exigiria dinheiro e tempo livre, portanto é um privilégio para poucos. A justificativa seria a infiltração de agentes externos altamente treinados para a sedução psicológica da juventude, como descrito pelo suposto documento da ALN citado acima por Ustra. O jovem *naturalmente* dotado de energia e em conflito geracional viu no marxismo uma forma de se sentir importante no mundo e de romper com os mais velhos. E as universidades brasileiras, desregradas e sem vigilância central, eram um ambiente propício para essa enganação.

O jovem, portanto, estava no centro das disputas desde antes da ditadura. No entanto, a memória entusiasta do regime avalia que a “guerra” pela juventude foi perdida. Havia dentro dos círculos militares uma crença crescente de que a “Revolução” havia fracassado e os militares tinham perdido seu prestígio do passado, desmoralizados pela opinião pública.

3.4.2. O livro de cabeceira

João Cezar de Castro Rocha (2021) aponta no Orvil o elo entre juventude, Bolsonaro e Olavo de Carvalho. Retoma o episódio da entrega da Medalha Tiradentes das mãos do deputado Flávio Bolsonaro para Olavo de Carvalho, em 2012 na casa do *professor* na Virgínia, como símbolo dessa aliança: não apenas a medalha, o deputado também levava de presente uma edição impressa do Orvil (Ibidem: pos. 4454). O Orvil é a síntese da interpretação que internamente se fez da abertura política nos círculos militares de que a entrega do poder aos civis foi um erro e o governo Geisel um socialista traidor. É preciso enfatizar a expressão “entrega do poder” porque, para os militares, a democracia retornou graças a eles mesmos. Maud Chirio (2012: 192) sintetiza as bases do Orvil:

o verdadeiro projeto do governo é aderir à nova estratégia, pacífica, que o “Movimento Comunista Internacional” elaborou para conquistar o poder. Com efeito, membros da direita militar não concebem que o dismantelamento dos movimentos armados de esquerda, que aliás consideram inacabado, pode assinar o fim da “ameaça subversiva”. A estratégia comunista é global: as divisões são de fachada, inclusive entre as linhas soviética, chinesa e cubana, pois o MCI [Movimento Comunista Internacional], onisciente e tentacular, tem um projeto de longo prazo. O fim das guerrilhas urbanas e rurais, é tão somente uma mudança de estratégia: a passagem da luta armada à política das massas

Não há qualquer distinção entre essa interpretação e a leitura produzida pelo olavismo. A dicotomia entre militares e olavismo é superficial. Olavo elogiou os livros do general Sergio Augusto Avellar Coutinho (2002):

Um artigo memorável do general José Fábrega, publicado em jornal de pequena circulação, mostrou que entre os militares havia ainda alguma inteligência desperta, o que veio a se comprovar nos anos seguintes com os dois livros espetaculares, tecnicamente perfeitos, do general Sérgio Augusto de Avellar Coutinho, *A Revolução Gramscista no Ocidente* (Rio, Estandarte, 2002) e *Cadernos da Liberdade* (Belo Horizonte, Grupo Inconfidência, 2004), infelizmente publicados tarde demais para poder inspirar qualquer ação eficaz contra o projeto de controle hegemônico da sociedade brasileira, àquela altura já praticamente vitorioso. O general Coutinho faleceu em 27 de dezembro de 2011⁷⁴

O Orvil teve participação ativa do General Coutinho e tinha um caráter propositivo: enquadramento de movimentos sociais, “agitação” política de direita, controle dos sindicatos e controle dos estudantes (Texeira, 2013). O final do Orvil é de uma proposta clara de uma “democracia tutelada aos moldes militares” (Ibidem: 72). De acordo com Francisco Carlos Teixeira da Silva (*in*: Martins Filho (Org., 2021: 44): “O bolsonarismo, enquanto síntese, seria o principal condutor de um projeto de institucionalização de uma ‘República Patriótica

⁷⁴ “Recordações inúteis” disponível em: <https://olavodecarvalho.org/recordacoes-inuteis/>

Militar’, sob a tutela permanente dos militares” tal como foi concebida pelos herdeiros de Sylvio Frota e dos sistemas de informação e repressão da ditadura.

A concepção de “revolução gramsciana” é muito antiga nos meios militares e reacionários. O anticomunismo tem dimensão moral no Brasil desde os anos 1960, numa associação entre esquerda, perversão sexual, sexualização infantil, uso de drogas e rejeição ao trabalho. O que foi interpretado pelos militares como a “gota d’água”⁷⁵ foi a Comissão Nacional da Verdade⁷⁶.

Edson Teles e Renan Quinalha (2020) organizaram o livro *Espectros da Ditadura: da Comissão da Verdade ao bolsonarismo* com uma reunião de artigos sobre a relação entre a CNV e seus desdobramentos imprevistos. Quando a Comissão foi instaurada, havia muito otimismo de finalmente ocorrer o desvelamento do que tinha acontecido com as vítimas do regime. No entanto, desde sua concepção, a Comissão estava pressionada por um discurso de “justiça de transição” usado como estratégia retórica para propagar impunidade. Ocorreu no Brasil uma associação entre “pacificação” e “reconciliação” com “impunidade”. A pacificação nacional seria alcançada pela impunidade dos envolvidos para deixar “saran as feridas” de todos os lados. A própria ideia de “reconciliação” contida na Lei que instaura a Comissão da Verdade é para dar a impressão de que estávamos num conflito aberto, quando é sabido a desproporção de forças entre a luta armada e o Estado Brasileiro (Ibidem: 45).

A Comissão da Verdade seria um esforço, para os militares, de aumentar os conflitos, de fraturar a sociedade brasileira: “para os militares a crise [dos anos 2010] seria fruto do avanço da esquerda, responsável pela divisão do país e pela criação de uma crise moral e psicossocial” (Eduardo Costa Pinto *In: Martins Filho (Org.), 2021: 238*). Villas Bôas diz em

⁷⁵ Piero Leirner (2020) fala em diversas “gotas d’água” para o distanciamento dos militares com os governos petistas. No jargão militar, “aproximações sucessivas” para um rompimento definitivo. Sem dúvidas ocupa centralidade a Comissão da Verdade, mas Leirner aponta também outros momentos que serão discutidos à frente. Talvez seja melhor ver a situação como medidas elencadas pelos militares para justificarem seu retorno para a arena política.

⁷⁶ Esta citação do general quatro estrelas Maynard Santa Rosa, que assumiu cargos no governo Bolsonaro, é exemplar da recepção das Forças Armadas da Comissão da Verdade: “A História da Inquisição espanhola espelha o perigo do poder concedido a fanáticos. Quando os sicários de Tomás de Torquemada viram-se livres para investigar a vida alheia, a sanha persecutória conseguiu flagelar trinta mil vítimas por ano no reino da Espanha./ A “Comissão da Verdade” de que trata o Decreto de 13 de janeiro de 2010, certamente, será composta dos mesmos fanáticos que, no passado recente, adotaram o terrorismo, o sequestro de inocentes e o assalto a bancos, como meio de combate ao regime, para alcançar o poder. / Infensa à isenção necessária ao trato de assunto tão sensível, será uma fonte de desarmonia a resolver e ativar a cinza das paixões que a lei de anistia sepultou. Portanto, essa excêntrica comissão, incapaz por origem de encontrar a verdade, será, no máximo, uma ‘Comissão da Calúnia’” (*apud* Leirner, 2020: pos 3486). Interessante também pelo estilo militar de pensar e escrever.

sua biografia que o politicamente correto, tal como era o comunismo dos anos 1960, são ideias estrangeiras que inflam conflitos internos no Brasil, tais como conflitos raciais que não são condizentes com nossa miscigenação. O racismo teria sido criação dos movimentos estrangeiros importados com interesse de enfraquecer a harmonia brasileira.

No artigo “A Comissão Nacional da Verdade como ponto de inflexão?”, Piero C. Leirner (*In: Teles e Quinalha (Orgs.), 2020*) destaca o papel das Forças Especiais com autonomia de ação, como foi o caso da Centelha Nativista formada por paraquedistas em 1969. Sabe-se que Bolsonaro tentou algumas vezes ingressar nas Forças Especiais do Exército, como os paraquedistas, sem obter sucesso. Inclusive “Brasil acima de tudo” é o lema da Centelha Nativista. Leiner retoma as Forças Especiais para abordar suas capacidades de agir como “grupo de pressão” interna junto a instituição militar pela impunidade e pela anistia dos seus agentes.

Foram essas células independentes e com capilaridade de comunicação que se começou a produzir a memória militar sobre o regime, como os livros da Biblioteca do Exército de 1999 com a participação ativa de Olavo de Carvalho (*Ibidem: 199*). As principais células são o Ternuma (Terrorismo Nunca Mais, no qual atuava Ustra e o general Heleno), Grupo Inconfidência (dedicado a publicação de livros e revistas, como os de Avellar Coutinho) e Guararapes, de Fortaleza. Ou seja, os militares “para fora” estavam recolhidos nos quartéis, enquanto para dentro existem diversas células de conspiração política ativas e atuantes.

A forma de operação dessas células independentes é replicada pela redpill. Descentralizada, caótica e volátil, a redpill confunde o observador que procura por um líder ou um centro irradiador. Essa forma de ação possibilita erros de análise que procuram financiadores ou como um movimento orquestrado. A sua força é justamente por não ser possível traçar uma linha reta entre comando e ação.

O argumento de Leiner, portanto, é de que “institucionalmente o Exército estava ‘recolhido’, mas internamente os poros andavam bem abertos para a política” (*Ibidem: 201*), sendo um engano acreditar que os militares não estavam atuantes tanto nas lutas da memória quanto nas conjunturas políticas do presente.

O livro de Fabio Victor (2022) é um trabalho importante, com fontes primárias, para a compreensão de como os militares sorrateiramente e internamente reorganizaram-se para retornar ao poder crenes de que teriam apoio popular, como na pesquisa de 2017 do

Datafolha que apontava os militares como depositários de maior confiança dentre todas as instituições (Ibidem: pos. 2375). Inclusive esse lugar de “instituição com maior confiança” é sempre retomado para enfatizar o prestígio militar.

Victor cuidadosamente traça o percurso que transformou Bolsonaro de um “mau militar” em um “militar que defende a honra da caserna” e futuro presidenciável, chancelado pela elite da hierarquia, a partir do Comandante Villas Bôas e do general Heleno. É enganoso pensar que os militares aderiram de última hora a Bolsonaro: em 2014 ele é apresentado na AMAN como presidenciável e nenhum político entraria na Academia e faria um discurso assim sem o apoio do Alto Comando. Depois de 2014, Bolsonaro esteve na tribuna de honra de todas as celebrações de formação de oficiais, ao lado de generais quatro estrelas.

No dia 30 de julho de 2018 Bolsonaro participou do tradicional programa da TV Cultura, o Roda Viva⁷⁷. Foi a maior audiência entre todos os presidenciáveis. Ao fim da sabatina, permeada de “pérolas” e “mitadas”, Bolsonaro foi perguntado qual era seu livro de cabeceira. Ri e responde: “A Verdade Sufocada”. E completa: “É uma história real do Brasil, você tem que ver os dois lados. Ali é uma história com fatos, com datas, com locais, com episódios reais”. A resposta de Bolsonaro reproduz uma ambiguidade: a história *verdadeira* está quando se vê os dois lados ou no livro de Carlos Alberto Brilhante Ustra?

O “livro de cabeceira” é volumoso e tem um subtítulo sensacionalista “A história que a esquerda não quer que o Brasil conheça”. Na capa, fotos do Aeroporto de Guararapes, em Recife, após o atentado a bomba que tinha como alvo o presidenciável Costa e Silva, em 1966. Foram duas vítimas fatais, o jornalista Edson Reis e o vice-almirante reformado Nelson Gomes Fernandes. Além deles, o guarda-civil Sebastião Thomaz de Aquino teve sua perna amputada e o general Sylvio Ferreira da Silva perdeu quatro dedos da mão esquerda e estourou o tímpano, e mais outros 12 feridos. Esse evento faz parte daqueles que são resgatados pelas células de produção de memória militar quando procuram destacar a violência dos grupos opositores, junto com o mártir Mario Kozel Filho, o soldado morto numa ação da VPR em 1968. Ou seja, é um livro que se propõe a anunciar fatos, como disse Bolsonaro.

Numa estética de “papiro”, a abertura do livro é uma mensagem do General Walter Pires de Carvalho e Albuquerque, que foi ministro do Exército e um dos cotados a presidenciáveis durante o regime militar, ou seja, da alta cúpula da caserna: “Estaremos

⁷⁷ Pode ser assistido pelo *YouTube* em: <https://www.youtube.com/watch?v=IDL59dkeTi0>

sempre solidários com aqueles que, na hora da agressão e da adversidade, cumpriram o duro dever de se oporem a agitadores e terroristas de armas na mão, para que a Nação não fosse levada à anarquia.” Há um remorso nessa mensagem do general Albuquerque. Como salientou Chirio (2012) e posteriormente Leirner (2020), a instituição militar impediu as promoções dos agentes que participaram da repressão política como maneira de proteger a corporação da imagem associada aos “torturadores”: Ustra é exemplar disso ao nunca ter ascendido a general. Há um sentimento, compartilhado amplamente, de que os militares que travaram essa “guerra” na defesa do Brasil não receberam o devido valor e sofreram boicote, inclusive internamente.

A segunda página do livro é uma bonita mensagem para a esposa de Ustra, Joseita. A viúva do falecido coronel sempre foi politicamente atuante, sendo recebido no Planalto pelo ex-presidente Bolsonaro⁷⁸. As esposas dos militares fazem parte da “família militar” e são relevantes nas articulações políticas da caserna. A esposa do ex-Comandante Villas Bôas era uma das organizadoras dos acampamentos em Brasília que pediam golpe após as eleições de 2022⁷⁹. Por fim, na abertura do “livro de cabeceira”, há uma homenagem “aos companheiros do Projeto Orvil”. Nos agradecimentos, após uma longa lista de militares, os nomes de Olavo de Carvalho e seu aluno Paulo Martins.

Nas Dedicatórias, Ustra escreve: “Dedico este livro, como já o fiz em 1987 em *Rompendo o Silêncio*, aos jovens que não viveram aquela época e que somente conhecem a história distorcida pelo perdedores de ontem, muitos dos quais ocupam cargos no governo” (Ustra, 2018: 15). Os jovens, “puros de espírito e de intenções” foram explorados, “usados, manipulados e fanatizados” (Ibidem). Mais adiante, o autor prossegue: “Preocupo-me em vê-los [os jovens] influenciados por panfletos que tomam ares de história contemporânea e lhe são apresentados como a verdade definitiva” (Ibidem).

O Prefácio é do General Luiz Eduardo Rocha Paiva. Ele é uma reprodução exemplar da concepção de “marxismo cultural” e “gramscismo” tipicamente olavista. Esse Prefácio impossibilita qualquer análise que se proponha a colocar olavismo e militares em polos opostos. O general diz que o “livro é um contraponto à ‘verdade oficial’ a ser apresentada em

⁷⁸ “Bolsonaro receberá viúva de Brilhante Ustra no Palácio do Planalto” disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-recebera-viuvade-brilhante-ustra-no-palacio-do-planalto>

⁷⁹ “Mulher do general Villas Bôas visita e acena a golpistas no QG do Exército” Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2022/12/28/mulher-do-general-villas-boas-visita-e-acena-a-golpistas-no-qg-do-exercito.htm?cmpid=copiaecola>

relatório pela Comissão indevidamente chamada ‘da Verdade’” (Ibidem: 22). Antes, o general ironizou dizendo que “violações graves de direitos humanos”⁸⁰ foram os comunistas de matrizes soviética, chinesa e cubana (Ibidem: 21), usando as palavras da Comissão da Verdade. O PNDH-3 é citado com um projeto de implantação de “um regime socialista radical” (Ibidem: 23): “A CV [Comissão da Verdade] é uma das ações estratégicas do PNDH3 e tem, especificamente, o propósito de desgastar e imobilizar as Forças Armadas, facilitando a transformação da sociedade” (Ibidem: 24). Ao fim, num mecanismo tipicamente da cognição redpill, convida ao leitor a chegar “às suas próprias conclusões” com “liberdade intelectual”. O general Rocha Paiva participou em altos postos do governo de Bolsonaro.

Ustra então começa seu livro remontando ao início do século XX, num estilo memorialístico tipicamente militar, também usado por Sylvio Frota (2006). Faz um passeio pelos momentos históricos do século XX brasileiro. Enfim, no capítulo “Golpe ou Contrarrevolução?” (Ibidem: 114), discute longamente sobre as teses acerca do Golpe de 64. Há um fato curioso. O autor não se limita a referências internas ao meio militar. Ustra cita Jacob Gorender, Daniel Aarão Reis Filho e Marcelo Ridenti, todos referência reconhecidas academicamente por suas pesquisas, inclusive citados nesta pesquisa. Esses autores são usados por Ustra, a seu modo, para embasar a tese de que havia sim um movimento comunista organizado em 1964 que justificasse o Golpe.

Para além da retórica, esse aspecto é interessante pelo autodidatismo, uma interseção com o olavismo e a redpill. Ustra fez suas leituras pessoais sobre trabalhos do “campo opositor” de maneira idiossincrática. Essa leitura independente é poder usá-los para seus próprios interesses. Ustra leu pesquisas acadêmicas sérias sobre o golpe de 1964, mas elaborou de maneira particular o que os autores argumentam em suas pesquisas⁸¹. Empregou o lema redpill de “descobrir por si mesmo”.

A síntese das teses defendidas no livro pode ser encontrada no capítulo “Quando é mais fácil criticar”. Nele se encontra o pensamento da memória ressentida que retorna com Bolsonaro:

⁸⁰ Esse uso das palavras do outro é uma estratégia para gerar dissonância cognitiva. Ustra se refere aos agentes da repressão de “companheiros de luta” ao longo do livro.

⁸¹ Olavo fez isso em incontáveis momentos em sua obra. São textos lidos por lentes muito bem ajustadas a seus propósitos. Olavo inclusive é citado diversas vezes, como por exemplo nas páginas 124-5 dessa edição citada do livro de Ustra.

No Brasil, durante os governos militares vivia-se com segurança. Havia ordem, desenvolvimento, pleno emprego, e o povo ordeiro, que não incentivava nem apoiava a luta armada, jamais foi incomodado pelos órgãos de segurança. Somente os militantes terroristas e seus apoios foram reprimidos” [citação do artigo de Olavo de Carvalho sobre o “pouco derramamento de sangue” na ditadura] [...] Não queríamos a luta armada, não a desejamos, não a procuramos, nem estávamos preparados para ela. Lamentamos a morte de jovens que foram iludidos, fanatizados e usados por experientes militantes comunistas [a tese de Katya Braghini citada acima é sobre isso].

O confronto, que não iniciamos, mas que vencemos, preservou a democracia. Tanto é verdade que, hoje, muitos dos derrotados de ontem, os mesmo militantes das organizações clandestinas, estão no governo, eleitos pelo povo. [...] Quer queiram ou não, foi com o nosso método de combate ao terrorismo que restabelecemos a paz, com um número reduzidíssimo de vítimas” (Ibidem: 355-7)

Esse é o resumo de como foi constituída a memória militar sobre o regime e seu consequente retorno. Só sofreu com o regime quem praticou terrorismo, pois a grande maioria da população estava feliz, em paz e trabalhando de maneira ordeira. A “guerra” contra os subversivos foi iniciada pelos comunistas, sendo portanto uma ação defensiva e contra-ofensiva contra sua maioria de jovens “doutrinados” por militantes profissionais, munidos de poderosas ferramentas de manipulação de mentes. Por fim, a ditadura foi um pleno sucesso: número muito reduzido de vítimas, retorno pleno à democracia nas mãos dos civis com liberdade tão ampla que até “ex”-terroristas hoje participam do governo. É essa memória que constitui a utopia regressiva dos redpills, sobretudo ao colocar a esquerda como “revanchista”, manipuladora e violenta ao ponto de ser assassina.

No entanto, não foi essa memória consagrada oficialmente. Para encerrar a análise sobre o “livro de cabeceira”, o capítulo “Mais que ‘perseguidos políticos’ revanchistas” é fundamental⁸²:

O fim do regime militar e a Lei da Anistia não trouxeram a pacificação desejada. Crédulos, os militares voltaram às suas atribuições, confiantes na reconciliação de todos os brasileiros. As mãos foram estendidas em sinal de paz, por um dos lados - as mãos dos vencedores da luta armada -, porém, para os vencidos, o combate continuou. Os derrotados apenas trocaram as armas pelas palavras, fazendo questão de não deixar cicatrizar as feridas que eles mantêm abertas até hoje.

A passividade dos vencedores [os militares], o silêncio comprometedor das autoridades, somente fizeram crescer o revanchismo dos vencidos. [...] Esse processo [da História ser reescrita] começou nas escolas de primeiro grau, onde o Ministério da Educação passou a indicar livros de História escritos por antigos militantes de organizações subversivo-terroristas, com suas versões distorcidas. [...] Nas eleições, começaram a conquistar os frutos do revanchismo e do silêncio das autoridades. (Ibidem: 519)

⁸² O livro se debruça longamente sobre as ações armadas e, ao final, sobre o governo Dilma e a Comissão da Verdade. Como não é a proposta desta pesquisa uma “averiguação” dos fatos e nem recontar a história da luta armada, esses trechos serão deixados de lado.

Segue uma lista de autoridades que são antigos militantes “terroristas” dentro do Estado brasileiro. Por fim, pergunta-se retoricamente, falando em “tribunal vermelho” sobre as acusações de torturas realizadas por agentes militares que violaram direitos humanos⁸³: “Quem são os verdadeiros perseguidos políticos?”. Esse é o diagnóstico militar sobre o que aconteceu: uma soma do revanchismo e do silêncio das autoridades. A luta pelas palavras dos comunistas gramscianos e a retirada do *front* de batalha da cúpula militar.

Gláucio Ary Dillon Soares, Maria Celina D’Araujo e Celso Castro publicaram uma coleção de três livros pela Fundação Getúlio Vargas⁸⁴ sobre a memória militar, contendo depoimentos dos próprios atores sobre três momentos: o Golpe, a repressão e a abertura. Esses trabalhos são fundamentais para o entendimento de como se elaborou na forma de discurso a memória militar. O livro de Ustra é diferente porque é escrito num tom de “desabafo”, ao contrário dos depoimentos da coleção da FGV. Ele é mais próximo do que se desenrola dentro da caserna, inclusive sendo um livro feito a várias mãos, uma produção coletiva.

Além de ser representativa do ressentimento militar, o livro de Carlos Alberto Brilhante Ustra se tornou “de cabeceira” de muita gente desde o famoso voto pelo prosseguimento do pedido de impeachment de Jair Bolsonaro em 17 de abril de 2016. O livro circulou e continua circulando em forma de PDF e por diversas vezes ficou esgotado em livrarias, sendo reimpresso de maneira independente (é de uma editora independente) diversas vezes. O livro de Ustra foi lido em alguns trechos, divulgado e recortado amplamente pela internet, sendo usado como arma.

Há uma afinidade entre *A Verdade Sufocada* e a redpill. Ambos são “verdades” ocultas, escondidas pelas elites interessadas em mantê-las desconhecidas. Ambas defendem que há um conluio entre as elites econômicas e a esquerda nas universidades, na mídia e nos artistas na defesa de ideias estrangeiras distantes de nossa cultura brasileira. Esse complô outorga a si mesmo o lugar de “vítima”, porém na realidade ele é o agressor. Ele inverte a verdade, transformando as reais vítimas em algozes. O livro de Ustra é redpillado, tal como de Olavo, pois sua leitura muda a subjetividade do leitor para sempre, nunca mais vendo o mundo da mesma forma.

⁸³ Ustra foi o único militar a sofrer julgamento pelos atos durante a ditadura, sendo considerado culpado pelo tribunal de Justiça de São Paulo em 2008. Essa decisão é controversa, alvo de disputas judiciais, permeada de idas e vindas.

⁸⁴ São respectivamente *Visões do Golpe*, *Os Anos de Chumbo* e *A Volta dos Quarteis*.

Porém, o livro de Ustra não se restringe a mostrar a *verdadeira verdade*. Ele também contém esperanças, proposições e saídas do impasse. É um convite para a luta contra o “estado das coisas” repressor. Esse caminho de luta é contra as elites estabelecidas retomando os valores do regime militar, endeusado como momento de paz social, desenvolvimento econômico, prestígio internacional e obras públicas de qualidade e, claro, sem nenhuma corrupção e conchavos políticos. O livro de Ustra contempla o universo da redpill como uma utopia regressiva: jovens, podemos dar a você um mundo diferente desse decadente da esquerda, pois já fizemos isso e podemos fazer de novo.

3.5. DOUTRINA DE SEGURANÇA NACIONAL

Bolívar Lamounier (1977) em *Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República* define seu objeto de análise como uma tradição que se compõe de críticas ao modelo constitucional de 1891, tendo por objetivo persuadir as elites políticas brasileiras para seu próprio modelo ideológico. A essa tradição estudada Lamounier chama de Ideologia de Estado. A Constituição de 1891, que estruturava o que se chamou de República das Oligarquias, era descentralizada demais, desordenada de mais, não controlava as forças locais e enfraquecia o Estado - nessa perspectiva da tradição investigada por Lamounier.

Os principais autores da Ideologia de Estado são Alberto Torres, Oliveira Vianna, Azevedo de Amaral e Francisco Campos. Pouco estudados até então por terem sido abandonados no pós-Segunda Guerra, por se associarem ao pensamento fascista recém derrotado e opositor ao alinhamento com os Estados Unidos, a Ideologia de Estado surgiu num contexto de assimilação de pensamentos antiliberais que circulavam globalmente e no bojo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil. Ou seja, essa ideologia ocupou papel central no estabelecimento da ditadura do Estado Novo e participou ativamente do estabelecimento da Sociologia brasileira.

O modelo dessa Ideologia autoritária de Estado foi estudado anteriormente por quatro modelos. 1) Institucional-Cientificista; 2) Historicista-nacionalista; 3) Classista e 4) Autoritarismo Esclarecido (Lamounier, 1977: 349). Os modelos 1 e 2 reconstróem a história das ideias do Brasil em direção a um saber “científico”. No Modelo 1 o marco foi a importação da “parafernália acadêmica” europeia, demarcando que agora se fazia “ciência” e antes apenas “ensaio”, remetendo a autores consagrados academicamente como Émile Durkheim e Vilfredo Pareto. O Modelo 2 postula que a apreensão correta se dá pelo prisma nacionalista daqueles autores, inaugurando os estudos especificamente brasileiros com

investigações sobre nossas origens socioeconômicas; esse modelo é representado por Guerreiro Ramos. O Modelo 3 se utiliza das conceitualizações dos conflitos de classe, entre elites e forças populares, sendo o pensamento autoritário fruto dos interesses elitistas e do *status quo*. O maior representante do Modelo 4 é Guilherme dos Santos, que buscava compreender os autores de forma estrutural. Porém, Santos trabalhou sempre com pares dicotômicos, tratando as elites desse pensamento autoritário como interessadas em manter a “ordem burguesa”, e realizando certo “elogio” ao autoritarismo como modo de formação nacional.

Focando nos estudos de Santos sobre o pensamento autoritário, Lamounier define assim a tese do autor com quem está dialogando:

os tecno-intelectuais alojados no aparelho do Estado constituem uma elite especialíssima, movida por intentos altruístas, por uma visão de grandes horizontes e por uma incomparável objetividade. Eminentemente realista, ela [Ideologia de Estado] favoreceria um autoritarismo pragmático, esclarecido, temporário (Ibidem: 355-6)

Depois de revisitar os modelos de análise anteriores, Bolívar Lamounier inicia sua sistematização do pensamento autoritário. De maneira geral, os intelectuais desse pensamento estavam a serviço do Estado, eram nacionalistas, anticolonialistas e estavam munidos dos instrumentos científico-sociológicos da época. Sintetizando sua proposta de análise, o autor escreve: “a transformação do pensamento político no período considerado [Primeira República] deve ser entendida basicamente como a formação de um sistema ideológico orientado no sentido de conceituar a legitimar a autoridade do Estado como princípio tutelar da sociedade” (Ibidem: 356). E assim continua nos seus alicerces analíticos: a ideologia de Estado é “uma construção intelectual que sintetiza e dá direção prática a um clima de ideias e aspirações políticas de grande relevância nas últimas décadas do século XIX e na primeira metade deste [séc. XX]” (Ibidem: 357).

A Ideologia do Estado é opositora à ideia de “Mercado”, no sentido do liberalismo clássico que vê o Estado em função do Mercado: “O fulcro da ideologia de Estado é, ao contrário, o intento de domesticar o Mercado” (Ibidem: 358). É, portanto, uma dissociação no pensamento liberal clássico que busca respostas para problemas de **organização do poder**.

Há oito princípios gerais da Ideologia de Estado.

- 1) Estado e Mercado: uma hostilidade ao princípio de mercado, exaltando a virtude da “intervenção deliberada e do controle coercitivo através de um poder burocrático”

(ibidem: 359). Em vez de mercado, defendem a representação hierárquico-coercitiva, associada à noção de integração subjetiva de valores e lealdades.

- 2) Visão orgânico-corporativista da sociedade: representação social de uma organização de pequenos produtores. Fruto da assimilação pelas elites intelectuais das ideias convencionadas como **protofascistas** (Ibidem: 361). O principal autor é Alberto Torres. Metáforas organicistas, que misturavam o organicismo-historicista com o positivismo comtiano. Esse pensamento é uma reação romântico-conservadora ao iluminismo, ao racionalismo e ao utilitarismo. Como no fascismo italiano, era a fusão de aspectos conservadores (sociologia positivista e crítica da democracia liberal) e revolucionários (romantismo, voluntarismo, deificação da nação e do Estado), com aspectos antiracionalistas e contribuições da “psicologia coletiva”.

No Brasil foi acentuada a assimilação do aspecto conservador positivista e organicista: a ideia de desenvolvimento e crescimento de um princípio interno contido na origem. O Brasil seria uma sociedade amorfa e ameboide que precisa ser produzida, precisa de um centro formador, de um cérebro (Ibidem: 363).

O poder estatal forte é necessário não somente para erradicar os males do passado, cuja força de inércia só pode ser superada por uma cirurgia enérgica, como também para manter sob controle o próprio processo de mudança, assegurando a sobrevivência do que porventura exista de bom. (Ibidem: 362)

Harmonia na diferenciação e complementaridade dos “órgãos da sociedade”

- 3) Objetivismo tecnocrático: oposição entre *país legal* versus *país real*. Reificação da “realidade” que corresponde às instituições sociais. A sociologia produz diagnósticos que conduzem à “socioterapia tecnocrática”. Uma intervenção cientificamente embasada a partir da realidade brasileira, como o “diagnóstico” de Oliveira Vianna sobre o erro de uma república num país de evolução histórica a partir do clã agrário. O conhecimento objetivo da realidade produzirá o modelo adequado ao país real.
- 4) Visão paternalista-autoritária do conflito social: a Ideologia do Estado busca **erradicar** o conflito por meio de uma coerção organizada, numa visão solidarista e corporativista: “A sociedade é vista mais ou menos como uma panela de pressão inofensiva, ou facilmente controlável, desde que manipulada com prudência” (Ibidem: 367). Cassiano Ricardo defende que a vastidão de recursos naturais e o caráter nacional cordial eliminaria os conflitos.
- 5) Não organização da sociedade civil: nenhum interesse se organiza de forma autônoma. O Estado realiza cooptação antecipada de grupos sociais, dependentes da corporativização.

Aversão ao partido político: criador de facções, risco à solidariedade. A classe trabalhadora é produzida de dentro do Estado.

- 6) Não-mobilização: sem componentes emocionais ou personalistas, avessos a populismos.
- 7) Do elitismo altruísta ao voluntarismo golpista: a mudança intelectual é o mais importante na política, sendo uma negociação da elite, que, iluminada, é mais capaz de governar a sociedade.
- 8) Leviatã benevolente: “é o guardião e a força vital de uma sociedade igualmente benevolente, ‘cordial’ e cooperativa” (Ibidem: 370). Um Leviatã anti-hobbesiano.

Concluindo o seu texto, Lamounier defende o estudo das construções ideológicas como investigação de como determinados indivíduos procuram “*constituir* agentes, definindo interesses e projetando-os em novos horizontes de convivência social” (Ibidem: 373). A produção desse pensamento autoritário foi “um momento particularmente consciente de identificação sociológica dos intelectuais com o *centro político*” (Ibidem: 374).

a produção intelectual pode ter enorme importância mesmo quando são frágeis os seus vínculos com as “bases” sócio-econômicas. Essa relativa desconexão pode estar enraizada precisamente no fato de estar essa produção referida a um momento estratégico do processo de mudança em curso na sociedade (Ibidem)

Dito isso, o texto de Bolívar Lamounier realizou uma revisão da forma como esses intelectuais da primeira metade do século XX no Brasil foram estudados, principalmente com a marca de serem alinhados com a ideologia fascista, colocando-os de lado. Depois elenca oito princípios gerais desses intelectuais, acentuando a característica dessa ideologia como voltada para tutelar o Estado. A importância da retomada desses autores é importante pela apropriação que os militares fizeram da Ideologia do Estado na Doutrina de Segurança Nacional, intimamente conectada com o bolsonarismo.

3.5.1 A política como estratégia militar

Houve outro momento em que a produção de ideias de forma elitizada atuou ativamente na mudança política no Brasil. A Escola Superior de Guerra depois pós-1945 garantiu a interação entre as elites civis e os quartéis (Borges, 2003: 17). Essa interação teve como resultado o “intervencionismo militar” que coloca as Forças como defensores da ordem institucional e dos interesses nacionais. A Doutrina de Segurança Nacional (DSN) pôs os militares no papel de dirigentes, como aqueles capazes de empregar as medidas necessárias para as condições específicas do Brasil.

A DSN “é a manifestação de uma ideologia que repousa sobre uma concepção de guerra permanente e total entre o comunismo e os países ocidentais” (Ibidem: 24). Em meio a essa guerra, a neutralidade é excluída. A política, portanto, torna-se questão de segurança, numa guerra interna física e psicológica. O inimigo interno permite o estado de crise permanente, instabilidade e estado de exceção.

A repressão política para a ideologia da DSN é um ato moralizador: “Trata-se de aniquilar moralmente o inimigo e de separá-lo dos demais cidadãos e, de outra parte, de assegurar a não-oposição ativa contra o projeto político da Doutrina” (Ibidem: 28). A guerra que a ideologia acreditava estar em curso sustentou a narrativa de um contragolpe em 1964, mudando o papel dos militares como autônomos dos segmentos sociais.

A DSN é uma combinação de desenvolvimento com segurança. Centralização no poder federal nas mãos dos únicos que representam os interesses nacionais, os militares. Os militares guiam o crescimento do país controlando a ameaça do inimigo interno, o comunismo. Essa centralização concomitante ao controle do inimigo interno transforma o governo em estado de exceção permanente. Demonstração disso é os conflitos internos ao regime civil-militar com os órgãos de segurança, que possuíam autonomia e alimentavam um estado de crise permanente, que por sua vez justificava a permanência dos mesmos militares no poder.

O trabalho de Bolívar Lamounier é sobre uma geração de intelectuais que se articularam com os movimentos letrados europeus, científicos e ideológicos, no surgimento das Ciências Sociais brasileiras. Com forte caráter de atuação política, a produção da Ideologia de Estado buscava atuar tal como um médico no tecido social, diagnosticando e curando as mazelas sociais com baseando-se no aparato científico que se desenvolvia, sobretudo sócio-histórico.

Apesar do grande alcance que obtiveram nas décadas de 20 e 30 do século XX, essa geração foi esquecida pós-45. Contudo, como demonstrou Nilson Borges, as bases de uma produção de uma visão autoritária do Estado estava dada e permitiu o estabelecimento da Escola Superior de Guerra, núcleo disseminador da Doutrina de Segurança Nacional. O acentuado centralismo autoritário dos militares se baseava na vocação revolucionária permanente, mas de maneira conservadora, priorizando elites sociais e reprimindo oposições políticas e ideológicas.

Em 2018, quando Jair Bolsonaro é eleito presidente do Brasil, em sua narrativa há forte valorização do passado autoritário, uma memória saudosista da autoridade estatal eficiente. Há o inimigo interno, a criminalidade, e a defesa da intervenção técnica no Estado, supostamente eliminando as escolhas políticas na formação de seu governo. Somando neoliberalismo com segurança, o discurso de Bolsonaro é uma Ideologia de Estado que valoriza o mercado no sentido econômico, mas reprime e monitora as disputas simbólicas no campo ideológico. Desse modo, a Ideologia de Estado e a Doutrina de Segurança Nacional contribuem para a compreensão do fenômeno do bolsonarismo.

3.5.2. A guerra psicológica dos militares

Serão aqui debatidas as teses de Piero Leirner sobre o Brasil estar sob uma guerra híbrida perpetrada pelos militares. Inicialmente, é preciso compreender como se dá o processo de aprendizagem internamento nos militares:

a leitura que equaciona o anticomunismo de agora a fenômenos como o “marxismo cultural” chega de forma apostilada para a maioria dos militares. No limite, se fizermos uma engenharia reversa, trata-se de uma cola institucionalizada. Por isso mesmo, é preciso pensar no tipo de “valor estrutural” que estas informações têm. Imagine que alguém lê uma dessas apostilas enquanto está, digamos, na AMAN, durante sua formação de cadete. 40 anos depois, já General, é possível que esta informação ainda esteja disponível sob “forma mnemônica”, e uma nova apostila – dirigida aos cadetes de agora – não vai agregar mais informação, mas simplesmente recondicionar aquilo que já estava lá. (Leirner, 2020: pos. 3137)

Os militares aprendem em suas academia em bloco e de cima para baixo de maneira esquemática. Leirner cita como os militares circulam entre si anotações e fichamentos sobre livros, sendo essa *a* leitura da corporação sobre tal livro. Isso é importante para rebater crenças de que existem divisões internas entre legalistas, golpistas, lulistas e bolsonaristas. Como disse o atual Comandante, todos são da “bolha de direita, da bolha militarista”. Por exemplo, o livro do general Avellar Coutinho sobre Gramsci circula em formatos de resumo, fichamentos, apresentações de *slides* etc. em gerações de militares ao longo dos anos em suas escolas de formação.

Como foi dito, o compromisso das Forças Armadas com a Anistia foi de garantir que a “comunidade repressiva não fosse parar nos tribunais civis, porém internamente os militares passaram seus agentes repressivos para a reserva e dificultaram suas promoções: “é bem possível que após passar para a reserva muitos desses agentes começaram a atuar em Polícias Militares, segurança privada e esquadrões da morte [...] um esquadramento

das atuais ‘milícias’ do Rio de Janeiro chegasse a nomes que participaram da repressão durante os ‘anos de chumbo’” (Ibidem: pos. 3313).

Essa associação entre militares da repressão e contravenção e milícias é muito bem demonstrada pelo livro “Os porões da Contravenção: jogo do bicho e ditadura militar” de Aloy Jupiara e Chico Otávio. Como exemplo do que é demonstrado pelos autores, um dos principais contraventores do Rio de Janeiro, dono de grandes pontos de jogo do bicho, foi oficial do Exército durante a ditadura, atuante nos órgãos de repressão e colocado na reserva por corrupção.

Leirner enumera os diversos eventos que vão acentuando a participação dos militares em ofensivas de baixa intensidade, como as guerras psicológicas. Uma dessas “gotas d’água” foi a diretiva de atuar nos currículos militares, sagrado para a distinção entre militar e civil:

A “prova factual” que eles precisavam aparecer quando veio à tona um “documento sobre resolução de conjuntura” elaborado pela Executiva Nacional do PT, de maio de 2016, onde se colocava que o “PT falhou em não mexer nos currículos militares e nas promoções”. 25 A “conspiração petista” foi assim fechada na cabeça dos militares; logo após, o General Villas Bôas, ainda como Comandante do Exército, declarou à jornalista Eliane Cantanhêde, no Estado de São Paulo, que “com esse tipo de coisa, estão plantando um forte antipetismo no Exército” (Ibidem: pos. 3728)

Bolsonaro seria então mais uma medida de salvação nacional operada pelos militares, como disse o Comandante que era tratado pela mídia como “ponderado”:

Villas Boas, ao se despedir do Comando do Exército, em 11 de janeiro de 2019, colocou algo que parece ser a “digital” que liga a operação no Rio com a eleição. No seu discurso, ele disse: “2018 foi um ano rico em acontecimentos desafiadores para as instituições e até mesmo para a identidade nacional. Nele três personalidades se destacaram para que o “Rio da História” voltasse ao seu curso normal. O Brasil muito lhes deve. Refiro-me ao próprio presidente Bolsonaro, que fez com que se liberassem novas energias, um forte entusiasmo e um sentimento patriótico há muito tempo adormecido. Ao ministro Sérgio Moro, protagonista da cruzada contra a corrupção ora em curso e ao general Braga Netto, pela forma exitosa com que conduziu a Intervenção Federal no Rio de Janeiro. Todos demonstraram que nenhum problema no Brasil é insolúvel”. (Ibidem: pos. 4662)

Villas Bôas condecorou o ex-juiz Sergio Moro em 2017 durante a “Semana do Exército” por ter “prestado serviços relevantes para o país (Ibidem: pos. 4602). Por fim, o lugar de Bolsonaro foi calculado como “antipolítico”, honesto e autêntico e, ao mesmo tempo, como desvinculado aos militares quando, desde o início de sua campanha, os militares estiveram imbricados (Ibidem: pos. 4813).

As teses de Leirner são de que os militares diagnosticaram internamente que havia no Brasil um avançado estado de guerra psicológica pelos partidos de esquerda (a estratégia gramsciana). Ao se utilizar de ONG's, organismos internacionais, mídia e universidades para desestabilizar a harmonia brasileira com políticas que abalam a “moral e os bons costumes” (inclusive se utilizando do “politicamente correto”). A esquerda estava atacando nossa tradição pacata e pacífica racialmente e regionalmente difundindo teses de segregação racial e regional. O Brasil se encontrava, para os militares nos anos 2010, arruinado e desordenado.

Um desses alvos da esquerda gramsciana foi a própria corporação militar, sabidamente um guardião da nacionalidade brasileira, junto com a religião cristã, que sofreu diversos ataques. O objetivo era fragilizar o prestígio social dos militares. Os militares, portanto, com Bolsonaro agindo como “cabeça-de-ponte”⁸⁵, recebendo e resistindo aos ataques da mídia e das instituições antinacionais, buscaram realizar a “limpeza” e o “conserto” do Brasil com as eleições de 2018.

Haveria no Brasil, portanto, uma guerra híbrida que foi neutralizada por táticas de guerra híbrida também utilizadas pelos militares, numa contra-ofensiva. Guerra híbrida é uma forma indireta de conflito que prioriza a disseminação de “caos”, “desordenação” como um vírus que subverte e destrói, a partir de dentro, o Estado-alvo (Korybko, 2018:33). Um caos sistêmico e ordenado. Leirner defende que Bolsonaro calculadamente disseminava falas polêmicas justamente por esse “caos ordenado” que desestabiliza e deixa o inimigo desnorteado, tornando-o um alvo vulnerável:

A juventude é central nas guerras híbridas e nas revoluções coloridas: “O apelo à geração mais jovem é de extrema importância para as revoluções coloridas, uma vez que a presença de muitos jovens dá ao movimento um aspecto jovem e enérgico contra um sistema estagnado e decadente” (Ibidem: 128). Como a juventude brasileira estava sob um ataque das esquerdas internacionais, os militares, com o uso de redes sociais e Bolsonaro como cabeça-de-ponte, avançaram sobre a juventude.

Os redpills aceitaram esse lugar de moralizadores dos militares, como aqueles a quem o Brasil recorre quando não há mais solução. Vítimas dos artistas globais que recebem “bolsa ditadura”, os militares compartilharam com os jovens redpills uma utopia regressiva de “limpeza” da podridão do país e uma esperança de um Brasil que já foi potente. Os redpills

⁸⁵ Expressão no jargão militar que designa quem fica na margem inimiga do rio criando condições de receber aliados. Metaforicamente se refere a quem segura “as pontas” em território hostil, aquele que primeiro avança para a outra margem.

depositaram nos militares a esperança de que as mulheres voltariam a ser femininas, que os bandidos voltariam a ser punidos e que as novelas e músicas deixariam de falar de “baixaria” e de “sempre terem um negro pra pegar bem”.

3.6. NUANCES DA DITADURA MILITAR

A Operação do Alemão em 2010 (Dieguez, 2022: pos. 1148) alimentou a imagem dos militares como salvadores da pátria quando não há mais solução, retomada anos depois na Intervenção na Segurança no Rio de Janeiro em 2018. José Murilo de Carvalho (2019: 253) destaca que os militares têm uma postura de monopolizadores do patriotismo e credores da pátria. Garantidores dos poderes constituídos, os militares se colocam no lugar de mantenedores da unidade nacional. Algo sobremaneira valorizado pelos militares é o reconhecimento e o prestígio desse seu lugar de “genuínos patriotas” pela população. As lutas dos familiares e vítimas do regime militar, portanto, constitui uma mágoa e um ressentimento dentro das Forças Armadas, como deixa claro o livro-desabafo de Ustra.

Nos estudos sobre a ditadura militar brasileira, os testemunhos de presos políticos ocupam geralmente o lugar de *resistência* e de *luta* na memória para serem lembrados e registrados. Na luta contra o silenciamento e a violência estatal, houve uma “corrida” pela memória da luta armada, da oposição política e das crueldades perpetradas pelo estado brasileiro, principalmente com a Lei de Anistia e sua proposta de esquecimento. O trabalho que sintetiza a busca pelo registro das violências estatais e dos testemunhos das vítimas é o *Brasil: Nunca Mais* de 1985.

No entanto, existem dificuldades em reconhecer que essa memória dos “anos de chumbo” e dos “porões do regime” se tornou a memória dominante sobre a ditadura. É a memória que Martins Filho (2002) chama de “memória militante”. Surgida da luta contra o processo de esquecimento liderado pelo próprio regime na época da *abertura política*, as “memórias de luta” alcançaram, ao longo das décadas após o fim do regime, uma posição hegemônica nos debates públicos em diversas esferas, resultado de grande mobilização política na área dos direitos humanos e de pesquisa acadêmica.

Derrotados na luta contra a ditadura, as *vítimas* conseguiram vencer a batalha da memória: “Na visão unânime dos militares, uma vez derrotada, a esquerda esforçou-se por vencer, na batalha das letras, aquilo que perdeu no embate das armas” (Ibidem: 179). Numa situação considerada paradoxal para os militares saudosos do regime, quem conseguiu contar a sua versão sobre a ditadura foram os derrotados. Embora tenham sido “vencedores”, os

militares foram forçados a permanecer em “silêncio” e se sentirem “envergonhados”. Ressentidos e com a sensação de traição pela sociedade, as memórias dos militares saudosistas se manifestam como **réplicas** às análises acadêmicas e aos relatos civis da esquerda. Como diz Vasconcelos (2009: 76), para os militares a memória vencedora é: “a vitimização absoluta dos civis e a negatização da categoria militar”.

O trabalho *Brasil: Nunca Mais* representa a consolidação do “mito da sociedade resistente à ditadura” (Cordeiro, 2015: 336). A ditadura como responsabilidade dos militares e a população como vítima da repressão e da perseguição política. Porém, como ocorre em toda produção mnemônica, essa memória produziu esquecimentos. Um deles é a omissão do fato de que a ditadura militar conquistou apoio popular, resultado de um “pacto ditatorial” entre a sociedade e os generais. Não foram apenas “anos de chumbo”, foram também os “anos dourados” e os anos do “milagre brasileiro”.

A coincidência entre os anos de maior repressão política serem os mesmos de maior sucesso econômico e de apoio popular do regime impossibilita análises binárias e reducionistas sobre a ditadura e sua relação com a população. A divisão entre “colaboradores” e “resistência” ocorreu após a Lei de Anistia de 1979. Havia muitas zonas cinzas. Outro estudo sobre a complexidade da relação entre ditadura e a população é sobre o partido ARENA de Lucia Grinberg (2009), no qual a maior queixa dos políticos do partido do “sim, senhor” não era pelo autoritarismo, e sim pela não participação no governo.

Os “anos dourados” foram de expansão do consumo, novelas de grande sucesso com as casas adquirindo suas primeiras televisões, a compra do primeiro carro, crescimento das cidades. É desse dilema e dessa cisão que é possível reconhecer no Bolsonaro uma tentativa de resgatar essa “verdade” e esse “sentimento” do “Brasil potência”, “seguro”. Há uma dificuldade das esquerdas de reconhecer a ditadura, sobretudo o governo Médici, como um “bom passado” para significativa parcela do país. Não só isso: o envolvimento na luta, principalmente a armada, foi para uma fração diminuta da população.

Nos últimos anos ocorreram movimentos de reconhecimento das lutas por dentro da institucionalidade e sua importância, como de advogados, amigos, parentes, ou mesmo outras pessoas de direita que não concordavam com os expurgos ditatoriais. O apoio daqueles que não foram para a linha de frente, mas estiveram na retaguarda. Talvez o próximo passo seja reconhecer que muitos brasileiros admiraram a ditadura e que Bolsonaro é fruto dessa memória, apesar de ter fracassado na emulação dos “anos dourados”. Tanto o regime como as

esquerdas buscaram escamotear o governo Médici como algo a ser esquecido, por motivos diferentes⁸⁶: a memória do governo Médici foi o *retorno do recalcado* com Bolsonaro.

Os “tempos do milagre” foram recalcados como produtos da propaganda ditatorial, de uma massa ora submetida à força das armas ora seduzida pela propaganda. No “mito da sociedade resistente à ditadura” aqueles anos foram difíceis, de medo e perseguição, nos quais qualquer pensamento era perseguido. A consequência é a desresponsabilização social da ditadura, em que a sociedade se torna uma vítima do estado autoritário. Por outro lado, os militares são os “culpados”, os responsáveis (e únicos) pelas sevícias. Os civis que se beneficiaram e apoiaram o regime saem beneficiados e os militares, ressentidos pelo esquecimento do “chamamento” civil do golpe e o amplo apoio obtido durante o “milagre”.

Se nos anos 2000 em diante foi importante o trabalho de resgate da memória das *outras* maneiras de resistências, tais como fizeram advogados, políticos do MDB pela institucionalidade ou apoios de pessoas não diretamente de esquerda, hoje, após o governo Bolsonaro, é preciso rever a memória dos “anos de chumbo”: momento de crescimento econômico, ascensão social, acesso a consumo e produtos culturais de massa. O ano de 1972 e as festas do sesquicentenário são fundamentais para essa compreensão. Como se perguntou Cordeiro (2015), onde estão as pessoas que batiam palmas para Médici nos estádios e nos grandes eventos cívicos?

Bolsonaro é como retorno do recalcado da memória dos anos do milagre, de um país potência, com autoridade, com esperança no futuro e seguro. Patriota, trabalhador, respeitador da ordem. No país do “milagre”, quem obedece à ordem seria recompensado. Ou, como muito se fala hoje nos entusiastas do regime, só sofreu tortura quem cometeu crimes e comunistas, ou seja, os piores tipos de seres humanos.

Melhor do que falar em “enganação” da população, seria mais apropriado uma espécie de “fascinação” pelo regime. A ditadura soube travar um diálogo com os desejos e anseios da população, houve uma sinergia no que se poderia chamar de “consentimento” em torno do regime. Se por um lado o poder era centralizado nos generais, que barraram qualquer oposição ou negociação, por outro houve uma sinergia com os anseios da população.

Médici ser os “anos de chumbo” e único realmente ditador empurrou para o subterrâneo as memórias do “milagre” e dos “anos dourados”. Enfim, foi com Bolsonaro que

⁸⁶ Como falamos, o regime quis jogar toda a responsabilidade do arbítrio em Médici, enquanto Geisel e Figueiredo foram os responsáveis pela “abertura”. A esquerda quis esquecer a grande popularidade do ditador, ovacionado pela mídia e em estádios de futebol.

o esgoto explodiu com tudo que os militares e as lutas da memória militante haviam jogado para baixo do tapete: o conservadorismo brasileiro, a adesão e consenso em torno da ditadura, o apoio a medidas repressivas e autoritárias. Bolsonaro foi uma tentativa de releitura do governo Médici de forma democrática e buscando legitimidade eleitoral. Em 27 de julho de 2022 Bolsonaro, ao avaliar o maior contribuição de seu primeiro governo para o país, disse que era as pessoas voltarem a usar a bandeira nacional, vestir a camisa e terem orgulho de serem brasileiros⁸⁷.

Bolsonaro é o líder popular e de massa que os militares veem como legitimação para suas medidas de “transformação” e “desenvolvimento”, que são outras palavras para as ideias de salvacionismo militar e de república tutelada. Como no documento elaborado pelo Instituto General Villas Bôas⁸⁸, a legitimidade para levar o Brasil “para o futuro” com modernização (neoliberalismo) da gestão pública e privatizações, sob um governo de medidas técnicas. É a conexão de Bolsonaro com o verdadeiro povo a legitimação do governo, ou seja, o populismo. Uma via democrática para um segundo Governo Médici, agora modernizado por neoliberalismo.

É possível dizer que em certa medida os militares obtiveram sucesso. “Ele não tinha a mídia, mas tinha o povo” é um dos lemas dos bolsonaristas. A leitura à direita que se diz democrática, como da professora Janaína Paschoal, é de que o erro do governo era de comunicação, porque resultados positivos existiam. Só precisava de mais habilidade de “divulgação”. Enfim um governo militar populista (o único militar que tinha proximidade com o “povo” era Médici, sobretudo pelo futebol). Todos os outros ditadores militares, com formação militar, se distanciaram do “povo”. O caso típico desse distanciamento foi o de Figueiredo ao dizer que preferia o cheiro dos seus cavalos ao povo. Bolsonaro seria a correção disso.

Internamente ao mundo militar, pensa-se que o brasileiro é injusto por ter esquecido do “milagre”. Bolsonaro era, para os militares, a solução da batalha perdida dentro do campo da memória. Fazer justiça com o passado. Para esta pesquisa, é preciso estabelecer que a ditadura não se instaurou e permaneceu somente com uma imposição de cima para baixo, com uso de violência, após um golpe das elites contra as medidas democratizantes. Havia um alinhamento popular do regime com a população, sobretudo na guerra pelos valores, que

⁸⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0S1rn2w44tM>

⁸⁸ “Projeto de Nação - o Brasil em 2015”. Nesse projeto consta a privatização do SUS, cobrança de mensalidades em universidades públicas dentre outras.

retornaria com Bolsonaro para o centro do debate político. Havia uma afinidade sobre as mulheres voltarem a cuidar de seus cabelos e irem para as manicures, como relatou a carta citada por Ustra.

Carlos Fico (2002) tem um trabalho chamado “Prezada Censura” sobre as cartas que as pessoas mandavam para a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) durante o regime. Essa Divisão era responsável pela censura em nome da “moral e dos bons costumes”: “As cartas [...] transpareciam uma vontade de censura mais ampla do que a dirigida contra este ou aquele veículo” (Ibidem: 270). Muitas vezes, nas cartas, Fico observou que havia demanda por mais rigor do que dos próprios censores da DCDP, citando uma carta que demonizava a homossexualidade e dando boas-vindas à AIDS por matar gays (Ibidem: 274 sic).

As cartas de pessoas eram pedindo *mais* censura. Havia preocupação com as crianças, com a juventude, com os fundamentos da família e os maus-hábitos disseminados nos jovens. Não foi, portanto, uma novidade de Bolsonaro o debate sobre a moral e a “sexualização de crianças”. Esse era o principal elo entre a ditadura e a população em geral.

Há um texto de Roberto Schwarz (2008) chamado “Cultura e Política, 1964-1969” que é, curiosamente, muito citado por Olavo de Carvalho e um de seus alunos *brilhantes*, Flávio Gordon. Apesar do Golpe, diz Schwarz (Ibidem: 71): “para a surpresa de todos, a presença cultural da esquerda não foi liquidada naquela data [64], e mais, de lá para cá não parou de crescer [...] Apesar da ditadura da direita, há relativa hegemonia cultural da esquerda no país [...] nos santuários da cultura burguesa a esquerda dá o tom”. Essa mentalidade contribuiu para uma geração, do interior da pequena-burguesia, se formasse massivamente anticapitalista. Esse processo cultural, com o Golpe, ficou represado internamente na pequena-burguesia intelectualizada, criando um “consumo interno” da cultura de esquerda: os teatros politizados de esquerda eram cheios de estudantes, mas nenhum operário.

Identificada com os oprimidos e em dívida com eles, os intelectuais jogaram-se às pressas na luta armada e na clandestinidade como solução para sua crise de identidade. Houve uma série de livros e filmes sobre a conversão do intelectual em militante político, como o *Quarup* de Antonio Callado (Ibidem: 106). A Cultura (no sentido de filmes, livros, peças de teatro, música etc.) se tornou um “abscesso no interior das classes dominantes” (Ibidem: 110).

A tese de Schwarz é de que a modernização dos militares dependia do “arcaísmo ideológico e político” do debate moral sobre “família”, “religião”, “comportamento”,

“sexualidade” etc. Essa “ideologia arcaica” da burguesia mais “atrasada” ampliou a distância dos jovens intelectuais que se politizaram à esquerda. Essa tese é retomada no capítulo 4.

Esse artigo é apropriado pelo olavismo como demonstração que a cultura esquerdista é, antes de tudo, elitizada e distante das pessoas reais, do povo. Além de ser um demonstrativo dentro da própria esquerda de sua “hegemonia” e consequente lugar minoritário e silenciado do pensamento conservador e reacionário. É importante retomar esse debate porque o olavismo e os militares nunca cessaram de debater os aspectos “morais” e “culturais” e sua importância para a coletividade. Somado ao despreparo para o debate moralizador, a esquerda não elaborou seu processo de “encerramento em si mesma” de sua produção cultural, formando um mundo distante e excludente de parcelas significativas da população. Esse apartamento entre uma elite cultural e o restante da população retornou em Bolsonaro como uma “purificação” e um “retorno” para um passado em que “se era mais feliz”.

Dentro da memória das vítimas do regime há seus temas controversos. Uma deles foram os “justiçamentos”, nos quais se executavam militantes que haviam delatado ou traído a luta armada. Esse tema, pouco elaborado internamente pela oposição à ditadura, tornou-se uma “arma” acusatória sobre a perversidade intrínseca do militante comunista que pegou em armas contra a ditadura. Retomar e elaborar o que foi a luta armada e seus contextos e complexidades é fundamental para a superação das memórias binárias que se retroalimentam. Um importante esforço foi de Lucas Ferraz (2021) e seu livro “Injustiçados” sobre os polêmicos justiçamentos. Talvez seja esse um caminho diante do impasse de uma utopia regressiva que produziu um passado laudatório o qual não existia, assim como não existiu o passado “herois contra ditadores”. Talvez seja o momento de construir um novo passado da ditadura.

4. “OLAVO TEM RAZÃO”

O filme *Tropa de Elite* (2007) dirigido por José Padilha foi um grande sucesso. Antes mesmo de chegar aos cinemas, ele circulou de forma clandestina em DVD's piratas, demonstrando que havia demanda elevada pelo filme. Houve uma febre de pessoas imitando os jargões do capitão Nascimento, personagem de Wagner Moura, que foi chamado na época de “herói brasileiro”. Convencionou-se a associar o sucesso do filme com a admiração pelas práticas de capitão Nascimento, permeadas de autoritarismo e excessos policiais flagrantes, como torturas e execuções sumárias. A interpretação é que o filme seria mais um demonstrativo de uma cultura do punitivismo no Brasil, herança da ditadura.

Essa é uma leitura absorvida pelo olavismo. Filipe G. Martins, um dos sacerdotes, disse em entrevista a Rica Perrone, no programa *Cara a Tapa*⁸⁹, que *Tropa de Elite* foi um filme que saiu do controle, pois queriam demonizar o capitão Nascimento e acabaram criando um ídolo. Ironiza que o ator que interpretou o inesperado herói seja lulista. Diz literalmente que o capitão Nascimento talvez tenha criado condições para o capitão Bolsonaro. No mundo do avesso, é possível que haja concordância com o outro lado, desde que seja para tomar conclusões opostas. No caso de Filipe Martins, ainda bem que existiu o capitão Nascimento para expressar as vontades populares não representadas no cinema nacional.

Apesar da leitura acerca do sucesso do filme ser enfocada na personagem interpretada por Wagner Moura, produzindo uma memória social sobre o capitão Nascimento, o filme tem como proposta não a sua valorização, e sim contar a história da substituição de Nascimento, em crises de ansiedade e remorso pelas suas ações policiais violentas, pelo aspirante André Mathias. Mathias, durante o curso de preparação do BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro), passou por uma transformação: foi de um policial cerebral e idealista estudante de Direito para um policial que assassinou por vingança um traficante que matou seu amigo.

Durante esta pesquisa, um perfil importante no cosmos olavista e bolsonarista na internet, Flavio Garage, disse em seu *Twitter* que todo bolsonarista tinha um pouco de Mathias. Flávio é católico e mecânico de automóveis. Mora na periferia de São Paulo e foi o criador da página “Antes e Depois da Federal”⁹⁰, na qual selecionava fotos, na grande maioria

⁸⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M-KdIMh9sFY>

⁹⁰ A página original foi deletada após diversas denúncias, inclusive das pessoas expostas. Algumas vezes ela foi recriada por outros usuários.

das vezes de mulheres, marcando a diferença que a universidade federal fazia na vida das pessoas, insinuando sempre que era para pior⁹¹.

Figura 3: “Antes e depois da federal”



Fonte:

https://www.reddit.com/r/brasil/comments/57nnlc/algum_sabe_o_que_houve_com_o_profile_antes_depois/

Basicamente as postagens eram duas fotos lado a lado da mesma pessoa em tempos diferentes. Nas comparações, Flávio selecionava fotos mais antigas em que as pessoas, de um lado, seriam tidas como “normais”, “comportadas”, antes de ingressarem no ensino superior público. Do outro lado, estava uma foto da mesma pessoa “depois da federal”, geralmente com piercings, tatuagens, cabelos incomuns, roupas ou mensagens políticas de esquerda.

A página de Flávio insinuava que “depois da federal” aconteciam práticas sexuais fora da heteronormatividade, resultados da “lavagem cerebral ideológica” do esquerdismo. A chamada “doutrinação ideológica”. Não era só politicamente que as pessoas “pioravam”. Diversas vezes nas postagens se destacava que as pessoas ficavam *mais feias, mais gordas, mais sujas, mais tristes, mais doentes*. A página logo alcançou sucesso entre os redpill durante o ano de 2016. As imagens falam por si só: a universidade faz mal às pessoas.

Esse comentário de Flávio Garage sobre “todo bolsonarista ser um pouco de Mathias” estimulou um olhar mais atento ao filme *Tropa de Elite*. A história de Mathias e os comentários de capitão Nascimento, sobrepostos ao filme, trazem elementos para o entendimento do olavismo e da redpill. Dessa forma, o arco de mudança do personagem André Mathias pode elucidar a relação entre juventude e olavismo com os primórdios do bolsonarismo. As falas de Nascimento ocupam o lugar de quem assiste o desenrolar da

⁹¹ No subcapítulo 2.4.1. foi citada a carta de um pai agradecendo a Ustra a recuperação da sua filha. O Exército funcionou como um negativo do que a “federal” faz com uma mulher.

história ao nosso lado, conversando conosco. O capitão é conhecedor do desfecho, sabe o que vai acontecer. A história acontece a partir de seu ângulo de vista. Ele fica nos sinalizando o que devemos atentar na história, tecendo opiniões e avaliações críticas sobre as cenas e atitudes de Mathias.

André Mathias é um policial negro e de origem humilde que é considerado por capitão Nascimento “idealista” ao valorizar o estudo do Direito para a prática policial. Logo no início do filme, Mathias participa de uma aula de Sociologia de uma das melhores faculdades de Direito do Rio de Janeiro, conhecendo seus colegas Maria, Dudu e Roberta. Nenhum deles sabe que ele é policial. Capitão Nascimento, a voz da sabedoria, diz que isso iria dar errado, pois “o policial não é um estudante como os outros”. André Mathias e seus três colegas vão apresentar o livro *Vigiar e Punir* de Michel Foucault.

Maria, Dudu e Roberta participam de uma ONG na Favela dos Prazeres e levam seu colega Mathias para o morro. Ele permanece escondendo sua identidade de policial. Capitão Nascimento diz, para nós que assistimos a cena de Mathias se aproximando de Maria, mais uma vez no lugar de sábio, que Mathias está errando, mas considera compreensível: “Quem não gosta de se dar bem com a menina rica, bonita e bem intencionada?” É difícil resistir, é uma tentação: “Quem é que não quer se enturmar?”, completa o capitão. Ou seja, quem não quer ser como todo mundo? Porém, era uma falha de seu futuro substituto Mathias tentar se enturmar, pois: “Não dava para ser policial e entrar pra galera”, nos diz Nascimento. Essa amizade é uma tragédia anunciada.

Em outra cena, enquanto Mathias resenha sobre *Vigiar e Punir*, Dudu e Roberta acendem um cigarro de maconha. André Mathias recusa o cigarro, diz não gostar, e Dudu insiste falando “só um tapinha”. Mathias recusa novamente. Capitão Nascimento, em sua conversa conosco, diz que Mathias devia autuar os maconheiros no Artigo 12 da Lei 6.368, mas “aliviou para os colegas”, errando mais uma vez. Em outro momento, Mathias está na ONG no Morro dos Prazeres e o administrador da ONG fala para o policial-escondido subir tranquilo pela favela, porque a galera do morro tem “consciência social”. “**Consciência social é hipocrisia**”, nos diz o capitão Nascimento, mais uma vez nos avisando que isso ia dar errado.

Noutra cena, Baiano, representando o traficante chefe do morro, está com a camisa do Che Guevara vermelha (a “consciência social” do traficante) enquanto oferece porções de cocaína para Dudu, o colega rico de Mathias. Capitão Nascimento avalia Dudu: “O que me

fode é o sujeito que nasce com oportunidades e termina entrando nessa vida [...] pra mim, quem ajuda traficante tem que ir pra cadeia [...] Quantas crianças a gente vai ter que perder para o tráfico só para playboy enrolar um baseado?”, reflete o capitão enquanto vemos a cena de Dudu com Baiano.

Pulamos agora para a apresentação de *Vigiar e Punir* pelo grupo de Mathias, Maria, Dudu e Roberta. Esse momento é o mais importante para este estudo. Maria, nas conclusões da apresentação, diz que o Estado protege os ricos e pune quase exclusivamente os pobres: a polícia como um exemplo de instituição para punir a pobreza. Dudu comenta que policial chega na favela esculachando e batendo, “todo mundo sabe”, e a câmera mostra Mathias sério e desconfortável, mas calado. Roberta acrescenta sobre o comentário de Dudu: a polícia não age perversamente somente com as classes menos favorecidas, pois “Nós da classe média, da classe alta, também somos vítimas desse bando”. Ela conta então um caso de blitz enquanto ia para a praia de Búzios com amigos em que policiais abordaram com truculência a ela e seus amigos. Comoção geral na turma sobre a brutalidade policial com a história de Roberta.

Mathias então levanta a mão, ainda tentando manter a calma: “Vocês têm uma opinião muito superficial do que realmente é”, fala o policial. Risos da turma. Mathias continua, apesar das interrupções, diz que existe corrupção, mas na maioria os policiais (como ele mesmo) querem fazer um trabalho honesto. Protestos na turma, gritos, Dudu pergunta olhando pra ele: “tá maluco, irmão?!”. Mathias perde a compostura e, ao falar da história da blitz policial de Roberta, aquela sobre rico também sofrer com a polícia, fala exaltado: “tem que reprimir mesmo!” e repete. Mais exaltado ainda, Mathias completa: “Você tava com um beckzinho [no carro para a praia de Búzios], não tava? [olhando para Roberta] Vocês não têm a menor noção de quanta criança entra pro tráfico e morre por causa de maconha e de pó. Do apartamentinho de vocês aqui da zona sul não dá pra ver esse tipo de coisa não”. Mathias reforça que estão muito mal-informados por jornalzinho e televisão. Ele está enfurecido, mas consegue se calar. O professor encerra a aula. A câmera mostra a turma em choque e em silêncio.

Mathias reproduziu a mesma fala do capitão Nascimento minutos antes sobre a associação entre consumo, tráfico de drogas e morte de crianças. Antes mesmo de iniciar o curso preparatório, Mathias estava se transformando em “verdadeiro policial” ao conhecer o pensamento da *elite de esquerda* “muito mal informada sobre a realidade”. Sua revolta contra

“playboy” que financiaria o tráfico com seu consumo é a motivação para abandonar a crença na lei, seus idealismos de quando entrou na faculdade de Direito são frustrados.

Nova cena na faculdade. Mathias estuda isolado, seus colegas não querem mais proximidade depois do que ele disse durante a apresentação do livro de Foucault. Depois, uma festinha com colegas da faculdade. Um grupo de estudantes vê Mathias se aproximando e um deles fala ironizando que “sujou pra gente”. Risadas. Mathias passa a ser excluído do grupinho de colegas legais. “Só porque a gente tem um apartamentinho no Leblon”, ironiza Roberta sobre o mal-estar com o colega policial, mais risos na roda de amigos sobre Mathias. Um deles diz que vai “botar uma pilha” e pede para o DJ tocar a música “Polícia” do grupo Titãs. Mathias é alvo de chacota e exclusão pelos seus colegas de faculdade apenas por dizer o que pensa.

Após uma ação policial e fotos no jornal, descobrem a identidade de Mathias de policial. Cena na ONG: Baiano, o traficante, cobra violentamente de Maria a presença de um policial na favela. Bate na cara do administrador da ONG e diz que quem garante a paz do morro é o Comando, nada de policial ali. Outra cena, agora na faculdade: depois do curso preparatório para o BOPE, Mathias encontra Maria. Ela está revoltada por sua vida ter sido posta em risco pela identidade escondida que acabava de ser revelada. Porém, o curso preparatório do BOPE mudou Mathias, que ao reencontrar Dudu nos corredores diz que “não se mistura com viciado e nem com vagabundo”, apontando-lhe o dedo na cara. Ele está revoltado com seus colegas playboys que fumam maconha.

Com o desenrolar do filme, Baiano busca punir as pessoas da ONG pela presença de policiais no morro, matando Roberta e o administrador da ONG. Capitão Nascimento ironiza na conversa conosco: “Só rico com consciência social não entende que guerra é guerra”. Maria vai pedir ajuda a Mathias para salvar os amigos, que responde: “Fica tranquila que o Baiano tem consciência social”, ironiza mais uma vez repetindo seu mentor capitão Nascimento no deboche sobre “consciência social”.

Ao final da película, a voz de Nascimento opina sobre uma passeata pedindo paz, com pessoas de branco e camiseta com foto de falecido. A passeata é pela morte da estudante Roberta, filha de empresários: “É engraçado que ninguém faz passeata quando morre policial. Protesto é só para morte de rico. Quando eu vejo passeata contra violência, parceiro, eu tenho a vontade de sair metendo a porrada”⁹², desabafa o capitão Nascimento. Mathias chega na

⁹² Há uma relação entre o bolsonarismo e os institutos de pesquisa sobre violência, o que daria uma outra pesquisa. No dia 10 de julho de 2022, Eduardo Bolsonaro discursou num ato em Brasília: “A esquadra nunca

passeata espancando Dudu, realizando o desejo do mestre. Ele descobriu que Dudu teve participação na morte do policial e amigo Neto. Mathias está revoltado, agredindo inclusive Maria. “Vocês são um bando de filha da puta! São tudo igual a ele [aponta para Dudu]! Bando de burguês safado!” Ao pedir para André Mathias sair, Maria é chamada de “sua vagabunda!” por ele. “Bando de maconheiro filho da puta!” Sai Mathias gritando. Ele estava enfim transformado num policial de verdade.

A mensagem passada depois do encerramento do filme, quando o policial estudante se torna um policial assassino é de que existe uma guerra na qual perdem os pobres e perdem os policiais. Morre o traficante Baiano e morre também o Mathias idealista. Dois são os verdadeiros culpados: a corrupção⁹³ e o “rico com consciência social”. O “rico com consciência social” fala mal da polícia, mas precisa dela nos momentos de apuros. Esse vilão diz que se preocupa com os mais pobres, mas é a fonte de financiamento para o armamento dos traficantes ao consumir drogas ilícitas. Na explosão de ódio ao fim do filme, Mathias expõe ódio pela classe de burgueses que se dizem socialistas. É a “hipocrisia da esquerda”.

Mathias durante a aula de Sociologia e na sua explosão durante a passeata pedindo paz estaria dizendo o que todo mundo tinha vontade de dizer, é um desabafo de quem não aguenta mais. O engajamento político como uma hipocrisia, a universidade permeada de drogados que usam os pobres em suas ONG's. Mathias até tentou se enturmar com as pessoas “bem intencionadas”, mas foi ofendido enquanto policial pelas opiniões “superficiais” dos seus colegas maconheiros. O que a história de André Mathias nos ajuda a entender do olavismo e do bolsonarismo em suas origens é um sentimento amplamente difundido de que “eu não sou radical, eu fui radicalizado”. Os redpills responsabilizam o outro pela sua radicalização: eu não era machista, me tornei graças ao feminismo. Eu não era um assassino, tornei-me por culpa de vocês, diria Mathias.

Em 2007, a “nova direita” estava em seus fóruns de internet e nos pequenos grupos de estudo. Camila Rocha pesquisou os grupos ultraliberais que se formaram durante os anos 2000 na internet se utilizando o conceito de “contrapúblico”: “o conceito de contrapúblico pode ser frutífero para compreender a expressão de atores que não são oprimidos socialmente

imaginou que tantas pessoas pudessem vir às ruas para falar que, sim, quero estar armado [...] Chupa, Sou da Paz! Chupa, Viva Rio! Chupa, Fórum Brasileiro de Segurança Pública! Chupa, Instituto Igarapé!”

⁹³ Corrupção no sentido geral, mas enfatizada especificamente a corrupção policial. Esse é outro caminho de análise do filme que não foi aqui abordado, mas também importante, sobretudo nos anos de reorganização do campo da direita e da extrema-direita antes da Lava Jato.

mas que se percebem marginalizados na esfera pública” (Rocha, 2019: 3). Portanto, e isto é central, não importa se de fato ou não os ultraliberais são ou não oprimidos objetivamente: eles se sentem como tal. Mais adiante, a autora desenvolve o conceito:

um contrapúblico seria necessariamente imbuído de uma consciência a respeito de seu status subordinado frente a um horizonte cultural dominante. Seus membros, a despeito de serem subalternos ou não, partilhariam identidades, interesses e discursos tão conflitivos com o horizonte cultural dominante que correriam o risco de enfrentarem reações hostis caso fossem expressos sem reservas em públicos dominantes (cujos discursos e modos de vida são tidos irrefletidamente como corretos, normais e universais).” (Ibidem: 6)

Tal como Mathias que se sentiu obrigado a esconder que era policial para seus colegas “ricos com consciência social”, os ultraliberais pesquisados por Rocha uniram-se fortemente num sentimento de subordinação frente a uma percebida hegemonia esquerdista na universidade. Um de seus interlocutores faz um relato desse sentimento:

É muito difícil ser liberal no Brasil porque o discurso de intolerância existe. É muito forte. As pessoas te veem com bastante preconceito sem nunca terem conversado com você. As pessoas não estão preocupadas em debater. Existe um mito muito forte de que na Academia você pode discutir ideias. Na semana passada um professor que eu tive aula há dois anos, em 2014, petista, socialista, defende Cuba, falava mal do Aécio em todas as aulas, e eu sempre respeitei ele academicamente, me excluiu das redes sociais. É muito triste você ver isso. Tem muitos amigos de infância que me excluíram e eu sinceramente não sei porquê. Porque por mais que a pessoa discorde de mim, por mais socialista que ela seja, eu não enxergo ela como uma pessoa que defende ideologia, eu enxergo ela como um indivíduo que merece respeito como tal. Eu estou em uma universidade federal e estudar lá é muito difícil, porque você só está lá querendo aprender, estudar, debater ideias, mas as pessoas não enxergam assim. Elas acham que você não deveria estar lá porque você discorda delas (Luan Sperandio, Espírito Santo).” (Ibidem: 18-9)

O sentimento expressado por Luan Sperandio é o mesmo de Jorge Fontenele que narramos no início desta pesquisa: não queria incomodar ninguém com minhas ideias, mas as pessoas me veem como um inimigo. O argumento que será defendido aqui é que o pensamento ultraliberal descrito por Camila Rocha em suas pesquisas foi o começo da entrada na “toca do coelho” da redpill. Diversos olavistas começaram sua radicalização de extrema-direita consumindo materiais da Escola Austríaca de Economia e vídeos na internet contrários ao “estatismo”, defendendo as benesses do livre mercado. No entanto, o pensamento ultraliberal não era o suficiente para esse sentimento de silenciamento e exclusão.

O pensamento liberal foi fundamental para o que é percebido pelos futuros olavistas e bolsonaristas como “virada” na luta contra a esquerda, numa luta que estava sendo perdida: ser de direita foi positivado. Da vergonha e do silêncio para o orgulho e o empoderamento. Além disso, o pensamento liberal enfim pôs em palavras o sentimento de opressão acadêmica

que esses jovens sentiam na universidade, julgados porque não pensavam como todo mundo. Ver-se como uma vítima. É o pensamento liberal dos anos 2000, cultivado em fóruns alternativos, que criou a imagem do direitista estudioso, que conhece tanto da teoria marxista quanto da teoria da Escola Austríaca. É o estudante silencioso e isolado da turma que, na sua solidão, busca de maneira independente os seus estudos, principalmente socializando pela internet. São as bases do olavismo e do bolsonarismo inicial.

4.1 ORGULHO DE SER DE DIREITA

No subterrâneo do que se apresentava nas mídias tradicionais, uma cultura de direita se proliferava e ganhava impulso. Uma confluência de abordagens distintas que se reuniam para debates e formavam seus próprios espaços de discussão, a despeito dos jornais e debates consagrados. Até os anos 1990 a direita era “envergonhada”⁹⁴ por conta de sua associação com a ditadura e com autoritarismo, reduzida a figuras caricatas como Enéas Carneiro e o próprio Jair Bolsonaro. Ninguém nas estâncias do poder queria se apresentar como “de direita”.

uma das grandes novidades do atual panorama político brasileiro seja a emergência de uma forte corrente, tanto nos meios político-partidários, como na opinião pública em geral, que se assume claramente como sendo “de direita”. Esse “orgulho direitista” recém-adquirido parece contrastar com a história de uma sociedade na qual, talvez pelos 20 anos de regime militar, a “direita” em geral assumiu uma conotação pejorativa (Fernandes, 2022: pos. 404).

Os anos 2000 foram de formulação e renovação da maneira de *ser de direita*, ao mesmo tempo que aqueles defensores da ditadura militar jamais cessaram de contar sua própria história e se sentirem injustiçados e marginalizados pela memória oficial. Por diversas vezes pude ver jovens de direita se sentirem subversivos por estarem lendo Olavo de Carvalho, um sinal de intependência e coragem, também sentiam a felicidade de encontrar um outro leitor do *professor*. É na internet e em espaços alternativos que a direita se restabelece em três pilares: no pensamento ultraliberal, no olavismo e na nostalgia da ditadura.

O Brasil possui uma tradição de pensamento liberal significativa desde o séc. XVIII no rastro de nossa cultura bacharelesca. Porém, como apontou Sérgio Adorno (2019), essa tradição não era sinônimo de pensamento democrático: liberalismo e mandonismo caminharam juntos. Uma de suas principais características era a revolta contra os impostos da metrópole, e não um pensamento sobre “os direitos do homem”, ou seja, um liberalismo

⁹⁴ Cf. Pierucci (1987)

econômico sem o liberalismo político. O liberalismo brasileiro são as “ideias fora do lugar” na concepção de Roberto Schwarz (2000): o desconcerto entre autores liberais do séc. XIX e a defesa do regime escravista. O pensamento burguês, europeu, liberal e moderno atuou como ornamento pessoal e fonte de prestígio, numa união entre latifundiários e pobres livres numa “cerimônia de superioridade social” (Ibidem: 20) em contraposição aos povos escravizados.

Não foi por acaso que liberais e defensores do livre mercado apoiaram o golpe de 64 e participaram ativamente do governo de Castelo Branco (1964-1967) na figura de Roberto Campos. No entanto, os liberais logo foram abandonados (não por vontade própria) pelo regime militar diante do fracasso das políticas de austeridade. Não é estranho que Liberalismo e autoritarismo sejam parceiros⁹⁵ no Brasil. O Partido Novo, que surgiu como agremiação do pensamento ultraliberal desenvolvido nos anos 2000, que seria enfim um partido “realmente liberal”, foi mais fiel a Bolsonaro que o próprio partido do presidente⁹⁶.

Camila Rocha (2021) em seu trabalho investigou diretamente os autores responsáveis pelo que seria o *boom* do pensamento liberal nos anos 2000 até o ano de 2013, o que ocupa o primeiro momento de recorte temporal traçado nesta pesquisa. Na concepção de seus interlocutores, o pensamento liberal no Brasil havia sido relegado ao esquecimento pela experiência da ditadura militar e sofreu um silenciamento pela hegemonia do pensamento de esquerda, também chamado de “coletivista” e “intervencionista” pelos ultraliberais.

Foi principalmente pelo *Orkut*⁹⁷, rede social que fez sucesso no Brasil antes do *Facebook* durante os anos 2000, que liberais se encontraram em comunidades e fóruns de debates. Cibele Bastos, uma das principais interlocutoras de Camila Rocha e fundadora do Dragão do Mar, grupo de estudos liberal cearense, falou em “trabalho de formiguinha” e “trabalho de base” (Rocha, 2021: pos. 98) no *Orkut* na divulgação de textos, traduções e troca

⁹⁵ Grégoire Chamayou (2020: 321-67) discorre sobre o liberalismo autoritário em Friedrich Hayek, um dos principais autores do que se chama “neoliberalismo” e da Escola Austríaca de Economia. Usado como laboratório, o Chile demonstraria, para Hayek, a possibilidade de um “autoritarismo liberal” ou de um Estado forte para uma economia livre. Leitor de Carl Schmitt, Hayek defende um Estado forte para despolitizar a vida e reduzir o orçamento do Estado, pois a verdadeira liberdade é a livre iniciativa privada. Hayek é responsável pela consagração de Ludwig von Mises, seu “mestre”, no novo campo de pensamento liberal.

⁹⁶ “Novo é mais bolsonarista que o PL; partido de Bolsonaro tem 19 desertores” em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/10/21/novo-e-mais-oposicao-que-pl-partido-de-bolsonaro-tem-19-desertores.htm#:~:text=O%20ex%2Dpresidente%20Jair%20Bolsonaro,elegeu%20deputados%20nas%20%C3%BAltimas%20elei%C3%A7%C3%B5es>.

⁹⁷ O Orkut foi um espaço virtual também fundamental para o olavismo. O próprio Olavo era atuante nessa antiga rede social. Filipe G. Martins cita diversas vezes as trocas pelo Orkut como fundamentais para sua formação. Rodrigo Constantino, Joel Pinheiro, Flavio Morgenstern e diversos outros conheceram Olavo nesse momento, são os primeiros olavistas, mas ainda num ambiente incipiente e restrito.

de ideias, o que fortalecia a criação de laços de amizade e afeto entre os usuários. Inclusive, durante sua pesquisa com liberais, Camila Rocha notou o apreço pelo debate e pela discussão, observou que eles gostavam de ouvir e argumentar.

Seus interlocutores tinham curiosidade sobre seus pensamentos e suas opiniões, valorizavam a troca de ideias, mesmo discordantes, o que seria fruto dessa experiência do *Orkut*. Em mais uma fala de um dos interlocutores de Camila Rocha, o liberal brasileiro dessa época era aquele que explorava as referências bibliográficas complementares, tinha curiosidade por autores desconhecidos e pouco citados, fazia estudos paralelos ao que seus professores indicavam. Em resumo, ia contra a corrente e buscava independência de pensamento.

É comum encontrar explicações para a “explosão” liberal brasileira por conta de *think tanks* liberais internacionais atuantes no Brasil com muito dinheiro envolvido, como é o caso da Atlas Network. Camila Rocha atenta para isso, no entanto:

A percepção de que a militância de direita é inautêntica, manipulada por elites políticas mais importantes e experientes, ou formada por pessoas histéricas e paranoicas, possivelmente guarda alguma relação com um entendimento implícito de que a posse de recurso materiais abundantes explicaria o sucesso das direitas em mobilizar parte significativa da sociedade civil em prol de suas causas. Contudo, ainda que a posse de recursos financeiros e organizacionais de fato ajude a explicar parcialmente o êxito de movimentos e mobilizações sociais, diversos outros fatores podem determinar seu sucesso ou fracasso: a criação de fortes identidades coletivas; dinâmicas emocionais que surgem a partir das interações e conflitos entre grupos políticos [...] e, nos últimos anos, a habilidade no uso, e a própria lógica, das mídias digitais (Ibidem: pos. 2360)

Nesse sentido interno, ser liberal não era nem lucrativo e nem vantajoso, pelo contrário: é lugar comum entre eles a afirmação que ser de direita ou liberal é motivo de afastamento de amigos e familiares. Algum prestígio em ser “de direita” só veio a ocorrer anos depois, após Junho de 2013, pois naquele momento era um ônus ser “não-esquerdista”. Um sacrifício ao “não ser como todo mundo”. O campo contestatório da hegemonia de esquerda e do petismo teria sido inaugurado por dedicados estudantes autodidatas de ideias liberais e ultraliberais pela internet (assim eles próprios se veem). Seria (numa palavra tão cara) *mérito* deles a ascensão de uma nova direita relevante. Se foi possível um pensamento de direita no Brasil, deve-se ao “trabalho de formiguinha” como disse Cibele.

Algumas características dos liberais desse período: em sua maioria de classe média, profissionais liberais e estudantes universitários, significativamente mais homens e de idade entre 20 e 30 anos. Outro traço é a “entrega à causa”: diversas vezes tiravam dinheiro do próprio bolso para realização de eventos e divulgação de material numa demonstração de

engajamento. “Tirar do próprio bolso” vai se repetir nos apoiadores de Bolsonaro como vimos, numa oposição à militância de esquerda vista como “interesseira”, visando apenas ganhar dinheiro ou cargos, uma “mamata” ou um “pão com mortadela”.

Esses “novos” liberais foram cultivados em espaços alternativos de discussão, no conceito de “contrapúblico” usado pela autora como foi descrito acima. Ser liberal nos anos 2000, anos de governo Lula, era ser anti-hegemônico. Em narrativas de si desses liberais, Rocha apontou que há uma valorização do aspecto de “desbravador”, de “coragem”, de “optar pelo caminho mais difícil” e “desconfortável” em ser liberal num país que para todas as soluções se pede mais Estado e mais intervenção na economia, numa visão semelhante àquela que enaltece o “espírito empreendedor”. Ser liberal seria nadar contra a corrente, resistir à maioria e ser capaz de pensar por si mesmo. É ser autêntico. É tomar a redpill.

O Orkut foi criado somente no ano 2004 e, até então, a oposição e as críticas ao Partido dos Trabalhadores se concentravam em poucos veículos de imprensa através de também poucos jornalistas e colunistas – e já sem a presença de Paulo Francis, crítico mordaz desde sempre ao PT – como Diogo Mainardi (via sua coluna semanal na Veja), Reinaldo Azevedo (revista Primeira Leitura), Marco Antonio Villa (historiador), Lucia Hippolito (Rádio CBN), Olavo de Carvalho (em diversos veículos), Merval Pereira (O Globo) dentre outros. E era preciso coragem para tecer críticas, pois, para grande parte da imprensa e dos intelectuais no debate público, a vitória do ex-metalúrgico e sindicalista, Lula, era quase uma experiência sobrenatural. (Prado, 2021: pos. 246-53).

Michele Prado (Ibidem), autora de um livro crítico do bolsonarismo em seus aspectos tradicionalistas e reacionários a partir do campo do liberalismo clássico, viveu esse momento de ascensão do pensamento liberal. Seu trabalho é interessante por formular uma crítica a Bolsonaro por dentro da direita. Ela descreve que durante o governo Lula não havia espaço para críticas, sendo muitas vezes silenciada por seu antipetismo, descrevendo-se como uma vítima da “patrulha ideológica”⁹⁸. Havia, segundo a autora, uma união entre mídia, governo e intelectuais nos anos 2000 em defesa do governo Lula.

Inclusive, Prado defende que essa “perseguição” foi uma das causas do crescimento do pensamento de direita. Apesar de se considerar anti-olavista e anti-bolsonarista, Michele Prado concorda sobre uma suposta hegemonia cultural da esquerda. Como vimos foi nesses anos, em 2007, sob uma suposta hegemonia do lulismo, que foi lançado o filme *Tropa de Elite*, que continha esse “grito de protesto” contra essa suposta “elite de esquerda”.

⁹⁸ Nas discussões logo após a vitória de Bolsonaro, parte das análises defendeu que a divisão entre “amigo” e “inimigo”, “povo” contra “elites” havia começado no governo Lula, sendo Bolsonaro um fruto disso. No campo da direita em geral, essa concepção é unânime: a cisão social e polarização seria responsabilidade do PT e a direita estaria apenas se defendendo. Seria uma resposta populista contra um populismo de esquerda anterior.

Com efeito, ser liberal nos anos 2000 era ser contra o **politicamente correto**, era ser alguém incômodo e desagradável. Era dizer as “verdades que ninguém quer ouvir” ou “não têm coragem de dizer”. O liberalismo que se desenvolvia em fóruns, redes de e-mails e no *Orkut* foi atraente para uma juventude de classe média que começava a ter acesso à rede mundial de computadores. Ser liberal para essa juventude seria o equivalente ao movimento contracultural dos anos 1960, era ser subversivo.

No mote que dá título ao livro, “Menos Marx, Mais Mises”, frase muitas vezes vista nas ruas depois de 2013, a ideia é de descobrimento de um campo de pensamento novo e em contraposição ao estabelecido pensamento de esquerda. Contra as mentiras que os estabelecidos contam (“Marx”), há a verdade escondida de “Mises”, uma espécie de tesouro guardado a sete chaves pelos esquerdistas. Ler Mises era como adentrar num mundo novo de possibilidades não encontrado nos canais tradicionais.

Em síntese, o pensamento ultraliberal da Escola Austríaca era fator de individualidade e de se sentir independente, por ser um pensamento relegado à bibliografia complementar e menos importante na formação acadêmica brasileira. Pela internet foi possível que se unissem outros que “ousavam” pensar diferente, que ousavam apostar na radicalidade e, principalmente, que se sentiam marginalizados no debate acadêmico. Encontrar outros liberais era encontrar um oásis no meio do deserto esquerdista.

Para essa pesquisa, o aspecto salientado por Rocha (2021) de identificação e criação de laços é fundamental. Nas arenas da internet, o ultraliberalismo de autores como Ludwig von Mises, Friedrich Hayek, Hans-Hermann Hoppe e Murray Rothbard era um canto da sereia para uma juventude que não se reconhecia nem nas mídias tradicionais e nem nos movimentos sociais estabelecidos, muito menos nos partidos políticos. Mesmo que depois tenha sido fagocitado pelo pensamento reacionário e olavista, o pensamento ultraliberal, “minarquista” ou “anarcocapitalista” foi um dos mais importantes fatores que permitiram o surgimento de uma juventude de direita que depois seria abraçada pela estrutura de pensamento de Olavo de Carvalho.

Em outras palavras, o “trabalho de base” dos liberais criou condições de possibilidade do olavismo e, mais adiante, de Bolsonaro e o retorno dos militares ao centro da política. O título do livro de 2018 de Rodrigo Constantino, um dos principais nomes da “explosão” liberal dos anos 2000, que já foi presidente do Instituto Liberal e hoje está totalmente mergulhado no cosmos bolsonarista é “Confissões de um ex-libertário: salvando o

liberalismo dos liberais modernos”. O liberalismo econômico foi o primeiro passo rumo à evolução de se tornar olavista, um estágio, uma fase preliminar, o começo da entrada na toca do coelho da radicalização. Ele preparou as categorias de pensamentos para a produção de Bolsonaro como uma utopia pelos “redpills”.

Uma característica oriunda dos ultraliberais da época do Orkut e reutilizada na redpill foi a valorização do estudo e da formação autodidata: pesquisar por si mesmo referências bibliográficas e construir suas próprias ideias. Isso foi importante para a criação de um público leitor próprio, que ansiava por fontes de direita e anticomunistas de leitura. A Editora Record já havia percebido esse nicho de mercado com publicações de sucesso editorial, como “Lula é minha anta!” em 2007 de Diogo Mainardi e “O país dos petralhas” em 2008 de Reinaldo Azevedo, que ocuparam as listas de mais vendidos. Esses autores e a revista Veja criaram um ambiente de discussões e de público leitor fortemente engajado na oposição a Lula e ao petismo.

Foi em 2013, com o novo editor Carlos Andreazza⁹⁹, que a Record passou a se dedicar à publicação de autores de direita com mais afinco. Um marco foi o já falado “O Mínimo que Você Precisa Saber para Não Ser um Idiota” de Olavo de Carvalho, que abriu caminho para a publicação de alunos de Olavo, como Flávio Gordon, Martim Vasques da Cunha e Flavio Morgenstern, além de autores estrangeiros como Roger Scruton. Silva (2018) descreve a mudança ocorrida na Editora Record que antes acreditava que a “direita não lê livros” para depois abrir um poderoso mercado de livros de direita, com investimento em marketing e divulgação, construindo um público leitor relevante. Atualmente diversas editoras procuram satisfazer essa demanda do público.

A partir de 2013 o campo do pensamento liberal foi engolido pelo olavismo que se desenvolvia paralelamente ao pensamento liberal pela internet. O “procure saber mais” e “estude por você mesmo” preparado pelo ultraliberalismo possibilitou o contato com Olavo. Ele, com suas ideias e estilo pedagógico, preparava seus alunos para o enfrentamento direto contra aqueles que “tentam nos calar”.

Os ultraliberais procuravam o enfrentamento “racional”, apelando para o “cálculo econômico” e outras teorias econômicas, buscando rebater e refutar as teorias marxianas. Havia uma valorização do debate. Olavo, não: seu argumento é moral. Nos liberais

⁹⁹ Ocupa lugar de destaque nos comentários de política até hoje em diversos canais de mídia. É neto de Mário Andreazza (1918-1988), ex-militar, Ministro dos Transportes durante a ditadura militar e um dos signatários do AI-5.

pesquisados por Camila Rocha ainda havia a perspectiva do debate de ideias, da discussão teórica. Por essa razão o conceito de “contrapúblico” é importante para a autora. Em Olavo, o esquerdista é um inimigo a ser destruído e o estudo é uma preparação para uma guerra. Olavo não quis galgar espaço por dentro do sistema, ele quer criar o próprio sistema.

Esses jovens que estavam discutindo política pelo viés neoliberal descobriram uma forma nova de estudar e ver o mundo com Olavo de Carvalho, que não é uma contraposição ao ultraliberalismo, e sim um aprofundamento, uma procura pela “raiz” da questão, uma radicalização portanto.

4.2. DE LIBERAIS PARA OLAVISTAS

Olavo já tinha tentado aproximação com ascendente grupo ultraliberal, mas sem muito sucesso (Rocha, 2021: pos 925). Havia conexões entre conservadores e liberais, mas em geral havia desconfiança de ambos os lados e se mantinham à distância. Os liberais viam os olavistas como esotéricos e religiosos e os olavistas criticavam os liberais por acharem que tudo se reduzia à economia, tachando-os de visão estreita. Cresciam de forma independente em seus nichos de internet. O sentimento de estarem do mesmo lado da trincheira na guerra contra a esquerda se estabeleceu depois de 2013.

O inimigo de André Mathias de *Tropa de Elite* seria o que, ao importar o termo da direita francesa, Rodrigo Constantino (2013) popularizou como “esquerda caviar”. Para ele, vivemos hoje a “ditadura velada do politicamente correto” (Ibidem: pos. 56), na qual os esquerdistas se vangloriam de serem os detentores da virtude e qualquer um que vá contra suas pautas é um fascista: “Vivemos no mundo do politicamente correto. A grande imprensa, mais que todos, precisa seguir as regras do corretismo para sobreviver. A linguagem politicamente correta é a marca registrada da esquerda caviar.” (Ibidem: pos. 2155) A estratégia é feita para calar o cidadão de bem, que sente oprimido em suas opiniões pelo politicamente correto:

Eles perceberam que isso ofende profundamente quem não é racista, misógino, homofóbico, fascista, que isso nos enoja, que nos faz parar de falar abertamente sobre o que tem que ser falado para não ouvirmos esses absurdos. É uma estratégia desenhada para calar você e têm sido muito bem-sucedida. (Ibidem: 722)

O traço de personalidade da esquerda é, portanto, querer ser aceito pelo grupo, como o “homem massa”. Constantino chama de “comportamento bovino”. Não existe o contraditório nos meios esquerdistas: “Poucos são aqueles com a coragem de remar contra a maré, de ousar questionar o rebanho. A covardia moral que leva ao fenômeno ‘Maria vai com

as outras’ pode explicar a atração de muitos artistas e intelectuais pela esquerda caviar” (Ibidem: pos. 833). Todos querem se enturmar pelo grupinho da esquerda caviar politicamente correta. A esquerda caviar, mais uma vez, que teria criado a divisão no mundo entre “nós”, do bem, contra “eles”, do mal.

O critério para obter prestígio entre essa elite é simples:

Basta aderir a um grupo, repetir meia dúzia de slogans bonitos e usar palavras mágicas como “justiça social”, “tolerância”, “diversidade”, “sustentabilidade” e “paz” que você automaticamente ganha o respeito de muitos bobalhões e posa como alguém cheio de opiniões sobre os mais variados assuntos. (Ibidem: pos. 602)

A “consciência social” da esquerda caviar é para proveito próprio: “A esquerda caviar usa a ‘preocupação’ com a desgraça alheia como troféu de sua suposta superioridade moral. As minorias oprimidas são seus mascotes” (Ibidem: 2898). A esquerda é uma exploradora das minorias, que aponta o dedo inquisitorial para os “culpados”:

Se você, leitor, é homem, branco, heterossexual, saudável e trabalhador de classe média, então pode estar certo de que, além de ter de bancar as benesses e privilégios das “minorias”, ainda será visto como o grande culpado por todos os males. É o “fardo do homem branco” na era moderna. (Ibidem: pos. 4612)

O autor tenta ser sarcástico imaginando o que seria essa esse mascote perfeito para ser usado pela esquerda caviar, debochando das lutas das minorias:

Cafuza (mistura de índio com negro), nordestina, lésbica (mas serve transexual também), muçulmana, analfabeta, viciada em drogas, ex-presidiária, anã, aleijada, pobre, gorda, feia (também, né?) e sem-teto. Esqueçam cotas raciais, reforma agrária, Bolsa-Família ou qualquer outro tipo de benesse estatal. Essa figura seria, por decreto, considerada merecedora de poderes absolutos. Teria de ser alçada imediatamente ao cargo de rainha absoluta da nação! Poderia, naturalmente, dar cem chibatadas por dia em qualquer homem branco heterossexual malvado de sua escolha. E, se quisesse, poderia até ser chamada de “presidenta”. (Ibidem: pos. 4656)

A ironia do tempo é que, quando o livro foi publicado, em 2013, Constantino se via como um liberal. Por diversos momentos o livro contém os vícios da análise liberal que se tornou popular durante os anos 2000, no qual o mundo é dividido entre estatistas e liberais em que, de um lado, há os que querem mais imposto e não trabalhar (estatistas) e, de outro, menos imposto e trabalhar em paz (liberais). No entanto, anos depois, Constantino se tornou um ferrenho bolsonarista, chegando a se oferecer para provar a refeição do presidente

Bolsonaro antes dele para confirmar que não estava envenenada¹⁰⁰ ao vivo na Jovem Pan. A culpa dele se tornar bolsonarista? A agenda cultural esquerdista:

Quando me deparo com essa agenda cultural esquerdista, onde “vale tudo” [referindo-se à práticas sexuais], onde o único ser bizarro é o heterossexual fiel e cavalheiro, educado e atencioso, confesso que sinto vontade de ser um carola, moralista, puritano, conservador e reacionário, algo que, definitivamente, não sou [não era ainda]. (Ibidem: pos. 1281)

É interessante para esta pesquisa o quanto este livro continha, sob o verniz de ser liberal, as principais teses do olavismo e do bolsonarismo já no ano de 2013. Ele é uma demonstração clara de como o “trabalho de formiguinha” do liberalismo preparou o terreno para o olavismo. Constantino fala em guerra cultural e remete ao principal autor militar sobre Gramsci, referência para todos no campo do ressentimento militar que abordam a “quarta tentativa de tomada do poder”:

O general Sérgio Augusto de Avellar Coutinho, já falecido, escreveu o livro *A revolução gramscista no ocidente*, que faz um didático resumo da concepção revolucionária de Gramsci. Nela, o grupo dirigente seria justamente aquele que tem a hegemonia, ou seja, “que tem capacidade de influir e de orientar a ação política, sem uso da coerção”. O que torna a estratégia gramscista tão perigosa é exatamente o fato de trabalhar por apodrecer os pilares democráticos de dentro da própria democracia, subvertendo seus valores e corroendo esses fundamentos. (Ibidem: pos. 2030)

Constantino também discorre sobre a infiltração comunista nas universidades, que consomem vultosas somas do erário com pesquisas que buscam exaltar uma cultura “anticristã”, “antifamília” ou simplesmente uma “cultura inferior”, na mesma linha de pensamento das “guerras culturais”:

O ápice do absurdo se deu quando Mariana Gomes, de 24 anos, passou em segundo lugar na pós-graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, com o projeto “My pussy é poder — a representação feminina através do funk no Rio de Janeiro: identidade, feminismo e indústria cultural”. Uma mestrando que pretende falar sobre Tati Quebra-Barraco e Valesca Popozuda... (Ibidem: pos. 4129)

O autor também associa políticas de ressocialização com violência doméstica, ironizando a Lei Maria da Penha como mais uma causa “politicamente correta”:

se o marido sobe o tom e grita com a esposa, ameaçando dar-lhe um tapa no momento de descontrole, é o pior monstro do mundo e merece ser preso; mas, se um marmanjo de dezessete anos, morador da favela, estupra a moça apontando-lhe uma arma, é uma “vítima da sociedade”, merecedor de carinho e de “ressocialização”. (Ibidem: pos. 4473)

¹⁰⁰ “Rodrigo Constantino é chamado de ‘vassalo’ por atitude com Bolsonaro na Jovem Pan” disponível em: <https://rd1.com.br/rodrigo-constantino-e-chamado-de-vassalo-por-atitude-com-bolsonaro-na-jovem-pan/> . É uma situação constrangedora.

Constantino defende o armamento civil: “Desarmar os civis sempre foi uma meta de aspirantes ao totalitarismo também. Nada como uma população indefesa para a implantação de um regime de controle total” (Ibidem: pos. 3256) na mesma retórica por tantas vezes usada por Jair Bolsonaro, inspirada em Quintela e Barbosa (2015), a bíblia do bolsonarismo acerca da defesa do armamento: o livro *Mentiram para mim sobre o desarmamento*, outro grande sucesso editorial de vendas. A política de desarmamento seria uma intencionalidade para a implementação de um Estado totalitário: “todo controle imposto aos cidadãos atinge apenas os cidadãos pacíficos, os obedientes à lei, que jamais cometeriam um crime; ou seja, os controles são inúteis para a sociedade, e úteis apenas para os propósitos de poder dos governantes” (Ibidem: 106).

Há um momento longo dedicado ao apoio da esquerda ocidental à causa islâmica no qual Rodrigo Constantino compara o quanto os “malvados” ocidentais são superiores aos islâmicos, concluindo: “O abismo entre o progresso ocidental e o atraso islâmico, desde então, salta aos olhos de todos.” (Constantino, 2013: pos. 6421). Mais uma vez reforçando uma dos pilares do pensamento olavista, que é existir uma hierarquia cultural, na qual se encontra a cultura ocidental cristã em seu topo. Porém, essa superioridade está sendo ameaçada a partir de baixo pelo progressismo, que inverte a ordem natural das coisas, usando inclusive do islamismo.

Rodrigo Constantino é um dos interlocutores nas pesquisas de Camila Rocha. Durante uma entrevista, ele disse à pesquisadora que o que lhe mantinha na *luta* (assim se refere, tal como um militante comunista) são as pessoas que lhe agradecem por mostrar que elas são vítimas do esquerdismo (Rocha, 2019: 17). O livro “Esquerda Caviar” é permeado de piadas sarcásticas e irônicas, na busca da ridicularização do outro. O tom é de reação: o politicamente correto quer nos calar e não vamos aceitar, vamos reagir e escancarar a hipocrisia deles. É uma reação tal como a de André Mathias de *Tropa de Elite* ao espancar o *playboy maconheiro*.

Há uma relação ambígua entre Constantino e Olavo de Carvalho. Ainda durante o Orkut, os dois brigaram e Olavo sempre se referiu a Constantino de forma pejorativa, no uso de apelidos (“Rodrigo Cocô”). Por outro lado, Constantino, ao comentar a morte de Olavo de Carvalho e sobre a obra do *professor*, demonstra respeito, apesar de divergências¹⁰¹. Disse ter

¹⁰¹ Seus comentários estão na entrevista ao canal Brasil Paralelo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dpWU1ZMTWvQ>

lido os textos de Olavo, agradece pelas referências trazidas pelo *filósofo*. O Foro de São Paulo é *denunciado* em “Esquerda Caviar” graças a Olavo. Rodrigo Constantino é um exemplo da subserviência do pensamento liberal cultivado nos anos 2000 ao olavismo. Apesar de se colocar como diferente do olavismo, os liberais pensam o mundo das mesma maneira que o olavismo, mas ainda de maneira *envergonhada*.

4.2.1. O ano de 2013 segundo o olavismo

O olavismo possui seus sacerdotes, aqueles que formam a elite dos alunos responsáveis pela propagação da obra do *professor*. São aqueles alunos brilhantes que dão orgulho a Olavo, destacando-se nas diversas áreas pela a formação recebida. Olavo sempre valorizou sua casta superior de alunos:

Os meus alunos que têm alguma atuação pública, ainda que modesta, já são INFINITAMENTE MELHORES do que a intelectualidade esquerdista inteira e do que qualquer porta-voz da "direita" na mídia. ELES, e mais ninguém, são a elite intelectual brasileira. Não digo daqui a meio século, mas daqui a CINCO anos, ninguém mais saberá quem é o Leandro Espiritual [Referência a Leandro Karnal], mas todo mundo estará lendo textos do Paulo Briguet, do Rodrigo Gurgel, do Rafael Nogueira, do Filipe Martins, do Ronald Robson, do Flávio Morgenstern, do Elpidio Fonseca, do Taiguara Fernandes, do Mário Chainho, da Juliana Rodrigues, da Bruna Luíza, da Lorena Miranda Cutlak e outros tantos. O desprezo fingido com que uns sagüis alucinados se referem a "olavettes" é pura inveja de fracassados.¹⁰²

Um desses sacerdotes citado é Flávio Morgenstern, um dos criadores do portal Senso Incomum, site de textos de opinião e notícias. É também criador de um podcast, Guten Morgen, considerado (pelos olavistas) mais intelectualizado e aprofundado do que a maioria dos outros podcasts. Morgenstern foi aluno de Letras com habilitação em alemão pela USP e ficou famoso nos meios digitais da direita em 2011 quando integrou a chapa “Reação” para o DCE da USP¹⁰³. Flávio criou-se nos meios liberais e ultraliberais e tornou-se olavista nos anos subsequentes a 2013. Essa sua passagem é interessante para esta pesquisa.

¹⁰² Postagem de Olavo de Carvalho no dia 7 de outubro de 2016, disponível em: https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/os-meus-alunos-que-t%C3%AAm-alguma-atua%C3%A7%C3%A3o-p%C3%BAblica-ainda-que-modesta-j%C3%A1-s%C3%A3o-infinitam/709989499153127/?locale=pt_BR

¹⁰³ Morgenstern chegou a ser entrevistado por Reinaldo Azevedo para sua coluna na revista Veja, um dos espaços de consagração para a direita ascendente da época, na matéria: “A eleição do DCE da USP se aproxima. A maioria silenciosa pode votar já contra a greve que “eles” decidiram fazer no ano que vem. Abaixo, o que pensa a chapa “Reação”. Ou: a tecnologia já pode revelar a vontade da maioria. Abaixo os dinossauros!” Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/a-eleicao-do-dce-da-usp-se-aproxima-a-maioria-silenciosa-pode-votar-j-a-contra-a-greve-que-eles-decidiram-fazer-no-ano-que-vem-abaixo-o-que-pensa-a-chapa-reacao-ou-a-tecnologia-ja-pode-revelar-a-vontad>

Em 2014, Morgenstern já possuía prestígio no cosmos da direita em ascensão: escrevia para o Instituto Liberal e para o Ordem Livre, ambos espaços da Atlas Network para divulgação de ideias liberais. Ele tinha sua própria página, chamada Implicante, relevante nos meios antiesquerdista. Nesse ano de 2014 foi convidado pelo Grêmio Politécnico da USP para participar de um debate sobre América Latina e a ditadura militar brasileira (era ocasião de 50 anos do golpe de 1964) com o professor Igor Fuser, professor do curso de Relações Internacionais (UFABC) com doutorado em Ciência Política¹⁰⁴. Durante o debate é possível entender um pouco sobre a dinâmica do olavismo e a passagem do liberalismo para o olavismo.

Em sua fala de abertura, o professor Fuser discute a atualidade da questão da ditadura militar e sobre a mídia prejudicar a discussão, valorizando a universidade pela reunião de ideias discordantes (ele iria debater com Augusto Nunes, editor da Veja que iria ocupar o lugar da “direita” no debate; como Nunes não pode ir, foi substituído por Flávio Morgenstern). Fuser portanto argumenta que o golpe de 1964 foi uma reação contra as medidas de democratização de João Goulart, que ameaçavam as elites brasileiras. Enfatiza o papel da Rede Globo no apoio ao golpe e ao regime.

Morgenstern estava em plena passagem de liberal para olavista, seu discurso é permeado por lógicas tipicamente liberais e, em outros momentos, demonstra sinais de olavismo que emergia. Sua fala de abertura do debate é basicamente a visão liberal sobre a ditadura: uma concentração dos poderes no Estado, aumento de impostos, tecnocracia e distância da população. Uma elite burocrática vivendo às custas dos impostos. Ditadura, não importa qual “viés ideológico”, é estatismo e sua oposição é o liberalismo. No entanto, os primeiros demonstrativos de olavismo estão presentes: tal como nas ditaduras, o Brasil de 2014 está sob a ditadura do pensamento único, determinado por Cuba e o Foro de São Paulo, criado pelo PT.

O professor Igor Fuser se mostrou incomodado com Morgenstern dizer que no Brasil há pensamento único. Ora, a mídia inteira apoia os tucanos e é contra o governo do PT, não fazia sentido para ele dizer isso. Se existe pensamento único, é na direita, diz o professor. Existe na América Latina total liberdade de imprensa. O professor da universidade federal começa a usar um tom impaciente na sua voz, incomodado com um debatedor que fala tais “absurdos”.

¹⁰⁴ “Debate Flávio Morgenstern x Igor Fuser” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5h3jnaGz59Q&t=1s>

Morgenstern ainda é um liberal. Eis algumas de suas ideias. O capitalismo é o sistema que mais enriqueceu os pobres em toda história, já o socialismo só gerou pobreza. Esse raciocínio é lugar comum em qualquer círculo liberal. Seu argumento de que o PT impõe uma ditadura é a concentração de poder e carga tributária, num reducionismo sobre a questão ser apenas fiscal. As relações com Cuba e Venezuela é pela união de ditaduras visando concentrar poder. Há uma onda progressista na América Latina toda, sendo a única exceção no Brasil a revista *Veja*, com alguns poucos colunistas. Exemplo dessa “onda progressista” é a Comissão da Verdade, que só pesquisou um lado, esquecendo as vítimas do atentado ao Aeroporto de Guararapes em 1966. A herança da luta armada é o Comando Vermelho, a criminalidade, o tráfico de drogas.

Professor Igor Fuser retoma a fala mostrando espanto com a quantidade de “desinformação” de Flávio Morgenstern. O debate prossegue acalorando os ânimos. Quanto mais o professor Fuser se mostra irritado, mais Morgenstern faz piadas e sorri de deboche. Ao final do debate, Fuser diz:

é difícil discutir com alguém de extrema direita com tantas, com tantas mentiras que esse cara está dizendo... eu fico aqui chocado.

Flávio Morgenstern: - É a mesma coisa de chamar toda a oposição de fascistas [risos]

Igor Fuser: - Eu... eu, realmente, não estou acostumado em discutir com gente desse nível, eu estou acostumado com o debate acadêmico, debate, enfim, de ideias diferentes mas no nível mais elevado. [...] A quantidade de absurdos, assim... total. Você falou do Marx. Marx reconheceu o capitalismo como um avanço com relação aos sistemas anteriores, evidentemente a revolução industrial é vista como um avanço. Isso é o bê-á-bá, qualquer aula, segunda aula de ciências sociais você tem, em qualquer faculdade você aprende isso. São coisas... parece que é um discurso da guerra fria, macartismo, das campanhas anticomunistas mais desenfreadas [inicia uma defesa da Venezuela]

Morgenstern sorri ao ouvir os elogios à Petrobrás, à medicina de Cuba. Diz que não é fascistas, e sim contra todas as ditaduras, de esquerda e de direita. Fuser perde a paciência finalmente: “A quantidade de asneiras que estou ouvindo aqui, estou chocado!”. Ao fim do debate, Morgenstern está satisfeito e o professor, bastante irritado. Parece que Morgenstern se sente vitorioso, “destruiu” um professor de federal. No geral, Flávio está na chave capitalismo *versus* socialismo tipicamente liberal, mas acentua a ideia de “pensamento único esquerdista”. Em certo momento, comenta que está escrevendo um livro sobre as manifestações de 2013 como demonstrativo desse “pensamento único” no Brasil, no qual a grande mídia concordou com os movimentos socialistas revolucionários.

Esse livro foi publicado em 2015. Ele é chamado *Por trás da Máscara: do passe livre aos Black Blocs, as manifestações que tomaram as ruas do Brasil* pela editora

Record, a mesma que publicara Olavo. Esse livro marca definitivamente a entrada de Morgenstern no olavismo. Volumoso, com quase 600 páginas, diversas notas e referências estrangeiras, logo na dedicatória encontramos o nome de Andrew Breitbart (1969-2012), fundador do portal de notícias de extrema-direita *Breitbart News*¹⁰⁵, posteriormente assumido por Steve Bannon. Steve Bannon é a principal referência na primeira parte do livro, sobre os movimentos estadunidenses anticapitalistas no começo dos anos 2010. Bannon é a fonte central a partir de seus escritos e sobretudo no documentário *Occupy Unmasked* de 2012, no qual denuncia a associação do movimento *Occupy Wall Street* com a ala radical do Partido Democrata. Ou seja, tudo um plano empregado por militantes profissionais para difundir propaganda anticapitalista.

O argumento de Morgenstern é que o mesmo ocorreu no Brasil em 2013: o PT usou os partidos da esquerda radical (o PSTU e o PSOL), seus satélites, para abalar as estruturas sociais e políticas para justificar medidas de exceção e autoritárias. O MPL e os Black Blocs são uma estratégia das tesouras: agradar aqueles que procuram manifestações pacíficas e outros que querem mais violência. A mídia tradicional apoiou essa estratégia, contando com benesses econômicas do futuro regime. O protesto do MPL, que era absolutamente comunista no início, diz Morgenstern, com bandeiras de movimentos de “extrema-esquerda”, foi esquecido como tal por sofisticadas técnicas de manipulação de informação, que mascararam os propósitos revolucionários sob pautas de melhores serviços públicos e liberdade de protestar.

A estratégia, ideia importada do *Breitbart News*, é a *Infowar*, a guerra informacional, chave de análise principal do autor e ponte para o pensamento olavista: “*infowar*, a guerra de narrativas tão bem estudada pela esquerda desde pelo menos a Guerra do Golfo: se é impossível ganhar do inimigo capitalista e da livre iniciativa no campo militar e da disputa de bens culturais e liberdade, ganhe-se na **narrativa dos fatos** (Morgenstern, 2015: pos. 3602). Ou seja, houve um plano liderado pela esquerda brasileira e a mídia de criar uma guerra psicológica utilizando manipulação de massa. Tal como elaborado pelos militares, Morgenstern defende que o Brasil estava sob ataques de uma

¹⁰⁵ “O Breitbart News compartilhava artigos com diversas teorias da conspiração e, segundo seu próprio criador, o objetivo do site era destruir aquilo que ele denominava “O complexo”: uma teoria conspiratória na qual afirmava que a mídia era controlada por um conglomerado alinhado ao Partido Democrata, e que, portanto, as notícias da mídia tradicional (eles utilizam a sigla MSM) seriam todas de viés esquerdista e teriam o objetivo de destruir a civilização ocidental ao defender o multiculturalismo, igualdade de gênero, imigração e globalização.” (Prado, 2021: pos. 1159).

guerra informacional originada pela esquerda. Era preciso se defender. Nesse ponto há uma profunda concordância entre olavismo e militares sobre Junho de 2013.

Porém, não houve uma virada autoritária do governo petista e muito menos uma revolução comunista. Na realidade, o “Brasil dobrou à direita”¹⁰⁶. O que deu errado nesse plano de *Infowars* do movimento comunista internacional? Ora, diz o autor, as manifestações começaram a ser ocupadas de maneira imprevista por patriotas e antipetistas, pelo povo sendo “povo”, e não “massa de manobra” (Ibidem: pos. 10316):

A repulsa popular pelos partidos de esquerda que organizaram a própria manifestação continua dando o tom na avenida Paulista: bandeiras do PT chegam a ser rasgadas *a dentadas*, depois de arrancadas das mãos de seus partidários. Surge o mote “**Meu partido é meu país!**”, que blogs progressistas, naquele momento, tentam aproximar do fascismo (como tentam aproximar do fascismo *qualquer coisa* que não sejam eles próprios), jurando que isso significaria que as pessoas na rua queriam um poder único sem partido, tão somente por dizerem que um partido não representa (mais) *a manifestação* (Ibidem: pos. 6393).

Pela ocupação da rua pelo “povo verdadeiro”, com essa nova ocupação dos protestos de 2013, o autor se diverte com a surpresa que cartazes e gritos de repulsa a partidos de esquerda geraram em intelectuais: “sempre engraçado testemunhar sociólogos que ‘lutam pelo povo’ descobrindo que ele não quer votar no PSOL enquanto [o intelectual] discute feminismo na Vila Madalena.” (Ibidem: pos. 6490). Para Morgenstern, a rua foi ocupada pelo povo de maneira imprevista pelos movimentos revolucionários, foi um “tiro que saiu pela culatra”. Haveria uma demanda reprimida por representação de direita e Junho de 2013 foi essa oportunidade de expressão.

O chamado *filósofo* aparece em alguns momentos do livro de Morgenstern, como na resposta que deu à Marilena Chaui sobre democracia e direitos (Ibidem: pos. 4623), obviamente uma resposta que *destruiu* a professora da USP. Mas é na parte final que o *professor* ocupa o lugar de referência na análise das *Jornadas de Junho*: “O filósofo Olavo de Carvalho fez uma análise tão rica do movimento de junho em uma das aulas do seu Curso Online de Filosofia que convém comentá-la aqui” (Ibidem: pos. 7596). Esse trecho acompanha uma nota de rodapé, na qual Flávio diz:

O curso de cinco anos, baratíssimo (R\$ 50 por mês para quatro aulas ao vivo, fora todas as aulas anteriores e o material de apoio), tem as suas duas primeiras aulas, de aperitivo, disponíveis gratuitamente no YouTube. É a coisa mais recomendável já feita recentemente no Brasil, o único lugar onde se pode discutir alta cultura com os maiores cérebros do país. O trecho da aula em questão foi publicado abertamente a pedido do próprio Olavo, pela questão de

¹⁰⁶ Título do livro de Jairo Nicolau de 2020.

extrema importância, sob o título “Análise da atual situação política brasileira”, disponível em: <<http://youtu.be/CRENnVnRWTQ>> (Ibidem: pos. 7721)

Em 28 de junho de 2013, no calor do momento, Olavo de Carvalho divulgou sua “análise”. O *professor* inicia sua fala estabelecendo que “o marxismo é uma cultura”, não um conteúdo preciso. Isso significa que marxismo é uma “ciência e técnica revolucionária” que, enquanto tal, pode agir das mais variadas formas, inclusive em aliança com setores burgueses e do mercado financeiro. Como no leninismo, Junho de 2013 era o momento de “substituir agentes de transição” (o PT) por “agentes de ruptura” (os movimentos extremos, como os Black Blocs). Estava ocorrendo no Brasil o mais pleno movimento revolucionários leninista, fomentando o caos para fortalecer o poder central estabelecido.

No entanto, a esquerda perdeu o controle, diz o *professor*. “Patriotas” e “cristãos” revoltados ocuparam as ruas, diz com essas palavras. O exemplo disso, também citado à exaustão por Morgenstern, foi o grito “PSTU, vai tomar no cu!”, repetido pelo *professor* com regozijo. Por fim, é falado sobre a “ponerologia”, conceito importado por Olavo, que se refere às lideranças psicopatas sobre uma massa histórica¹⁰⁷ em regimes socialistas. A esquerda é inferior intelectualmente, mas essa inferioridade é eficiente politicamente no espírito das massas, pois o militante de esquerda é treinado para não contestar, apenas obedecer o movimento revolucionário, no que Olavo chama de “estupidez astuta”.

O livro de Morgenstern é, portanto, uma ilustração da argumentação de Olavo. Uma tentativa de trazer os elementos empíricos, narrados dia-a-dia e em minúcias, provando que o *professor* estava certo. Morgenstern perdeu amigos por conta do livro, porque foi contrário às manifestações antes de todo mundo - com exceção do *professor*. Inclusive é um dos jargões do podcast Guten Morgen “ficar mais inteligente e perder amigos”. Ainda há alguns momentos liberais, mas, sobretudo na parte final do livro, Morgenstern já completou totalmente sua transformação em olavista.

Algumas características do livro de Morgenstern precisam ser analisadas. Suas referências sobre movimento de massa, como Elias Canetti e José Ortega y Gasset, são tratados como autores esquecidos pelo *mainstream* acadêmico esquerdista, defendendo que sua análise é “inovadora” e “única” por tratar Junho de 2013 como um movimento de massa irracional controlado por um centro estratégico. O autor vende para o leitor a ideia

¹⁰⁷ Esses psicologismos são importantes na forma de pensar de Olavo. Histérico é o mais usado deles. “Histeria” é resumida por ele como alguém que acredita que seus próprios pensamentos são a realidade. Para Olavo, toda a esquerda é histórica.

de que ele vai encontrar em seu livro uma análise (sob as lentes de “movimentos de massa”) diferente de tudo que se fez sobre as Jornadas de Junho.

Por diversos momentos o autor tenta convencer o leitor de que sua análise é “inesperada”, algo curioso para a forma de pensar movimentos políticos que remetem ao século XIX, como o clássico estudo de Gustave Le Bon sobre a psicologia das massas. Esse aspecto de “orgulho” de usar uma bibliografia “única” remete à origem de Morgenstern nos meios ultraliberais e tão bem aproveitado pelo olavismo: o autodidatismo, o procure você mesmo, uma análise escrita fora dos meios acadêmicos consolidados. Uma sensação de estar lendo ou escrevendo algo que ninguém conhece.

Outro elemento importante é o uso de boatos ou simplesmente mentiras. Cita uma mentira de que o PCC obrigou seus membros a votarem no candidato petista Genoíno (Ibidem: pos. 7352). Amarildo, desaparecido e vítima de violência policial, é associado com o tráfico de drogas (Ibidem: pos. 5863), uma notícia sabidamente falsa plantada pela própria polícia. O Nazismo alemão como de esquerda por ter “socialismo” no nome (Ibidem: pos. 837). Morgenstern solta *verdades* que não se encontram por aí porque abalariam a estrutura social como um todo, acredita ele. Morgenstern já estava com uma das principais habilidades do mentor Olavo, de prever o futuro: “Com minha desagradável mania de acertar profecias e explicar fenômenos *antes* de eles acontecerem” (Ibidem: pos. 8508).

Uma fonte de pesquisa frutífera no livro de Flávio Morgenstern (cujo sobrenome de nascimento é Azambuja Martins) são seus “Agradecimentos” ao fim do texto. É um panorama do que se chamava “nova direita” em 2015. Uma fotografia do movimento. O segundo nome, logo após a esposa, é da “doutora Janaína Paschoal” (professora do curso de Direito da USP e uma das autoras do pedido de impeachment de Dilma Rousseff), que chegou a dar entrevista ao autor para o livro. Agradece aos “amigos” (sic) da *Veja*: primeiramente Rodrigo Constantino e depois Reinaldo Azevedo, Leandro Narloch (autor muito popular na época com livros “politicamente incorretos”), Augusto Nunes, Felipe Moura Brasil (organizador do livro de Olavo e futuramente rompido).

Com um parágrafo só seu: “O filósofo Olavo de Carvalho foi a referência de muito o que escrevi, e também de quase tudo o que citei, que conheci por seu conhecimento enciclopédico. Não agradeço apenas pelas aulas, mas pelo trabalho incrível que fez por todo este país” (Ibidem: pos. 10984). Bruno Garschagen (autor de livros e

importante divulgador do conservadorismo pela editora Record), Alexandre Borges (jornalista que tentou se distanciar do bolsonarismo), Filipe Martins (aluno de Olavo e ex-Assessor Especial para Assuntos Internacionais da presidência de Bolsonaro), Marlos Apyus (rompeu logo depois com essa direita, sendo uma fonte interessante sobre o bolsonarismo em seus primórdios)¹⁰⁸. Danilo Gentili (muito próximo a Olavo, depois rompido com Bolsonaro) e Ultraje a Rigor (sobretudo o cantor Roger). Lobão. Enfim, ao editor Carlos Andreazza, um dos responsáveis por publicações de direita na editora Record.

A conquista da direita que ascendia após as manifestações de 2013 pelo olavismo se deu por dois caminhos. Com Rodrigo Constantino, foi pela subserviência: tentou-se manter a identidade “liberal”, mas as ideias e as ferramentas de análise eram as mesmas de Olavo. Diversos outros liberais mantiveram esse “olavismo no sigilo”. Com Flávio Morgenstern, a transformação foi pelo aprofundamento da guerra contra a esquerda: não era mais sobre impostos e tamanho do Estado, e sim pela sobrevivência da cultura ocidental. A luta era pelo controle das mentes.

O próprio Olavo de Carvalho iniciou em 2013 um intenso trabalho, junto com seus alunos, de assunção do debate político no campo da direita, criando alianças com os mais diversos atores. Olavo ditou não somente os termos do debate, com as concepções de “marxismo cultural” e “Foro de São Paulo”, como fundou uma estética própria para a direita. Para ilustrar essa transformação do liberalismo para o olavismo de Morgenstern, há uma foto de sua visita ao *mestre* na Virgínia, Estados Unidos. Com cigarro na mão, segurando um rifle de caça, Flávio está muito diferente daquele estudante de Letras que tentou concorrer para o DCE em 2011.

¹⁰⁸ Há mais nomes agradecidos que não são importantes para esta pesquisa.

Figura 4: Morgenstern e Olavo

Fonte: <https://www.facebook.com/flaviomorg/photos/a.475548342620650/1691879217654217/?type=3>

4.3. OLAVO E SUA PEDAGOGIA

Em 2013, um garoto de 17 anos de Limeira, interior de São Paulo, publicou um vídeo no *YouTube* contestando o programa Bolsa Família. Sua motivação teria sido a leitura do livro *As Seis Lições* de Ludwig von Mises, que era oposto daquilo que ouvira de um professor em sala de aula sobre os benefícios do programa social¹⁰⁹. Kim Katagiri, esse garoto, depois desse vídeo ficou conhecido entre liberais, alguns deles famosos como o apresentador Danilo Gentili. No ano seguinte, em 2014, ele conversou com um senhor residente do interior da Virgínia, nos EUA, chamado Olavo de Carvalho por *hangout*. Ou seja, aquele garoto de Limeira obteve reconhecimento de um dos principais nomes da direita brasileira. Dialogar com Olavo era uma consagração. Atualmente podemos ver essa conversa porque ela foi salva por outro usuário, pois o próprio Kim Katagiri a deletou ao romper com Bolsonaro¹¹⁰. Os tempos mudaram e se associar a Olavo não era mais do interesse de Katagiri, deputado federal que tomou outros caminhos políticos.

Olhar com mais atenção para essa conversa entre o garoto e o senhor traz elementos importantes na compreensão da dinâmica pedagógica de Olavo. Kim começa o diálogo perguntando qual era a posição política de Olavo, sinalizando que ele seria conservador, demarcando a diferença com o seu campo liberal. Olavo responde que não tem posição

¹⁰⁹Matéria completa pode ser lida em: <http://web.archive.org/web/20150313234241/http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2015-03-12/roqueiro-e-ativ-ista-na-web-lider-anti-dilma-defende-privatizar-saude-e-educacao.html>

¹¹⁰ Em: <https://www.youtube.com/watch?v=5OSYAU-k1D4&t=2727s> . Lidar constantemente com materiais deletados é um aspecto metodológico importante desta pesquisa.

política “doutrinária”, variando conforme a situação do momento. Em seguida, Olavo lê uma publicação sua no *Facebook* que discorre sobre isso:

Desde que comecei a ler livros, meu sonho era um dia emergir num meio social culturalmente depressivo e ter um círculo de amigos com quem pudesse conversar seriamente sobre arte, literatura, filosofia, religião, as perplexidades morais da existência e a busca do sentido da vida, o ambiente necessário para o escritor desenvolver sua autoconsciência e seus talentos. Li centenas de biografias de escritores e todos eles tiveram isso. Nunca realizei esse sonho, nunca tive esse ambiente estimulante. Por volta dos 40 anos entendi que não o teria nunca e decidi que minha obrigação era fazer tudo [para que] os outros o tivessem. Toda a minha atividade de ensino é voltada para isso. É com profundo desprezo que ouço gente dizendo que o objetivo de meus esforços é criar um movimento de direita [logo no primeiro minuto]

Segundo o próprio, Olavo de Carvalho nunca quis criar movimento político, queria apenas uma cultura viva e pulsante. Seu trabalho seria uma reação à degradação da cultura brasileira, que é obra da instrumentalização esquerdista da vida intelectual. Na sua definição de “imbecil coletivo”, a intelectualidade brasileira seria formada por pessoas de intelecto que se unem para se imbecilizar umas às outras. Seu objetivo era a criação de uma elite qualificada para preparar uma educação popular e produzir um ambiente de “alta cultura”. Um projeto de longa duração. Numa entrevista ao programa *Conversa com Bial*¹¹¹, da Globo, no dia 10 de abril de 2019, Olavo diz se sentir ofendido quando dizem que seu objetivo era politicagem, cargos, poder e influência. Não, seu objetivo era a formação de uma nova cultura diante da profunda crise cultural brasileira.

Retornando ao diálogo de Kim Kataguirí, Olavo de Carvalho diz que o canto de cisne da cultura esquerdista foram os livros *Pessach: a travessia* de Carlos Heitor Cony e o *Quarup*, de Antonio Callado: “Última coisa importante que saiu da cabeça de um esquerdista”. Cultura, continua Olavo, para o esquerdista seria o novo nome da propaganda política, descendo o nível da moralidade e da conduta moral da sociedade. A mentira esquerdista seria colocar na mesma denominação de “cultura” um “batuque de macumba” e uma composição de Bach. Existiriam culturas melhores que outras. Kataguirí retoma o assunto de política, afinal era ano de eleição para presidente da república e Olavo responde que a melhor candidata seria Denise Abreu¹¹², porque teria que ser uma mulher contra Dilma, pois um homem foi “treinado a jamais dizer a verdade na frente de uma mulher”, vai ficar uma inibição e troca de gentilezas.

¹¹¹ Pedro Bial foi responsável pela primeira aparição de Olavo de Carvalho num grande programa de entrevistas na televisão em 1996.

¹¹² Advogada, ligada a movimentos conservadores católicos de São Paulo.

Kim Kataguirí pergunta sobre a candidatura de Jair Bolsonaro, que já circulava nas redes de direita em 2014. Olavo comenta: “Bolsonaro é excelente pessoa, mas não acredito que a candidatura será aceita pelo partido dele [...] uma pessoa de muita coragem, um homem sincero”. A situação é propícia para ensinar ao jovem sobre o que é política. Conta o professor: nada se provou contra Collor, mas o aparelhamento foi capaz de derrubá-lo. Poder não é cargo. “Poder significa o número de pessoas que estão dispostas a matar e morrer por você [...] capacidade de ser obedecido, determinar a conduta alheia”. Olavo valoriza o poder da militância e a formação de quadros dedicados à política. Um exemplo disso foi a revista da Civilização Brasileira, que seria o berço do “marxismo cultural” de Gramsci, traduzindo o pensador italiano na década de 1960 no Brasil. A direita brasileira de 2015, que estava em franca ascensão, tinha muito a aprender com a esquerda, ensina o professor.

Prosegue a conversa com mais aulas. O problema do país seria a “elite iluminada”, intelectuais que de suas cátedras acreditam dominar a verdade, distante de seu povo e de sua sabedoria popular. Os EUA tinham a melhor educação do mundo, mas Jimmy Carter criou um ministério da educação e fez definhá-lo tudo, ao centralizar na mão da burocracia de Estado. O jovem liberal Kim Kataguirí gostou do exemplo. O erro de 64 foi não ter entregado o poder de volta ao civil após a “limpeza”. Os militares tomaram gosto pelo poder e pela burocracia.

Outro ponto importante. A corrupção esquerdista não atacaria só o erário, e sim a moral. Há “incentivo do comunismo ao banditismo” e os 60 mil homicídios por ano seriam resultado proposital da esquerda, associando socialistas com incentivo à criminalidade. O que a esquerda entende por “povo” é o lumpemproletariado, os marginais, os desviantes, e não o trabalhador assalariado e o profissional liberal. A esquerda, com o relativismo moral, acaba com o julgamento moral do que é certo ou errado. Olavo esboçava aqui as bases da reação por mais punitivismo e armamento civil, tão popular para Bolsonaro.

Kim se refere a “nós”, acentuando estarem do mesmo lado, e fala da criação de um partido. Comenta sobre o Partido Novo, antigo sonho liberal de possuir uma sigla própria. Olavo, inspirado nos marxismo-leninismo, defende que melhor é tomar um partido já constituído. Tomar e se infiltrar nos outros. Há etapas para o movimento político: 1) debate intelectual; 2) coleta de recursos; 3) adestramento da militância e só então 4) atuação pública. Olavo diz que aprendeu isso com Vladimir Lênin. Para fazer política é preciso de recursos e o PT desde o início cobrava de funcionários filiados ao partido parte de seus salários. A atuação política precisa de trabalho intelectual, de estruturação e de formação de militantes anteriores.

Kim tinha acabado de entrar na universidade em 2014, no curso de Economia da UFABC. Ele pergunta: como lidar com os professores esquerdistas? Ora, responde o professor: “Estudar mais do que ele e quando ele começar a falar besteira, desmascará-lo imediatamente”. Não tenha medo. Por fim, Olavo é perguntado se voltaria ao Brasil. “Nunca!”, respondeu. “Se você quer fazer alguma coisa pelo Brasil, eu preciso deixar de ser uma das vítimas do Brasil. As mudanças se fazem de fora, tal como Lenin. Se você é um médico que está tratando do doente contaminado, a primeira coisa é você não se contaminar.” Estar no Brasil é fatalmente se contaminar com o vírus do esquerdismo. Termina a conversa de forma cordial.

Muito diferente do aventado em matérias, como um boquirroto descontrolado, Olavo foi paciente com o jovem Kataguri. Ensinou-lhe princípios básicos de sociologia política e como se portar diante do adversário. Ouviu com paciência o jovem liberal, mesmo que tenha ouvido platitudes. Em geral, a interação foi cortês e simpática. Estavam do mesmo lado da trincheira contra o esquerdismo e o petismo. Olavo de Carvalho tinha seu próprio método pedagógico e de comunicação com os alunos.

Leão e Pereira Neto (2021) investigaram uma aparente incoerência nas “facetas” de Olavo de Carvalho, que por vezes era um agressivo interlocutor e por outras um intelectual pacífico e paciente. Os autores remetem um episódio importante para os redpills: em 2017, durante as exhibições do filme *Jardim das Aflições* (2017) na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), houve conflito entre olavistas e outros estudantes, que resultou num soco dado por um olavista com a camisa de Bolsonaro num estudante, que vai ao chão. Essa cena do soco é uma dos momentos mais celebrados do bolsonarismo em seus primórdios: enfim estamos nos vingando daqueles que nos oprimem¹¹³. Diversas versões foram criadas e reproduzidas dessa cena.

O autores remetem a esse episódio porque o documentário em si “é composto para simbolizar a personagem de Olavo não apenas em concordância com algumas [...] ideias mas também em dissonância com a figura estridente e chula que o filósofo criou para si nas redes sociais” (Ibidem: 223). Chamada de produção “segura e controlada” (Ibidem: 232) do escritor, Olavo no documentário é um senhor simples e educado, cercado de livros, um cachorro e sua esposa. O documentário é, portanto, chamado de “covarde” pelos autores.

¹¹³“Exibição de filme sobre Olavo de Carvalho termina em pancadaria” disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/cinema/exibicao-de-filme-sobre-olavo-de-carvalho-termina-em-pancadaria>

Por outro lado, no canal de *YouTube*, Olavo de Carvalho constroi seu prestígio ante ao público ao usar suas participações no *mainstream*, tal como no programa global de Pedro Bial e de Boris Casoy. O objetivo é sustentar o seguinte raciocínio básico: o *filósofo* foi reconhecido pelo seu talento nas altas esferas sociais nos anos 1990 mas, posteriormente, foi banido por dizer verdades inconvenientes (Ibidem: 235). Essas duas facetas, a de polido intelectual do documentário e de pensador renegado pelo seu talento excessivo contrastam com o Olavo das redes sociais, associado com palavrões e xingamentos. Nas conclusões do estudo, os autores apontam que, para os seguidores de Olavo, não há incoerência: “eles [os diversos “tipos” de Olavo] seriam complementares, um revelando sua metade ‘corpórea’ mais superficial, a outra, sua metade espiritual, mais profunda e, também, mais verdadeira” (Ibidem: 239)

Esse mecanismo une o olavismo e o bolsonarismo. No bolsonarismo, o humor chulo e os palavrões é para separar aqueles que são “frescos” e do “mimimi” daqueles que são “autênticos” e “verdadeiros”. Em Olavo de Carvalho, com efeito, essa distinção é para seu público interno: quem limita Olavo a seus xingamentos, não o conhece. Não leu seus livros e não assistiu suas aulas. O Olavo das redes sociais é só um gozador. Inclusive, é uma referência interna do olavismo aqueles que se restringem a interpretá-lo pelas suas postagens online. Olavo seria criticado apenas por aqueles que não o conhecem verdadeiramente.

Para seu público e na sua atuação pedagógica, Olavo é muito diferente do que se estigmatizou em matérias de jornais como “guru”, que enfatizam o uso de palavrões. É proposital. No dia 25 de janeiro de 2022 faleceu o *professor*. Na ocasião houve uma comoção entre seus alunos, admiradores e a camada de sacerdotes. Um dos mais importantes deles, Filipe G. Martins, participou de uma *live* chamada “Olavo: vida e filosofia com Filipe Martins” no dia 31 de janeiro de 2022 para discutir a importância do *professor*¹¹⁴.

Martins conta como conheceu Olavo em 2005, quando tinha 17 anos. Já era amigo de Flávio Morgenstern e ambos frequentavam a rede social extinta Orkut. Naquela época ambos eram ateus e discutiam pela internet a superioridade do ateísmo sobre qualquer tipo de religião, como se o ateu fosse um sujeito mais avançado, superando o misticismo da religião. Foi nos debates de religião que Filipe Martins conheceu o livro *Ortodoxia*, de G. K. Chesterton. Esse livro foi a sua redpill, a sua entrada na toca do coelho: Martins descreve como o seu ateísmo foi completamente destruído com a leitura de Chesterton.

¹¹⁴ Esse vídeo foi apagado.

Instigado pela recente conversão ao cristianismo, Martins começa a procurar na internet outras leituras próximas ao do escritor britânico até se deparar com Gustavo Corção (Corção era apelidado de “Chesterton brasileiro”) e o Grupo Permanência, que reunia católicos reacionários. Foi no Permanência que Filipe Martins conheceu Olavo de Carvalho com 17 anos. Ele descreve a sua curiosidade e ansiedade de entender o que estava acontecendo consigo mesmo ao se converter ao cristianismo.

Martins assistiu às aulas do curso do *professor Olavo* chamado “Sujeito da História” e ficou profundamente impactado. De pronto escreveu um longo email endereçado ao *professor* com dúvidas, comentários e reflexões sobre o que tinha pensando após seu curso. Para sua surpresa, o *professor* respondeu perguntando se poderia realizar uma chamada telefônica com o rapaz para conversar. O jovem Filipe Martins aceitou a proposta. Martins então descreve o quanto Olavo foi frase por frase destrinchando o email recebido, incentivando e elogiando quando cabia, e também criticando quando era necessário. Martins se mostra levemente emocionado e disse que aquela atitude lhe motivou a estudar mais e participar de mais cursos com o *professor*.

Martins posteriormente ingressa na universidade já como aluno de Olavo, para o curso de Relações Internacionais. Na sua narrativa de si mesmo, disse que fez o percurso completo da sua geração: foi ateu, interessou-se por algumas ideias do liberalismo e, finalmente, tornou-se um conservador tradicionalista graças a Olavo. Encerra sua fala enaltecendo a atenção que Olavo tinha com seus alunos e o esmero de prepará-los intelectualmente.

A pedagogia da autonomia de Paulo Freire é a passagem do “estado de curiosidade ingênua”, enquanto constitutiva do humano, para a “curiosidade epistemológica” (Freire, 2011: pos. 481), crítica com seu lugar no mundo e com seus saberes constituídos. A pedagogia freireana é uma comunhão entre professor e aluno numa dialética na qual quem ensina aprende ensinando e quem aprende ensina aprendendo. A escuta e o respeito pelos saberes trazidos pelos alunos é fundamental nesse processo. Por fim, um conhecimento só pode ser crítico quando dialoga com as próprias experiências de quem aprende. Martins, com a ação pedagógica de Olavo, foi capaz de pôr em palavras as suas inquietações internas. Olavo deu a ele as chaves analíticas de si mesmo e do mundo, experimentou a dialética entre “leitura do mundo” e a “leitura da palavra” (Ibidem: pos. 1076).

Olavo de Carvalho realiza a pedagogia da autonomia freireana quando transforma a curiosidade dos usuários de internet por entender o mundo, a política e a crise brasileira em um discurso racional e articulado, dotado de um método próprio de estudo e de pensamento. A maioria do público do olavismo não se torna aluno regular dos cursos de Olavo ou um leitor voraz de seus livros. A maioria dos redpills são curiosos em suas navegações de internet que encontraram em vídeos, postagens e recortes de Olavo respostas para suas curiosidades e um convite para transformarem essa “curiosidade ingênua” em “curiosidade epistemológica”. No entanto, há o papel dos sacerdotes que “purificam” a *obra* do professor contra heresias, além de trabalharem na sua divulgação.

Há um estímulo na pedagogia de Olavo pela curiosidade em seus alunos. Já em seus últimos anos, o *professor* sinalizou aos seus alunos para não descartarem as conspirações do planeta terra ter um formato plano: pesquisem, informem-se, não aceitem verdades como dadas. Na sua pedagogia não importa a veracidade ou o critério científico. O mais importante é formar um sujeito individual capaz de obter conhecimento por si mesmo. Nesse projeto, é possível se utilizar até mesmo de mentiras, conspirações ou invenções.

Olavo tem um artigo considerado famoso no qual “destroi” Paulo Freire, chamado “Viva Paulo Freire!” de 2012 (Carvalho, 2019a: 364~). Após estabelecer que em nenhum lugar do mundo se utiliza o “método Paulo Freire” e que nenhum alfabetizado pelo tal método mostrou qualquer aptidão de destaque, Olavo enumera algumas citações de “críticos” ao educador. Ao fim do artigo, Olavo ironiza que Paulo Freire é de fato o “patrono da educação brasileira”, pois nossa educação é tão ridicularizada em testes internacionais e o método freireano tão ineficaz que são “feitos um para o outro”. Esses argumentos idênticos são amplamente usados para desmerecer Paulo Freire, até mesmo por quem não está totalmente inserido no mundo do avesso.

Esta pesquisa não se propõe a “desmascarar” Olavo de Carvalho ou conferir suas fontes e seus argumentos, num trabalho de apuração e validação. Ela é sobre os sentidos que os olavistas atribuem a si mesmos e ao mundo. No entanto, esse artigo instigou a procurar se havia alguma análise sobre as citações escolhidas pelo Olavo. Godoi e Dimitrov (2022) em “A construção de Paulo Freire como inimigo nacional” investigam as citações usadas por Olavo e, naquelas que conseguiram encontrar, constatou-se que elas eram fidedignas, porém tiradas de contexto e propositadamente distorcidas para parecerem ao leitor uma crítica radical a Paulo Freire, quando não eram.

Olavo opera numa zona cinza entre mentira e verdade na sua pedagogia. Não se pode dizer que é mentira, ao mesmo tempo que não há uma “honestidade intelectual” nas suas análises. Ele se beneficia do que Boudon (1989: 122) chama de “efeitos de situação”: o seu público é leigo e predisposto a aceitar seus conhecimentos, não ocorrendo a situação de confrontação entre *professor* e aluno. Inclusive Olavo de Carvalho fala em “modéstia metodológica” para seus alunos: uma postura de não questionamento antes de ser capaz de entender profundamente o que o *professor* pretende dizer. É estabelecido que Olavo sabe mais que todos os seus alunos, portanto numa situação de discordância o esperado é que o errado seja o aluno. Um dos bordões do podcast Guten Morgen do sacerdote Flávio Morgenstern é “Nós estamos certos e, se você discorda, você está errado”.

Boudon, apropriando-se do conceito de ideologia de Marx e da teoria da magia de Weber, diz que “o agente social pode vir a ter as melhores *razões* para aderir a ideias *falsas*” (Ibidem: 89). As razões para a entrada no mundo do olavismo não estão na sua honestidade intelectual ou na veracidade de seus escritos. As razões estão nos efeitos de sua teoria nos sujeitos. Tal como na magia para Marcel Mauss (2003), cuja sua crença é sempre *a priori*, “o mágico engana-se a si mesmo, como o ator que esquece que desempenha um papel” (Ibidem: 131), o olavismo é uma magia que deu certo porque acredita que é verdadeira.

Ronald Robson (2023), outro sacerdote, escreveu um livro chamado “O Mínimo Sobre Olavo de Carvalho”, de leitura rápida sobre o *professor*¹¹⁵. Ele descreve como é ler Olavo: “Compreender a obra de Olavo proporcionará ao indivíduo uma reorientação perante o mundo, não como quem apenas adere a novas ideias, por mais corretas que sejam, mas como quem sente alterar-se a translação global do saber, que tem assim corrigida a sua órbita.” (Ibidem: pos. 68). Olavo corrige o que ele chama de “paralaxe cognitiva” (Ibidem: pos. 311), a distância entre a realidade concreta e a teoria construída pelos intelectuais modernos: o pensamento retorna para a correlação com a realidade graças à leitura de Olavo. O mundo para o olavista volta a fazer sentido a ficar de “cabeça para cima”. O mundo é “desinvertido”.

Como citado na Introdução, Olavo lê a mente de seus leitores ao dizer o que eles percebem da realidade, mas não conseguem elaborar em pensamento pela “dissonância cognitiva” da modernidade. Esse talvez seja um dos maiores efeitos da magia de Olavo: fazer seus admiradores, leitores e alunos sentirem que há concordância entre suas crenças, seus

¹¹⁵ Ronald Robson tem um outro livro, mais extenso, sobre a filosofia de Olavo de Carvalho chamado “Conhecimento por presença: em torno da filosofia de Olavo de Carvalho” de 2020. Robson é doutorando em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Curiosamente, Ronald Robson foi orientado em seu mestrado pelo professor João Cezar de Castro Rocha.

pensamentos e suas percepções do mundo com as palavras de Olavo. Ao reordenar a realidade à maneira “natural”, o olavismo é uma poderosa resposta para as incertezas e instabilidades da modernidade tardia.

Para a divulgação do documentário chamado “Olavo tem Razão” foi criado um canal no *YouTube* com depoimentos rápidos, maioria com poucos segundos, alguns outros de poucos minutos, sobre o impacto de Olavo de Carvalho nos seus alunos. De maneira geral, os olavistas destacam a volta para práticas religiosas (Olavo é celebrado como responsável pela volta de muitas pessoas para o catolicismo), aos estudos, à prática da leitura e ao contato com “arte de qualidade”. Comum a todos há uma mudança permanente na vida.

Além dos discursos de exaltação ao *professor*, esses vídeos mostram o rosto dos olavistas¹¹⁶. São ao todo 177 depoimentos, com 37 mulheres e 3 casais. A proporção é quase de 4 homens para 1 mulher. Seus rostos são de pessoas geralmente brancas, jovens, com estante de livros ao fundo. Parecem pessoas “comuns” de classe média. Nas falas há muita gratidão ao *professor*. Seu impacto não é intelectual, é pedagógico. Olavo de Carvalho praticou uma pedagogia freireana porque não “transmitiu conhecimento”, e sim ensinou a pensar, à sua maneira. Não transmite conteúdos, e sim ferramentas. Além disso, ele dá *poder* aos seus alunos:

Olavo fazia [seus alunos] sentirem-se muito especiais, muito acima de todos aqueles que não eram seus alunos. Com sua vasta bagagem cultural e intelectual, conhecimento em programação neurolinguística e, o mais importante, as centenas de humilhações públicas que ele e outros alunos executavam contra aqueles que não aceitavam ser completamente submissos e devotos à sua autoridade, Olavo introduzia nos seus alunos um enorme sentimento de orgulho, superioridade e invencibilidade que, tornando-os fanáticos em prol de sua figura, resultaria em pessoas sem limites morais conforme testemunhamos. (Prado, 2021: pos. 766)

Olavo preparou seus alunos para o embate contra a elite acadêmica, cultural e artística com o propósito de humilhá-la. Cunha (2019), ex-aluno de Olavo, mas ainda profundamente olavista na forma de pensar o mundo, chama de “revolta do subsolo” a capacidade daqueles que estavam “à margem” de absorverem confiança a ponto de se sentirem capazes de “destruir” qualquer professor da USP. Relegados dos grandes debates e espaços acadêmicos, o típico aluno de Olavo é aquele que “ficou em casa estudando”, remoendo sua exclusão, aguardando o momento da vingança: mostrar-se mais entendido acerca do mundo a ponto de deixar o outro em “choque” com tamanha superioridade.

¹¹⁶ Canal disponível em: <https://www.youtube.com/@OlavoTemRazao-OFilme/videos> Se possível, pediria ao leitor para assistir alguns deles, são rápidos. São exemplares de muito do que se procura argumentar nesta tese.

4.4. ALTA CULTURA

Olavo prometia algo muito maior do que dinheiro:

Aos meus alunos: Nossa missão não é entrar na luta partidária, mas defender, conservar e enriquecer o patrimônio cultural da nação brasileira e da língua portuguesa. Não é disputar carguinhos no Parlamento ou influenciar eleições. É conquistar e conservar, por obras de mérito, a suprema autoridade intelectual e impor, pelo exemplo do nosso trabalho, um novo e mais alto padrão de moralidade que inspire ao povo a confiança nos valores essenciais e aos poderosos do dia o temor de infringi-los. Não é disputar cadeiras no parlamento, nas prefeituras, nos governos estaduais, nos ministérios ou mesmo na presidência da República. É disputar e tomar, pela superioridade intelectual avassaladora, cada cátedra universitária, cada coluna de jornal, cada espaço na TV e no mundo editorial, sem deixar um só lugarzinho vago para os picaretas, os cabos eleitorais e os aproveitadores.

Isso é um milhão de vezes mais importante do que qualquer eleição.

Mais vital e urgente do que ter um bom presidente da República ou um bom monarca é, para cada nação, ter uma classe intelectual que não possa ser subornada, ludibriada, seduzida ou intimidada pelos poderosos do dia.

É literalmente IMPOSSÍVEL restaurar a moralidade na política antes de restaurar a dignidade da vida intelectual.¹¹⁷

Essa postagem é de 2017. Desde então, seus alunos figuram entre os mais vendidos nas grandes livrarias do país nas sessões de Política, História e Filosofia. Em diversos momentos Olavo defende que foi ele, sozinho, que manteve o pensamento conservador nos últimos 30 anos no Brasil. Que foi ele sozinho que pôde romper a hegemonia da esquerda no pensamento brasileiro. Em outros textos e falas, ele argumenta nunca ter sido seu propósito criar um “séquito” político, e sim resgatar o pensamento de *alta cultura*, pensamento esse que foi dilacerado pela esquerda nos últimos anos. Não preocupado com o poder, o objetivo de Olavo seria criar um ambiente cultural. Como disse um de seus alunos no seminário do Café Patriota: “não é criar um modelo de gestão da escola, mas sim formar o pensamento de quem pensa como deve ser a escola”.

Na rede criada pelos olavistas, é comum o autoelogio e o reforço da produção intelectual entre eles. No jornal Gazeta do Povo, lugar de divulgação do pensamento reacionário, os autores se autoreferem, divulgam as produções de companheiros em suas páginas pessoais e exaltam a produção de colegas. Há um forte espírito de união. É frisada a necessidade de autoajuda na narrativa de resistência contra os poderosos esquerdistas. A luta não pela vitória nas eleições, sendo esse apenas uma produto de um objetivo maior de resgatar a “alta cultura”.

¹¹⁷ Postagem de Olavo de Carvalho disponível em: https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/aos-meus-alunos-nossa-miss%C3%A3o-n%C3%A3o-%C3%A9-entrar-na-luta-partid%C3%A1ria-mas-defender-conser/854974151321327/?locale=pt_BR

Furio Jesi (2021) descreve a “cultura de direita” como uma “relação com o passado, e uma relação não apenas ‘fundada no presente’, mas também que ‘prevê uma estrutura precisa do presente e do futuro’” (Ibidem: 12). Essa cultura é um “luxo espiritual” que rejeita o materialismo e homogeneiza a tradição cultural, eliminando as características históricas e contraditórias do passado (Ibidem: 182). Esse luxo espiritual se relaciona com os bens culturais na maneira que eles o distinguem dos “outros”, como um privilégio e uma elevação. A relação com a cultura é o contato com valores não-questionáveis como “tradição”, proporcionando uma segurança mitológica:

todo o luxo espiritual da cultura de direita corresponde a uma brutalidade de comportamento público e privado, social e familiar, que não é, de jeito nenhum, ideologicamente gratuita para seus apologistas, desde que [os homens de bem, o homem possivelmente culto de direita] estejam satisfeitos com o passado indiferenciado com o qual fabricam fetiches de virilidade, de força heroica, de satisfação até a morte, de disciplina, de hierarquia, de pátria e família, para defendê-los como posse tradicional, e que acredite que o mingau por eles manipulado [referência do autor para essa criação de passado unitário] é verdadeiramente o terno presente da vida (o verdadeiro passado atemporal, *portanto* o presente real) (Ibidem: 207)

O que o Olavo oferece com suas ideias é o contato com esse “luxo espiritual” desse passado atemporal, ao conhecimento eterno e natural do mundo, às coisas elevadas. Não é difícil reconhecer um aluno de Olavo presencialmente: eles parecem confiantes e orgulhosos de si. Como fez seu aluno com o professor Fuser descrito acima, é a capacidade de “destruir” qualquer professor do sistema universitário falido brasileiro.

A única solução viável, que enxergo, é a formação de pequenos grupos solidários, firmemente decididos a obter uma formação intelectual sólida, de início sem nenhum reconhecimento oficial ou acadêmico, mas forçando mais tarde a obtenção desse reconhecimento mediante prova de superioridade acachapante. Já não leciono no Brasil, mas a experiência mostrou que muito aluno meu, com alguns anos de aulas e bastante estudo em casa, já está pronto para dar de dez a zero, não digo em alunos, mas em professores da USP do calibre de Demétrio Magnoli e Emir Sader, o que, bem-feitas as contas, é até luta desigual, é até covardia. (Carvalho, 2019: 599)

É possível encontrar a proposta cultural de Olavo no artigo “Contra os intelocratas” (Carvalho, 2019b: 134~) para a “estagnação cultural brasileira” em 4 medidas: 1) Uma formação clássica para “superar” o debate entre raízes nacionais e atualidade estrangeira se voltando para “os valores permanente, universais” 2) Popularizar cultura é secundário, o importante é a formação de qualidade, independente do que o “povo” demanda 3) Rejeição do historicismo, analisando os problemas desde cima, universalmente e 4) Livrar-se da atividade intelectual como um ofício, um trabalho, e sim uma vocação. O que Olavo oferece é o contato

com esse passado atemporal descrito no “luxo intelectual” de Furio Jesi. O leitor de Olavo sente a si mesmo como em contato com coisas simbólicas de alto valor, o universal.

Esse artigo está presente no livro “O Imbecil Coletivo” publicado originalmente em 1996. Esse livro logo alcançou sucesso, sendo a entrada definitiva de Olavo no debate político, principalmente num papel de polemista. Poucos anos antes, em 1994 e 1995, Olavo tinha lançado dois livros, *A Nova era e a Revolução Cultural* e *O Jardim das Aflições*. Esses três livros são considerados como a trilogia de entrada na filosofia de Olavo, um ponto de partida para adentrar na toca do coelho do olavismo. No caso talvez seja “toca do urso”.

4.4.1. A toca do urso

O primeiro contato desta pesquisa com o professor João Cezar de Castro Rocha se deu em um podcast de entrevistas. Rocha tem uma retórica peculiar, talvez por ser estudioso de Shakespeare. Sua primeira fala foi elogiando a inteligência de Olavo de Carvalho. Disse que provavelmente Olavo era dotado de uma inteligência bastante acima da média e capaz de escrever e articular muito bem suas ideias. Defendeu que era preciso que Olavo fosse lido para compreender o bolsonarismo e o que ele chama de “retórica do ódio”, a fusão do olavismo com as teses do Orvil.

Rocha (2021: pos. 247) leu a trilogia dos livros do Olavo e do ressentimento militar num método chamado por ele de “etnografia textual”, que é inspiração para o que está sendo feito nesta pesquisa. Rocha (2021) destaca o estilo hiperbólico de Olavo de usar “sempre”, “muito”, “nunca antes”, “maior da história universal”. Isso retém a atenção de quem está lendo. Mantém o leitor em estado de alerta constante. Em todas as páginas Olavo conta uma bomba, uma mensagem desconcertante.

João Cezar de Castro Rocha (Ibidem: pos. 1347) sintetiza os livros de Olavo numa obsessão por “se tornar o mestre de técnicas de controle da consciência alheia”. Dos parágrafos 9 ao 13 do livro *O Jardim das Aflições* está o cerne dos objetivos de Olavo, segundo Rocha. Ao mapear a “culminação de cem anos de pesquisas sobre o domínio psíquico do homem pelo homem” (Carvalho, 2015: 117), Olavo descreve uma união de todas as elites num pacto contra a liberdade da consciência individual: “todas as suas cadeias [dos homens modernos urbanos] de reflexos foram invertidas ou pervertidas, e agora ele só crê naquilo que seja flagrantemente contrário às evidências” (Ibidem: 114).

O juízo reflexivo foi suspenso com o uso de sofisticadas técnicas de Neurolinguísticas, de psicologia comportamental, de técnicas cibernéticas, de engenharia

social e de diversas outras tecnologias que se utilizam de comunicação não-verbal, como “um vírus da manipulação subliminar” (Ibidem: 100). A estilística de Olavo carrega o leitor numa apoteose alarmante sobre o século XX ser o século da manipulação psicológica, o século da escravidão mental. A mercê dessas técnicas mais avançadas de controle sobre as decisões morais das pessoas, o “homem moderno” é facilmente seduzido por seitas “*New Age*” que distorcem a verdadeira experiência religiosa.

Olavo investiga as técnicas de manipulação psicológica depois de um “mito de origem” do livro *O Jardim das Aflições*: Olavo foi presencialmente assistir uma fala de José Américo Motta Pessanha no MASP sobre Ética, intitulada “As delícias do Jardim: a ética de Epicuro”. Olavo narra que se chocou com a plateia, que parecia ter tomado um entorpecente ao ouvir a fala sobre Epicuro. Uma “neurose coletiva”, um feitiço que “debilita as inteligências”. Era um curso de ética sem Platão, sem Aristóteles e sem estoicismo. Era então uma manipulação do passado para fabricar um futuro: “o *olhar* que aquela gente lançava sobre o mundo não refletia a imagem de um objeto, mas projetava sobre ele o *sentido de uma paixão*. O círculo de Pessanha não era uma comunidade científica empenhada em descobrir o real, mas um grupo militante decidido a fabricá-lo” (Ibidem: 51).

Esse evento do MASP de uma plateia seduzida pela ética de Epicuro (uma ética de isolamento, fuga e esquecimento, segundo Olavo) é o ponto de partida para Olavo *desvendar* uma longa trama de manipulação da realidade com propósito de tirania e instauração de um império terrestre. Passando por materialismo, historicismo, filosofia hegeliana, kantismo, romantismo alemão, positivismo, Jean Piaget, Escola de Frankfurt e as mais variadas correntes de pensamento, o livro de Olavo de Carvalho é um apanhado da história do pensamento ocidental como uma crescente manipulação da realidade por meio de técnicas de manipulação das pessoas com o objetivo de dominá-las na formação de um Império.

Não à toa que o primeiro trabalho de Karl Marx é sobre Epicuro, pois ambos querem adequar o mundo à teoria, e não o contrário (Ibidem: 137). Por essa recusa da objetividade, pela realidade como ela “é”, não tem discussão racional possível com um marxista: “Ele não apenas *pensa* diferente do não-marxista: ele *percebe* o mundo so categorias diferentes, como o doente histérico para o qual imaginar é sentir” (Ibidem: 142, nota 74). Há um fio condutor entre epicurismo, marxismo, Nova Era (“*New Age*”) e Programação Neurolinguística: rejeição da prova racional, contra o conhecimento objetivo pelo empenho comum de

substituir a realidade em vez de compreendê-la (Ibidem: 158). É a ideia de “paralaxe cognitiva” descrito acima.

Voltando à fala de Pessanha no MASP em 1990, Olavo ficou espantado pelo “feitiço” lançado pelo professor para a plateia. Não apenas o seu lançamento, mas o seu efeito produzido no público, comparado a uma seita ou “zumbis sem olhos” (Ibidem: 27). Ao chegar em casa, o *futuro professor* não conseguiu dormir. Depois de várias tentativas frustradas, dirigiu-se à máquina de escrever e, como um exorcismo para “desfazer o macabro encantamento” lançado por Pessanha, Olavo numa noite só escreveu quase metade do livro filosófico. No dia seguinte leu a escrita para amigos, pensou enviá-lo para Pessanha, mas os imprevistos da vida lhe fizeram esquecer o manuscrito-exorcista numa gaveta.

Foi em 1992, durante as campanhas de Ética na Política, que Olavo retomou o manuscrito a fim de publicá-lo instigado por seus amigos. O urso saiu da toca:

Estudei, pois, e estudei muito, tão somente em vista de compreender alguma coisa deste mundo, e eventualmente do outro, sem a menor pretensão de usar meus conhecimentos para me tornar aquilo que se convencionou denominar *alguém*.

Urso na toca, mantive-me por trinta anos entre livros e uns poucos amigos, ensinando em cursos privados, sem sentir a menor falta daquela tagarelice colorida que entende por *vida cultural*. (Carvalho, 2019b: 360)

O *filósofo* se autodenomina um “esquisitão filosófico”. Solitário lendo Platão e Aristóteles enquanto a “vida cultural” perdia tempo lendo Juan Posadas e Régis Debray para fazer a luta armada (esses são chamados de “macaco no seu ruidoso picadeiro”). A saída da toca do “urso silencioso” ocorreu depois da recusa a seu trabalho sobre Aristóteles¹¹⁸ por “selvagens togados” (Ibidem: 364). A recusa de seu trabalho sobre Aristóteles é a constatação de que a realidade não importa mais para o meio acadêmico, apenas a aceitação dos colegas e a concordância com suas teorias distantes da realidade.

Essa mitologia do “urso que saiu da toca” é um ponto de contato com os ultraliberais que construíram um campo de pensamento de direita próprio. Olavo é um autodidata, não possui diplomas. O Prefácio de Bruno Tolentino para *O Jardim das Aflições* é a defesa de Olavo como um “filósofo nato” muito mais merecido que diplomas, PhDs, cátedras etc. Essa vocação filosófica nata é incompatível com o “alinhamento compulsivo” de nossa inteligência. Como escreveu Tolentino ao seu estilo:

¹¹⁸ É desse trabalho a “teoria dos quatro discursos”. Mais do que falar da teoria em si, interessa para esta pesquisa o quanto ela é consagrada no olavismo como uma das *genialidades* do professor, reconhecida internacionalmente até por um cubano que utilizou a tal teoria no ensino de matemática nas escolas cubanas. Essa informação não foi conferida, e talvez não seja o mais importante saber se é factual ou não. E sim o uso dessa história como demonstrativo do boicote sofrido por Olavo até mesmo quando reconhecido pelo inimigo externo.

Sem dúvida a circunstância dessa solidão defensiva e profilática [de Olavo] o terá, *not least*, ajudado a balizar justamente o terreno minado da autocastração por timidez, subserviência ou simplesmente descaro, tão patentes em nosso incipientíssimo e prudentíssimo *intellectual output* (in Carvalho, 2015: 21)

Olavo constitui assim sua autoridade de *profeta weberiano* como aquele desinteressado e independente das estruturas regimentais. Os profetas são líderes carismáticos que surgem em momentos de crise para desafiar as estruturas de poder estabelecidas.

o capital pessoal a que se pode chamar heróico ou profético e no qual pensa Max Weber quando fala de “carisma” é produto de uma acção inaugural, realizada em situação de crise, no vazio e no silêncio deixados pelas instituições e os aparelhos: acção profética de coação de sentido, que se fundamenta e se legitima ela própria, retrospectivamente, pela confirmação conferida pelo seu próprio sucesso à linguagem de crise e à acumulação inicial de força de mobilização que ele realizou. (Bourdieu: 2011: 191)

Os profetas possuem uma aura de carisma que os torna capazes de mobilizar adeptos e desafiar as normas sociais existentes. Deslocados das estruturas estabelecidas, o profeta mostra a si mesmo como independente e em comunicação direta com o divino, apresentando uma mensagem de transformação radical, muitas vezes inspirada por visões ou revelações pessoais. Os profetas representam uma forma alternativa de autoridade, baseada no carisma e na sua mobilização de pessoas como “seguidores”:

4.4.2. Autodidatismo e autoconfiança

Cesarino (2022) aborda de maneira cibernética as emergências de populismos digitais de extrema-direita associados com públicos conspiratórios. Em síntese, sua tese é:

a eu-pistemologia na escala individual (local), junto com as conspirtualidades na escala holística (global) e a bifurcação amigo-inimigo na escala sociológica (de grupo) constituem a tríade epistêmica que organiza todos os públicos antiestruturais estudados aqui, e possivelmente outros. (Ibidem: pos. 2570)

Por eu-pistemologia a autora designa o conceito de que os critérios de veracidade são a concordância pessoal e os afetos individuais internos com os dados externos: a verdadeira teoria é aquela que confirma o que acredito. Conspirtualidades é a adoção de explicações ocultas e superdimensionadas para as questões polêmicas, como por exemplo dizer que a covid-19 foi uma plano arquitetado pela China para quebrar a economia do ocidente por meio das organizações internacionais de saúde interventoras. Bifurcação amigo-inimigo é a cisão profunda e intransponível do outro enquanto seu oposto e adversário.

Público antiestruturais são aqueles que operam por meio do englobamento dos contrários: as mídias alternativas da direita reacionária populista não buscam ganhar espaços na mídia tradicional. Ela emula as formas, as apresentações, os estilos mas com os seus

conteúdos e suas mensagens. A um desavisado, um documentário da produtora Brasil Paralelo pode despercebidamente passar por um conteúdo do jornalismo da TV Globo. Esse mecanismo de englobamento causa a sensação de estranhamento-familiar muito usada pelos redpill e olavistas: uso das mesmas palavras, da mesma estética, mas com sentidos invertidos. Por exemplo, no Prefácio ao livro *A Verdade Sufocada* no qual o general Paiva fala em “graves violações de direitos humanos” perpetradas por grupos armados de esquerda durante a ditadura.

O autodidatismo e o “procure você mesmo” do olavismo e da redpill são propícios para criação de espaços conspiratórios e de ciências alternativas. O problema é a universidade: “a universidade, em vez de criar uma multidão de intelectuais independentes e críticos, continua sendo a interface entre a classe dominante e o aparelho do Estado” (Carvalho, 2019b: 199). Estranhamente familiar. O olavista é autoconfiante na sua capacidade de produzir conhecimento, aprendido com o mestre. Olavo refuta Hegel, ainda com elegância ao dizer que o filósofo alemão possuía certa inteligência, mas muito mal empregada.

As plataformas digitais são estruturadas para os usuários não encontrarem a informação, e sim que a informação encontre os usuários. O fracasso dos mediadores, curadores e especialistas, no qual os usuários procuram por si mesmo suas fontes de informação é propício para os afetos primários, aqueles mais capazes de reterem a atenção. Se o leitor já teve a experiência de ter contato com algum conteúdo conspiracionista, imagina-se que tenha percebido o quão sedutor são as explicações sobre complôs internacionais e explicações simples para problemas complexos. Há uma magia operando nos grupos conspiracionistas muito similar ao olavismo. Quem pertence a algum grupo conspiracionista crê ser dotado de uma saber especial.

A universidade para o olavismo é uma burocracia estamental que se retroalimenta com sectarismos e interesses particulares. O aluno e seguidor típico de Olavo é um sujeito curioso e incomodado, que pela internet tenta procurar respostas não encontradas facilmente. Flavio Morgenstern¹¹⁹ prestou homenagem ao *professor* na ocasião da sua morte ao dizer que Olavo era perigoso porque atacava o cânone filosófico, sabia criticar e buscava a verdade, sem ter medo de falar dos erros dos “consagrados”. Não quis se enquadrar em nenhuma escola de pensamento e pregou a independência, o ato de filosofar mais puro que existe. Além disso, é um individualismo radical e uma descrença em qualquer ação via institucionalidade.

¹¹⁹ “A curiosa posição de Olavo de Carvalho no cânone filosófico” disponível em: <https://sensoincomum.org/2022/02/02/a-curiosa-posicao-de-olavo-de-carvalho-no-canone-filosofico/>

Essa independência se encontra num artigo consagrado internamente no olavismo como “excepcional”. Ele é chamado de “O ponto de partida da investigação metafísica” (Carvalho, 2012: pos. 1464~). Nesse artigo o *professor* teria provado de maneira irrefutável que o filósofo solitário é muito mais competente do que um grupo, pois o indivíduo tem consciência da própria morte, o que não ocorre a uma coletividade. É uma defesa incontornável do autodidatismo e do “procure você mesmo”, que instaura uma afinidade entre os “curiosos” da internet e o sistema de pensamento olavista. Esta citação seria a prova definitiva de que a universidade é prejudicial para a filosofia:

Por isso mesmo tem sido uma suma desgraça do pensamento ocidental a crença generalizada de que os julgamentos da consciência individual devem ser submetidos à verificação ante o tribunal da comunidade letrada, sempre que essa crença não seja compensada pela admissão da sua contrapartida necessária: a admissão de que somente a consciência individual pode ser plenamente responsável por suas próprias palavras, enquanto as coletividades, destituídas de vida biológica unitária, diluem sempre sua responsabilidade entre as cabeças individuais que as compõem e, ao mesmo tempo que proclamam possuir tanto mais autoridade quanto maior o número de seus membros, na mesma medida se tornam tanto mais incapazes de assumir uma responsabilidade moral, jurídica ou intelectual pelo que quer que criam ou afirmem; e, sobretudo, podem eludir indefinidamente, por serem de duração indefinida, a admissão da única premissa material universalmente válida de todos os raciocínios metafísicos, que é a realidade da morte. [...] O consenso acadêmico ou letrado tem, portanto, menos autoridade em metafísica do que o meditador solitário. (Ibidem: pos. 1494)

O olavismo, portanto, é uma pedagogia. Uma formação das almas. Um incentivo para a dúvida, para a crítica, para a formação pessoal do pensamento. Os últimos artigos do livro “O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota” é um guia de estudos. Primeiro, diz o *professor*, é preciso desaculturar (Carvalho, 2019a: 606) o estudante, afastá-lo das “noções consagradas do nosso tempo”: “A educação universitária brasileira é toda ela antieducação, já que visa somente a inculcar no aluno a mentalidade dominante da classe acadêmica atual” (Ibidem). Isso fará dele um crítico e um sujeito independente dos laços dominantes. Depois é preciso mostrá-lo os conhecimentos universais humanos. Olavo cita uma bibliografia básica lida por ele para formar seu pensamento com 49 autores mais os livros sagrados (Ibidem: 603).

Essa sua bibliografia básica foi o que lhe permitiu “ter razão” e “prever o futuro” enquanto estava afastado da burocracia universitária. É uma exaltação do “faça você mesmo”:

A hipótese de que exista uma realidade objetiva da vida política, de que ela possa ser conhecida, de que o indivíduo em questão tenha estudado muito com o objetivo de conhecê-la e de que depois de quatro décadas de esforço tenha conseguido montar um conjunto de critérios científicos razoáveis para fazer previsões acertadas dentro de um quadro definido de possibilidades, ah!, isso não ocorre a ninguém. É absurdo demais. É escandaloso. É repugnante. É impossível.

E eu lhes direi no entanto: foi precisamente isso o que aconteceu, patetas. Enquanto vocês enchiam sua cabeça de cocô universitário [...] preferi ficar em casa estudando, por achar que assim faria melhor uso das horas que o pessoal uspiano gastava em condução, papo furado, assembleias, greves, festinhas de embalo e surubas gerais no CRUSP, totalizando essas várias ocupações aproximadamente 98% da vida acadêmica útil. (Ibidem: 601)

4.5. A SÍNTESE ENTRE OLAVISMO E BOLSONARISMO

No seu estudo sobre a trajetória de Mozart, Elias (1995) investiga a interseção entre as composições de Mozart, tido como um *gênio* e o momento específico em que viveu, a transição da centralidade na rede de interdependência da corte aristocrática para os círculos burgueses. Contrapondo-se às versões biográficas que enfatizam a *genialidade* e o *talento*, dotes pessoais de Mozart, Elias demonstra que a figura paterna, um músico medíocre de corte, foi fundamental para a trajetória do “gênio”. Além disso, a situação específica de ambivalência de Mozart, que queria ser aceito e adorado pela corte, porém com profundo repúdio à subserviência que sua posição demandava diante da corte decadente. Essa ambivalência possibilitou que Mozart produzisse com o *gosto* aristocrático, mas ao modo de artista *livre*, o que só seria socialmente aceito no século seguinte. Portanto, o treinamento e formação do pai que sabia as regras da corte, a tradição, as técnicas e os *gostos* musicais, aliados à posição ambivalente do músico burguês que devia subserviência a uma sociedade de corte decadente foram fundamentais para sua trajetória ao mesmo tempo *genial* e trágica.

Não que Olavo de Carvalho seja Mozart, mas o *professor* é da mesma geração dos jovens estudantes intelectualizados nas grandes cidades que lutaram contra a ditadura (nasceu em 1947 e tinha 19 anos em 1968). Olavo conheceu pessoalmente José Dirceu e Rui Falcão nos anos 1960, abrigou em sua casa fugitivos da repressão política. Olavo diversas vezes tem nostalgia de sua geração de estudantes, independente se de direita ou de esquerda. Até mesmo os comunistas eram mais inteligentes. A leitura olavista, reproduzido por um dos mais condecorados alunos (Gordon, 2018) é que a “patologia cultural brasileira” é culpa da geração dos anos 1960 que culpou a repressão política pela decadência cultural dos anos seguintes. Olavo viveu da nostalgia da vida intelectual dos anos 1960 que foi destruída pela sua própria geração. Sua situação era ambivalente: queria ter sido aceito pela academia, mas a academia se tornou decadente.

Flávio Gordon é outro de seus sacerdotes. Cientista social com doutorado em Antropologia Social pelo Museu Nacional (UFRJ)¹²⁰, Gordon frequentou as instâncias

¹²⁰ Há muitos olavistas no meio acadêmico, nos mais diversos níveis. O caso mais curioso é de Rubens Enderle, tradutor de diversos livros de Karl Marx para a editora Boitempo. Ele foi aluno de Olavo de Carvalho, admirador

acadêmicas brasileiras como um estrangeiro: um olavista na universidade pública. Assim descreve seu livro: “Depois de anos escravizado pelos falsos rigores do formalismo acadêmico, sinto-me livre hoje para escrever como bem entendo [...] **minha carta de alforria**” (Ibidem: 57, grifos nossos). É uma imagem forte de vitimização. Em 11 anos de universidade, Gordon diz que nunca se deparou com nomes de direita (Ibidem: 178). Os intelectuais são de esquerda sem saberem:

a esquerda é tão culturalmente hegemônica no Brasil que grande parte dos intelectuais públicos [...] é de esquerda sem nem mesmo saber disso. Essas pessoas adotam uma perspectiva de esquerda porque nunca conheceram outra, porque ser de esquerda lhes é tão natural quanto respirar. O grosso da elite cultural brasileira nos dias de hoje é assim. Seus gostos e repulsas lhe são predeterminados quase que à sua revelia, pela força do hábito (Ibidem: 219)

Ser de esquerda é tomar a “bluepill”, ser mais um. Ser de direita é ser redpill.

Seu livro *A Corrupção da Inteligência* é o aprofundamento das teses de seu mentor acerca da destruição cultural da geração de estudantes de 1960 perseguida pela ditadura e sua dominação no cenário cultural brasileiro. A motivação para seu livro é “um reencontro da intelectualidade brasileira com o seu povo” (Ibidem: 52). Existiria uma elite que despreza o povo, detentora do “monopólio sobre os meios de expressão e a circulação das ideias” (Ibidem: 65). Não haveria margem para o contraditório, numa “espiral do silêncio” de todos que não agradem a essa elite. A universidade é um “verdadeiro círculo de autobajulação e elogios em boca própria” (Ibidem: 107).

A Nova República é um produto da imaginação dos intelectuais esquerdista de 1960 representados pela dicotomia inimigos-irmãos de PT e PSDB. O líder sindical (Lula) e o intelectual marxista (*sic*)(Fernando Henrique Cardoso) são os símbolos da Nova República da conquista do Estado pelo método gramscista de hegemonia e produção de consensos. Isso ocorreu pelo “politicamente correto”¹²¹, que operou uma “revolução semântica” (Ibidem: 120) que produziu uma realidade própria e distante do “mundo real”. O caso citado por Gordon é de não se noticiar “racismo cometido por negros contra brancos” (Ibidem: 126), um fato existente na realidade, mas silenciado pelo “politicamente correto”. Outro caso é de Laerte, que teria “virado mulher” para poder chamar a atenção (Ibidem: 133).

É na Parte II do livro, chamada “1968: o ano que nunca termina” que Gordon realiza a síntese entre olavismo e militares. Citando Rodrigo Patto Sá Motta, Gordon fala de uma

do *professor*, inclusive pesquisando em seu doutorado um dos principais autores trazidos por Olavo ao Brasil, Eric Voegelin.

¹²¹ Inimigo comum a militares, liberais, olavistas, bolsonaristas e redpills.

“cultura política” brasileira na qual a geração de 68 se vê como pertencente à “vanguarda da humanidade e do progresso social” (Ibidem: 216). Então Gordon se apropria do artigo citado anteriormente nesta pesquisa de Roberto Schwarz sobre a esquerda ocupar os “santuários da cultura burguesa”.

A esquerda se sente vitimada pela ditadura quando na verdade é dominadora, reagindo com **violência** contra a minoria que se contrapõe à sua hegemonia (Ibidem: 221). Essa sensação de vitimização da esquerda seria superdimensionada, pois a censura no Brasil foi feita por amadores, “ignorantes politicamente” que deixaram a esquerda dominar a cultura brasileira. Gordon (Ibidem: 244) fala na concepção de “ditabranda”, citando situações em que a censura era facilmente driblada pelos habilidosos comunistas. Por conta dessa censura falha, o autor diz que não houve a “interiorização da censura”, ou seja, os comunistas não se sentiram acuados.

Um parêntese. Gordon retoma autores consagrados nas pesquisas sobre militares, política e ditadura. Além de Motta, Gordon cita José Murilo de Carvalho, Denise Rollemberg e, como dito, Roberto Schwarz. Isso é importante porque nos círculos de direita, seja militar, seja olavista, seja liberal, os trabalhos acadêmicos são lidos e debatidos. O tipo ideal weberiano do olavista e de sua vertente redpill é o aluno calado, isolado do restante da turma, atento às aulas e com boas notas e bons trabalhos, leitor das leituras propostas pelas disciplinas e, também, suas leituras particulares e autodidatas.

As únicas vítimas, que foram poucas, da “ditabranda” foram os jovens estudantes intelectualizados distantes do “povo”. Numa sintonia afinada com as teses de Carlos Alberto Brilhante Ustra sobre juventude e militantes profissionais:

Esses jovens e adolescentes [que lutaram contra a ditadura] foram cobaias de um experimento social sinistro, uma espécie de transplante do espírito coletivo de vingança de uma intelectualidade revolucionária [dos militantes profissionais ...] para corpos novos e sadios, por meio dos quais aquela vampiresca geração [dos militantes comunistas de 1960] pretende viver para sempre (Ibidem: 303)

A Conclusão do livro é um apanhado de pânico moral sobre a “degradação da universidade”. Ridicularização da universidade como ambiente de sexo, drogas, pichações, crimes etc. Num momento autobiográfico, Gordon lamenta não ter encontrado “alta cultura” nos seus 11 anos de universidade, ambiente no qual o “nivelamento cultural por baixo” iguala “lixo” com “cultura”. Cita clássicos como Dante e Platão como não mais lidos por nenhum aluno. “Valesca Popozuda é, hoje, o que há de mais *establishment* dentro da academia” (Ibidem: 348). O *rapper* Mano Brown é considerado intelectual. A cultura universitária é a

valorização de tudo que há de mais degradante no humano: a bandidagem e a perversão sexual.

A Conclusão é a síntese de um sentimento de lamentação e tristeza central para o olavismo, para a redpill e para o reacionarismo: **o mundo está em decadência**. Não se faz mais literatura como se fazia no passado. As pessoas não leem mais, ninguém discute *A Divina Comédia* pelos corredores da universidade, que hoje é um antro de performances esdrúxulas. Gordon lamenta pertencer à sua geração. É um sentimento de estar cercado de idiotas.

A tese olavista de um de seus alunos “brilhantes”, o sacerdote Flávio Gordon, é de que a repressão policial aos comunistas durante a ditadura foi operada por amadores que só ligavam para as ações armadas, deixando livremente a dominação cultural comunista. A concordância com o ressentimento militar se refere à “lavagem cerebral” conduzida por agente comunistas profissionais que manipulam jovens estudantes e plantaram ideias até hoje difundidas, tais como o golpe ter sido dirigido pelos EUA¹²².

Tal como disse Brilhante Ustra, que falou em “passividade dos vencedores”, os militares não foram capazes de “internalizar a censura” nos comunistas, abrindo espaço para a hegemonia dos derrotados e a humilhação dos militares. Esses derrotados nas operações militares bem-sucedidas de repressão à luta armada foram os mesmos comunistas que receberam bolsas de estudo nas universidades e o controle da Capes e do CNPq das mãos dos militares (Ibidem: 175).

João Cezar de Castro Rocha (2021) enfatiza no Orvil a afinidade entre militares e olavismo, que se expressaram nas teses sobre “marxismo cultural” e “hegemonia da esquerda”. Ao ser retornado nesta pesquisa os trabalho de Ustra e de Flávio Gordon busca-se acentuar a centralidade das “mentes” dos jovens e a noção de decadência moral e cultural na Nova República. É o decadentismo que se expressa nas suas formas de “salvacionismo” nos militares e de “alta cultura” em Olavo de Carvalho.

A síntese do livro de Flávio Gordon é uma crítica amarga à universidade pública. É mais um desabafo¹²³. Nas derradeiras linhas do livro o autor discorre sobre as “tragédias

¹²² Gordon e Olavo debatem o golpe de 1964 como se houvesse um consenso de que o golpe foi comandado pelos Estados Unidos, quando o debate é acadêmico já considera 1964 como resultado de uma crise interna brasileira.

¹²³ O “desabafo” pode ser considerado a principal forma de expressão do bolsonarismo em seus primórdios e uma profunda afinidade com a cultura redpill.

“pessoais e familiares” decorrentes dessa *destruição* da universidade realizada pela geração de 68. A citação é longa, mas nela está todo o espírito do olavismo e sua tentativa de resgate cultural, em sintonia com os militares:

Na ausência da devida representação cultural e artística sobre o drama da universidade brasileira, coube a uma desprezível página numa rede social [...] a missão de chamar atenção para o problema. A página “**Antes e depois da Federal**” foi criada com o objetivo satírico de retratar, mediante a comparação entre fotos antigas e atuais, as drásticas transformações em comportamento e aparência experimentadas por jovens e adolescentes depois de haverem ingressado numa universidade pública brasileira.

Mas, talvez sem saber, o que os autores da página faziam não era sátira, mas tragédia. Subjazem àquelas imagens um sem-número de tragédias pessoais e familiares, cuja invisibilidade cultural o registro fotográfico não teria como contemplar, senão apenas sugerir. Logo, as fotos impressionam sim pelo que mostram, mas especialmente pelo que se nos dão à imaginação complementar. Vemos garotos assumindo a aparência de mulher, enquanto meninas se masculinizam; uns raspam cabelos e sobrancelhas; outros, ao contrário, deixam crescer todos os pelos do corpo, que tingem de azul e rosa; uns se pintam, usam cílios postiços e roupas exuberantes; outros se exibem desnudos, com piercings pelo rosto e a língua para fora, em sinal de deboche e revolta contra o mundo... Todos agora são ativistas e militantes de alguma causa, e a radicalidade da transformação física exprime uma revolta interior mal formulada, transposta precoce e equivocadamente para o terreno da luta política. Jamais se viu uma politização da existência — e dos próprios corpos — tão rápida e tão brusca quanto a que se passa na vida desses universitários. [...] a impressão transmitida por aquele conjunto de fotografias é a de estarmos diante, não de uma mudança de identidade voluntária e natural à idade, mas da adequação semiconsciente a um contexto que a exige e fomenta. Enganam-se profundamente esses jovens se acreditam terem se individualizado e libertado ao passar de um estado ao outro. Dá-se com eles precisamente o contrário, e é o seu olhar quem revela: se, antes, entrevia-se nos olhos de cada um o brilho de uma personalidade singular pronta a se desenvolver, as novas fotos revelam invariavelmente a presença de um mesmo olhar esmaecido, o olhar bovino de quem se livrou de uma autoridade familiar e benfazeja apenas para render-se ao arbítrio de uma força coletiva de homogeneização das consciências.

Os pais, que outrora lamentavam perder os filhos para as drogas e as más companhias, agora os perdem para a universidade. (Ibidem: 359-360, grifos nossos)

É então que uma página criada por um mecânico de automóveis de São Paulo, Flávio Garage, aquele mesmo que disse que todo bolsonarista tem um pouco de André Mathias de *Tropa de Elite*, reaparece nas páginas de Flávio Gordon, antropólogo e aluno de Olavo de Carvalho que pretende resgatar a “alta cultura”. Em comum aos dois Flávios com o coronel ex-comandante do DOI-Codi de São Paulo, Brilhante Ustra, há um sentimento de as elites universitárias fazerem mal aos jovens, no sentido mais profundo da palavra “mal”. “Mal” porque garotos adotaram aparência de mulheres e mulheres, masculinizaram. O mundo se inverteu e está em ruína.

5. COMO FOI POSSÍVEL?

Neste capítulo será feita uma discussão sobre as condições de possibilidade de uma juventude radicalizada politicamente tal como os jovens redpillados. Este capítulo é como um interregno de discussões para o derradeiro capítulo, no qual finalmente serão apresentados os sentidos do mundo do avesso e seus desdobramentos atuais. Busca-se neste capítulo afinar as ferramentas de análise sobre a redpill como um processo de constituição de uma juventude de extrema-direita conectada com os esfacelamento das relações sociais do neoliberalismo e um articulado e poderoso movimento de populismo reacionário internacional.

5.1. JUVENTUDES RADICALIZADAS

5.1.1. Estudantes contra a ditadura militar

No mestrado, dediquei-me à escuta e à análise dos depoimentos prestados na Comissão da Verdade das Universidades Públicas do Ceará sobretudo de estudantes nos anos 1960 e 1970 que estiveram na oposição ao regime ditatorial e sofreram graves violações de direitos humanos por parte de agentes do Estado. Na tentativa de responder “por que os estudantes lutaram contra a ditadura?”¹²⁴ foram feitas algumas reflexões que contribuem para a compreensão do mundo do avesso.

É preciso retomar esses apontamentos e como se desenrolou a oposição estudantil ao regime militar para o estudo da cultura redpill. Como foi visto, os jovens que lutaram contra a ditadura estão no cerne da discussão interna aos militares e ao olavismo: as vítimas da ditadura eram das camadas intelectualizadas da sociedade, apartados do restante da população, e foram manipulados por militantes profissionais. Esses estudantes manipulados por militantes profissionais nos anos 1960 alojaram-se nas universidades e dominam a cultura brasileira desde então. Seu domínio se expressa pelo abandono da “alta cultura” para o olavismo e pela desonra dos valores militares.

Nos dados colhidos pelo projeto *Brasil: nunca mais*¹²⁵ (BNM), 58,68% dos atingidos pelos processos judiciais por motivos políticos tiveram acesso ao nível superior (4.619 dos 7871 conhecidos). Em 1965, os dados da CAPES é de que apenas 0,18% da população brasileira estavam matriculados em instituições de ensino superior (142.386 matrículas numa

¹²⁴ Apresentamos aqui uma versão do que se encontra em Oliveira Filho (2017: 72) em diante. Logo a seguir retomo dados ligeiramente modificados que estão nas páginas 20 e 21.

¹²⁵ Eles podem ser acessados no site do projeto disponível em: <http://bnmdigital.mpf.mp.br/>. É possível acessar todos os processos arquivados, porém alguns estão danificados, dificultando a leitura, como o processo 566 referente ao PCB no Ceará em 1964.

população de 79.837.000) (*apud* Sanfelice, 1986: 15). Somente no Censo do IBGE de 1970 a população urbana suplantou a população rural (56% da população urbana). Conforme o mesmo Censo, apenas 2/3 das crianças de 7 a 14 anos tinham acesso à escola. Educação era um direito restrito para grande parte da população. Dos 3.698 atingidos que tinham ocupação conhecida nos arquivos do BNM, 906 (24,5%) eram estudantes no momento do processo: é a ocupação mais comum, seguida por profissionais liberais (16,2%) e trabalhadores manuais urbanos (13,5%).

Esses dados demonstram a centralidade da parcela jovem e escolarizada do país na oposição ao regime, sobretudo de estudantes universitários. Essa demografia indica que o acesso à educação era circunscrito a uma fração muito pequena da população. Outro aspecto a ser considerado é que o confronto com o regime se concentrava principalmente nas áreas urbanas, apesar de o Brasil ser predominantemente rural. Essa dinâmica nos permite traçar o seguinte cenário: enquanto a resistência ao regime era urbana e universitária, o restante do país era rural e tinha acesso precário à educação básica. A importância do ambiente universitário na luta contra a ditadura é fundamental, uma vez que os estudantes da época eram os mais diretamente envolvidos e afetados pela repressão política. Por outro lado, o conflito decorrente do Estado ditatorial era isolado do restante da população, especialmente aquele que ocorreu no meio universitário nas décadas de 60 e 70.

Os depoimentos dos participantes da Comissão eram em grande maioria de ex-estudantes universitários. As vítimas do regime eram oriundos das classes com acesso à educação superior. Esse capital simbólico proporcionou uma maior condição de visibilidade aos crimes cometidos pela ditadura. Ocorria, por vezes, desses estudantes perseguidos serem parentes ou terem vínculos sociais com os dirigentes ou agentes do regime pela sua origem social compartilhada (classes médias e altas), apesar da oposição política.

Após a Anistia, os perseguidos políticos conquistaram posições sociais e espaços para denunciar torturas e medidas arbitrárias. Eles puderam registrar suas memórias em livros, documentários, filmes e na grande mídia, dispondo de bens simbólicos e materiais para manter viva a experiência de resistência à ditadura, impedindo o esquecimento de sua geração. Havia, portanto, as condições de luta contra o esquecimento das violências sofridas, desestabilizando a “abertura pactuada pelo alto” da Anistia.

As mobilizações estudantis e suas condições de classe média no contexto da ditadura militar são estudadas na coletânea organizada por Guilhon Albuquerque (1977), “Classes

Médias e Política no Brasil”. A proposta da coletânea é superar a problemática das camadas médias para além dos “velhos termos de pequena-burguesia” (Ibidem: 30), tratado como aquele estrato idiotizado de visão estreita e manipulado pelas elites. A análise enfatiza o aspecto de “operário intelectual” do estudante, que se insere na industrialização como consumidor, e não produtor, defendendo-se da crescente proletarização do capitalismo tardio. O estudante luta principalmente por capital político, social e cultural na impossibilidade de ser das camadas produtivas mais poderosas economicamente.

Marcelo Ridenti (2010) argumenta que a luta estudantil traduz o anseio das classes médias por ascensão social pela via educacional, na concepção do marxismo clássico de pequena-burguesia. Os estudantes ocuparam lugar de destaque na oposição ao regime pelo sentimento de frustração daqueles que alcançaram o acesso ao ensino: “a frustração das perspectivas criadas durante os governos populistas, isto é, o aparente bloqueio de suas perspectivas de ascensão social, mas também de manifestação cultural e política” (Ibidem: 142). Muitos dos estudantes nos anos 1960 eram os primeiros da família a adentrar na universidade, repletos de esperanças e futuras frustrações.

O estudante para Ridenti estava frustrado não somente com seu futuro pessoal e do Brasil por conta do Golpe e das crises econômicas, mas também com a esquerda e seu imobilismo diante da quartelada e conseqüente instauração do regime. O golpe foi uma quebra de expectativas do Brasil. Foi avaliado como uma reação das elites atrasadas e latifundiárias contra os avanços sociais. Frustrada com o futuro e com a esquerda, os jovens optaram pela radicalização. A junção do caráter defensivo de classe média contra a dominação da classe elitista e retrógrada, somado à formação humanista da universidade brasileira, gerou a revolta contra o subdesenvolvimento brasileiro e contra a opção de reforma tecnocrata dos militares.

O trabalho de Marialice Foracchi (1965) complementa as análises sobre a classe média apresentadas por Ridenti e Guilhon Albuquerque ao destacar os conflitos geracionais e o “sistema estabelecido”. Além de pertencer à classe média em busca de ascensão através da educação, o estudante representa a juventude recentemente imersa na dinâmica capitalista após deixar o ambiente familiar. Ele é encarregado das expectativas familiares de “se tornar alguém”, alcançar seu “lugar ao sol” e superar as condições econômicas de sua família de origem. O estudante universitário é visto como a esperança de concretizar esse projeto familiar de crescimento econômico e social. Os jovens ingressam na universidade com a

expectativa pessoal e a responsabilidade perante suas famílias de alcançar uma melhor posição social através do esforço e do trabalho, valores típicos de sua classe. No entanto, ao adentrarem na universidade, confrontam-se com um mercado de trabalho precarizado e uma competição desleal, especialmente em um contexto de país marcado por pobreza e desigualdade.

A classe média é caracterizada por uma dinâmica instável, alternando entre conquistas e revezes, progressos e retrocessos. Ela valoriza as origens humildes, os sacrifícios, os contratempos e a volta por cima. Inconsistência, incerteza, ambiguidade e insegurança são termos frequentemente associados à classe média (Ibidem: 93). É inerente à sua história a busca pela melhoria de suas condições, pela superação da incerteza, e cabe ao jovem estudante concretizar esse anseio. É nele que repousam os desejos de um futuro promissor (cf. Ibidem: 105). O jovem, em síntese, é o instrumento de classe da família (Ibidem: 115).

Foracchi (Idem: 170) se pergunta como o jovem se engaja radicalmente apesar de seu vínculo de classe. Por que o jovem se revolta? Do ponto de vista prático, a mobilização política atrapalha a inserção no mercado de trabalho e a carreira profissional, ou seja, é impeditiva ao seu projeto pessoal de ascensão econômica. A autora chegou em suas pesquisas, baseadas em diversas entrevistas, que o jovem se radicalizou nos anos 1960 primeiro como uma forma de transformação profissional e de carreira para depois se tornar crítico à ordem vigente. Diante de sua impotência frente ao sistema capitalista, o jovem deposita sua energia política não mais na carreira, e sim na mudança da estrutura social.

A origem da mobilização estudantil está na procura de romper os vínculos de dependência primeiramente com a família e depois com sua classe intermediária, que é uma classe incerta. A classe média é espoliada pela burguesia industrial, desprezada pela camada tradicional e afastada do proletariado em termos de ímpeto de luta e de capacidade reivindicativa (Ibidem: 226). É desse limbo que o estudante procura sair. Um exemplo da modificação de lutas particulares para modificação de todo o sistema é a luta pela Reforma Universitária, que não se limitou a aspectos técnicos e curriculares: as mobilizações pela Reforma tornaram-se por uma transformação da ordem social como um todo.

Na Comissão vários foram os depoimentos que remontam o processo de radicalização iniciado com questões práticas da vida estudantil, sobretudo no Movimento Estudantil, para o engajamento em organizações revolucionárias. Houve uma conexão entre a

luta dos “excedentes” que não conseguiam adentrar na universidade, uma questão prática de matrícula, com a exploração imperialista global. Nas palavras de Inocêncio Uchôa em depoimento prestado à Comissão:

Diga-se de passagem, essa luta ela nos transformou rapidamente, *né?* Em 65 eu entrei na faculdade [de Direito]. Tinha certeza de que eu ia ser advogado. Em 66, já não tinha tanta certeza. *Em 67, eu estava pouco preocupado em ser advogado, eu não queria ser advogado, eu queria fazer a Revolução*, e a revolução ia indicar o que eu ia ser na frente: podia ser um líder revolucionário, num futuro governo popular eu poderia ser um burocrata, podia ser um soldado, podia ser um juiz, o que seja.

Ao término do livro, Foracchi passa a criticar a participação política dos estudantes. Diante da incerteza sobre como agir politicamente dada sua condição transitória, um estado de "vir a ser", os estudantes compensam essa lacuna com teorizações: “a cúpula [do movimento estudantil] se refugia na intelectualidade inatingível” (Ibidem: 234-5). A identificação das camadas pequeno-burguesas com os "oprimidos" reflete aspirações sociais frustradas. Essa identificação com os "oprimidos" coloca o estudante em um papel duplo: ele se vê como o agente oprimido e, ao mesmo tempo, como mentor e líder das massas. Entretanto, se sua condição de classe é um obstáculo para sua atuação na transformação social, o estudante busca superar sua origem não mais na carreira, e sim na luta política. Apesar de ter sido escrito antes dos eventos de 1968, nos quais os estudantes desempenharam um papel central, o livro de Marialice Foracchi já antecipava o processo de radicalização dos estudantes, que se atribuíam uma missão devido à sua posição na classe esclarecida e o dever de promover a revolução brasileira.

O jovem engajado politicamente está no centro dos debates dos anos 1960 e 1970. Como foi visto, Braghini (2015) descreve como a “questão estudantil” foi tratada pelo regime e pelos escritores conservadores. De outro ponto de vista, censurado à época e só publicado após a Anistia, o livro “O Poder Jovem” de 1968 do jornalista Arthur José Poerner (1979) fez grande sucesso na clandestinidade. Poerner coloca o estudante como o agente das principais bandeiras de nossa história, como a campanha do “Petróleo é Nosso”, e o Movimento Estudantil como celeiro de nossas lideranças.

Qual a relação do engajamento político dos estudantes contra a ditadura brasileira com a juventude de direita investigada neste trabalho? Ridenti (2010: 135) traz um aspecto importante em seus dados, que também foi observado nos depoimentos da Comissão: “As evidências vão no sentido de que a maior parte dos universitários que aderiram às esquerdas em geral, e às armadas em particular, politizaram-se enquanto estudantes depois do golpe”.

Ou seja, a ditadura foi fator de indução de uma nova forma de se engajar politicamente para os estudantes, diferente do que se fez no período 1945-1964: enfrentamento direto, contestação da autoridade, projeto de mudança social radical e desconfiança dos processos institucionais e legalistas. Como a resposta do regime para o engajamento político estudantil era mais restrições e perseguições, criou-se um sistema retroalimentado de radicalização e repressão: quanto mais reprimidos, mais os estudantes se radicalizam e, quanto mais radicalizados, mais eram reprimidos¹²⁶. Em outras palavras, a ditadura foi fator fundamental na radicalização do estudante, que constituiu a principal força da luta armada pós-AI-5 e, conseqüentemente, a maior parte de suas vítimas.

O marxismo foi tão atrativo para a juventude dos anos 1960 menos pelas suas concepções teóricas e mais pelo seu aspecto alternativo e propositivo de mudança do *status quo*, o qual era percebido pelos estudantes como opressivo. Os autores que retomamos aqui, ao examinarem os motivos que levaram à radicalização política dos estudantes, abordam sua condição de depositários das esperanças por um futuro melhor, tanto para si mesmos quanto para a sociedade em geral. Eles destacam a frustração desses jovens com o regime autoritário da ditadura e com as restrições encontradas no ambiente universitário, principalmente com o futuro profissional. As perspectivas de futuro, com a ditadura, eram sombrias. Inspirados nestes trabalhos, podemos falar que houve entre os estudantes e o marxismo uma afinidade eletiva. O marxismo foi a utopia dos anos 1960 para a juventude.

É preciso tomar cuidado nessa acepção para não cairmos no equívoco de considerar a luta estudantil como um deslumbramento. Esse reducionismo e caricatura são simbolizados pelos livros “1968 - o ano que não terminou” de Zuenir Ventura (1988) e “O que é isso, companheiro?” de Fernando Gabeira (2009), ambos citados como bases para os argumentos de Flávio Gordon (2018). No livro de Ventura, o ano de 1968 é retratado como a rebelião da juventude que se envolveu em movimentos contraculturais, desafiou a moral tradicional e explorou o mundo por meio de drogas e sexo. Ventura destaca a juventude encantada com a liberdade ao sair da casa dos pais, que acreditava poder transformar o mundo. Os jovens tinham a crença ingênua e idealista ao lutar contra a ditadura. Escrito em tom jocoso, descrevendo festas, bebedeiras e piadas, como quem compartilha histórias divertidas do

¹²⁶ Essa visão sistêmica de *feedbacks* positivos e sistemas retroalimentados é o mesmo mecanismo ocorrido com os bolsonaristas e olavistas e sua relação com o que eles chamam de hegemonia da esquerda nas universidades e na mídia. O mesmo pode ser pensado para campos conspiratórios, como a “Terra Plana”.

passado. De certa forma, é possível que o leitor termine a leitura imaginando a esquerda como algo "festivo", carente de seriedade, imatura e deslumbrada, tomada por decisões inconsequentes¹²⁷.

Nas palavras de Daniel Aarão Reis (1997: 102):

Ela [a versão de Gabeira sobre o sequestro e a luta armada] apresenta os movimentos revolucionários dos anos 60 como uma grande aventura, no limite da irresponsabilidade: ações tresloucadas. Uma fulguração, cheia de luz e de alegria, contrapontos trágicos, muita ingenuidade, vontades, desejos, ilusões. Diante do profissionalismo da ditadura, que restava àqueles jovens? *Ferraram-se*. Mas demos todos boas risadas. Afinal, o importante é manter o bom humor.

Gabeira pinta uma oposição ingênua e inconsequente, como se estivesse numa brincadeira sem saber no que estava se envolvendo. Ela contribuiu com o esquecimento dos *anos de chumbo*, pois a luta armada nada mais era do que desvario da juventude que ousou se meter com a polícia¹²⁸. A radicalização política como algo passageiro, uma “fase” da juventude.

O que se buscou estabelecer com a retomada do engajamento estudantil contra a ditadura é que afetos de esperança e frustração são fundamentais mobilizadores de luta política da juventude. O marxismo ter sido a utopia dos anos 1960 significa que ele foi capaz de mobilizar energias políticas de modificação no presente para alcançar um futuro melhor. Essa retomada é fundamental para rebater a justificativa engendrada pelos militares e pelo olavismo sobre a participação da juventude contra a ditadura pelo uso de técnicas de manipulação e doutrinação.

Da mesma maneira que as bases do pensamento no bolsonarismo, o ressentimento militar e o olavismo, recorrem a essas explicações irracionalistas sobre a mobilização estudantil contra a ditadura, é preciso cuidado no estudo sobre a redpill para não recair em explicações que utilizem mecanismo de “lavagem cerebral”, tais como as plataformas digitais algorítmicas. A utopia regressiva dos redpills não foi um produto de manipulação e sim uma elaboração política que dialoga com a experiência de mundo desses jovens.

¹²⁷ Essa visão da “esquerda festiva” no mundo do avesso é a chamada “esquerda caviar”, que seriam os artistas e intelectuais ricos que usam o marxismo apenas para “sinalizar virtude” e se vender uma figura pública boazinha, quando na intimidade se beneficiam das conquistas do capitalismo e adoram dinheiro e luxo. O exemplo máximo desse estereótipo é o livro de Rodrigo Constantino citado no cap. 3, “Esquerda Caviar”.

¹²⁸ Contra essa versão de Gabeira, que depois virou filme, diversos autores se reuniram para publicar *Versões e Ficções: O sequestro da história* pela editora da Fundação Perseu Abramo, em 1997, no qual está o trecho de Daniel Aarão Reis que citamos acima.

5.1.2. Um lugar no mundo

No momento em que encerrava a dissertação, no final de 2017, meu contato com a juventude olavista e reacionária era incipiente, mas algo parecia familiar com os depoimentos dos ex-estudantes que foram perseguidos pela ditadura. Foi então que surgiu a ideia de que seria interessante trabalhar no doutorado com o “outro lado”, porém pensando que as juventudes radicalizadas não eram tão diferentes quanto se poderia imaginar. A juventude revolucionária de 1960 poderia trazer elementos para auxiliar na compreensão da juventude reacionária dos anos 2010.

Da leitura de “Os Alemães”, de Norbert Elias (1997), surgiu a possibilidade de haver semelhanças entre as juventudes dos anos 1960 e 1970 com a dos anos 2010 saudosa da ditadura militar e profundamente anticomunista. *Os Alemães* é um trabalho do fim da vida de Elias, que buscou usar seu aparato teórico e metodológico para a compreensão da “brutalização” das classes médias e ascensão do nazismo no seu país¹²⁹.

Elias descreve a realização que diversos jovens sentiam ao ir para Primeira Guerra de 1914. A sensação era de realização com a deflagração da Guerra, era a oportunidade de consagração da Alemanha potência. Ir à guerra como algo maravilhoso, grandioso, inenarrável momento de glória (Ibidem: 169). Ele esteve na batalha, inclusive. Não havia cogitação de derrota, a vitória era considerada óbvia. O desfecho foi um duro golpe para a autoimagem alemã, o fracasso militar desmoronou a auto-estima da “boa-sociedade” guilhermina.

Além disso, a derrota ainda possibilitou a entrada na disputa política de atores excluídos até então, como os trabalhadores. A participação de grupos com status social

¹²⁹ Elias teve uma vida longa (1897-1990) e nômade: “Sou um viajante” (Elias, 2001). De origem judia, sua família foi diretamente impactada pelo nazismo, o que lhe obrigou a se instalar em diversos países ao longo da vida. Participou da Primeira Guerra auxiliando na logística e comunicação do exército alemão e teve relação direta, como auxiliar de pesquisa, com Karl Mannheim, outra referência importante nesse início de pesquisa. Durante a conturbada República de Weimar (1918-1933), Elias teve contato com a ascensão nazista, além das crises institucionais, econômicas e a instabilidade política na Alemanha. A República de Weimar é um momento de ebulição ideológica e de extrema violência, inclusive terroristas, com a formação de milícias armadas e paramilitares, como aquela que resultou na morte de Rosa Luxemburgo. A sociologia de Elias é interessada em processos de longa duração. O desenvolvimento do “habitus nacional alemão” que possibilitou o surto descivilizatório do nazismo era sua problemática. Localizada entre os povos latinos e os povos eslavos, palco de diversas guerras, disputas e tensão constante pelo espaço, a Alemanha vislumbrou a realização de um sonho com o Segundo Império (o *Kaiserreich* de 1871) criado por Otto von Bismarck de grandeza e domínio sobre a Europa e profunda decepção com a derrota na Primeira Guerra. As vicissitudes da análise eliasiana sobre a absorção de um ethos guerreiro e aristocrático pela burguesia, expressados pela prática do duelo, não contribuí diretamente para esta pesquisa.

considerado inferior era considerada um aviltamento para os jovens oficiais e estudantes. Um desonra. Um grupo, nação ou classe em declínio tenta resistir à queda, mesmo que seja inevitável. Ocorreu um desequilíbrio na balança de poder, no vocabulário eliasiano, pressionando a uma nova configuração de poder. Mais do que material, a perda de poder ameaça a autoimagem, ameaça aquilo que confere sentido e valor a suas vidas.

Após o fim da guerra, jovens oficiais e estudantes que não queriam participar da vida civil, estavam em aguda oposição à República de Weimar, que estava maculada pela derrota. Contrários às organizações trabalhistas e social-democratas, numa designação genérica de “bolcheviques”, os jovens oficiais e estudantes ingressaram em *Freikorps*, que foram grupos paramilitares e terroristas do período. Em resumo, os Freikorps eram contra tudo: contra o infame Tratado de Paz, contra a República, contra o Parlamento, contra a Social-Democracia e, sobretudo, contra os bolchevistas. Sonhavam com a “restauração do antigo mundo, ou seja, a restauração do império alemão com um poderoso exército, e em cuja hierarquia de status o oficialato e os valores militares ocupariam de novo o alto lugar que lhe era apropriado” (Ibidem: 177).

Há um processo evolutivo do jovem oficial ou cadete guilhermino, que com a derrota ingressa em Freikorps, pratica terrorismo e, por fim, participa das fileiras do Partido Nazista. Hitler renovou as esperanças com a derrubada da infame República de Weimar e suas promessas de Terceiro Reich, Império e purificação da raça, que significava a eliminação daqueles responsáveis pela derrota na Primeira Guerra: judeus e comunistas. O líder nazista foi capaz de transformar os valores das Freikorps num vasto movimento popular, ou seja, rompeu as barreiras elitistas e específica de estudantes e jovens oficiais. O Führer mobilizou uma utopia diante de “um abalado orgulho nacional, uma identidade nacional muito insegura de si mesma, um ideal nacional retrógrado que envolvia a projeção da imagem fantasiosa de um passado mais grandioso no futuro” (Ibidem: 293).

O autor realiza um paralelo entre os grupos paramilitares da República de Weimar como os grupos revolucionários da República Federativa dos anos 1960, fundamental para a concepção desta pesquisa:

Em ambos os casos, essas organizações desenvolveram-se gradualmente, no começo, após uma série de severas decepções e fracassos. Em termos de classe, a maioria dos terroristas em Bonn [anos 1960], assim como na República de Weimar, provinha de famílias burguesas. Havia também entre eles numerosos estudantes ou antigos estudantes. [...] Percebe-se o problema. No período de Weimar, grupos jovens da classe média que sentiam estar o regime vigente bloqueando suas oportunidades para uma vida significativa, olhavam os trabalhadores como adversários, os comunistas como seus piores inimigos e até a classe média liberal

como abominável. Na República de Bonn [...] a qual também era constituída em sua grande maioria por jovens da burguesia, em cujas fileiras eram principalmente recrutados os membros de associações terroristas secretas, havia uma perspectiva oposta. Simpatizava com os trabalhadores, por vezes também com uma ou outra forma de comunismo. Sua inimizade era dirigida contra a sociedade burguesa estabelecida - uma sociedade que, a seus olhos, estava alicerçada exclusivamente no egoísmo e na realização de interesses individuais. [...] na raiz, uma geração mais jovem em busca de uma vida significativa para si encontra restringidos ou bloqueados os canais para se alcançar tal vida. *O que* era valorizado como significativo era muito diferente nos dois casos. Mas a motivação básica era a mesma: o sentimento de estar encarcerado num sistema social que tornava muito difícil para as gerações mais jovens encontrarem oportunidades para um futuro pleno de significado. (Ibidem: 181-2)

Em 1920, a raiva não era aos mais velhos, que eram a inspiração, mas aos “intrusos”, sobretudo judeus e trabalhadores, considerados os responsáveis pela derrota. Em 1960, por outro lado, a revolta era contra os valores nacionalistas dos pais e o acobertamento do passado nazista: todos os mais velhos pareciam supeitos pela violência do período anterior. O *establishment* causava repulsa pelo seu pacto de esquecimento do nazismo.

O autor reforça seu argumento de conflito geracional como proporcionalizador dos grupos terroristas e contestatórios na República Federal da Alemanha ou Alemanha Ocidental. O conflito geracional era uma luta de jovens marginalizados da burguesia contra a geração estabelecida de seus pais e mães. Apesar de materialmente os jovens viverem muito melhor em 1960 do que no passado, e concretamente as desigualdades terem se reduzido, havia uma “**sensação de opressão**” que só pode ser explicada pela maior dependência dos mais jovens em relação aos mais velhos.

As sociedades industriais exigem maior remodelação das pulsões instintivas, estendendo o processo de amadurecimento no que Elias chama de “juventude ampliada”. Os jovens burgueses iam da escola para a universidade, mantendo-se numa “ilha de jovens” mais independentes ao lar paterno, mas ainda fora das funções profissionais adultas, o que reforçava a identidade geracional e a oposição aos mais velhos. Nas palavras de Foracchi (1965), é a condição intermediária do estudante.

Um parêntese para voltar aos estudantes brasileiros que enfrentaram a ditadura. Daniel Aarão Reis (1990) traz elementos interessantes ao falar das organizações revolucionárias brasileiras. Havia a “utopia do impasse” no imaginário revolucionário dos anos 1960 e 1970. Mesmo com várias medidas e sinais de retomada econômica, os comunistas insistiam na concepção do “impasse incontornável” (Ibidem: 54). Mudava-se as denominações, as formas de luta, as diferentes alianças de classe, mas a concepção básica das

variadas organizações era a mesma: “a sociedade brasileira *vivia*, objetivamente, um processo revolucionário” (Ibidem: 109). Como os alemães antes da Primeira Guerra, a vitória era tida como certa. As organizações interpretaram o AI-5 como expressão do isolamento da ditadura, um “golpe de desespero”, um sinal de debilidade, o que confirmaria o “fatalismo positivo” (Ibidem: 71) da vitória revolucionária como questão de tempo. Além desse otimismo, as organizações eram “agrupamentos de elite”, aqueles que detinham a teoria revolucionária: o Partido é a massa encefálica do operário, porque encara a vontade coletiva e o saber científico da marcha histórica.

Contudo, o AI-5 não era sinal de fraqueza. Era uma ofensiva de um governo que preparava um novo ciclo de crescimento econômico. Não houve crise econômica, nem crise política, explosão social e muito menos a marcha para o socialismo. A revolução foi, portanto, frustrada em suas esperanças e diagnósticos. A causa do revés foi interpretada pela influência nefasta da pequena-burguesia: “esquerdismo ou direitismo, timidez ou audácia, conciliação ou aventura, passividade ou ativismo” (Ibidem: 147), tudo era culpa da origem de classe média. As organizações acusavam umas às outras de serem “pequeno-burguesas”, hostilizando os intelectuais como culpados da derrota.

Formadas em sua maioria por estudantes, as organizações exigiam que o pequeno-burguês estudante se suicidasse enquanto classe para renascer como revolucionário, sendo esse resquício pequeno-burguês a causa da derrota. Ou seja, a revolução teria sido vitoriosa se os estudantes tivessem conseguido extrair do seu interior suas origens de classe média, o que dotava as organizações de um poder absoluto sobre o curso da história. O alvo principal da crítica de Daniel Aarão Reis é a leitura de que a derrota se deveu a problemas organizacionais em vez da falta de condições objetivas na realidade brasileira para a revolução. Portanto, no cerne da radicalização política estava o rompimento com a perspectiva de classe média, ironicamente a causa da radicalização e seu consequente fracasso. Uma profecia autorealizadora.

Voltemos ao texto de Norbert Elias. A manutenção dos antigos estratos dominantes deu à geração emergente da República Federativa a impressão que nada havia mudado do passado maligno, ainda vivendo sob um regime autoritário. O *ethos* humanista e de luta contra toda injustiça, exploração e opressão do marxismo se alinha com essa sensação de imobilismo e exclusão dos jovens alemães. O marxismo para os jovens burgueses de 1960 na Alemanha “serviam-lhes como um meio de purificação da maldição do nacional-socialismo [...] como

modelo de uma sociedade alternativa, um utopia provedora de significado em contraste com o qual era possível expor criticamente os defeitos da própria sociedade” (Ibidem: 230). O marxismo “ofereceu-lhes um meio de orientação que era emocional e intelectualmente satisfatório em sua luta com os meios de orientação política e moral das gerações dos pais, os quais tinham tão óbvia e catastróficamente fracassado” (Ibidem 368).

Apesar de valores opostos, portanto, o que Elias frisa é essa falta de “futuro pleno de significado” nas juventudes dos anos 1920 e 1960 na Alemanha. Embora contrários, ambas juventudes inventaram uma utopia capaz de mobilizá-los contra um sentimento de opressão. Tanto Elias quanto Foracchi veem os jovens revoltados com o sistema social coercitivo, contrários às elites dirigentes e ao *status quo* representado pela geração de seus pais. Portanto, a desconfiança com as discussões institucionais e legalistas, optando pela radicalização. Esses jovens reconheceram no marxismo um caminho para mudança, principalmente os jovens de classe média, como abertura de possibilidade para resolução de suas frustrações e impotências. Também de purificação dos males sociais, inclusive de suas próprias origens. Em resumo, Elias e Foracchi possuem muitas concordâncias em suas análises, mesmo com a distância de suas produções e objetos, o que nos levou, nesse momento inicial de pesquisa, para um ponto comum entre os dois: a sociologia de Karl Mannheim.

Mannheim nos interessou inicialmente pelo seu estudo da sociologia das gerações. É um fato biológico que as pessoas nascem, crescem, reproduzem-se e morrem. Esse dado biológico torna inevitável a renovação social pela passagem no tempo, afinal, o tempo faz com que mudem as pessoas que estão na sociedade. No entanto, para uma “unidade geracional” não é suficiente apenas que se tenha nascido e convivido no mesmo tempo histórico. É preciso “a participação no destino comum” (Mannheim, 1982: 85-6): compartilhar os mesmo estímulos recebidos e os elaborar da mesma forma. Além disso, para se tornarem influentes, as pessoas da unidade da geração devem ser capazes de “estratificar sua experiência” (Ibidem: 91) para se tornarem influentes em esferas mais amplas.

Nesse sentido há o papel dos “precursores”, pessoas mais velhas que estão isoladas da sua própria geração e conseguem melhor diálogo com os mais jovens: o exemplo citado por Mannheim é de Nietzsche e seu neo-romantismo, um precursor para a geração de jovens oficiais e estudantes das fileiras nazistas. Olavo de Carvalho, para esta pesquisa, também é um precursor, afinal ele é justamente da geração dos anos 1960 (nasceu em 1947, como

muitos que depuseram na Comissão) e seu público é majoritariamente de jovens dos anos 2000 e 2010.

Outra dado da natureza é que numa mesma sociedade convivem pessoas de idades diferentes, que são portanto de gerações diferentes. Como esse dado é experienciado socialmente depende do “ritmo de transformação social”. Por exemplo, numa dada sociedade que as transformações são mais lentas, não há produção de novas enteléquias¹³⁰ em oposição às gerações mais velhas. Entretanto, nas sociedades industriais, essa velocidade é aumentada e o conflito geracional é intensificado, numa constante produção de novas enteléquias. O aumento do ritmo de mudança social aprofunda a necessidade de cada geração produzir seu sentido no mundo, ampliando o conflito geracional.

Nesse texto sobre a sociologia das gerações, Mannheim tem uma nota de rodapé (Ibidem: 79, nota 7) na qual contrapõe a suposição que juventude deve ser associada com posicionamentos progressistas: “O fato dos jovens serem conservadores, reacionários ou progressistas, depende [...] da estrutura social existente e da posição ocupada por eles proporcionarem ou não oportunidades para a promoção de suas próprias metas sociais e intelectuais”. Um de seus interesses era justamente o pensamento conservador, objeto de um de seus artigos. Conservantismo foi compelido a desenvolver seu próprio contra-sistema, pois seu oponente (os revolucionários e os progressistas) tinham um sistema próprio constituído: “O conservador somente pensa em termos de um sistema como uma reação, tanto quando é forçado a desenvolver um sistema próprio para neutralizar o dos progressistas” (Ibidem: 118).

Na origem do pensamento conservador está a defesa e a contra-ofensiva. Esse contra-sistema se agarra ao “imediate, ao real, ao *concreto*” (Ibidem: 117), opondo-se àqueles que buscam modificar a realidade social a partir de concepções idealistas. O autor caracteriza a ideia conservadora como uma contra-utopia, pela sua repulsa às teorizações e pela defesa da “ordenação natural do mundo” (Idem, 1976: 253). É reforçada a ideia de conservadores se verem como ameaçados pela oposição de liberais, que teriam obrigado os conservadores a entrarem no campo do conflito político. Esse aspecto de se sentirem reagindo a um ataque é central em militares e em outros extratos sociais de direita, principalmente os neoconservadores. Para esta pesquisa, refere-se principalmente ao gênero masculino que se

¹³⁰ Termo da filosofia aristotélica que se refere à realização ou cumprimento das potencialidades inerentes a um ser ou objeto. Mannheim utiliza no sentido semelhante ao que Elias chamou de “um futuro pleno de significado”.

sente sob ataques, precisando formular um pensamento defensivo que apele para a “ordem natural”.

Um exemplo desse contra-sistema é o desenvolvimento de uma ideia própria de liberdade em oposição aos liberais, a chamada de “ideia qualitativa de liberdade” dos conservadores. Os homens são essencialmente desiguais¹³¹ e a realidade social deve representar isso. Haveria uma “harmonia preestabelecida”, uma espécie de “mão invisível” dos conservadores, que seria uma situação em que todas as relações sociais externas estão subordinadas aos princípios de ordem e disciplina, que não pode ser abalada por medidas “igualitárias”. Nesse sentido, o conservadorismo, para Mannheim, poderia ser melhor entendido como reacionarismo por se portar na defensiva pela ordem natural das coisas.

O sociólogo húngaro escreveu durante a República de Weimar, um momento de caos e instabilidade, em que se questionava a possibilidade e os limites da racionalidade e da mútua compreensão. Sua principal obra, *Ideologia e Utopia*, é de 1929. Mannheim presenciou uma juventude de direita e o papel das ideias nos movimentos sociais e políticos, construindo uma sociologia do conhecimento que investiga os elementos irracionais do conhecimento racional: captar a “estrutura interna da mentalidade de um grupo [pela sua] concepção do tempo à luz de suas esperanças, aspirações e propósitos” (Mannheim, 1976: 233).

Há uma interdependência entre história de vida e de grupo nas elaborações políticas, prescindindo de elementos não-rationais na política, que sem eles se limitaria à administração. As disputas políticas baseiam-se em desmascarar os motivos irracionais e inconscientes dos oponentes. O método de Mannheim é o relacionismo: “todos os elementos de significado em uma situação mantêm referência um ao outro e derivam sua significação desta recíproca inter-relação em um dado quadro de pensamento” (Ibidem: 112).

Dois são as definições de ideologia: a **particular**, as ideias como disfarces da realidade ligados a interesses, e a **total**, como pensamentos de uma época ou de um grupo. O marxismo fundiu as duas concepções. A classificação entre o que é ideológico ou utópico é relacional: “Será sempre o grupo dominante, que esteja em pleno acordo com a ordem existente, que irá determinar o que se deve considerar utópico, ao passo que o grupo ascendente, em conflito com as coisas como estão, determinará o que deve ser considerado utópico” (Ibidem: 227).

¹³¹ Norberto Bobbio (2011) elenca esse fator (as pessoas são iguais ou desiguais) como o determinante para distinção entre esquerda e direita.

Mannheim chama de “mentalidade utópica” a disposição das pessoas para a mudança social. A “concepção utópica” precisa dar expressão às correntes já existentes na sociedade para ser “traduzida em ação” e desafiar a ordem vigente (Ibidem: 231). As aspirações utópicas precisam se ancorar em situações apropriadas para a mudança, corresponder às mudanças sociais ainda incipientes, se não ficarão limitadas às especulações. Se “o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer” da máxima gramsciana sobre a situação de crise, a utopia seria aquilo que permitiria sua superação.

Em síntese, esses autores são ferramentas teóricas para a linha sociológica referente à formação da cultura redpill. A origem nas classes médias, caracterizadas como intermediárias e instáveis, ameaçadas pelo rebaixamento social ao mesmo tempo que sonham com ascensão social, proporcionam condições para os jovens se engajarem em utopias políticas em oposição ao presente, interpretado como estagnado ou frustrante. Essas utopias podem ser regressivas, de retorno a um passado idealizado, ou de um novo futuro, rompendo radicalmente com o passado que se prolonga no presente. A Alemanha da República de Weimar e os estudantes dos anos 1960 no Brasil e na Alemanha têm em comum, apesar das ideias diametralmente opostas, o descompasso entre suas enteléquias e as condições de sua realização. A tese aqui defendida é que ocorreu no Brasil uma afinidade eletiva entre jovens dos anos 2000 e 2010 e as ideias de Jair Bolsonaro e Olavo de Carvalho, formando uma utopia capaz de eleger um candidato imprevisto.

A formação dessa utopia regressiva foi possível pela ausência de perspectiva de um lugar no mundo. O redpill é um sujeito que se sente profundamente deslocado: não participa das lutas políticas emergentes, não acredita num futuro promissor para o Brasil e é desconfiado de qualquer proposição de “bem comum”, “ajudar os outros” ou de esforços coletivos. O mundo é percebido pelo redpill como pior do que foi no tempo dos seus pais. O sentimento de nostalgia é tão comum: videogames, filmes, músicas, livros antigos são sempre melhores que os atuais, que estão em decadência. A tendência para o futuro é se tornar pior. O conflito geracional do redpill não é contra os mais velhos e sim contra os mais novos. Uma das frases mais usadas pelos redpillados é “o jovem é merda”. A redpill é, portanto, uma cultura jovem que odeia outros jovens.

5.2. UM FUTURO PIOR

Adam Curtis em sua série documental *The Trap: What Happened to Our Dream of Freedom* (2007) reconstrói como a noção de *liberdade* do pós-Guerra e da Guerra Fria é

baseada na noção de estratégia e suspeição. A tensão de uma possível guerra nuclear e os modelos matemáticos de John Nash recriam uma arena de indivíduos egoístas que procuram maximizar seus ganhos independentemente dos meios que dispõe para isso. Numa arena em que todos são jogadores, os indivíduos agem sabendo que os outros também agem como jogadores e se sabem todos como outros jogadores interessados apenas em si mesmos. O vencedor é aquele que consegue angariar confiança do outro para logo depois traí-lo, como num blefe numa mesa de Pôquer.

“Bem comum” e “solidariedade” são conceitos criados para mascarar interesses egoístas, uma estratégia de conquistar ganhos por meio da sedução do outro. Numa palavra que se tornou cada vez mais cara para o bolsonarismo, *liberdade* significa poder pensar apenas em si mesmo, sem amarras fabricadas para controlar e limitar os indivíduos. Teorias formadas nos anos 1940 e 1950 serão as bases da “grande virada” (Dardot e Laval, 2016: 189) neoliberal que ocorreu nos anos 1970 em diante.

Neste subcapítulo o objetivo é traçar uma afinidade entre o neoliberalismo e a cultura redpill no que concerne uma profunda desconfiança das relações sociais. O que se convencionou chamar de neoliberalismo será abordado com uma forma de subjetivação e de uma nova razão na perspectiva de Dardot e Laval (2016). Essa nova subjetividade prioriza a competição e a seleção dos “mais aptos”, vendo cada sujeito como um empresário de si mesmo. Além disso, a competição e a eficiência exigem das pessoas que elas estejam sempre “se mexendo” e “começando de novo”, enaltecendo a flexibilidade e o desprendimento, o que corroi a “confiança, lealdade e compromisso mútuo” (Sennett, 2015: 27), num ambiente de instabilidade e ansiedade.

5.2.1. Uma crise interna ao liberalismo

A produção das ideias liberais ocorreu no longo processo de declínio do *Antigo Regime*, ou do *modo de produção feudal*, e ascensão da modernidade e do capitalismo. Aristocracia, sucessão pela hereditariedade, noções estáticas de tempo, população rural, economia de subsistência, domínio religioso da vida, dentre diversas outras propriedades, dão lugar à vida urbana de mercado. A sociedade, portanto, não mais seria resultado do direito divino dos nobres e do clero, e sim a reunião de homens livres que se beneficiam, **todos eles**, pelas trocas mercantis e pela divisão do trabalho. E o Estado, que antes era a regulação divina na terra, passa a ser aquele que garante o *contrato social* e a livre concorrência, devendo então

ser **limitado**. As trocas e os intercâmbios entre pessoas e Estados operam de tal forma que o ganho é coletivo, havendo então uma ideia de **bem comum**.

No século posterior às revoluções liberais do século XVIII, diversas revoltas e revoluções ocorreram, surgindo assim a “questão social”: pobreza, densidade populacional, saúde pública, moradia, circulação de pessoas, fronteiras, identidades nacionais etc. Autores liberais irão se questionar a ideia de Estado “vigia noturno” e a ideia de mercado perfeitamente concorrencial era tido como defasado (Dardot e Laval, 2016: 40). John Stuart Mill, por exemplo, submetia o direito à propriedade ao bem público.

Coube a Herbert Spencer (1820-1903) uma renovação do liberalismo que condenava o Estado e políticas assistencialistas: “uma criatura que não é suficientemente enérgica para se bastar deve perecer” (*apud* Dardot e Laval, 2016: 48). Spencer incorpora a concorrência econômica como uma luta vital geral como um mecanismo de seleção, numa lógica darwiniana de evolução e seleção dos mais aptos. O progresso pressupõe a destruição de alguns membros. Pierre Dardot e Christian Laval sustentam que essa visão que privilegia a concorrência e a seleção dos mais aptos irá ressurgir décadas depois no neoliberalismo.

No século XX, o *laissez-faire* parecia superado e autores como John Maynard Keynes irão pensar sobre as possibilidades de um capitalismo administrado, que tome medidas anticíclicas e possibilite o pleno emprego de sua população. Karl Polanyi (2000: 172-3) fala sobre o duplo movimento: o *laissez-faire* ter sido planejado e arquitetado por medidas diretas dos Estados, enquanto as medidas contrárias a ele, não. Medidas coletivistas para o bem do próprio mercado foram defendidas por liberais (Ibidem: 181) e mesmo a poderosa indústria têxtil da Inglaterra surgiu por meio de um poderoso intervencionismo e protecionismo.

As ideias liberais nos anos 1930, portanto, estavam em crise. A especulação financeira e o *laissez-faire* produziram guerras e crises sociais e econômicas profundas. O capitalismo precisaria passar por reformas que ampliaram direitos sociais, auxílios econômicos e oportunidades de mobilidade social. Não se achava mais possível que os mercados por si mesmos geram o bem comum. Pelo contrário. O livre mercado resulta em monopólio, pobreza e crise.

Foi então que os neoliberais, que estavam preteridos do debate público, se reuniram para retomar as ideias que apoiavam o livre mercado. Os neoliberais estavam contrários às políticas de planejamento, o socialismo real e pleno emprego no famoso Colóquio Walter

Lippmann em 1938. Uma das soluções propostas foi o “ordoliberalismo”, dos pensadores que recriaram a Alemanha Ocidental após a II Guerra e se baseiam no intervencionismo estatal direcionado para a promoção de mais livre comércio. É um liberalismo ativo, que exige a participação política sobretudo no controle das “regras do jogo” por meio da legislação. Sua ênfase era na ordem institucional e legal.

Para Ludwig Von Mises e seu aluno Friedrich Hayek, oriundo da chamada “Escola Austríaca”, os ordoliberais traíram os princípios do liberalismo clássico. O Estado é sempre destrutivo, cabendo ao empreendedor a criação e a inovação por meio da concorrência: “a concorrência no mercado como um processo de descoberta da informação pertinente, como certo modo de conduta do sujeito que tenta superar e ultrapassar os outros na descoberta de novas oportunidades de lucro” (Ibidem: 135).

Uma dimensão agonística da competição e da rivalidade devem ser estimuladas. Apenas o indivíduo é capaz de saber o que é bom para ele, jamais uma autoridade estatal ou um burocrata. O saber é disperso e impossível de ser controlado totalmente, buscando, portanto, uma descentralização das decisões: “como os indivíduos vão poder tirar o melhor partido da informação fragmentária de que dispõem” (Ibidem: 144). A especulação, o risco e a previsão são benéficas para a concorrência, incentivando o sujeito a aprender e se adaptar constantemente. Não há uma busca pelo equilíbrio ou pelo fim da desigualdade, pelo contrário: a assimetria entre indivíduos é valiosa.

Hayek é o teórico mais bem acabado do neoliberalismo da Escola Austríaca. As palavras “social” e “justiça social” são condenadas por Hayek. Ninguém é capaz de determinar isso e os Estados que tentam intervir para proporcionar melhorias “sociais” acabam por produzir inflação, pobreza e desemprego no futuro. A teoria keynesiana é uma tentação para os políticos (Hayek, 2011: 38) porque lhe dá competências que ele não possui, tal como ser capaz de interferir de modo a gerar demandas econômicas. O desemprego é natural do mercado e combatê-lo é gerar consequências piores no futuro, como inflação e mais desemprego. A recessão é apenas a restauração do equilíbrio (Ibidem: 14) que foi abalado por esse agente que se outorga a capacidade de intervir socialmente. A incognoscibilidade é benéfica e as regras devem se limitar apenas ao que não se faz. Num livreto chamado “A pretensão do conhecimento”, contendo seus discursos ao receber o Prêmio Nobel de Economia de 1974, Hayek (2019) faz um elogio da forma descentralizada de formação do conhecimento, sendo o mercado a melhor forma humana de relação social.

O Estado para Hayek deve seguir as mesmas regras privadas. Ou seja, ser gerido tal como uma empresa. O problema não é o Estado em si, e sim o seu monopólio sobre a moeda, a legislação, a força e uma “política econômica” que se sempre se desdobra em consequências piores. O Estado deve se comportar como mais uma empresa em concorrência com outras. O Estado deveria concorrer com outras empresas pela oferta de segurança, saúde, educação e até mesmo legislação: caberia aos indivíduos se submeterem ou não ao Estado. Pagar imposto seria uma escolha.

No ideal de Hayek, o poder político seria de homens mais velhos e com mandatos duradouros, para medidas gerais de conduta (Dardot e Laval, 2016: 183). Hayek foi leitor de Carl Schmitt e considerava medidas autoritárias do Estado necessárias pela preservação da propriedade privada e da livre iniciativa. Democracia é sinônimo de populismo, demagogia e medidas de manipulação do mercado.

A pobreza é uma preocupação da família e dos indivíduos. A pobreza não é um problema, pelo contrário: é fator de controle eficiente dos preços e dos salários. Ao Estado cabe a livre concorrência garantida em regras constitucionais gerais e abstratas. E, como a proposta educacional de Milton Friedman de distribuição de *voucher* para os mais pobres, quanto mais competição e *liberdade para escolher*, melhor.

A meta é que todos os sujeitos se tornem empreendedores de si mesmos: “Ser seu próprio trabalhador e seu próprio acionista, ter um desempenho sem limites e gozar sem obstáculos os frutos de sua acumulação, esse é o imaginário da condição neosubjetiva [do neoliberalismo]” (Ibidem: 373). A nova subjetividade é uma expansão da lógica da competição esportiva, na qual há pouquíssimos vencedores para uma maioria de derrotados, num mecanismo de “seleção natural” neodarwinista.

O sucesso de von Mises, Hayek e, nos EUA, de Milton Friedman veio 30 anos depois de suas principais produções, sobretudo nos governos de Margareth Thatcher e Ronald Reagan com justificativas de combater a inflação, a queda dos lucros e a desaceleração do crescimento. Mais do que uma teoria econômica, o neoliberalismo é uma ideologia, uma disciplina e uma racionalidade (Ibidem: 183).

A lógica concorrencial deve se estender para todas as esferas do humano. Dentro das empresas, deve-se estimular a concorrência interna entre empregados com metas de desempenho na busca de gratificações. Também deve haver concorrência entre filiais pela maior rentabilidade. Com a financeirização, as empresas passaram a seguir a regra de

aumento de seus valores na bolsa, independentemente dos meios, na figura do acionista que é um dono anônimo. O Estado deve ser coercitivo para impor mercado, vigilância de produtividade sobre os empregados e livre concorrência. O desemprego se torna um aspecto moral, motivado pela incapacidade do sujeito de tornar sua mão de obra qualificada e atrativa. Por fim, a pobreza é culpa do indivíduo.

5.2.2. O fim da esperança

Boltanski e Chiapello (2020) descreveram no fim do século XX o “novo espírito do capitalismo” como um imperativo que se impunha como “o fim da história” e a forma de organização social incontestável. A Economia como uma esfera autônoma que obedece a regras próprias de funcionamento, na qual a “empresa privada concorrencial” é o mecanismo mais eficiente de criação de riquezas, em oposição à burocracia estatal lenta, custosa e inoperante. Modernização e “choque de gestão” tornam-se sinônimos de privatizações, fim de políticas sociais, incentivo à concorrência e gratificações por melhores resultados em todas as gestões, inclusive estatal. O neoliberalismo apresenta a si mesmo como incontornável.

Grégoire Chamayou (2020) em *A Sociedade Ingovernável* argumenta que o sucesso das ideias neoliberais da Escola Austríaca e Escola de Chicago se deram anos depois de suas confabulações porque houve uma “crise de governabilidade” nos anos 1970 com a jovem geração universitária que começava a “agitar” as fábricas (Ibidem: 31). As fábricas e empresas tinham que enfrentar greves e *indisciplinas* cada vez mais organizadas e incisivas, tendo que ceder aos trabalhadores, que não queriam apenas dinheiro, mas também “qualidade”, “sentido”. Era preciso *reagir*: “O projeto era, explicitamente, forma uma *contra-intelligentsia*, uma comunidade intelectual alinhada aos interesses empresariais” (Ibidem: 139).

A leitura interna dessa reação empresarial era de que os trabalhadores não estavam sem medo, estavam “acomodados em excesso” (Ibidem: 50-1). O pleno emprego era a razão dessa “indisciplina operária”. O argumento do autor é que o neoliberalismo é “obra de uma engenharia política” (Ibidem: 112), um mundo artificial que se mostra como espontâneo. Essa obra levada a cabo por essa “contra-intelligentsia” era por uma difusão da ideia de que o Estado de bem-estar social gera “expectativas exageradas” por mais direitos. (Ibidem: 310).

O objetivo ao retomar essa literatura acerca desta nova governamentalidade que é o neoliberalismo é sua associação com a cultura redpill. É sabido a associação do bolsonarismo com o neoliberalismo e, por sua vez, do neoliberalismo com reacionarismo e autoritarismo,

incluindo o populista. A contribuição desta tese é menos sobre a filosofia política e mais sobre como esse projeto gerido internamente ao mundo empresarial conseguiu convencer uma juventude masculina.

A visão do humano do neoliberalismo é absorvida pela redpill. Há uma desconfiança com a política, com sindicatos, com mobilizações coletivas e lutas políticas. As pessoas estão sempre querendo “se dar bem”, “levar vantagem”, e o Estado é uma máquina ineficiente destruidora dos recursos individuais.

A responsabilização pelo fracasso econômico é individual, gerando o que Sennett chama de “vergonha da dependência” e uma “raiva dos humilhados”. Os pobres são um peso, aqueles que não são capazes de se adequar, uns parasitas que custam para os outros. O futuro torna-se trágico: “um regime que não oferece aos seres humanos motivos para ligarem uns para os outros não pode preservar sua legitimidade por muito tempo” (Sennett, 2015: 176). É o que Sennett chama de “desejo de comunidade defensivo” (Ibidem: 165) a resistência das pessoas frente a um mundo em que você tem que estar o tempo todo em movimento para permanecer no mesmo lugar. Conforme Brown (2019), das ruínas do neoliberalismo que concebe o humano como um ser competitivo e egoísta emergiu um movimento político antidemocrático expressado pelos seus teóricos mais radicais, que fizeram grande sucesso entre a juventude, tais como Hans-Hermann Hoppe (2014) e o livro “Democracia - O Deus que falhou”. Nesse livro, Hoppe associa democracia com governos irresponsáveis do ponto de vista fiscal e produtores de pessoas “dependentes” e incapazes de pensar no futuro, ou seja, a democracia como responsável pelo mundo “pior”.

Essa visão de mundo, surgida nos meios ultraliberais, é tida como “natural”, o “mundo tal como ele é” para os redpills. O ultraliberalismo é a descrição fria e técnica do mundo. Muito mais do que teses sobre comportamento de consumidor, moeda, controle fiscal etc., o neoliberalismo para a juventude redpill é uma visão pessimista da humanidade. A retórica reacionária, que teve sua primeira onda com Edmund Burke durante a Revolução Francesa, foi reatualizada pelo neoliberalismo e transformada em “lei” para o redpill.

São três retóricas usadas pelo reacionarismo, retóricas essas que foram absorvidas pela redpill. A primeira se refere à **perversidade**: “As tentativas de alcançar a liberdade farão a sociedade afundar na escravidão, a busca da democracia produzirá a oligarquia e a tirania e os programas de bem-estar social criarão mais, em vez menos, pobreza” (Hirschman, 2019: 23). Procurando o bem público, o resultado de qualquer política progressista será o mal.

A retórica da perversidade é apropriada pelos redpills na oposição a qualquer assistência social, que age como incentivo à preguiça e à depravação, produzindo mais pobreza (Ibidem: 39). Não existe boa intencionalidade que não ocasione efeitos perversos. “Consciência social” é causadora de males sociais.

A segunda retórica é a da **futilidade**: nada muda. Não importa as boas intenções, tais como a ONG retratada no filme *Tropa de Elite*: os beneficiados serão sempre os mesmos. O Estado mesmo é apenas uma forma de retirar recursos dos pobres para dar aos ricos, seguindo a “Lei de Pareto” sobre a tendência universal de concentração de renda. As autoridades, pela lógica da perversidade, são ingênuas que o resultado de uma política poderia ser positiva. Na lógica da futilidade, os governantes são astutos e traiçoeiros, propagando boas intenções com políticas sociais que seriam para beneficiar a todos, quando na realidade são para proveito dos ricos e pela manutenção dos poderosos. As políticas públicas são incapazes de atingir os mais necessitados porque os mais ricos e com melhores condições *sempre* serão os primeiros beneficiados.

Por fim, a retórica da **ameaça**: uma ação reformadora pode ser boa e desejável, mas suas consequências serão danosas aos “ganhos” anteriores. Democracia e participação popular são desejáveis, mas podem abrir espaço para movimentos revolucionários e armados, perigosos para as instituições. A ameaça é o medo que grandes mudanças podem causar consequências imprevistas, reforçando as duas retóricas anteriores. Ou seja, mudanças sociais são um risco que não vale a pena correr.

É nesse aspecto que o estudo da razão neoliberal é importante para a compreensão dos primórdios do bolsonarismo. O Estado só é bom para aqueles que estão se aproveitando dele (a “mamata”). Os políticos ou são corruptos, interessados apenas em si mesmos, ou são ingênuos, não prevendo as verdadeiras consequências de suas ações. Os políticos também são manipuladores, defendendo medidas de que nada adianta para mudar alguma coisa. Essa visão de mundo não é compartilhada totalmente pelo olavismo, que ainda reforça o aspecto comunitário nas pequenas cidades e na religião, inspirados no medievo. No entanto, para os redpills e para o bolsonarismo de primeiro momento, esse era o fio condutor para a utopia regressiva: destruição do Estado caro e ineficiente, fim das “mamatas” e dos “aproveitadores”. Paulo Guedes nunca rompeu com Bolsonaro e os anarcocapitalistas, muito representados pela utopia tecnocrática do *bitcoin* (cf. Paraná, 2020).

Para fins desta pesquisa, essa profunda afinidade entre os redpills e o neoliberalismo está no **decadentismo**, pois, apesar de se colocar como pensamento moderno e técnico sobre as ações humanas, o neoliberalismo da Escola Austríaca é uma retorno às concepções sociais do séculos XIX, sobretudo em Herbert Spencer. Há para a redpill também uma reação ao mundo inventado pelo neoliberalismo de maneira antimoderna, expressada pelo paleoconservadorismo de Patrick J. Deneen (2019), que propõe uma recusa ao liberalismo em suas facetas econômica e moral para um retorno pré-moderno das comunidades do meio-oeste dos EUA¹³².

5.3. UM MOVIMENTO GLOBAL

Finalmente, para o encerramento deste capítulo de preparação para a entrada no mundo do avesso, é preciso discutir uma perspectiva do movimento bolsonarista em geral e da redpill em particular como participante de um contexto mais amplo. Dentre as pesquisas sobre o movimento mais amplo, como a de Empoli (2019), interessou no Brasil o livro escrito por Benjamin Teitelbaum (2020) pela pesquisa que o etnomusicólogo fez sobre Steve Bannon e Olavo de Carvalho, tendo inclusive entrevistado o *professor*.

Steve Bannon ocupou na análise sobre a vitória de Trump um lugar semelhante ao de Olavo no Brasil sobre a vitória de Bolsonaro: o ideólogo responsável pela elaboração do discurso para criar um movimento populista de direita mobilizando afetos de ódio, medo, repulsa, preconceitos etc. Bannon também foi o responsável pelo contrato de mecanismo de mensagens direcionadas, a *Cambridge Analytica*, para cada segmento do eleitorado, possibilitando que a campanha de Trump falasse particularmente com cada demanda.

O livro de Teitelbaum descreve os movimentos de extrema-direita atuais, nos EUA, Brasil, Hungria e Rússia, como derivados de uma escola de pensamento marginal na academia chamada Tradicionalismo. Em resumo, o Tradicionalismo era a “arreatadora tentativa de restaurar uma ordem divina” (Sedwick, 2020: 49). No momento mais importante do livro que interessa para esta pesquisa, Teitelbaum descreve sua observação do encontro na Embaixada Brasileira em Washington em 17 de março de 2019. Esse encontro derivou de uma

¹³² Esse é o principal argumento de Olavo com seu debate com Alexander Dugin, no qual afirma que dentro dos EUA há uma força popular e genuína capaz de lutar contra o globalismo. Teria sido essa força que elegeu Donald Trump.

entrevista com Olavo e uma longa apresentação sobre a participação do *professor* na tariqa de Schuon¹³³. Por fim, Teitelbaum resume as ações de Olavo e Bannon:

Como Bannon, Olavo encontra um consolo entre os pobres e não escolarizados, os mais distantes da educação institucionalizada e da produção de conhecimento. No Brasil, assim como nos Estados Unidos, eles são os guardiões da espiritualidade, aqueles que alcançaram um modo de vida comunitário e um contexto quase extintos na modernidade. Eles não são abstrações matemáticas nem portadores de títulos vazios concedidos por instituições modernas igualmente vazias. São realidade. São o núcleo. [...] O populismo de direita estabelece uma oposição entre o sistema cosmopolita e as raízes do povo. O Tradicionalismo enxerga essa mesma divisão, mas poderia interpretá-la como um confronto entre mercantilistas tecnocratas e sacerdotes não ordenados que transcenderam o tempo. Além disso, ambos compartilham a convicção de que as divisões da política contemporânea não passam de ilusão: populistas alegam que todos os políticos são corruptos; Tradicionalistas, que a esquerda e a direita no Ocidente moderno são, as duas, progressistas e materialistas. (Teitelbaum, 2020: pos. 3780)

No entanto, “Guerra pela eternidade” não cita nenhum livro ou aula de Olavo e analisa o Tradicionalismo de forma estereotipada, como uma forma de pensamento manipuladora na busca de seguidores. Bannon, o principal deles, seguido por Olavo e Alexander Dugin da Rússia, são comerciantes de seitas religiosas que oferecem bens de salvação e contato com o divino de forma fácil, rápida e barata. Sem dúvidas é uma forma de conquistar corpos e mentes também em seus aspectos econômicos e de influência, no entanto há um forte sentimento de “missão de resgate”. A mágica só funciona porque o mágico acredita nela.

O estudo que embasa o que seria o Tradicionalismo nesta tese é o de Mark Sedgwick (2020), “Contra o Mundo Moderno”. Nele o autor destrincha o Tradicionalismo, fundado por René Guénon¹³⁴ como uma linha de pensamento sobre o oriente para o ocidente. Os estudos de Guénon sobre o hinduísmo e a sua própria vida no islamismo são com o objetivo de atingir uma “verdade primeira” (Ibidem: 58) que só pode ser acessada pela religiões tradicionais, no que é chamado de perenialismo. Em outras palavras, Guénon não se converteu ao islamismo pelo islamismo, mas sim como um meio para atingir a religião tradicional, o que poderia ter feito pelo hinduísmo ou pelo zoroastrismo.

¹³³ Tariqa são confrarias esotéricas islâmicas. Olavo teve um momento de conversão ao islamismo, tendo escrito um trabalho sobre Maomé o qual teria sido premiado pelo reino da Arábia Saudita. Antes de escrever sobre política e cultura brasileira nos anos 1990 em grandes jornais, Olavo percorreu diversas crenças (sendo relevante nos meios da astrologia). Viagrou para a Romênia no começo dos anos 2000, o que marcou sua entrada definitiva no catolicismo, num episódio narrado pela sua filha Heloisa de Carvalho (2020) em “Meu pai, o guru do presidente”.

¹³⁴ René Guénon é o segundo autor mais citado por Olavo de Carvalho em O Jardim das Aflições, atrás apenas de Aristóteles.

Mesmo que tenha publicado nos anos 1920 e 1930, o Tradicionalismo se expande nos anos 1960, no momento de avanço da Modernidade:

“Tanto o Tradicionalismo quanto o pós-modernismo rejeitam “a tirania e a dominação dos ídolos modernistas da ciência, do racionalismo e da objetividade”. Ambos veem o Iluminismo como “estrito, opressivo, [...] e reducionista”. Para ambos, o discurso racional científico é somente uma das maneiras pelas quais o homem constroi suas “histórias sobre a realidade” (Ibidem: 504)

O Tradicionalismo atua como o negativo do Orientalismo investigado por Said (2007), ou seja, é elogioso com o oriente. Elabora uma dicotomia que associa ocidente com modernidade, materialismo e técnica e, por outro lado, Oriente como sinônimo de tradição, de espiritualidade e de sabedoria. O Tradicionalismo também atua de forma “suave”, acobertado como “estudos de religião comparada”, sendo o principal autor o romeno Mircea Eliade (1907-1986), sucesso editorial com seus livros sobre religião, publicados inclusive no Brasil. Nesse ponto entram em contato o reacionarismo olavista e práticas alternativas de ciência, religiosidade e espiritualidade: ambas são opostas à modernidade.

O Tradicionalismo é fundamental na compreensão do olavismo e pela forma que foi absorvido pela redpill. Sua promessa de contato com verdades universais e atemporais, no sentido de “luxo cultural” de Jesi, e a crítica da modernidade com *Kali Yuga*, a idade das trevas e inversão absoluta, condenam uma massa de jovens redpillados a idealizar a Idade Média, o Brasil Imperial e um passado que não existe. Desde Guénon, a salvação diante dessa idade das trevas é formar uma “elite intelectual”, espiritual e metafísica, para restaurar uma civilização tradicional (Ibidem: 63).

Michele Prado (2021) foi a pesquisadora que mais se dedicou às conexões entre o olavismo e bolsonarismo com a extrema-direita global. Sua tese é de que Olavo mudou sua atuação em sua viagem para a Romênia:

Olavo de Carvalho pôs em prática uma proposta de “renascimento cultural e espiritual” do Brasil através da criação de um “grupo de elite intelectual” sob sua mentoria, que muitas décadas antes já havia existido com objetivos similares, na Romênia: o grupo Criterion. As semelhanças entre o “olavismo” e o grupo romeno do período entre guerras se estendem também a um dos seus principais influenciadores, o filósofo Nae Ionescu. (Prado, 2021: pos. 718)

A autora retoma a história da nova direita francesa e o debate moralista dos anos 1960, além do neoconservadorismo estadunidense dos anos 1980, que culminou na eleição de Ronald Reagan. Em resumo, a tese de Michele Prado é que a direita alternativa americana

(*alt-right*), jovem e atuante na internet, é uma junção entre paleoconservadorismo¹³⁵ e Nova Direita Francesa.

O livro de Prado, enfim, elabora um glossário das principais ideias da direita alternativa estrangeira que foram importadas principalmente por sacerdotes do olavismo, como Felipe G. Martins. Com sofisticadas formas de se expressar e atuando por meio de zonas cinzas de memes, humor e trollagens, a direita alternativa foi capaz de divulgar teorias conspiratórias racistas, misóginas e antissemitas de maneira sutil e camuflada. Um caso emblemático foi um dos lemas do submundo da direita alternativa estadunidense, o “12/56 do your math” foi falado pela ex-jogadora de vôlei Ana Paula Henkel em junho de 2020 num Programa da Jovem Pan sobre manifestações do *Black lives matter* (Ibidem: pos. 4159). 12/56 é respectivamente a proporção de pessoas pretas nos EUA e a porcentagem de homicídios cometidos por pessoas afro-americanas. Essa expressão é uma forma subliminar de ser racista, associando negritude com violência.

A conexão entre o que se formou nos primórdios do bolsonarismo com o que ocorria em outros centros difusores de ideias de extrema-direita traz elementos importantes, sobretudo no uso das ferramentas digitais e da retórica troll e ambivalente. No entanto, a proposta desta pesquisa é, tal como as “ideias fora do lugar” de Schwarz (2000), de como essas ideias foram adequadas ao contexto brasileiro. O Tradicionalismo é central no pensamento olavista, no entanto Olavo operou uma síntese com o catolicismo do “integrismo” (Antoine, 1980) cultivado nos meios militares da ditadura. Da mesma maneira que a forma como a recente ditadura brasileira foi elaborada coletivamente é única na inversão dos “derrotados que venceram na memória”, produzindo um ressentimento dos militares com a população. A maneira própria de agir da direita alternativa no Brasil é o objeto do próximo capítulo.

¹³⁵ Em linhas gerais, é uma forma de conservadorismo assumidamente reacionário no sentido de retomar uma ordem anterior à modernidade, em pequenas comunidades locais de mesma religião sem intervenções de elementos externos, como o Estado, a Mídia ou a Universidade.

6. REDPILL: A UTOPIA REGRESSIVA DOS PRIMÓRDIOS DO BOLSONARISMO

Na foto abaixo estão nove adolescentes, oito deles homens. Eles batem continência e escreveram no quadro “Bolsonaro 2018”, apesar do ano ainda ser 2016. Estão em Aquiraz, interior do Ceará¹³⁶. Também não são ricos, pois estão numa escola profissionalizante do governo do Estado. Não parece que estão apoiando Bolsonaro porque pobre começou a andar de avião. Provavelmente não receberam dinheiro de *think tanks* liberais para se formarem politicamente. Dificilmente foi um professor ou livro que lhes apresentou o candidato Bolsonaro. Por que eles bateram continência para Jair Bolsonaro?

Figura 5: Jovens na escola de Ensino Profissional de Aquiraz em 2016



Fonte: Jornal Opção:

<https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/no-ceara-alunos-teriam-sido-suspenso-apos-publicacao-de-foto-em-apoio-a-bolsonaro-75978/> acesso em: 06 de fevereiro de 2024

6.1. OS PRIMÓRDIOS

Como em muitas pesquisas em Ciências Sociais, este trabalho nasceu de um objeto de pesquisa inesperado¹³⁷. Em 2014 estava estipulado o fim dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (CNV) e ocorriam diversos movimentos pelo país de comissões auxiliares, tais como a dos trabalhadores rurais e dos povos originários, que participaram do relatório final entregue no dia 10 de dezembro daquele ano. Uma dessas comissões foi a

¹³⁶ Eduardo Bolsonaro visitou pessoalmente a escola em Aquiraz e prestou apoio aos estudantes que estaria sofrendo perseguições pela diretoria da escola. O vídeo pode ser conferido em: <https://www.youtube.com/watch?v=OFWgjDyBgCg>. Há presença do Direita Ceará e homens com a camisa de Bolsonaro “mafioso”.

¹³⁷ Becker (2007: 52-3) cita o trabalho da antropóloga Mariza Peirano no papel das “ocorrências casuais” na trajetória de pesquisadores na escolha de seus temas no desenvolvimento das Ciências Sociais brasileiras.

Comissão da Verdades das Universidades do Ceará, na qual participei inicialmente como responsável pelo registro audiovisual dos depoimentos. Essa participação acabou resultando em minha monografia de conclusão de curso e na dissertação de mestrado, em que investigo as produções mnemônicas dos depoentes em seus aspectos de nostalgia, denúncia e autocrítica (cf. Oliveira Filho, 2017).

Naquele ano de 2014 em que se encerrou a CNV, com grande desagrado de militares, realizou-se eleições para presidente e o resultado foi por uma pequena margem, de menos de quatro milhões de votos, pela reeleição da presidente Dilma Rousseff. A oposição derrotada logo mostrou sua indignação, pondo em dúvidas o processo eleitoral e seu resultado¹³⁸. Também foi o ano da Copa do Mundo de Futebol no Brasil, em que um estádio lotado xingava a presidente na abertura do evento. O mesmo evento era criticado por movimentos sociais, o “Não vai ter Copa”, que foi reprimido por forças policiais e por leis antiterrorismo.

Um ano antes haviam ocorrido pelo Brasil diversas manifestações no que se convencionou chamar de *Jornadas de Junho* de 2013, em que se expressava uma insatisfação difusa com a estrutura política e os serviços públicos, nos mais variados matizes políticos, contando durante certo período com maciça adesão popular. Na mesma época a internet passa a ser o lugar de interações e busca por informações, ocupando lugar central para a difusão de manifestações e encontro de ideias. Além disso, iniciava-se em março 2014 a *Operação Lava Jato* da Polícia Federal, em que se investigou esquemas bilionários de propina, favorecimento político e lavagem de dinheiro entre políticos, empresários e empresas estatais, liderada pelo ex-juiz Sérgio Moro e o Ministério Público, os quais dispunham de farta divulgação midiática, muitas vezes espetaculosas. Havia, portanto, um rompimento dos pactos políticos em diversas esferas sociais da Nova República, causando um retrocesso democrático inédito desde 1964 (cf. Avritzer, 2019) no que Marcos Nobre (2013) chamou de “choque de democracia”.

Esses pactos haviam sustentado os governos petistas e suas rupturas escancararam conflitos que estavam erroneamente tidos como superados pelo “reformismo fraco” do lulismo (cf. Singer, 2018). Foi nesse contexto de agitação popular e crescente crise política e institucional que se reviveu os anos ditatoriais e suas histórias de perseguição, assassinatos, omissões e mentiras na Comissão da Verdade. Num presente caótico se buscou reviver o

¹³⁸ É interessante observar que naquele momento já se pairava uma suspeita sobre as urnas eletrônicas. “PSDB pede ao TSE auditoria para verificar 'lisura' da eleição” em:

<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/10/psdb-pede-ao-tse-auditoria-para-verificar-lisura-da-eleicao.html>

passado mal-resolvido, sendo a presidente uma ex-presa política. Foi nesse caldo que se buscou registrar oficialmente aqueles que haviam praticado graves violações de direitos humanos pelo Estado brasileiro, sobretudo militares e forças de segurança.

A temática dos depoimentos de pessoas perseguidas pela ditadura civil-militar não tinha sido de meu interesse até ser convidado a participar dos registros da Comissão enquanto bolsista de Iniciação Científica do professor César Barreira no LEV (Laboratório de Estudos da Violência) em março de 2014. Na realidade, era algo pré-concebido por mim como “batido” ou “esgotado”, sem ter algo de novo a ser dito. Entretanto, a escuta das histórias vividas, muitas delas já contadas diversas vezes pelos depoentes e recheadas de aspectos impressionantes, foi causando um interesse a cada nova reunião da Comissão. Era como um mundo desconhecido que se revelava.

Havia uma fascinação naqueles depoimentos em que se falava de si mesmo e da própria *história de luta*. Eram heróis contra a ditadura. Ouvia ali as narrativas de estudantes que desafiaram os órgãos de repressão, que mudaram de nome, que sofreram pesadas sevícias nos porões do regime. Esse interesse crescente me fez ir atrás do que a “geração que queria mudar o mundo” lia, ouvia, pensava e discutia entre si. A geração que meus professores admiravam. Adentrei num mundo em que estudantes discutiam geopolítica internacional durante seus almoços no Restaurante Universitário, assistiam aos filmes de Glauber Rocha e liam *Quarup* de Antônio Callado.

Enquanto me debruçava sobre os anos 60 e 70, sobre a ditadura e sua oposição estudantil, na internet acabei me surpreendendo com o que se discutia em fóruns, notícias e páginas de História sobre a ditadura. Havia uma nuvem de argumentos e materiais que se contrapunham ao que era chamado de “aquilo que seu professor de História não contou” ou “seu professor de História mentiu pra você”. Nos comentários de notícias sobre o passado ditatorial, a caixa de comentários era recheada de saudosistas do regime e de associações com o governo de Rouseff e ex-presos políticos – uma associação entre corrupção, *esquerdismo* e *imoralidade* tão recorrente desde o início do anticomunismo no Brasil (Motta, 2000). Fui conhecendo Olavo de Carvalho e seus *alunos*, apelidados de *olavetes*, e também os *anarcocapitalistas*, inspirados na Escola Austríaca de Economia, que pregavam o fim do Estado e se uniam pelo grito “imposto é roubo”. Esperava apoio ao regime ditatorial e do saudosismo do “Movimento de 31 de março” em Clubes Militares e em pessoas idosas, associado com nostalgia e embelezamento do passado. Acreditava que a lembrança positiva

acerca do regime era algo restrito às gerações mais velhas, como se fossem fósseis vivos de visões políticas superadas.

Contudo, ao atentar para as pessoas que defendiam o autoritarismo, percebi que aqueles entusiastas eram em grande parte garotos, jovens com fotos de desenhos japoneses (os *animes*), assíduos consumidores de *YouTube*, *Facebook*, jogos de videogame e internet em geral. Eram garotos iguais os da foto no início deste capítulo. Esse espanto com a juventude contrastava com o contato que eu aprofundava com a geração “revolucionária” dos anos 60 e 70. Encontrava-me numa situação curiosa: ouvia idosos que buscavam o novo mundo com uma revolução na juventude enquanto conhecia jovens que desejavam o passado na internet.

Ao mesmo tempo em que escutava os depoimentos da Comissão e estudava sobre a ditadura militar, comecei a acompanhar de forma curiosa e despreziosa, como algo “excêntrico”, discussões e pessoas desse campo da direita que reintrepretavam o passado ditatorial. Eles eram bem mais numerosos do que imaginava. Além disso, gostavam da discussão e alimentavam o debate, o que tornava a discussão algo “vivo”. Entrei em grupos, páginas, participei de suas discussões.

Já estava há muitos anos na internet e sabia da capacidade de produção de nichos e grupos herméticos, muitas vezes exóticos e repulsivos, mas não tinha tido ainda contato especificamente com os revisionismo da ditadura¹³⁹. Ouvia os depoimentos da juventude que queria derrubar a ditadura do país e pegar em armas contra o regime. Na internet interagiu com garotos saudosistas com o autoritarismo, com a ordem e, o que mais me surpreendia, profundamente religiosos.

É preciso tentar descrever como estava a internet nesse momento de 2014. As manifestações de 2013 já tinham arrefecido e o debate político na internet entrava em ebulição, reunindo diversas visões e atores diferentes – do músico Lobão¹⁴⁰ ao comediante e apresentador Danilo Gentili. Havia uma grande efervescência, discutia-se política em todos os

¹³⁹ *Affordance* é um conceito do psicólogo James G. Gibson. *Affordance* é muito usado nos estudos psicologia cognitiva, ciências da computação e em pesquisas antropológicas. Pode ser traduzido por “propriedade”, numa ideia do que o ambiente tem de *propício* para as pessoas, como por exemplo uma cadeira tem a “*affordance*” de sentar-se. Esse conceito é uma tentativa de superar a discussão se o ambiente determina ou não os sujeitos, propondo olhar o que o ambiente oferece de “propício” para a ação. O ambiente virtual oferece a *affordance* para a formação de grupos cada vez mais específicos e isolados em si mesmos, reunindo pessoas que pensam de forma semelhante, no que se chama de “bolhas”.

¹⁴⁰ Lobão é um personagem importante neste período de 2013-2018 de divulgação do olavismo. Seus livros e as diversas reuniões que teve com Olavo de Carvalho são representativos do momento de virada de 2013 para o olavismo. Daqueles que mais tarde romperam com o “professor”, Lobão é dos poucos que mantém seus vídeos online com o *professor*.

lugares da internet. Era ano de eleição e havia uma esperança da direita que se desenvolvia de finalmente tirar o PT da presidência. Havia uma intensa troca de referências pela internet em vídeos, fóruns, páginas e blogs. No *YouTube* brotavam vídeos sobre a associação do PT com narcotraficantes internacionais e como comprar videogames e celulares era muito mais caro no Brasil do que nos EUA¹⁴¹. Foi crucial para a ampliação da socialização pela internet a difusão do acesso à banda larga e *smartphones* durante esse período.

Em agosto de 2013, Olavo havia publicado junto com seu aluno e seguidor (hoje rompido) Felipe Moura Brasil o livro *O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota*, grande sucesso editorial com mais de 200 mil livros vendidos¹⁴². O livro reúne 193 artigos curtos de fácil leitura sobre uma vasta gama de assuntos, de teologia e filosofia tomista a polêmicas políticas acerca de lutas antirracistas e a “falsificação” dos documentos de nascimento de Barack Obama. A capa do livro são com letras garrafais, com destaque para o “Idiota”, o que oferecia uma nova rolagem para um escritor do “submundo”.

Naquele ano de 2014 o escritor, *filósofo* e *professor* se reunia por *lives* com seguidores, alunos e simpatizantes (essa prática de realizar reuniões *online* já contava com muitos anos), ministrava seus Cursos Online de Filosofia (COF) e postava frequentemente em suas páginas de redes sociais. Tinha seu próprio site de notícias, o Mídia Sem Máscara, e mantinha parceria com a editora de livros É Realizações. Seus alunos haviam criado uma editora própria, a Editora Concreta. Ou seja, Olavo já estava inserido na internet há muitos anos, habituado à produção constante para manter a atenção de seu público, com seu próprio site de notícias diárias sempre atualizado e com aulas ministradas online – o que se tornou o “normal” com a pandemia de covid-19, como por exemplo preparar um cenário com livros ao fundo para *lives*. Olavo já estava muito bem preparado para internet plataformizada e algorítmica. Nas manifestações de 2013 já se via alguns cartazes que poucos anos depois se tornaram comuns: Olavo Tem Razão.

¹⁴¹ Em 2011 o youtuber Felipe Neto publicou um vídeo chamado “#preçojuto” no qual protestava sobre a alta carga tributária em produtos importados. Essa visão se expandiu enormemente nos anos seguintes. Houve um raciocínio nos anos 2010 em que associava altos preços com altos impostos e altos impostos com corrupção, ou, em outras palavras, “pagamos mais caro para sustentar políticos corruptos”. cf: <https://www.youtube.com/watch?v=Q4rEJr3sUO8> Essa questão, aparentemente banal, foi central para a juventude se ver como antipetista.

¹⁴² É importante salientar que essa cifra é muito significativa para o mercado editorial brasileiro. Cf. <https://www.publishnews.com.br/materias/2018/10/15/atualidades-inculturais-brasileiras>

Em reuniões online, em plataformas como o *hangout* do *Google*, reuniam-se Olavo de Carvalho e simpatizantes, de variados matizes (uma das características do *professor* era de ser receptivo a todos aqueles que estivessem dispostos a concordar com ele), para debater a “salvação” do país e denunciar a “organização criminosa” do Foro de São Paulo (considerado ocultado pela mídia). Estamos em 2014. Antes disso, Olavo já discutia sobre o deputado federal do Rio de Janeiro Jair Bolsonaro ser presidente e alternativas futuras para o país, que estava entregue ao comunismo.

Os filhos de Bolsonaro participaram de reuniões com diversos atores do que na época se chamava “nova direita”, abarcando de anarcocapitalistas a tradicionalistas religiosos. Era um trabalho político intenso. Bolsonaro era um dos representantes da “resistência” contra o totalitarismo do “comunopetismo” que se alimentava de dinheiro da corrupção e do tráfico de drogas, reunido com diversos atores numa rede que se estendia independente dos canais tradicionais. Bolsonaro não surgiu como possibilidade de presidente “do nada”.

Porém, os jovens representados na foto com “Bolsonaro 2018” não eram o público dessas reuniões de cúpula do olavismo e estabelecimento do campo bolsonarista de dentro da “nova direita”, sobrepujando-a no futuro. O jovem que estava se tornando redpill nesse período encontrava o olavismo ao chegar em casa, depois da escola, ao acessar o *YouTube* e assistir ao canal de Nando Moura. Nando Moura difundiu a visão de mundo olavista e divulgou Bolsonaro para uma imensa quantidade de jovens. É, ainda hoje, o maior canal de direita do Brasil no Youtube com 3,41 milhões de inscritos, maior que a produtora Brasil Paralelo. Durante todos os dias, a partir de 2015, Nando Moura postava um vídeo sobre suas opiniões para milhares de inscritos.

Nando Moura é um professor de música residente no interior do estado de São Paulo que começou seu canal de Youtube restrito a assuntos musicais¹⁴³ em 2011. Até os dias de hoje seus vídeos podem ser resumidos em uma gravação estática de si mesmo sentado falando sobre algum assunto, numa gravação simples e amadora. Moura é roqueiro, possui cabelos longos, usa bandanas e roupas pretas. Por algum tempo usou o codinome “O Opressor”, o que foi copiado por muitas pessoas. Ser “opressor” foi uma forma de sinalizar que aceitava as acusações “do outro lado” e não se importava, pois iria “resistir” ao politicamente correto.

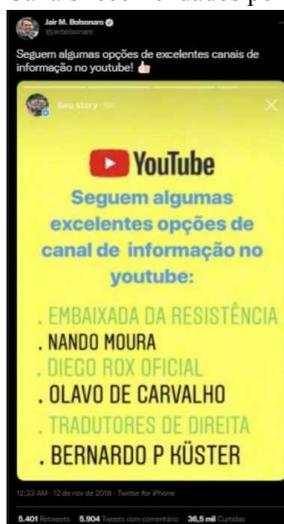
Em janeiro de 2015, Nando Moura postou um vídeo sobre o novo governo Dilma Rousseff que se iniciava, chamando a presidente de “marmota”. O sucesso foi imediato. O

¹⁴³ Senra (2022) fez seu trabalho especificamente sobre as estratégias de manter a atenção usadas por Nando Moura. Seu trabalho é a fonte dos aspectos biográficos de Nando Moura.

ápice de seu canal, que figurava sempre na lista dos mais assistidos da plataforma *YouTube*, foi atingido em 2016 quando rivalizou com o também *youtuber* Felipe Neto sobre um debate realizado acerca dos discursos homofóbicos entre Felipe Neto e o deputado Marco Feliciano (PL). Nando viralizou porque fazia piada como ser “homofóbico”.

Foi também em 2016 que fez uma entrevista com Jair Bolsonaro, que conta hoje com 3,4 milhões de visualizações apenas neste vídeo. Em 1º de janeiro de 2019, Nando Moura foi convidado de honra na posse de Jair Bolsonaro em Brasília. Ele também esteve na lista postada na página pessoal de Bolsonaro quando presidente sobre quais canais a serem usados para se informar:

Figura 6: Canais recomendados por Bolsonaro



Fonte: Senra (2022)

Nando Moura é um caso raro de canal que não apagou seus vídeos. O seu canal é como um museu do que foi a direita jovem e redpillada e sua decepção com o bolsonarismo e o olavismo antes das eleições de 2018. O uso de memes, jogos de videogame, cultura *pop* e títulos para chamar atenção. Era uma rotina para o jovem assisti-lo a noite, saber qual seria a nova piada ou comentário do noticiário do dia.

É possível até hoje acessar as discussões sobre as manifestações pelo impeachment em 2015, seus comentários sobre os escândalos políticos e especialmente o vídeo sobre a vitória de Bolsonaro em 2018 chamado “GANHAMOS!!!”¹⁴⁴ no qual Nando chora com o resultado, grita e se regozija com o medo dos esquerdistas com o futuro governo. É para ter medo mesmo. Nando relata o quanto lutou pelo Bolsonaro quando ninguém mais acreditava nele. Em 2020, Nando postou no seu próprio vídeo de comemoração do resultado o seguinte

¹⁴⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mKQUYQfQOVg>

comentário: “Esse vídeo tem que ficar de recordação para mostrar o quanto esse canalha nos traiu e o tanto de esperança que nós depositamos neste MENTIROSO”. Assistir os vídeos de seu canal entre 2015-2018 é acompanhar a formação da direita jovem aqui chamada de redpill.

Nando Moura rompeu logo no primeiro semestre de 2019 com o governo de Bolsonaro pela indicação de Augusto Aras para a Procuradoria Geral da União. Antes do rompimento definitivo, seu posicionamento pela instauração da “CPI da Lava Toga”, que investigaria os ministros do Supremo, também foi recusada pelo governo Bolsonaro. Foi então que rompeu com o olavismo, tendo debatido com um dos seus sacerdotes, Evandro Pontes, a relação com o Supremo e o governo Bolsonaro. Nando Moura seguiu seu caminho fazendo vídeos nos quais comenta filmes e jogos, além de lançar seu curso de ganho financeiro usando o mercado de ações. O canal de Nando Moura continua com altas cifras de visualizações, geralmente acima de 200 mil por vídeo. Há desesperança na política nos seus vídeos recentes. Suas recomendações ao seu público jovem são treinos físicos, trabalho, casar com a mulher certa e construir seu próprio patrimônio.

Há uma permanência desde 2015 até os dias atuais em seus vídeos. Não mais fala de Olavo, autor esse que, num vídeo, queima (literalmente) seus livros¹⁴⁵. Sobre Bolsonaro ainda comenta bastante, mas para xingá-lo e criticá-lo de corrupto e responsável pela volta do PT ao poder. Em relação às camadas mais altas do olavismo, Nando Moura rompeu com todos, inclusive com os *vaporwaves*, que é a direita alternativa, um desdobramento da redpill. Essa permanência é uma crítica cultural no sentido de que tudo o que é feito atualmente é de baixa qualidade. Há um pessimismo cultural em Nando Moura que nunca foi abandonado, desde o início quando era apenas um canal de música.

Seus primeiros vídeos, além das aulas, são sobre o quando o *funk carioca* e a música sertaneja são lixos culturais¹⁴⁶. Músicas que são feitas apenas para vender e falar de sexo e traição. Dilma Rousseff e o PT são participantes de um movimento maior de **decadência** humana. Essa decadência é moral, cultural, cognitiva, artística. É a degeneração de tudo que elevaria o humano em oposição ao animal, sujo, grotesco e bestial. Metáforas sobre sujeira e impureza são permanentes. Como diz Mary Douglas (2020), as categorias de “sujeira”,

¹⁴⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bhnM_InKYCE

¹⁴⁶ Outra permanência é a religião cristã, que se relaciona com o sentimento de perda de valores atuais.

“poluição” e “impureza” estão nos sistemas simbólicos como representantes da desordem, da anomalia e do perigo.

Nando Moura apresentou o olavismo e o bolsonarismo para milhares de jovens a partir de 2015 por meio de uma forma de ver o mundo na qual tudo está sendo destruído e piorado. É nesse sentido que o bolsonarismo dos primórdios é uma esperança porque ele surge da constatação que a realidade do Brasil e do mundo é decadente. Nando Moura apresentou o problema e propôs a solução.

6.2. DECADENTISMO

Há uma seção no livro “O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota” chamado “Decadência”. Por decadência Olavo descreve a exaltação realizada pelos “intelectuais gramscianos” que dominaram explicitamente o Brasil com o fim da ditadura de promoverem “sambistas, roqueiros, publicitários e strip-teasers ao estatuto de ‘intelectuais’” (Carvalho, 2019a: 328). A cultura brasileira perdeu sua “acepção qualitativa”, dando lugar a uma visão chamada de “antropológica”, na qual não existe cultura melhor que outra.

Essa quebra da hierarquia cultural (a existência de uma alta cultura em oposição a uma baixa cultura) é, para Olavo, a maior violência acometida pelo movimento revolucionário. A visão antropológica de cultura é um projeto dos poderosos descrito num livro tido como “bibliografia básica” do olavismo, o “Maquiavel Pedagogo” de Pascal Bernardin (2012).

Bernardin parte de um “dado dado”: “a queda impressionante do nível escolar” (Ibidem: 137), o mesmo que é usado para criticar Paulo Freire. A educação está pior e isso é tido como evidente. Esse livro se propõe a ser uma denúncia de uma “revolução pedagógica” que redefine o “papel da escola”, que não mais formaria intelectualmente, mas priorizaria o “ensino não-cognitivo” e a “aprendizagem da vida social” (Ibidem: 11). Mais adiante, Bernardin diz que a escola é contra a família objetivando o enfraquecimento dos laços sociais: “a escalada da criminalidade, da insegurança, da delinquência, do consumo de drogas, a destruturação psicológica dos indivíduos que se seguiu ao aviltamento moral e à consequente destruição do tecido social são as consequências de uma política consciente” (Ibidem: 66). Usando de documentos originais de reuniões da ONU e da Unesco, o livro deixa o leitor alarmado com as medidas de destruição da escola e da moralidade dos alunos. Descrevendo técnicas de manipulação e adestramento, da mesma maneira que fez Olavo de Carvalho tão bem salientado por João Cezar de Castro Rocha (2021).

Bernardin sustenta que esse projeto é apenas para a educação da “massa”, pois a elite que defende essa educação “incultural” continua educando seus filhos em escolas com alta formação cultural, mais uma vez num projeto de formar uma “casta dirigente” apartada sobretudo pela instrução recebida de uma massa ignorante (Ibidem: 145). Esse é o mesmo raciocínio de outro pessimista cultural, que ganhou destaque pelo seu decadentismo, o escritor britânico Theodore Dalrymple, pseudônimo de um médico atuante nos bairros pobres da Inglaterra. Dalrymple usa o termo “subclasse” para descrever uma “patologia social” vítimas de um “relativismo cultural, moral e intelectual” (Dalrymple, 2014: pos. 189).

Dalrymple escreve numa Inglaterra que reduziu a pobreza material, mas teria gerado uma pobreza cultural muito mais grave:

São vozes que bradam de um abismo – um abismo criado, em grande parte, pela ideia, vendida por gerações de intelectuais, de que a segurança material e relacionamentos humanos sem nenhum tipo de amarras necessárias tornariam a humanidade livre, muito além dos sonhos das eras do passado incultas e menos afortunadas. (Ibidem: pos. 615)

O texto do médico inglês é uma grande lamentação da Inglaterra que não existe mais, na qual se lia Shakespeare em vez de ouvir *rap*. Que a escola ensinava regras gramaticais em vez de aceitar todos os erros como particularidades. O seu livro “Vidas na Sarjeta” é um sucesso de vendas. É uma descrição da ruína moral de pessoas que perderam seu sentido de vida, ocupando seu tempo com televisão, drogas, sexo e músicas *ruins*. Ele está em sintonia com a decepção de Flávio Gordon ao adentrar a universidade.

Pablo Ornelas Rosa, Rafael Alves Rezende e Victória Mariani de Vargas Martins debateram a noção de cultura para Olavo na chave do etnocentrismo, retomando a discussão clássica no campo da antropologia sobre cultura, história e relativismo (*in* Rosa (Org.), 2019). O argumento dos autores é que a visão de cultura de Olavo deriva do filósofo brasileiro Mário Ferreira dos Santos, sempre enaltecido por Olavo como o maior filósofo brasileiro.

Mário Ferreira dos Santos (2012) escreveu um livro pouco antes de morrer às pressas no qual fazia uma avaliação da condição cultural no ocidente classificada como ameaçada. Esse livro é chamado “Invasão vertical dos bárbaros”. O olavismo bebeu dessa fonte em diversos aspectos. Um deles é na noção de que o enfraquecimento moral é um projeto de dominação:

Não é de admirar que períodos decadentistas e de alheamento aos princípios morais sejam os períodos em que os homens mais se afastam uns dos outros, e que a atomização social aumenta a ponto de não haver mais possibilidade de compreensão entre dois seres humanos, que não podem mais “dialogar”, e assistimos “aos

diálogos de surdos”, em que uns não entendem mais os outros. A barbarização revela-se aí, ameaçando abranger a totalidade da sociedade. (Ibidem: pos. 655)

Esse projeto é um envolvimento maior de técnica, capitalismo, liberalismo e dominação. O alvo, como em Carlos Alberto Brilhante Ustra, é a juventude facilmente manipulada:

a juventude confusa, por entre ideias confusas, se transforme em massa de manobras dos interessados em subverter a nossa cultura e instaurar a época do novo escravagismo, do homem-número, do homem-máquina, do homem-instrumento, do homem-troço, do homem automatizado, do homem cibernético, do homem que renuncia a sua inteligência e a sua criação para tornar-se uma coisa entre coisas, uma peça de um jogo trágico ao sabor dos interesses dos novos cesariocratas que pretendem dominar o mundo. (Ibidem: 1639)

Porém, a inspiração para Olavo sobre o diagnóstico da patologia cultural se refere sobretudo à escravidão e à cultura negra.

a escravidão negra não se pode atribuir aos europeus, porém muito mais aos próprios africanos, visto que esse instituto é mais de origem bárbara que de origem culta. Por outro lado, com exceção do Egito, com certeza, a África sempre esteve imersa no barbarismo, desde que a conhecemos. [...] Desse modo, a África, propriamente dita, ou seja, a raça negra, não construiu nenhuma alta cultura. (Ibidem: pos. 930)

Ora, tais maneiras esquemáticas de considerar os negros é uma decorrência fiel da maneira dos negros considerarem-se a si mesmos. Trataram-nos como os negros trataram uns aos outros. Houve uma equivalência de atitudes, e apenas uma divergência quanto aos beneficiários de tudo isso. (Ibidem: pos. 1028)

Há longos momentos nos quais Santos compara a cultura negra como física, corporal, violenta e agressiva com evidentes concepções racistas. O ápice é quando agradece aos missionários que vão à África pregar o cristianismo, os únicos capazes de salvar o continente africano. (Ibidem: pos. 969) Num artigo chamado “A dívida dos faraós”, Olavo escreveu:

Os intelectuais da elite [...] são culpados de cultivar no povo negro [...] ilusões quase demenciais quanto ao valor da cultura afro. A contribuição básica dos negros ao Brasil foi dada através do trabalho escravo, que construiu a riqueza da colônia e do império: foi uma contribuição material, não cultural. E os elementos da cultura africana que se introduziram na nossa mentalidade [...] têm um valor, para dizer o mínimo, duvidoso. [...] a verdade é que todos os ritos iorubás não valem uma página de Jalal ad-Din Rumi e a história inteira do samba não vale três compassos de Bach. A verdade é que a contribuição cultural das religiões africanas no mundo é perfeitamente dispensável [...] e vocês [negros], se foram escravos por três séculos após terem sido senhores de escravos por mais de um milênio, devem agradecer a Deus pela clemência de seu destino [fim da escravidão]. Perto dos judeus [...] vocês [negros] são uns sortudos” (Carvalho, 2019b: 86)

A decadência cultural brasileira é explicada pela supervalorização da cultura de origem africana, sabidamente “inferior”. O olavismo é um desprezo pela cultura popular

brasileira. Em 2001, Olavo de Carvalho foi convidado para participar do Fórum da Liberdade em Porto Alegre, num debate mediado por Miriam Leitão¹⁴⁷. Olavo é recebido com muitos aplausos, ele já estava consagrado nos meios de direita. O debate é sobre educação e Olavo divaga sobre o absurdo de cotas raciais nas universidades, argumentando que os negros tiveram 40 anos entre a abolição e a industrialização do país para estudarem e se formarem, mas preferiram procriar. Miriam Leitão fica em *choque* com a argumentação e rebate. Então Olavo diz uma de suas tiradas, muito lembrada pelos olavistas: “Ninguém é obrigado a concordar com a verdade” rindo.

6.2.1. “Impossível tankar o Bostil”

O mundo do avesso da redpill despreza o Brasil. “Impossível tankar o Bostil” foi uma expressão que ganhou tração na “Turminha do Loen”, principal grupo de *vaporwaves* e redpillados. Originado em videogames, “tankar” se refere ao personagem linha de frente em uma luta que tem o papel de absorver os ataques inimigos. O “tankar” é uma derivação de “tank” tornada verbo. “Tank” o personagem numa luta com mais vida e mais resistências. “Bostil” é um neologismo com “bosta” e “Brasil”. Também existem diversos outros neologismos, tais como “Macaquil”, “Merdil”, “Cuzil”, “Favelil”, todas formas pejorativas de se referir ao Brasil¹⁴⁸.

Decepcionados com o governo Bolsonaro, os redpills mergulharam no decadentismo e na ojeriza da cultura popular brasileira. O Brasil não tinha mais jeito. Há um repúdio sobretudo aos dois estados brasileiros que representam isso, não à toa estado com maiores índices de pessoas pretas: o Rio de Janeiro e a Bahia. São muitos memes sobre o quanto esses dois estados são o “câncer” do país e que deveriam ser eliminados. O nordeste também é tratado como uma “doença” e uma “sujeira” pela pobreza e o uso dos recursos federais. É muito compartilhada a tabela de cada estado contando o quanto paga de imposto à federação e o quanto recebe, o que demonstraria que o sudeste sustenta os preguiçosos do nordeste, apelido no mundo do avesso de “merdeste”.

Um dos conteúdos mais compartilhados são notícias ou vídeos que servem para falar mal da cultura brasileira. Um desses tipos de vídeo que fazem sucesso são aqueles que

¹⁴⁷ Vídeo pode ser visto em: https://www.youtube.com/watch?v=IV_4RYkAgII, hospedado no próprio canal de Olavo com o título “O dia que Olavo de Carvalho colocou Miriam Leitão no seu devido lugar”

¹⁴⁸ Uma descrição mais longa pode ser vista em: https://desciclo.pedia.ws/wiki/Intank%C3%A1vel_o_Bostil

registram festas de comemoração, geralmente de prefeituras, em que se faz um bolo imenso para a população. Nos vídeos, as pessoas partem para cima do bolo com suas vasilhas, brigando para pegar a maior quantidade possível do alimento. Esses vídeos seriam o retrato da mesquinhez brasileira. Desse tipo de conteúdo há os vídeos de saqueamento de cargas tombadas na estrada, que demonstraram que o brasileiro é mal-caráter, ladrão e incivilizado.

O Brasil é apresentado como algo sujo e degradante. Reunindo a descrença no humano do neoliberalismo e a retórica da intransigência da futilidade, com os traços racistas do olavismo, a redpill é pessimista com o futuro do país e da coletividade brasileira. “O pior do Brasil é o brasileiro”. Diante dessa incapacidade do Brasil “dar certo”, o redpill ou é um profundo egoísta ou se dedica a pequenos grupos que seriam como “oásis no deserto”.

Nessa procura desses “oásis”, Débora Luciano foi quem melhor emulou a formação de uma “elite cultural” do olavismo, apesar de não se denominar olavista. Formada por universidade pública e com mestrado em economia, Débora advém dos meios ruralistas da chamada “Reserva Legal”, advogados que defendem proprietários em causas ambientais. A ideia de seu canal ocorreu depois que recebeu de presente um exemplar de *Divina Comédia* de Dante e se viu incapaz de entender o que estava escrito, sentindo-se uma idiota. Debs, como é conhecida, então percebeu que, apesar de universitária e supostamente “gabaritada”, era uma “Bocó”, criando então seu canal “OláBocos”¹⁴⁹.

Seus primeiros vídeos são sobre Paulo Freire e Friedrich Hayek. O seu mais recente, no momento da escrita deste texto, chama-se “Brasileiro tem orgulho da burrice”, reforçando a desesperança com o Brasil. Debs criou a “Academia Bocault”, encontros pagos com uma bibliografia pré-selecionada com seu público, numa formação coletiva de “alta cultura” envolvendo textos tanto de literatura quanto pesquisas acadêmicas. Debs tem um público considerado pequeno, de 50 mil pessoas, mas consideravelmente engajado, o que no linguajar da internet significa que é um público mais “fiel” e, portanto, mais valioso do ponto de vista da economia da atenção. Hoje se dedica plenamente ao seu grupo de estudos, o que se tornou sua fonte de renda e trabalho. “OláBocós” é quem tem oferecido aos redpills o “luxo cultural” olavista numa retórica de separação da “sujeira” da baixa cultura brasileira.

Pouco se fala de Bolsonaro em “OláBocós”. A leitura da líder e de seu público é que já estamos num estado de exceção, cabendo a “nós” nos defendermos. Essa defesa ocorre pelo estudo, pela família, pela religião. Debs está fazendo o seu “trabalho de formiguinha”. Débora

¹⁴⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@academiabocault/videos>

Luciano é muito respeitada pelos redpills: é casada com militar, filha de militar, mora no interior de Minas Gerais e conhece o “Brasil profundo”.

6.3. O CENTRO DAS ATENÇÕES

Em outubro de 2012, Olavo de Carvalho escreveu um artigo para o Diário do Comércio, de Pernambuco, chamado “O Óbvio Esotérico”¹⁵⁰, artigo este que seus seguidores citam como uma das previsões acertadas do *professor*, como mais um exemplo de que “Olavo tem razão”. O texto começa se referindo à derrota de José Serra para a prefeitura de São Paulo para o petista Fernando Haddad naquele ano, afirmando que para vencer o PT seria necessário “livrar-se do resíduo ideológico ‘politicamente correto’, adotando um discurso conservador sem concessões nem atenuações”.

O erro da direita seria ter receios de dialogar com a direita radical para agradar a imprensa e intelectuais, com medo de ser tachada de “torturadora” ou “fascista”, enquanto o PT dialoga com movimentos sociais radicais (cita o MST) e participa do Foro de São Paulo com Fidel Castro e a esquerda latino-americana. Ou seja, a direita tem vergonha de se associar com seus aspecto radical enquanto a esquerda faz isso de maneira escancarada, “puxando” o debate sempre para o seu próprio campo.

José Serra não vai ao Clube Militar e nem ao Instituto Plínio Salgado (núcleo integralista), diz Olavo, mesmo que esses nada tenham de “radicais” (sendo essa uma rotulação da mídia), porque só sabe jogar o jogo da própria esquerda, tendo vergonha de se mostrar como de direita.

O eleitorado brasileiro é maciçamente conservador, mas, não tendo quem o represente na política, acaba votando a esmo, conforme simpatias de momento ou interesses de ocasião que no fim o tornam tão corrupto, ao menos psicologicamente, quanto os políticos que ele despreza. O voto interesseiro vai, necessariamente, para quem está no poder, para quem controla a usina de favores. A oposição teria tudo a ganhar se contrapusesse a esse estado de coisas um discurso ideologicamente carregado, restaurando o senso da política como conflito de valores em vez de mera disputa de cargos.

A fórmula para vencer o PT estava escrita nas profecias do *professor*: bastava alguém com coragem de romper o politicamente correto, bravura de defender o que o povo brasileiro conservador acredita e ousadia de denunciar os esquemas internacionais do comunismo de dominação do continente (o Foro de São Paulo). Era preciso que se trouxesse o debate para o campo dos valores, tornando a discussão mais ideológica, deixando de baixar a

¹⁵⁰ Pode ser lido em: <https://olavodecarvalho.org/o-obvio-esoterico/>

cabeça para a *patrulha do politicamente correto*, que nada mais é que uma imposição de uma “espiral do silêncio” em qualquer um que não concorde com a esquerda. A disputa não devia se desenrolar nos aspectos administrativos, e sim nas crenças e valores. A proposta é a direita perder sua vergonha e se rebelar contra a opinião estabelecida. Olavo tinha razão?

Na ferramenta “Google Trends” é possível visualizar a quantidade de pesquisas por “Bolsonaro” no buscador do *Google*. Em maio de 2005 há duas acentuadas elevações: em maio, quando Bolsonaro levou o coronel Maciel para o depoimento de José Genoíno à CPI do Mensalão (o coronel havia prendido, interrogado e torturado Genoíno no Araguaia); nesse mesmo ano, ocorreu o Referendo sobre a proibição e comercialização de armas de fogo e munições no Brasil, que também resultou em destaques para Bolsonaro, notório por ser contrário à proibição. Em abril de 2008, outro pico: Bolsonaro contestou na Câmara a demarcação de terra indígena Raposa/Serra do Sol, falando sobre interesses externos, incluindo a China, e recebeu um copo d’água arremessado pelo índio Jacinaldo Barbosa, interrompendo a sessão. Em outubro de 2011 Bolsonaro atinge o maior interesse até então: havia dado entrevistas para o CQC na qual responde à cantora Preta Gil que não gostaria que seu filho tivesse promiscuidade se envolvendo com uma mulher negra ou com outro homem; nesse mesmo ano Bolsonaro se lança contra o que chamou de “kit gay”¹⁵¹ criado pelo MEC. Enfim, é em 2014 que Bolsonaro obtém seu maior número de buscas¹⁵²: é o ano em que vai a diversos programas de televisão e se elege o deputado federal mais votado do Rio de Janeiro com 464 mil votos. É preciso reforçar que 2014 é o ano do relatório final da Comissão Nacional da Verdade e que Bolsonaro usou disso para revisionismos históricos para obter destaque (cf. Almada, 2021).

Foi ainda no ano de 2014, enquanto concorria com o apoio de Marcos Feliciano para a Comissão de Direitos Humanos da Câmara, que Bolsonaro deu uma declaração que foi amplamente compartilhada e, até hoje, tida como um dos seus momentos “áureos”¹⁵³ do capitão reformado. No vídeo ele está cercado de repórteres, muitas fotos, *flashes* e vozes ao

¹⁵¹ Programa Escola Sem Homofobia de 2011 que foi distorcido em suas propostas.

¹⁵² Foi superado apenas em abril de 2016 com seu voto sobre a abertura do processo de impeachment de Dilma Rousseff, no qual cita Carlos Alberto Brilhante Ustra. Esse pico de 2016 só será superado em julho de 2018, quando Bolsonaro vai ao Roda Viva da TV Cultura – depois é franca ascensão até o fim das eleições de 2018.

¹⁵³ Um outro momento “glorioso” do “mito” é o xingamento no salão verde da câmara em 2003 em que chama a deputada Maria do Rosário de “vagabunda” e que não a estupraria porque “ela não merece” (na ocasião, Bolsonaro defende a redução da maioria penal). O *frame* no qual Maria do Rosário aparece indignada e repetindo “O que é isso? O que é isso?” é dos preferidos de todo o cosmos bolsonarista.

mesmo tempo. Suas respostas são ríspidas e seu olhar é intimidador, principalmente quando uma jornalista lhe faz perguntas. Assim ele responde:

Figura 7: Bolsonaro “falando verdades” em 2014



Fonte: *Frame* do vídeo do Youtube

Maioria é uma coisa, minoria é outra: minoria tem que se calar, se curvar, à maioria. Acabou. [pausa] Eu quero é respeitar a maioria e não a minoria, você está entendendo? Olha, quando eu falo em pena de morte, é que uma minoria de marginais aterroriza a maioria de pessoas decentes. Quando se fala em menor vagabundo [...] você tem que ter uma política para aprisionar esses caras, buscar a redução da maioridade penal, e não defender esses marginais como se fossem excluídos da sociedade. Não são excluídos, são vagabundos. [...] A minha Comissão não vai ter espaço para defender esse tipo de minoria. [...] Buscar a redução da maioridade penal, uma política de planejamento familiar, buscar uma maneira de dizer à sociedade que eles foram enganados pelo estatuto do desarmamento, só desarmou os cidadãos de bem, os marginais continuam armados, tá oquei? [...] A política de direitos humanos é só para humanos direitos, não para vagabundos, marginais, que vivem às costas do governo. [defesa da laqueadora e vasectomia] [...] Não pode uma mulher, por exemplo, ter cinco, seis, sete, oito filhos com 25 anos de idade e jogar essa conta pro Estado pagar. [...] Se eu for presidente, eu sei que vou ter dificuldade [riso], mas, lá, besteira como “seminário LGBT infantil”, “kit gay”, “defesa de presidiário”... os presídios brasileiros estão uma maravilha, lá é lugar de você pagar seus pecados, e não para viver num *spa* e vida boa. Quem estupra, sequestra, mata, tem que ir lá mesmo sofrer, e não pra ir pra colônia de férias. [...] Minoria, que minoria? Dá exemplo de minoria. Negro?? Qual a diferença minha pro negro? [2x] Me diga, ele é inferior a mim? [...] Eu, caso chegue à presidência, serei daltônico, todos terão a mesma cor. [...] Única coisa boa do Maranhão é o presídio de Pedrinhas¹⁵⁴. [exaltação] **É só você não estuprar, não sequestrar, não praticar latrocínio, que tu não vai pra lá, porra! Acabou! Acabou! Tem que dar vida boa para aqueles canalhas? Desculpa, eles fodem nós a vida toda! E daí que nós, trabalhadores, vamos manter esses caras presos numa vida boa?! Eles têm que se foder e acabou! Acabou, porra! É minha ideia. E quem não está contente, trabalhe contra minha chegada na Comissão [de Direitos Humanos].**¹⁵⁵

¹⁵⁴Referência à rebelião ocorrida em 2013, marcada por diversas mortes e crueldade, com vários vídeos difundidos pela internet.

¹⁵⁵Esse vídeo pode ser visto em várias versões, sendo esta do canal oficial de Bolsonaro (https://www.youtube.com/watch?v=ybote10acL4&ab_channel=JairBolsonaro) é a mais visualizada. Inclusive, é o vídeo mais visto do canal do presidente, seguido por um vídeo em que Jean Wyllys se recusa a sentar ao seu

À época, causava surpresa como Bolsonaro já contava com um grande apoio em páginas de memes, que faziam montagens e divulgavam suas falas. Seu sucesso se dava sobretudo pelo enfrentamento ao “politicamente correto”. Falava o que todo mundo acreditava, mas tinha vergonha de dizer. Em momento de crise, o presidente procurou retomar a retórica de 2014. Foi ali que surgiu o “acabou, porra!” que foi repetidas vezes usado quando o ex-presidente procurava demonstrar força durante seu governo.

É difícil objetivamente mensurar o quão poderoso era esse discurso naquele momento. Havia um enxame de postagens, memes, vídeos com “mitadas”. Consuelo Dieguez (2022: pos 2147) descreve como foi a recepção desse discurso pela juventude na internet:

Enquanto imprensa, políticos e lideranças da sociedade civil criticavam a selvageria desse discurso, as redes sociais exaltavam Bolsonaro. Em vez de perder apoio, como seria de esperar, ele foi endeusado, e a fala acabou transformada num meme comum à época, ao som de “Turn Down for What”, do rapper norte-americano Lil Jon com o francês DJ Snake. A música, assim como os óculos escuros rajados de branco que caíam sobre o rosto de Bolsonaro cada vez que ele respondia aos que o desafiavam, era marca registrada da página de Facebook Bolsonaro Zuero, acompanhada do bordão “Mitou”. A exaltação às mortes no presídio foi uma de suas primeiras “mitadas”.

Diversos aspectos dessa fala de Bolsonaro formam a substância do que seria o “bolsonarismo”: ódio a “marginais e bandidos”, defesa do armamento civil, crítica a programas sociais de transferência de renda, políticas de diversidade e antirracistas. Marina Lacerda (2019) em sua tese sobre o neoconservadorismo brasileiro pesquisou a atuação parlamentar de 2003 até 2015, ano que culminou na eleição de Eduardo Cunha para a presidência da Câmara dos Deputados. Foi nesse contexto que se despontou o deputado do “baixo clero”. Nessa pesquisa, a autora elenca seis objetivos do neoconservadorismo: moralismo, defesa da família patriarcal, combate à “ideologia de gênero”, punitivismo penal, política internacional religiosa e anticomunista e, por fim, neoliberalismo. Lacerda conclui que: “Bolsonaro, em si, encarna progressivamente uma coalizão neoconservadora” (Ibidem: 192).

Desde sua origem nos Estados Unidos, na direita cristã contra movimentos com pautas feministas e homoafetivas na década de 1980, o neoconservadorismo é uma conjunção e aliança de diversas forças numa defesa da ordem estabelecida num contexto específico de

lado no avião e depois por um vídeo em que “escova” (sic) a deputada Maria do Rosário de 2014. Um corte apenas com a parte em negrito também foi amplamente compartilhado e um dos sujeitos dessa pesquisa conta que foi nessa entrevista que Bolsonaro se elegeu.

ameaça. É uma reação. O feminismo estimula divórcios, trabalho feminino e desestabiliza os papéis de gênero (Ibidem: 32), masculinizando as mulheres e feminilizando os homens.

O patriarcado faz bem às mulheres pela segurança, proteção, paz e amparo material¹⁵⁶. A família nuclear forte é a solução para os diversos problemas sociais que se agravavam nos anos 1980 nos EUA: resolveria a delinquência juvenil, gravidez na adolescência, filhos bastardos, pobreza e dependência do Estado e, até mesmo, *preveniria* a homossexualidade. Ou seja, uma família “bem estruturada” retira a necessidade de um Estado de Bem-Estar Social (*Welfare State*). É o neoconservadorismo que preenche o vazio de valores do neoliberalismo com seu anticomunismo e contra a distribuição de renda, pois “a ideologia de unidade da família autossuficiente fornece uma justificativa para cortar os serviços sociais do governo” (Ibidem: 53). Rodrigo Nunes sintetiza como a defesa da família é uma forma de privatizar os serviços públicos:

a família interessa ao neoliberalismo como rede de segurança capaz de assumir funções que anteriormente cabiam ao Estado (educação, saúde, bem-estar), como contrapeso às tendências desagregadoras do capitalismo desregulado, como instituição de disciplinamento e internalização da autoridade, e como elemento de um dispositivo de privatização da responsabilidade (Nunes, 2022: pos. 1255)

Houve três momentos de destaque na defesa da família patriarcal do ex-presidente: em 2008 contra o aborto, em 2011 contra política de diversidade sexual (agenda LGBTQIAP+) e em 2014 contra a “ideologia de gênero” sobretudo nas discussões sobre o Programa Nacional de Educação e o movimento Escola Sem Partido, que estabelecia vigilância a professores em sala de aula. Como vimos, em 2011 Bolsonaro amplia seu debate restrito a questões caras aos militares e adentra no neoconservadorismo contra o “kit gay”: houve um ganho de capital político e de visibilidade para evangélicos e o próprio Bolsonaro, surgindo a proximidade que se estende até os dias atuais entre o ex-presidente e Marco Feliciano¹⁵⁷.

Além da “defesa da família”, Marina Lacerda (2019) também investigou a correlação entre a bancada evangélica e a bancada punitiva da Câmara em oito pautas em que atuaram

¹⁵⁶ Esse argumento é difundido tanto em grupos antifeministas quanto nos que reúnem ódio e desprezo às mulheres – como veremos, não é o mesmo. É também o principal argumento de Campagnolo (2019), referência central para o antifeminismo e deputada estadual por Santa Catarina.

¹⁵⁷ Em diversas entrevistas Marco Feliciano defende que Bolsonaro muito lhe deve pela sua popularidade. Consuelo Dieguez (2022: pos 1388) cita o pastor: “Durante três meses eu apareci quase que diariamente no Jornal Nacional, da Globo”, disse ele [Marcos Feliciano]. “Eu era atacado todos os dias. O resultado é que, ao final deste período, eu, que era praticamente um desconhecido, ganhei visibilidade nacional, o apoio dos evangélicos e a simpatia de católicos conservadores”

juntas: redução da maioria penal, exibição das fotos de crianças e adolescentes em conflito com a lei, alterações na lei de drogas (pela internação compulsória, por exemplo), autos de resistência (“bandido bom é bandido morto”), transformação do homicídio de policiais em crime hediondo, obstruções à Comissão Nacional da Verdade (o deputado que mais se expressou sobre a CNV foi Bolsonaro, no total de 48 vezes (Ibidem: 118)), flagrante provado (aumento da autonomia do policial para efetuar prisões) e dez medidas contra a corrupção (relator Onyx Lorenzoni, ministro de Bolsonaro)¹⁵⁸.

No cerne dessa convergência entre punitivismo e familismo está a luta do bem contra o mal: a ação religiosa é como uma ação militar, uma guerra espiritual e material. O Brasil estaria, repita-se, numa guerra travada contra seus valores. Mas essa guerra é uma guerra não-convencional, uma guerra psicológica como falaremos no capítulo 2. Concluindo sua tese, Marina Lacerda atenta para o fato de que as figuras importantes do neoconservadorismo brasileiro serem homens: “Não se encontrou nenhuma mulher deputada com participação significativa no ativismo articulado nos temas que constituem a ideologia neoconservadora” (Ibidem: 200).

Desse modo, Jair Bolsonaro cultivou e foi cultivado pela inserção do neoconservadorismo no Brasil por meio da direita cristã transnacional – sobretudo organizações católicas e neopentecostais de origem estadunidense (Ibidem: 194-5). Porém, há mais na sua ascensão do que uma importação do movimento neoconservador. Há muito tempo ele tentava conquistar mais espaço midiático.

A “defesa da família” e o punitivismo, conjuntamente à aproximação da bancada evangélica, foi uma oportunidade de obter esse destaque, pois Bolsonaro estava estagnado em suas votações nos anos de 2006 e 2010. Sua conversão ao neoliberalismo é mais tardia ainda, apenas em 2015, quando começa a falar de privatizações durante os debates sobre a redução da Petrobras no pré-sal e dizer que estatais serviam para “cabide de empregos”, mirando a candidatura de 2018, a atração de empresários e seus jovens apoiadores que simpatizava com ultraliberalismo.

Bolsonaro foi moldando sua agenda política conforme recebia mais repercussão, na busca da polêmica e de causar “choque”, sempre atento às demandas de seu público. O que há de comum do tenente de artilharia que escreveu um artigo para a revista *Veja* em 1986 contra

¹⁵⁸ Um momento simbólico dessa união entre familismo e punitivismo foi o batismo de Bolsonaro no Rio Jordão pelas mãos do pastor Everaldo em 2016.

os baixos salários dos militares, rendendo-lhe quinze dias de prisão disciplinar, e o deputado do “acabou, porra!” de 2014 é a revolta contra “tudo que está aí” ou, em outras palavras, ser contra o “sistema”. Ter a coragem de dar voz para a “maioria silenciosa” brasileira. O neoconservadorismo de Bolsonaro não se deve à sua vida religiosa ou seu conservadorismo moral, muito menos a uma vida regrada e ascética, havendo na realidade indícios de disposições pessoais opostas a isso, e sim porque o debate moralizador atrai holofotes e reações.

Essa estratégia fica evidente durante a entrevista ao Programa do Jô Soares em 2005¹⁵⁹. O momento em que fica evidente que Bolsonaro sempre procurou causar o “escândalo” e o “espanto” foi quando Jô Soares perguntou sobre uma entrevista de Bolsonaro dada em 1999 no programa Câmara Aberta da Bandeirantes. Essa entrevista é outra muito compartilhada, muitas vezes acompanhada de “que saudade do meu presidente”. Nela, Bolsonaro defende “pau-de-arara” na CPI, sonegação de impostos, fechamento do Congresso Nacional e implementação de ditadura, menospreza mortos pela Ditadura de 1964 (“maioria marginais, assaltantes de banco”). O trecho mais famoso dessa entrevista de 1999 é:

Me desculpa, né? Através do voto você não vai mudar **nada** neste país, **nada**, absolutamente nada. Você só vai mudar, infelizmente, quando nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro, e **fazendo um trabalho que o regime militar não fez**, matando uns 30 mil começando com o FHC, não deixar ir pra fora não, **matando**. Se vai morrer alguns inocentes, tudo bem, tudo quanto é guerra morre alguns inocentes. Eu até fico feliz se morrer, mas desde que vá 30 mil outros junto comigo [destaque para momentos de exaltação]

Jô Soares, na entrevista de 2005, pergunta se Jair Bolsonaro tinha realmente defendido o fuzilamento de Fernando Henrique Cardoso (FHC), visivelmente espantado com tamanho absurdo. Bolsonaro dá uma risada como quem tivesse feito uma grande jogada de xadrez, anunciando o xeque-mate: “Se eu não peço o fuzilamento do Fernando Henrique, você não estaria me entrevistando aqui agora”.

Luiz Maklouf (2019: 17) cita outro episódio, no qual Bolsonaro encontra a repórter Cássia Maria Rodrigues, responsável pela matéria que denunciava a tentativa de explodir

¹⁵⁹ No livro “O cadete e o capitão: a vida de Jair Bolsonaro no quartel” de Luiz Maklouf Carvalho (2019: 39) o autor também notou a peculiaridade da entrevista do então deputado. A descrição que faço é inspirada na contida nesse livro. A entrevista foi pedida pelo próprio deputado, que queria se defender da acusação ser “defensor da tortura”. No entanto, durante a entrevista Bolsonaro reforça que defende a tortura como método pra fazer falar, por exemplo, um traficante. Outro momento marcante da entrevista é quando Bolsonaro diz ser de Eldorado Paulista, no Vale do Ribeira, por onde Carlos Lamarca passou durante a luta armada. Porém, na entrevista ele não tinha ainda inventado a mentira de ter combatido Lamarca e ajudado militares na sua caça. Uma fonte muito bem documentada sobre a mentira de Bolsonaro ter perseguido Lamarca no Vale do Ribeira é do *podcast* Retrato Narrado produzido pela Rádio Novelo, no qual a repórter Carol Pires entrevista moradores e pessoas próximas ao presidente, demonstrando a impossibilidade dessa versão e sua invenção.

bombas em unidades militares. Na situação, o ex-presidente sorriu ao seu estilo macabro agradecendo à repórter: fui “catapultado” para a política graças a sua matéria, teria dito para a jornalista. É no caos e na polêmica que Bolsonaro soube ganhar visibilidade e conquistar seu público. É por não retroceder e não pedir desculpas, não buscando adequação ao politicamente correto, que Bolsonaro foi tão magnético.

Não era a primeira vez, portanto, que Bolsonaro buscava chocar e atrair atenção para si com frases de efeito quando em 2014 concorria pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara. Antes mesmo, em 1992, quando proibido de fazer política no interior da AMAN, manteve-se em cima do carro guinchado para ser fotografado e estampar os jornais como alguém que lutava pelos militares apesar do comandante da Academia. “Contra tudo e todos” desde o início, diria seu filho (Bolsonaro, 2017: 92). Em 1993 deu entrevista para o jornal *New York Times* defendendo um golpe de estado militar no Brasil e exaltando Alberto Fujimori no Peru¹⁶⁰. Seu estilo de fazer política e sua forma de participar do debate público, utilizando a imprensa e o *choque*, já existiam antes das redes sociais e o mercado da atenção.

Existe uma afinidade nessa procura da atenção de Bolsonaro e as plataformas digitais que ganham dinheiro com a retenção do olhar de quem consome seus conteúdos. Tanto em Olavo quanto em Bolsonaro o primeiro contato é pelo choque, pela atenção, pela surpresa. Essa é outra afinidade profunda do bolsonarismo com a redpill. Esse mecanismo de chamar a atenção forma um o que Cesarino chama de “fluxo de causalidade circular”:

o bolsonarismo se define menos por um conteúdo ou base social fixa do que por uma dinâmica sociotécnica de mobilização contínua e performativa de demandas latentes, num fluxo de causalidade circular entre influenciadores e influenciados orientado por métricas em tempo real (Cesarino, 2022: 164)

Bolsonarismo e redpill compartilham essa dinâmica de atenção permanente. É como uma força gravitacional para a atenção. Os produtores ficam atentos às suas métricas de visualizações e os consumidores são exigentes para receber o que lhes agrada. Como consumo, os bolsonaristas reclamam quando não recebem o que desejam.

¹⁶⁰ A entrevista completa “Conversations/Jair Bolsonaro; A Soldier Turned Politician Wants To Give Brazil Back to Army Rule” se encontra em: <https://www.nytimes.com/1993/07/25/weekinreview/conversations-jair-bolsonaro-soldier-turned-politician-wants-give-brazil-back.html>

6.3.1. “Está com medo, petista safada? É a nova era”

Figura 8: A primeira Bolsonarista



Fonte:

<https://www.infomoney.com.br/politica/marco-aurelio-nega-recurso-e-bolsonaro-que-tera-de-pagar-indenizacao-a-maria-do-rosario/>

Essa imagem pode ser considerada a fundação do bolsonarismo. Bolsonaro com dedo em riste, dizendo verdades para uma petista ligada aos Direitos Humanos. A petista, a deputada Maria do Rosário, abismada, em choque com a agressividade de Bolsonaro. Ao fundo, a mulher que é conhecida no mundo do avesso como a primeira bolsonarista. Ela ri. Ela ri de um homem dizendo que não estupra uma mulher porque ela não merece, mulher essa que se pergunta “o que é isso? o que é isso?”.

Durante a pesquisa foram diversos momentos em que o pesquisador pessoalmente ficou em “choque”. Um deles foi durante a leitura de Mário Ferreira dos Santos, citado acima, com conteúdos claramente racistas. Outro foi quando entrou em contato com o *Telegram*, no qual os grupos neonazistas trocam informações livremente, em muita comunhão com o bolsonarismo. Um dos mais marcantes foi logo após o resultado das eleições, no domingo 28 de outubro de 2018. Um meme circulou chamado “está com medo petista safada? é a nova era”. Sua origem é de uma postagem de uma mulher nas redes sociais no qual descreve que seu pai a recebeu em casa com uma garrafa de cachaça e um revólver, chamando-a de “petista safada” e que era melhor “jair se acostumando”.

Isso foi amplamente compartilhado, inclusive na USP¹⁶¹. Era uma alegria generalizada com o espanto e o choro do lado derrotado nas eleições. Foi uma onda de vídeos de pessoas, geralmente mulheres, chorando e com medo da vitória de Bolsonaro. Era a “nova era”. Enfim o “subsolo” se impunha sobre as pessoas corruptas que lideravam o país.

Bolsonaro foi catapultado pelas situações em que humilhava mulheres. Bolsonaro é grosso com mulheres e não tem medo de respondê-las. Os redpills adoram a expressão que Renata Vasconcellos fez na entrevista oficial para o Jornal Nacional¹⁶² com as “mitadas do mito”, assim como na situação inaugural com Maria do Rosário. Na derradeira semana das eleições de 2018, organizou-se pelo país as manifestações do #elenão. Há um longo debate sobre essas manifestações terem ou não fortalecido a campanha de Bolsonaro.

Falar sobre o #elenão: O que aconteceu é que eles já tinham pronto um material que começaram a jogar nas redes. Eram cenas que não tinham nada a ver com o EleNão. Pegaram cenas de mulheres nuas nas ruas, mulheres se beijando, cenas de defesa do aborto e começaram a soltar aquilo enquanto as manifestações aconteciam. (Dieguez, 2022: pos. 3958)

Figura 9: A feminista contra a mulher religiosa



Fonte: Arquivo pessoal

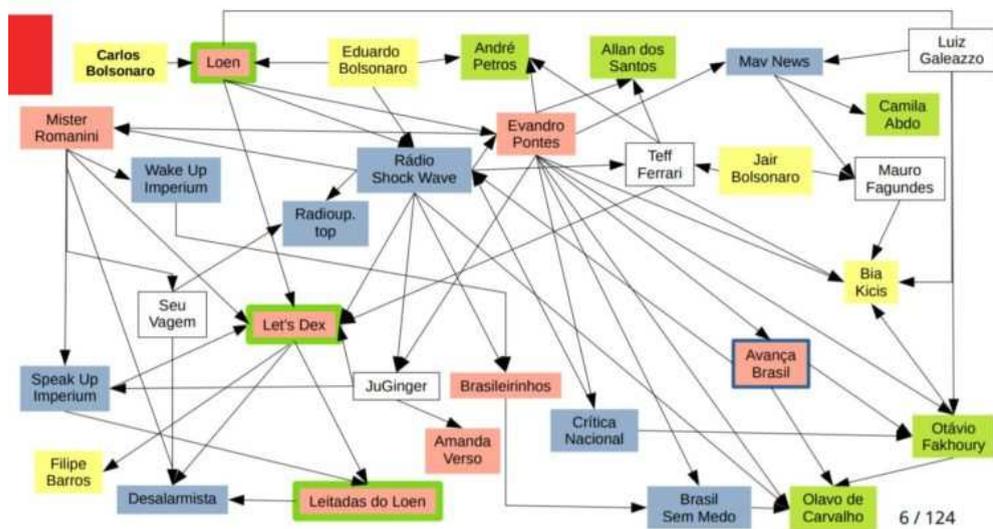
¹⁶¹“USP investiga alunos que posaram para foto com mensagens de ódio a petistas” disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/30/usp-investiga-alunos-que-posaram-para-foto-com-mensagens-de-odio-a-petistas.htm>

¹⁶² A imagem pode ser vista em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/bate-boca-de-bolsonaro-com-renata-vasconcellos-deixa-ibope-do-jn-na-mesma-22080>

Abaixo da citação, uma das imagens muito compartilhadas à época na oposição entre feminilidades. É interessante que no corpo da mulher “feminista” há marcas de jornais, redes sociais e mídias. Ao canto, um feto abortado. Do ponto de vista desta pesquisa, é interessante como o bolsonarismo cativou os jovens redpill como uma defesa da masculinidade ameaçada pelo feminismo. A “Turminha do Loen” é um dos espaços em que a “resistência ao feminismo” é perpetuada.

6.3.2. O Bunker

Figura 10: O mapa da atuação virtual



Fonte: Relatório Final CPMI das Fake News

Loen é o nome de Leonardo Oliveira, um publicitário de São Paulo que produz conteúdo virtual. Um de seus apelidos é “O Heroi do Ocidente”, pois ele reconstrói os valores do homem ocidental. A “Turminha do Loen” foi uma das mais impactadas pelos Inquéritos chamados de “Fim do Mundo”. Nessa imagem da CPMI das Fakes News, Loen aparece ao lado de Carlos Bolsonaro. Alguns desses perfis são muito próximos a ele: Let’s Dex, Leitadas do Loen, Mister Romanini, JuGinger e Brasileirinhos. As investigações tornaram a atuação da “Turminha do Loen” mais restrita, numa página chamada “Bunker”, na qual Loen produz conteúdos de entretenimento para seu público.

Loen participava de um podcast com Hiram, outro personagem importante, chamado “Ninguém se importa”. Eles romperam em 2020 após divergências sobre a participação de Eduardo Bolsonaro no programa (Loen foi a favor). Os episódios do podcast foram apagados, mas um diálogo foi transcrito:

Hiram – Pare de dar dinheiro para otário e dê o seu dinheiro pra gente, pra gente gastar com uísque, armas de fogo e mulheres gostosas semi-alfabetizadas.

Loen – Cara, você falou perfeito: mulher tem que ser burra.

Hiram: Vamos combinar, né cara?

Loen: Mulher tem que ser mais burra que eu, é isso (2x). Mulher inteligente eu não gosto. Mulher inteligente [inaudível] mulher já estuda, já é política, mulher adora fazer uma fofoca, entendeu? Adora fazer aliados escusos, mulher tem que ser mais burra que eu, essa é a *call*. Quando falo alguma coisa com a mulher e ela não sabe, tipo “baixa esse *torrent*” e ela fala “como que faz isso?”, mano, eu me apaixono na hora.

Hiram: Sim, cara. A mulher perfeita, para você que está ouvindo isso, é a mulher que abre o site Twitter e ela tem que te falar assim: “onde que aperta pra twitte?” Pronto, pode casar que essa daí é perfeita.

Loen: [risos] “Como que tira a letra grande?” [risos]

Hiram: “Hoje aprendemos a digitar com as letras grandes e amanhã aprenderemos a desligar”. Mulher... mas você falou um negócio sério, mulher tem que ser burra. A função da mulher, a mulher perfeita pra nós, homens fúteis, ela tem que ser gostosa, burra e tem que te dar um chá na cama. Pronto, essa é a função dela, o resto você se vira, paga ela, banca ela. [...] Desse tipo que a gente está procurando, desse naipe aí.

Loen: Um dia a gente vai encontrar, Hiram (2x).

Loen é famoso por dar dicas de como interagir com as mulheres. Aqui ele compartilhou um de seus seguidores comemorando o “sucesso” por ter tratado mulher “igual merda”, tal como ensinou o “heroi do ocidente:

Figura 11: Loen ajudando um seguidor



Fonte: Arquivo Pessoal

Jordan B. Peterson (2018) é aclamado pela juventude de direita global, também no Brasil. Seu livro “12 Regras para a Vida” é um *best seller*. Uma das razões de seu sucesso é que homens no seu livros são vítimas: “Os garotos estão sofrendo no mundo moderno” (Ibidem: 308). Eles estão reagindo: “se os homens forem obrigados a se feminilizar se

interessarão cada vez mais por ideologias políticas severas e fascistas” (Ibidem: 342). Peterson galgou parte de seu sucesso porque restabelece a “ordem natural” universal da “hierarquia da dominância” presente desde os organismos mais simples até o humano.

No Brasil, a vitimização dos homens foi operada por uma mulher, a deputada Ana Caroline Campagnolo (2019). Seu livro é uma ode de desconfiança às mulheres cada vez mais amparadas legalmente e de defesa dos homens acuados e ameaçados, sobretudo no casamento. Por fim, sobre a vitimização masculina, Olavo tem um artigo em que faz um jogo de inversão da inversão:

Há milênios, em suma, as mulheres morrem nos campos de batalha, carregam pedras, erguem edifícios, lutam com as feras, atravessam desertos, mares e florestas, sacrificando tudo por nós, os ociosos machos, aos quais não sobra nenhum desafio mais perigoso que o de sujar nossas mãozinhas nas fraldas dos nossos bebês. Em troca do sacrifício de suas vidas, nossas heroicas defensoras não têm exigido de nós senão o direito de falar grosso em casa, de furar umas toalhas de mesa com pontas de cigarros e, eventualmente, de largar um par de meias no meio da sala para a gente catar. (Carvalho, 2019a: 498)

6.4. VITIMIZAÇÃO E RESENTIMENTO

Uma das dificuldades ao entrar em contato com o mundo do avesso é reconhecer o sentimento do bolsonarista ou do redpill de “oprimido”. Não que seja necessário indulgência e compaixão pelo bolsonarismo e seu lugar de vitimização. É sim que sua vitimização é fundamental para o estabelecimento de seu mundo.

Maria Rita Kehl (2020) diz que o “ressentido é um vingativo que não se reconhece como tal [...] O ressentido é tão incapaz de vingar-se quanto foi impotente em reagir imediatamente aos agravos e às injustiças sofridas.” (Ibidem: pos. 165). O ressentido é aquele que se considera ofendido e aguentou essa ofensa calado, aguardando o dia que vai poder se vingar. O ressentido não se vinga porque não se sente à altura do agressor, fraco ou inferior a ele. É um perdedor que não se sente perdedor, e sim um prejudicado, uma vítima (Ibidem: pos. 380). É uma vitimização passiva que se sente prejudicada ao perder um lugar que de direito é seu desde o princípio. Ou melhor, ele perdeu esse lugar porque lhe tomaram (Ibidem: 762).

A tese da utopia regressiva dos redpills é que esse ressentimento pela perda de lugar que era seu foi fermentando pela socialização virtual até encontrar a pedagogia do olavismo e a retórica de Bolsonaro para enfim poder lutar pelo seu lugar na “Nova Era”. Bolsonaro mesmo é uma vítima.

Figura 12: Bolsonaro solitário

Fonte: Arquivo Pessoal

Saiba você que, no fundo, Jair Bolsonaro continua lutando sozinho contra essa corrupção que se espalhou e se instalou em nosso país. Queremos apenas ajudá-lo, para tornar a sua missão um pouco menos dolorosa e seu fardo um pouco menos pesado.

É que nós não vamos simplesmente cruzar os braços, ver o barco afundar e não fazer nada. Não e não. Ficaremos até o final. Até o último homem. Até o último suspiro. Porque sabemos que o que fizemos na urna, no ano passado [2018], não acabou, e nosso pensamento é de longo prazo; a mudança que implementamos em nosso país, quanto à forma de se fazer política, é irreversível.¹⁶³

Essa matéria é ilustrada por uma imagem de Jair Bolsonaro falando no plenário da Câmara em julho de 2006 rodeado de cadeiras vazias. Seu título é “A história do deputado que falava sozinho enquanto todos os outros saqueavam a nação”. Nessa imagem ele está de pé, solitário, com um jornal na mão e discursando. Nesses anos que acompanho apoiadores de Bolsonaro, inúmeras vezes essa foto aparecia nos momentos difíceis do presidente para lembrar sua *coragem* em se manter fiel ao que acreditava *apesar de tudo e de todos*. Seus discursos não seriam para agradar ou obter seguidores, e sim porque eram (numa palavra tão cara ao bolsonarismo) a **verdade**. Não é apenas isso. A imagem também é um convite a ajudar esse homem solitário. Como dito no trecho citado, esse homem tem uma “missão” e precisa de apoio. E existem muitos que vão tentar lhe impedir e lhe calar.

Consuelo Dieguez (2022: pos 1989) conta a reação de êxtase que Alex Melo, pequeno empresário cearense, sentiu quando recebeu uma notificação em seu celular com mensagem direta de Jair Bolsonaro. Trocando mensagens por grupos de “indignados com a

¹⁶³ Texto de Guillermo Federico Piacesi Ramos para o site Jornal da Cidade Online disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/16603/a-historia-do-deputado-que-falava-sozinho-enquanto-to-dos-os-outros-saqueavam-a-nacao>. O site possui também sua revista, chamada “A Verdade”.

política” e com a “corrupção generalizada”, Alex foi premiado com a mensagem do então deputado federal. Foi em julho de 2015. Menos de um mês depois, Bolsonaro liga para Alex para “falar de política”, como algo desprezioso, como quem liga para um amigo. Da conversa, Alex cita a vinda de Bolsonaro marcada para o Ceará a convite de uma palestra sobre porte de armas em Quixadá. Durante a conversa, Alex teve uma ideia, como um estalo, que causaria grande impacto. Sem avisar ao candidato a presidente em 2018, planeja uma recepção no aeroporto:

Na sua cabeça [de Alex Melo], a estratégia da recepção tinha tudo para dar certo: o candidato iria para Fortaleza, e tudo poderia ser organizado pelas redes sociais. “Pronto. Todos os ingredientes estavam ali. Fim de papo”, ele diria tempos depois. “A energia em torno de Bolsonaro já existia. Eu sabia que tinha muita gente que gostava dele e que gostaria de estar perto se tivesse oportunidade. Ele precisava de um mecanismo para explodir, para acender essa bomba. E a recepção nos aeroportos foi esse mecanismo.” (Ibidem: pos 2045-48)

A ideia de Alex (que depois ficou conhecido no cosmos bolsonarista como Alex Ceará, candidato a deputado estadual em 2022 pelo PL) foi um sucesso. Preparou algumas bandeiras do próprio bolso e chegaram dezenas (filmadas em primeira pessoa pareciam uma multidão) de pessoas para receber Bolsonaro no aeroporto de Fortaleza. A repercussão foi nacional e a imprensa noticiou o acontecimento como “Bolsonaro chega a Fortaleza ovacionado”¹⁶⁴. Viagens pelo Brasil e recepções por multidões aos gritos de “mito! mito! mito!” se tornaram recorrentes, uma das principais formas de Bolsonaro fazer campanha nos anos antes de 2018. Ao reparar nas imagens da recepção no aeroporto, o mesmo público que participou do confronto verbal na Avenida 13 de Maio no ano seguinte que referimos acima: maioria de homens, muitos jovens, camisas customizadas com o rosto do Bolsonaro. Em ambas situações não foi uma proposta que partiu do candidato. Não foi uma organização partidária. Não havia financiamento para o transporte, para as camisas e bandeiras. Eles foram porque queriam ir.

Há outra semelhança entre a recepção no aeroporto e o Rolezinho na UFC. A proximidade de Bolsonaro, mas não no lugar de organizador e líder. Como fez com Jorge Fontenele ao mandar o vídeo de apoio e com Alex Melo ao lhe mandar um áudio privado para perguntar de política, Bolsonaro se utilizou das redes sociais num trabalho de proximidade e conversa direta com seu seguidor, colocando-se muitas vezes no lugar de ouvinte:

¹⁶⁴Em:

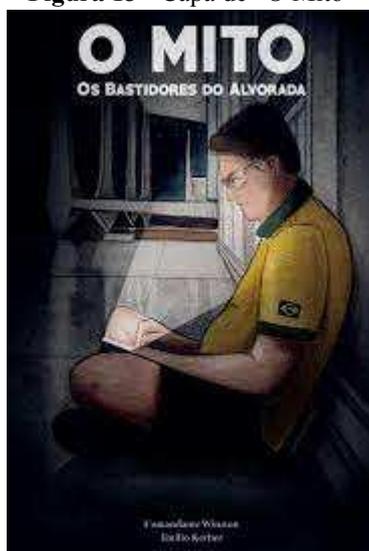
<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/politica/bolsonaro-chega-a-fortaleza-ovacionado-veja-fotos-1.1362540>

Antes da campanha declarada no WhatsApp, durante anos Bolsonaro se limitou a se relacionar com apoiadores nas redes sem pedir voto. Nenhum outro candidato havia usado esse recurso com tanta habilidade para se comunicar com os eleitores. Depois que o Direita Pernambuco surgiu, por exemplo, Bolsonaro não demorou a ser incluído no grupo do WhatsApp dos garotos, e lá mandava áudios, dava opinião, conversava com o pessoal. (Ibidem: pos 2212)

Ficou famoso um vídeo em que o ex-presidente mostra o seu *WhatsApp* com incontáveis grupos recebendo mensagens sem pausas, numa atividade frenética. Mesmo quando já estava na presidência, Bolsonaro nunca cessou de ter seu momento de responder diretamente seus seguidores. Fica claro que Bolsonaro é um político populista, e essa chave analítica é importante na compreensão do fenômeno. Mas há algo mais que é preciso desvendar.

O livro do Comandante Winston e Emílio Kerber (2020), *O Mito: os bastidores do Alvorada*, traz na capa Bolsonaro com a camisa do Brasil, sentado no chão no que parece ser seu quarto, sozinho, no escuro, apenas com o brilho do seu celular, compenetrado na leitura e na escrita de suas respostas. Em jogo está a imagem da liderança que não obteve dinheiro, amigos ou itens de luxo. Não está cercado de assessores ou bajuladores. Pelo celular ele pode falar com os brasileiros. O celular e seu contato com o povo é a única *arma* que ele possui. Sua feição é de preocupação, como quem está lidando com diversos problemas.

Figura 13 - Capa de “O Mito”



Fonte: Página da Amazon¹⁶⁵

O livro obteve sucesso de vendas e mais dois volumes foram escritos pelos autores. A proposta era realizar a “saga do Mito” com livros referentes a cada ano de governo,

¹⁶⁵ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Mito-Os-Bastidores-Do-Alvorada/dp/6500044207>

totalizando oito ao fim do esperado segundo mandato em 2027, o que não se concretizou. Sua estrutura é de um “vídeo-livro” contando o dia-a-dia de *lives* do canal *Cafezinho com Pimenta* gravadas diretamente com o presidente, no qual ao fim de cada dia, contato geralmente em uma página, é acompanhado um QR-code para o vídeo hospedado no *YouTube* gravado no cercadinho¹⁶⁶. O livro e o canal do *YouTube* se fundem. De 5 de setembro de 2019 a 31 de maio de 2020 o livro é um diário das “mitadas” de Bolsonaro com a imprensa, os atritos com o *establishment* que resiste ao seu governo “honesto”, as sinalizações de suas virtudes como governante e, sobretudo, a proximidade com seus eleitores que nunca cessaram de demonstrar apoio, que crescia quanto mais o Mito era perseguido pela mídia:

Ao atacarem cada vez mais Bolsonaro, sobretudo com notícias distorcidas que hoje são facilmente contrapostas em uma pesquisa no *Google*, curiosamente o Presidente se fortalece cada vez mais. Afinal, quem gosta de injustiça? Ao verem um homem sozinho se defendendo de um sistema representado por aqueles que afundaram o Brasil, todos os que o admiram se sentem na obrigação de defendê-lo, simplesmente se enchem de argumentos e agem em sua defesa. [...] O apoio e a defesa ao Presidente se fazem presentes espontaneamente da parte do povo e parece que Bolsonaro está em campanha eleitoral (Ibidem: 226)

Tal como Jorge no Centro de Humanidades da UFC, Bolsonaro é um homem sozinho sendo atacado injustamente por aqueles responsáveis de “afundar o Brasil”. Ao fim do livro, sobre as manifestações de apoio ao ex-presidente durante a pandemia, numa crise institucional generalizada pela proposta de “defender a economia” do governo e flexibilizar o isolamento social, o livro narra as manifestações de apoio do presidente: “a grande maioria dizia que temia mais perder sua liberdade do que serem infectados pelo Covid-19” (Ibidem). Ou seja, as pessoas estavam dispostas ao risco de contaminação pelo vírus na defesa de Bolsonaro. A prova da existência dessa massa de apoio incondicional ao ex-presidente? Os vídeos no *YouTube* do canal dos autores do livro-diário estão disponíveis para qualquer um ver, pois as imagens falam por si só.

No dia 14 de janeiro de 2020 Bolsonaro comentou que o documentário brasileiro indicado ao Oscar “Democracia em Vertigem” (2019) de Petra Costa era “ficção”: “No mundo da ficção de Petra Costa, nós tivemos um golpe, Lula é preso político e Bolsonaro, um fascista eleito” (Ibidem: 108). E completa: “No mundo real, houve *impeachment* por irresponsabilidade fiscal de Dilma Rousseff, Lula foi preso por corrupção e Bolsonaro eleito por representar a aversão do povo ao *status quo* político” (Ibidem). Do avesso está a

¹⁶⁶ Espaço no Palácio do Alvorado onde o presidente encontrava a mídia e apoiadores, em que geralmente se pautava as notícias do dia a partir de suas falas polêmicas.

universidade, a mídia, a intelectualidade, os artistas. Não são oposições ou polarizações, e sim mundos diferentes. O mundo das “pessoas reais” também merece voltar a ser respeitado.

6.5. A FORMA FINAL DA REDPILL

A melhor representação do que quis ser descrito aqui como cultura redpill se encontra no canal *Brasileirinhos* no Youtube¹⁶⁷. Brasileirinhos pode ser considerado a melhor síntese entre redpill, bolsonarismo e olavismo. Numa estética própria, rápida e apresentada por dois personagens que representam os dois braços da redpill, o gatão-intelectual e o palhaço-iconoclasta, Brasileirinhos é unanimidade como “tudo aqui que se quer dizer”.

Seus vídeos são reflexões que oscilam entre a “alta cultura”, com referências bibliográficas, ao escracho e chulo. Com produções mais longas, os Brasileirinhos compartilham com seu público as principais teses sobre a formação brasileira, a crise da modernidade, os problemas do liberalismo e da mídia a serviço dos poderosos. Os Brasileirinhos começaram em 2018 como crítica à cultura brasileira e a necessidade de uma juventude de direita. Foram os Brasileirinhos que humilharam liberais com um meme por muito compartilhado que associava liberalismo com homossexualidade.

Figura 14: Frases fortes de Brasileirinhos



Fonte: Arquivo Pessoal

Ao fim deste passeio pelo redpill, é preciso falar sobre o vídeo de despedida do *professor*, chamado “Brasileirinhos: Aventuras do Olaverso - Parte hum”¹⁶⁸. É um vídeo de luto, com o samba “Naquela mesa” de Nelson Gonçalves ao fundo e cenas do cotidiano do *professor*. Palhaço diz: “Brasileirinhos não existiria sem Olavo de Carvalho, eu e o gatão não seríamos amigos e não estaríamos na igreja”. No vídeo, o Palhaço conta como foi surpreendido quando ainda era um ateu, numa trajetória muito comum, foi refletindo e

¹⁶⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/@BrasileirinhosGataoPalhaco/videos>

¹⁶⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GTvwMFwlKAg>

concluindo que Olavo estava certo, pois antes do Olavo ninguém tinha permissão para falar mal do comunismo. Olavo é tipo um “Goethe, Victor Hugo, Oliver Cromwell” que não responde as perguntas, e sim cria as questões. Ser olavista é poder ser quem realmente se é. Ser olavista é **parar de fingir**.

O vídeo também faz uma revisão sobre a relação de Olavo e os militares. Ora, o próprio Olavo enalteceu os militares ao participar da coleção da Biblioteca do Exército. Olavo queria proximidade com o Exército, o errado foi o governo Bolsonaro não ter trabalhado conjuntamente. O Exército era uma possibilidade de resgate do Brasil, oportunidade fracassada com Bolsonaro.

Ao fim, uma entrevista com o professor João Cezar de Castro Rocha na qual se diz que sem Olavo de Carvalho não existiria uma juventude de direita, afirmação reforçada pelo palhaço. Se fosse possível sintetizar os conteúdos e os sentidos do que essa pesquisa quis demonstrar, seria esse vídeo do Brasileirinho do Olaverso.

O canal Brasileirinhos obteve muito sucesso com uma série de vídeos chamada “Não tenhais medo”, no qual oferece ao seu público segurança para poder pensar o que pensa. Esses vídeos se tornaram livro homônimo, publicado por Elton Mesquita, autor que faz o personagem “gatão”. O autor escreve: “É na direita que estão todos os *bad boys* contestadores que as *gatinhas* adoram (*ouvi dizer*), enquanto a esquerda [...] acabou se transformando no equivalente das Senhoras de Santana” (Mesquita, 2019: 103).

É difícil entender os vídeos dos Brasileirinhos. Eles são disruptivos. Rápidos. Há uma esperança de o leitor, após a leitura deste texto, ser capaz de entender minimamente do que se fala em seus conteúdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A Geração da Utopia” de Pepetela de 1992 apresenta-nos a epopeia de jovens revolucionários em busca da independência de Angola. A narrativa começa em Lisboa, no ano de 1961, com foco na Casa dos Estudantes do Império (CEI). O primeiro capítulo refere-se a esse local frequentado por jovens africanos que buscavam cursar uma faculdade devido à ausência de universidades em suas colônias portuguesas na África. Financiados por famílias, igrejas ou instituições, esses estudantes eram ironicamente subsidiados pelo estado Salazarista. Na CEI, jovens de Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Guiné se reuniam para discutir suas produções intelectuais e compartilhar ideais libertários-nacionalistas com inclinações socialistas. Apesar de ser mal vista pelas famílias coloniais e metropolitanas, a Casa dos Estudantes do Império foi um espaço de efervescência cultural e política. Essa Casa não apenas foi o ambiente propício para o desenvolvimento de grandes intelectuais, mas também forneceu líderes para os partidos que desempenharam um papel crucial na libertação das antigas colônias portuguesas.

Além disso, a CEI é o local onde nos é apresentado os personagens principais - Aníbal, um fugitivo comunista em busca da independência colonial; Elias, um nacionalista radical que defende a independência violenta dos negros; Marta, uma anarquista crítica dos idealismos revolucionários; e Malongo, um jogador de futebol alheio aos ideais coletivos e culturalmente machista - representam distintas ideologias no contexto histórico. Apesar das divergências ideológicas entre as vozes apresentadas, com exceção de Malongo, todas compartilham o objetivo comum da independência de Angola. Aníbal e Elias buscam a revolução, apresentando visões utópicas e sonhadoras, unidas pelo sentimento nacional coletivo. Mesmo Marta, apesar de ser uma anarquista não angolana, simpatiza com a independência devido à crise que causaria no regime fascista de Salazar. A boa convivência entre Marta e Aníbal reflete o ódio à ditadura e a esperança na independência. Após enfrentar repressão da polícia salazarista, o grupo foge de Portugal. Alguns continuam os estudos em outros países, enquanto outros retornam a Angola para se juntar à luta pela independência.

Na fase final do enredo, situado em Angola em 1991, o texto explora as consequências da independência após os eventos delineados anteriormente, com a libertação. A queda do regime salazarista em 1974 culminou na obtenção da independência política, contudo, a autonomia cultural permaneceu elusiva. A desvalorização da cultura africana em favor de uma perspectiva eurocêntrica e capitalista é manifesta. A trama enfoca um novo

embate centrado em Aníbal, agora marginalizado e desiludido. A narrativa aborda complexidades políticas, corrupção e perspectivas diversas, exemplificadas por Vítor e Malongo, que representam diferentes facetas do poder político e econômico pós-independência.

Judite, filha de Sara e Malongo, e seu namorado, Orlando, introduzem uma ideologia utópica, buscando transformações nos sistemas de governo acusados de corrupção, almejando construir uma sociedade mais justa e criticando o uso antiético do aparelho estatal e a abertura ao neoliberalismo. Elias, anteriormente defensor da luta de liberação, agora autodenominado bispo da Igreja da Esperança e da Alegria do Dominus, revela uma nova perspectiva. Ele afirma ter fundado a igreja após uma revelação divina, buscando ritualizar a alegria e o prazer, adaptando-se à cultura africana. Em um cabaré, Elias explica a Malongo e Vítor os fundamentos de sua igreja.

Em épocas utópicas, os ideais eram coletivos, como a luta pela independência em Angola. Contudo, na realidade atual, é refletido um debate aberto e sem solução, impulsionado por interesses individuais. Durante um debate entre Sara, Orlando, Vítor e Malongo, resulta um desconforto na família, destacando acusações de neoliberalismo e abuso de poder no governo estatal. Os três - Malongo, Vítor e Elias - são unidos por interesses individuais em um plano perverso de busca pelo poder. Malongo, com visão empresarial, enxerga potencial econômico na Igreja do Dominus. Vítor, acusado de corrupção, busca aliados para garantir sua reeleição. Aproveitando a carência de certezas e esperança no povo angolano, a Igreja do Dominus tornou-se uma potência com apoio político de Vítor e investimento de Malongo.

Com o seu final numa manhã de domingo e tendo como cenário o cinema Luminar, marcando o primeiro culto da Igreja da Esperança e da Alegria de Dominus, impulsionados pelo batuque amplificado por Malongo e pelas divulgações da imprensa, numerosos fiéis participam fervorosamente do ritual apoteótico que proporciona alegria e a certeza das palavras de Elias. A “Geração da Utopia” encerra-se nessa cena surpreendente, sem uma resolução definitiva para o último conflito de vozes. O autor destaca a inexistência de epílogo ou ponto final para uma história que, como observa, começa com "portanto". O resultado do livro é o descontentamento, mas também um país novo.

Pepetela escreve enfim um livro conflituoso e dicotômico entre utopia e distopia. Levando em consideração, acima de tudo, que a juventude que planeja essa utopia inicial se

sentia vivenciando uma distopia, marcada pela imposição cultural europeia e sentindo necessidade da independência. Após ser alçada ao novo governo, a realidade é tornada uma distopia novamente pelos abusos de poder. Considerando essa perspectiva, a confiança moderna no futuro, evidenciada nas utopias literárias e políticas, contrasta com as narrativas distópicas que refletem apreensão com o presente e buscam antecipar "catástrofes que se desenham no horizonte". (Löwy, 2005: 32) Impulsionadas pela presença da distopia como meio de representação e análise da experiência social e histórica, é possível estabelecer paralelos à vivência da juventude de direita dos últimos anos.

Historicamente, as utopias políticas, que propunham visões idealizadas de sociedades perfeitas, foram alvo de críticas e ceticismo ao longo do tempo. O desencanto em relação a esses projetos utópicos foi intensificado pelos desdobramentos de eventos marcantes nos séculos XIX e XX. A Revolução de Outubro de 1917 na Rússia, que resultou na ascensão do regime comunista, e o subsequente totalitarismo stalinista, contribuíram para uma reavaliação crítica das utopias políticas. O surgimento do Nazismo na Alemanha, e os horrores da II Guerra Mundial também abalaram a confiança nas visões utópicas, dado o uso distorcido do poder e a perpetração de atrocidades em nome de utopias políticas. Os avanços tecnológicos e científicos durante o século XX, embora tenham trazido benefícios significativos, também foram acompanhados por dilemas éticos e preocupações sobre o uso inadequado do conhecimento e da tecnologia. Esses eventos históricos contribuíram para o declínio da confiança nas utopias políticas que prometiam soluções harmoniosas para os desafios sociais.

Assim, no contexto pós-II Guerra Mundial, as distopias modernas emergiram como uma forma dominante na cultura contemporânea. Essas narrativas distópicas refletem preocupações profundas sobre o estado do mundo e exploram os possíveis desdobramentos negativos das escolhas políticas, sociais e tecnológicas. O medo do totalitarismo, as consequências destrutivas das guerras, a ameaça nuclear e as ambiguidades éticas associadas ao avanço científico moldaram o terreno fértil para a popularidade das distopias. Autores e criadores começaram a utilizar esses cenários sombrios como uma ferramenta para examinar criticamente a sociedade e instigar reflexões sobre os rumos futuros da humanidade. Essa transição reflete a mudança de uma confiança otimista nas utopias para uma consciência mais cautelosa e crítica das complexidades da dinâmica social.

A ascensão das distopias modernas está intrinsecamente vinculada a uma ampla gama de temas que ecoam preocupações profundas e reflexões sobre a natureza da sociedade

e seus desafios. Desde conflitos de classe e regimes totalitários até guerras globais, superpopulação, engenharia genética, contaminações e pandemias, as distopias exploram um terreno vasto e multifacetado. Ruth Levitas (2003: 14) destaca que a distopia emerge como o modo predominante na cultura no século XX, evidenciando a influência duradoura desses temas na consciência coletiva.

No âmbito das distopias, é comum observar a presença de indivíduos ou grupos dissidentes que desafiam as normas estabelecidas em busca de liberdade e autonomia. No entanto, o controle exercido pelos diversos aparelhos (pedagógicos, militares, policiais, industriais, hospitalares etc.) dificulta a deserção na busca por uma realidade alternativa (Torres, 2021: 565). A dissidência, nesse contexto, muitas vezes assume a forma de práticas transgressoras e radicais, destacando a luta constante entre o desejo de liberdade e a opressão exercida pelos sistemas distópicos.

Assim como na realidade, as cidades fictícias presentes nas distopias incorporam características marcantes que exercem uma influência direta na vida de seus habitantes, moldando seus comportamentos e determinando o curso de suas vidas. Esse exame, muitas vezes percebido como o oposto da utopia, encontra suas raízes no conceito inicialmente delineado pela República de Platão, descrevendo um local justo e desprovido de desigualdades sociais.

Essa interconexão entre os elementos distópicos e a realidade cotidiana destaca a relevância contínua do gênero distópico como uma ferramenta poderosa para a análise social crítica do presente. Ao explorar temas complexos e enfrentar questões prementes, as distopias não apenas oferecem entretenimento, mas também incitam a reflexão profunda sobre as escolhas individuais e coletivas que moldam o presente e o futuro.

Claeys (2017) destaca que o termo “distopia” foi cunhado em 1747, inicialmente grafado como “dustopia”. Sua definição como “um país infeliz” por Buldakov em 1748, e seu subsequente uso por John Stuart Mill em 1868 para descrever a política britânica na Irlanda, demonstram a evolução do conceito. A distopia tornou-se comum no final do século XX, concentrando-se principalmente na literatura contemporânea. Ao divergir do conceito tradicional de utopia como um “lugar ideal”, Buldakov propõe a ideia de “um país infeliz”, frequentemente associado a narrativas que enfatizam a submissão de poder e a modificação negativa de comportamentos humanos, especialmente no contexto urbano. As distopias,

enquanto gênero literário, centralizam a cidade na manutenção desse poder, transformando-a em um espaço de alienação populacional.

As obras precursoras do gênero distópico, como “Admirável Mundo Novo” (1932) de Aldous Huxley, oferecem uma visão penetrante dos extremos de um capitalismo em crise. Nesse cenário, o projeto econômico mantém um comportamento social subjugado e, de certa forma, arbitrário. Huxley ilustra como a aparência de um pensamento liberal mascara a realidade, alienando e aprisionando os indivíduos em um sistema que, sob a superfície da liberdade, exerce um controle avassalador. Essa crítica social ressoa não apenas como uma narrativa fictícia, mas como uma reflexão profunda sobre os perigos inerentes a sistemas que priorizam o lucro em detrimento da liberdade individual.

A perspectiva de João Paulo Cuenca e Ruan de Souza Gabriel¹⁶⁹ acrescenta uma dimensão adicional ao contexto brasileiro, apresentando o país como intrinsecamente distópico. Cuenca destaca que a origem do Brasil remonta a um processo histórico marcado por genocídio, estupro e escravidão, moldando uma realidade caracterizada por um estado injusto, com traços de autoritarismo, militarização e violência. Essa análise fornece uma lente crítica para compreender não apenas as distopias literárias, mas também as distopias vivenciadas diariamente por muitos.

A ideia de distopia transcende a narrativa literária, manifestando-se na imagem e no sujeito, conforme argumentado por Didi-Huberman (1998). A distopia reflete não apenas o que é narrado, mas também o que vemos e o que nos deparamos. Agnes Heller (1982), em “O Homem do Renascimento”, contextualiza a evolução das distopias ao longo do tempo, destacando como essas narrativas são moldadas pelas expectativas de cada época. Na Antiguidade, as distopias tinham uma inclinação para o passado, enquanto no Renascimento voltavam-se para o presente, explorando uma espécie de fuga geográfica denominada “atopos”. O Iluminismo, por sua vez, marcou uma mudança significativa, direcionando as distopias para o futuro.

Essa trajetória evidencia que as distopias, enquanto gênero literário e expressão artística, não apenas refletem o “espírito da época”, mas também desafiam as percepções vigentes e incitam a uma reflexão contínua sobre os rumos da sociedade. A dualidade entre

¹⁶⁹“Um romance distópico no Brasil é um romance realista” Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/07/joao-paulo-cuenca-um-romance-distopico-no-brasil-e-um-romance-realista.html>

utopia e distopia, amalgamada com as nuances da realidade social, proporciona um terreno fértil para a exploração crítica e criativa das complexidades humanas e sociais.

Quando em setembro de 2018 Bolsonaro sofreu uma facada em Juiz de Fora, houve uma comoção nas redes de apoio pela sua vida. Numa postagem, um garoto que não devia ter completado seus 20 anos dizia que estava chorando pela vida do deputado. Nunca tinha se preocupado tanto assim com alguém, nem com a própria avó, disse o garoto. Sem dúvidas, Bolsonaro mobilizou ódios, dos mais variados tipos, mas também foi capaz de instigar esperança. É preciso reconhecer que o movimento da extrema-direita construído do ressentimento militar e da pedagogia de Olavo produziu uma utopia regressiva: o Brasil voltará a ser seguro, próspero, correto, familiar e religioso. As pessoas voltarão a apreciar o que é bonito e correto. A utopia é regressiva porque criou um passado que precisa ser regenerado e elaborou um inimigo poderoso, maléfico e manipulador.

Esta pesquisa reflete uma frustração da incapacidade do campo das esquerdas de formular uma utopia diante da sofisticada confabulação de uma utopia regressiva pelos redpills. A utopia regressiva dos redpills é o retorno da ordem natural do mundo por um passado idealizado cada vez mais anterior. Iniciou-se com a ditadura militar, depois para o Brasil Império e atualmente está na Idade Média europeia. Presos no realismo capitalista (Fisher, 2020) no qual podemos pensar o fim do mundo, mas não uma ordem não-capitalista, o neoliberalismo se instaurou no pensamento como “as coisas como elas são”. Mesmo que pareça grotesco, é invejável que a redpill esteja construindo alternativas à ordem capitalista em suas idealizações do passado cada vez mais distantes.

Felipe Nunes e Thomas Traumann (2023) publicaram há pouco tempo as análises em forma de livro dos dados das pesquisas Genial Quest sobre as eleições de 2022. Os autores não falam mais em “polarização”, e sim em “calcificação”. Os dados mais alarmantes são obtidos em pesquisas qualitativas entre conversas de eleitores de Bolsonaro e Lula: eles conversam, divergem, apresentam os pontos, discutem. Ao final, cada um sai com a mesmíssima posição do início. A distância dos mundos é tão abissal que não há transposição possível.

Uma pesquisa necessária, porém desafiadora metodologicamente, seria os impactos da cisão social operada pela criação do mundo do avesso nas relações pessoais. A política invadiu os espaços, os relacionamentos, as famílias e os momentos íntimos. Saber de que lado

se encontra o outro se tornou condição para o estabelecimento de uma interação. Família foram rachadas pelas divergências da forma de ver e pensar o mundo.

Esta pesquisa sofreu com a incapacidade de descrever todas as reflexões. Diversas informações ficaram de fora por logística, espaço e demanda de tempo. Uma reflexão cibernética sobre os mecanismos de afastamento poderiam ter contribuído. Um maior investimento na questão de gênero sem dúvidas se faz necessário, principalmente na vertente de vitimização masculina. Uma leitura pouco discutida é sobre a história do movimento reacionário brasileiro, que existe e é importante. Seria necessário melhor entendimento das dinâmicas virtuais, espaço amplamente dominado pelos redpills e pela extrema-direita.

Como foi dito, a forma de comunicação mudou. Numa loja virtual de livros, um perfil comentou na página dedicada ao livro de Letícia Cesarino, “O Mundo do Averso”:

Choradeiraaa

Avaliado no Brasil em 2 de setembro de 2023

Uma choradeira porque pessoas de esquerda estão tendo espaço nas mídias.

O conceito de antiestrutura é ótimo pois pelo menos admite que a esquerda é uma ideologia hegemônica e opressora, claro que no livro aparece com conotação pejorativa aos que são "revolucionários".

Enfim, a internet deixa as pessoas livres para serem elas mesmas e a esquerda não curte isso. O livro é uma choraideira, mas tem conceitos muito interessantes para analisar as relações que a autora discorre sobre.

Ah e ela fala de muitas ações que a própria esquerda faz, "acuse-os do que você faz" que se diz né hahahaha ótimo instrumento pra entender a lógica esquerdista, recomendo.

Existe uma resistência em reconhecer que o mundo do avesso estuda e lê nossos livros. Um exercício curioso seria imaginar o que um redpill diria ao ler este trabalho. Por fim, como última avaliação deste trabalho, há um agradecimento e um alívio. Um agradecimento pelas indicações de literatura brasileira de Olavo dos anos 1960 e um alívio de não ser mais necessário ler seus livros, que se tornaram insuportáveis para este pesquisador.

REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Sérgio et al. **Democracia em risco?** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ADORNO, Sérgio. “**História e desventura**”: O 3º Programa Nacional de Direitos Humanos. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, nº 86, pp. 5-20, 2010.
- ADORNO, Sérgio. **Os aprendizes do poder**: O bacharelismo liberal na política brasileira. 2ª ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.
- ADORNO, Theodor. **Ensaios sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.
- ALMADA, Pablo Emanuel Romero. **O negacionismo na oposição de Jair Bolsonaro à Comissão Nacional da Verdade**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 36, nº 106, 2021.
- ALONSO, Angela. **Treze**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- ANDERSON, Perry. **Brasil à Parte** : 1964-2019. - 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- ANTOINE. Pe. Charles. **O integrismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- AVRITZER, Leonardo. **O pêndulo da democracia**. São Paulo: Todavia, 2019.
- AUGÉ, Marc. **Não Lugares**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.
- BARREIRA, César. **Crimes por Encomenda**: violência e pistolagem no cenário brasileiro. Rio de Janeiro: Relumê Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1998.
- BARREIRA, Irllys. **O labor criativo na pesquisa**: experiências de ensino e investigação em Ciências Sociais. Fortaleza, CE: Imprensa Universitária, 2017.
- BARREIRA, Irllys e GONÇALVES, Danyelle Nilin. **Anistiar ou esquecer?** Direitos humanos e os perseguidos políticos no Brasil. *O Público e o Privado* – Nº 15 – Janeiro/Junho, 2010.
- BATESON, Gregory. **Mente e Natureza**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1986.
- BECKER, Howard. **Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais**. 2ª ed - São Paulo: Editora Hucitec, 1994.
- BECKER, Howard. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BERNARDIN, Pascal. **Maquiavel Pedagogo**: ou o Ministério da Reforma Pedagógica. Campinas, SP: Ecclesiae e Vide Editorial, 2012.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. 3ª ed. - São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- BOLSONARO, Flávio. **Mito ou Verdade**. Rio de Janeiro: Tiziano Editorial, 2017.

- BOUDON, Raymond. **A ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. 11ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.
- BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. **Juventude e pensamento conservador no Brasil**. São Paulo: EDUC: Fapesp, 2015.
- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. São Paulo: Politeia, 2019.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMPAGNOLO, Ana Caroline. **Feminismo: perversão e subversão**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2019.
- CARVALHO, José Murilo de. **Forças armadas e política no Brasil**. São Paulo: Todavia, 2019.
- CARVALHO. **O imbecil coletivo : atualidades inculturais brasileiras**. Rio De Janeiro, São Paulo, Brazil: Editora Record, 2018.
- CARVALHO, Olavo de. **A filosofia e seu inverso e outros estudos**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2012.
- CARVALHO, Olavo de. **O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o materialismo e a religião civil**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2015.
- CARVALHO, Olavo de. **O Mínimo que Você Precisa Saber Para Não Ser um Idiota**. 38ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019a.
- CARVALHO, Olavo de. **O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019b.
- CARVALHO, Olavo de; DUGIN, Alexandre. **Os EUA e a Nova Ordem Mundial: um debate entre Olavo de Carvalho e Alexandre Dugin**. - Campinas, SP: Vide Editorial, 2012.
- CASTRO, Celso. **O espírito militar: um antropólogo na caserna**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- CASTRO, Celso (Org.). **General Villas Bôas: conversa com o comandante**. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2021.

- CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso** - verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu editora, 2022a.
- CESARINO, Letícia. **Bolsonarismo sem Bolsonaro?** Públicos antiestruturais na nova fronteira cibernética. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 82, p. 162-188, ago. 2022b.
- CEZAR, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio** : crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Editora E Livraria Caminhos, 2021.
- CHAMAYOU, Grégoire. **A sociedade ingovernável**: uma genealogia do liberalismo autoritário. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- CHIRIO, Maud. **A política nos quartéis**: revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CLAEYS, Gregory. **Dystopia: A Natural History. A study of modern despotism, its antecedents, and its literary diffractions**. Oxford: Oxford University Press, 2017, 556 p
- CONSTANTINO, Rodrigo. **Esquerda Caviar**: a hipocrisia dos artistas e intelectuais progressistas no Brasil e no mundo. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2013.
- CORDEIRO, Janaina Martins. **A Ditadura em Tempos de Milagre**: comemorações, orgulho e consentimento. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- CORREIA, R. R.; ALPERSTEDT, G. D.; FEUERSCHUTTE, S. G. O uso do método netnográfico na pós-graduação em administração no Brasil. Revista de Ciências da Administração, Florianópolis, v. 19, n. 47, p. 163-174, jan./abr. 2017.
- COUTINHO, Sérgio Augusto de Avellar. **A revolução gramscista no ocidente**: a concepção revolucionária de Antônio Gramsci em Os Cadernos do Cárcere. Rio de Janeiro: Ombro a Ombro, 2002.
- COUTINHO, João Pereira. **As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários**. - São Paulo: Três Estrelas, 2018.
- CUNHA, Martim Vasques da. **A tirania dos especialistas**: desde a revolta das elites do PT até a revolta do subsolo de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- DALRYMPLE, Theodore. **A vida na sarjeta**: o círculo vicioso da miséria moral. São Paulo: É Realizações, 2014.
- D'ARAUJO, Maria Celina, SOARES, Gláucio Ary Dillon e CASTRO, Celso. **Visões do Golpe**: 12 depoimentos de oficiais que articularam o golpe militar de 1964 - 3ª ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- DARDOT, P.; LAVAL, C.. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- DENEEN, Patrick J. **Por que o liberalismo fracassou?** Belo Horizonte, MG: Editora Âyiné, 2020.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998

- DIEGUEZ, Consuelo. **O ovo da serpente**. - São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2020.
- DREIFUSS, René Armand. **1964: a conquista do Estado**: Ação política, poder e golpe de classe. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- ELIAS, Norbert. **Os Alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. - Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- ELIAS, N. **A sociedade de corte : investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio De Janeiro: J. Zahar, 2001.
- ELIAS, Norbert. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio De Janeiro: Zahar, 1996.
- EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- FICO, Carlos. **“Prezada Censura”**: cartas ao regime militar. *Topoi*. Rio de Janeiro, 2002, pp. 251-286.
- FERNANDES, Leila Milli. **Fascismo à brasileira?** Análise dos discursos de Jair Messias Bolsonaro. São Paulo: Editora Dialética, 2022.
- FERRAZ, Lucas. **Injustiçados**: execuções de militantes nos tribunais revolucionários durante a ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- FIGUEIREDO, Lucas. **Olho por olho**: os livros secretos da ditadura. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- FIGUEIREDO, Lucas. **Lugar Nenhum**: militares e civis na ocultação dos documentos da ditadura. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na História**. - São Paulo: Almedina, 2019.
- FISHER, Mark. **Realismo Capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREUD, Sigmund. **Freud (1917-1920) - Obras completas volume 14: “O homem dos lobos” e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FROTA, Sylvio. **Ideais Traídos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GODOI, R.; DIMITROV, E. **A construção de Paulo Freire como inimigo nacional**. Políticas Culturais em Revista, 15(1), 315-343, 2022.
- GIGLIOLI, Daniele. **Crítica da vítima**. Belo Horizonte, MG: Editora Âyiné, 2016.
- GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.
- GORDON, Flávio. **A corrupção da inteligência: intelectuais e poder no Brasil**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- GRINBERG, Lucia. **Partido político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena), 1965-1979**. - Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- GUÉNON, René. **A crise do mundo moderno**. Criciúma, SC: Instituto Convivim, 2021.
- HAYEK, Friedrich August. **Desemprego e política monetária**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2011.
- HELLER, Ágnes. **O homem do Renascimento**. Editorial Presença, Lisboa, 1982.
- HIRSCHMAN, Albert O. **A retórica da intransigência: Perversidade, futilidade, ameaça**. 2ª Ed - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- HOPPE, Hans-Hermann. **Democracia: o Deus que falhou**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2014.
- KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. 3ª Ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.
- KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- KOZINETS, R. V. **Netnography: doing ethnographic research online**. Sage Publications, 2010.
- LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019.
- LEÃO, D. V. e PEREIRA NETO, P. C. **Facetas do guru do presidente: representações audiovisuais de Olavo de Carvalho no Youtube e em O Jardim das Aflições**. Em tese, Florianópolis, v. 18, nº 2, p. 214-244, set/dez, 2021.
- LEIRNER, Piero C. **O Brasil no espectro de uma guerra híbrida: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica**. São Paulo: Alameda, 2020.
- LEVITAS, Ruth; SARGISSON, Lucy. **Utopia in Dark Times: Optimism/Pessimism and Utopia/Dystopia**. In: BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom (org.) **Dark Horizons: Science fiction and the dystopian imagination**. London: Routledge, 2003. p. 13-27

LÉVY, Pierre. O ciberespaço e a economia da atenção. In: PARENTE, André (org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LILLA, Mark. **A mente naufragada**: sobre o espírito reacionário. Rio de Janeiro: Record, 2018.

LIMA, Winston Rodrigues. **O Mito**: os bastidores do Alvorada. Winston Rodrigues Lima, Emilio Kerber Filho. - Brasília: Cafezinho com Pimenta, 2020.

LOBÃO. *Em busca do rigor e da misericórdia*. [s.l.] Editora Record, 2015.

LOBÃO. **Manifesto do Nada na Terra do Nunca**. 1. ed. [s.l.] Casa dos Livros, [s.d.].

LOWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**. SP: Boitempo Editorial, 2005. p. 32.

LYNCH, Christian. **O populismo reacionário**: ascensão e legado do bolsonarismo. Christian Lynch e Paulo Henrique Cassimiro. - São Paulo, SP: Editora Contracorrente, 2022.

MAGALHÃES, Mário. **Sobre lutas e lágrimas**: uma biografia de 2018, o ano em que o Brasil flertou com o apocalipse. Rio de Janeiro: Record: 2019.

MAKLOUF, Luiz. **O cadete e o capitão**: a vida de Jair Bolsonaro no quartel. São Paulo: Todavia, 2019.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

MARTINS FILHO, João Roberto. **A guerra da memória**: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares. *Varia História*, Belo Horizonte, nº 28, p. 178-201, dez, 2002.

MARTINS FILHO, João Roberto. **O Palácio e a Caserna**. São Paulo: Alameda, 2020.

MARTINS FILHO, João Roberto (Org.). **Os militares e a crise brasileira**. São Paulo: Alameda, 2021.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAES, João Quartim de. **A tutela militar** / João Quartim de Moraes, Wilma Peres Costa, Eliézer Rizzo de Oliveira - São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1987.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Passados presentes**: O golpe de 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

MORGENSTERN, Flávio. **Por trás da máscara**. 1ª ed - Rio de Janeiro: Record, 2015.

NOBRE, Marcos. **Choque de Democracia**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013.

NUNES, Felipe; TRAUMANN, Thomas. **Biografia do abismo**: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2023.

NUNES, Rodrigo. **Do transe à vertigem**: ensaios sobre o bolsonarismo e um mundo em transição. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. **Juventude e Sociedade** - trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

OAKESHOTT, Michael. **Conservadorismo**. 6ª ed. - Belo Horizonte, MG: Editora Âyiné, 2020.

OLIVEIRA, Frederico Ramos. **Os voos do Pavão Misterioso**: circulação de fake news no WhatsApp. *II Encontro Regional Norte-Nordeste da ABCiber*, 2020.

OLIVEIRA FILHO, José Ivan de. **A geração que não deve ser esquecida**: a construção da memória estudantil cearense na resistência à ditadura civil-militar. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2017.

OYAMA, Thaís. **Tormenta**: O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PARANÁ, Edemilson. **Bitcoin**: a utopia tecnocrática do dinheiro apolítico. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

PAULA, Christiane Jalles de. **O bom combate**: Gustavo Corção na imprensa brasileira (1953-1976). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

PEPETELA. **A geração da utopia**. São Paulo: Leya, 2013.

PETERSON, Jordan B. **12 regras para a vida**: um antídoto para o caos. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior** : o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta, 2019.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Adriano de (Orgs.). **Brasil em transe**: Bolsonarismo, Nova direita e desdemocratização. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**: as origens de nossa época. 2. ed.- Rio de Janeiro: Campus, 2000.

PIOVEZAN, Cláudia R. de Moraes (Org.). **Inquérito do Fim do Mundo**, o apagar das luzes do Direito Brasileiro. 1ª ed. Londrina, PR. Editora E.D.A. - Educação, Direito e Alta Cultura, 2020.

PRADO, Michele. **Tempestade Ideológica**: Bolsonarismo: a alt-right e o populismo iliberal no Brasil. - São Paulo, SP: Ed. Lux, 2021.

QUINTELA, Flávio. **Mentiram (e muito) para mim**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2014.

QUINTELA, Flávio; BARBOSA, Bene. **Mentiram para mim sobre o desarmamento**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2015.

ROBSON, Ronald. **O mínimo sobre Olavo de Carvalho**. Campinas, SP: O Mínimo, 2023.

RICŒUR, Paul. **A ideologia e a utopia**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil**. São Paulo: Todavia, 2021.

ROCHA, Camila. **“Imposto é roubo!”: a formação de um contrapúblico ultraliberal e os protestos pró-*impeachment* de Dilma Rousseff**. DADOS, Rio de Janeiro, vol.62(3):e20190076, 2019.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. 1ª Ed. Goiânia, GO: Caminhos, 2021.

ROCHA, Camila; SOLANO, Esther (Orgs.). **As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

ROCHA, E. P. Q.; BARROS, C.; PEREIRA, C. Perspectivas do método etnográfico em marketing: consumo, comunicação e netnografia. In: ENCONTRO DA ANPAD, 29., 2005, Brasília. Anais... Brasília: ANPAD, 2005.

ROSA, Pablo Ornelas (Org.). **Fascismo tropical: uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras**. Vitória, ES: Editora Milfontes, 2019.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão Vertical dos bárbaros**. São Paulo: É Realizações, 2012.

SCHÜTZ, Alfred. **A construção significativa do mundo social: uma introdução à sociologia compreensiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SCHWARZ, Roberto. **O pai de família e outros estudos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: formas literárias e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil: contraste da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da Vida Privada no Brasil; 4)

SCRUTON, Roger. **Como ser um conservador**. 8ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2018.

SEDGWICK, Mark. **Contra o mundo moderno**. Belo Horizonte, MG: Editora Âyiné, 2020.

SENNETT, Richard, **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 16ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2015.

SENNETT, Richard. **O artífice**. 10ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2021.

SENRA, Lorena Thevenard. **A direita alternativa no youtube e a captura da atenção**: uma análise do canal Nando Moura. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2022.

SILVA, Leonardo Nóbrega da. **O mercado editorial e a nova direita brasileira**. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 13, nº 2, pp. 73-84, 2018.

SINGER, André. **O lulismo em crise**: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOLANO, Esther. **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

STRATHERN, Ann Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade**: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2020.

TEIXEIRA, Mauro Eustáquio Costa. **A democracia fardada**: imaginário político e negação do dissenso durante a transição brasileira (1979-1988). *Aedos* Nº 13 vol 5 - Ago/Dez, 2013.

TELES, Edson e QUINALHA, Renan (Orgs.). **Espectros da Ditadura**: da Comissão da Verdade ao bolsonarismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

TORRES, S. Distopia no Antropoceno, ou re(a)presentando o interregno. *Gragoatá*, Niterói, v.26, n.54, p. 558-587, 2021. <<https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i55.47745>>

USTRA, Carlos Alberto Brilhante. **Rompendo o silêncio**. Brasília: Editerra Editorial, 1987.

USTRA, Carlos Alberto Brilhante. **A verdade sufocada**: A história que a esquerda não quer que o Brasil conheça. Brasília, DF: 18ª ed. Ed. Ser, 2018

VASCONCELOS, Cláudia Beserra de. **As análises da memória militar sobre a ditadura**: balanço e possibilidades. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, nº 43, janeiro-junho de 2009.

VICTOR, Fábio. Pimentel. **O poder camuflado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4ª ed - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

WESELOVSKI DA SILVA, Ana Carolina e HENNIGEN Inês. **Misoginia Online**: a red pill no ambiente virtual brasileiro. *Revista Feminismos*, [S. l.], v. 12, n. 1, 2024.

WRIGHT MILLS, Charles. A promessa. *In: A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1965.

APÊNDICE A - PRINCIPAIS FONTES DIRETAS**YOUTUBE**

Brasileirinhos
Olá Bocós
Conexão Política
ShockWave Radio
Nikolas Ferreira
Nando Moura
Olavo de Carvalho
Brasil Paralelo
Instituto Borborema
True Outspcak
Mídia Sem Máscara
Submundo Intelectual

PODCASTS

Ninguém se importa
Loen Talks
Guten Morgen

TWITTER

Loen
Flávio Garage
Deixa o Loen te leitar?
Let's Dex
Gugu Faraó
Evandro Pontes
Alexandre Padilha
Felipe G. Martins

PÁGINAS

Senso Incomum
Mídia Sem Máscara
Brasil Sem Medo
Blog Metapolítica
Poder 360
Olavodecarvalho